



Digitalização e Revisão: Joana Freitas



Luta Apaixonada

Heather Graham Pozzessere

PRÓLOGO

30 de Maio de 1865

A Caminho de Casa

Kentucky

— É ele, eu lhe digo. É o capitão Slater. Capitão Malachi Slater— Sentado na carroça que bloqueava a estrada, o rapaz mal podia controlar a excitação — Nós o pegamos, Bill! — gritou.

Sobressaltado, Malachi puxou as rédeas da égua baia que o havia levado por inúmeras batalhas, e olhou à sua frente. Dois jovens sentinelas da União dos Estados do Norte guardavam a estrada que, finalmente, o levaria de volta ao lar. Vê-los em Kentucky não o surpreendeu. A guerra havia terminado, e os ianques, vencido. Estavam em toda parte então, e era assim que tinha de ser.

Pelo menos, não precisaria mais ser cauteloso. Seus dias de luta haviam chegado ao fim. Estava indo para casa. Seu regimento se rendera, e ele pusera sua própria assinatura no papel, prestando um juramento de lealdade à bandeira ianque. Deveria sentir-se amargo, mas nesse momento estava simplesmente exausto. Presenciara grande número de mortes e estava satisfeito por tudo ter terminado.

Não precisava, portanto, temer a hostilidade dos sentinelas. E, afinal, olhando para eles, não podia sentir muito medo. Os ianques, como parecia, haviam esgotado seu contingente quando a guerra terminara, quase da mesma forma como acontecera aos confederados. Estes garotos eram adolescentes assustados, e Malachi estava certo de que nenhum dos dois precisava ainda barbear-se. Mas havia algo... algo curioso na maneira como disseram seu nome.

— Capitão Slater, fique onde está — disse nervosamente o primeiro garoto.

Eles não deveriam saber seu nome. Seu posto, é claro, estava evidente nos surrados galões dourados nos ombros do sobre tudo de lã cinzenta da cavalaria. Mas, seu nome...

Você está preso — começou a dizer o segundo garoto, Bilíy, e então pareceu que sua

boca encontrava dificuldade, como se não lembrasse as palavras que deveria dizer. Preso? — Malachi rugiu em sua melhor voz de comando. — Que história é essa, meninos?! Ainda não contaram a vocês?

Você é um assassino, um fora-da-lei, capitão Slater — disse o primeiro garoto, que, ao ver Malachi fazer uma carranca, acrescentou rapidamente: — Senhor.

Fora-da-lei, assassino? Eu sei que vocês não dão muito crédito aos rebeldes, mas nós lutamos como soldados, assim como vocês.

Capitão, o cartaz que fala a seu respeito não tem nada a ver com a cavalaria — disse Bily. — O senhor é procurado por assassinato no Kansas...

Eu nunca estive no Kansas.

O cartaz diz que o senhor e seus irmãos fazem parte da gangue Slater, que cavalgaram até o Kansas e mataram civis. Sim, senhor, está preso.

Kansas?

Absurdo!

Não ia ao Kansas há anos. Mas seu irmão Cole sim, e havia travado sozinho uma batalha contra o criminoso que tinha assassinado sua esposa.

Malachi não havia sequer chegado perto do Kansas naquela época, mas isto era apenas parte do que o estava intrigando. Cole também não era um assassino. Alguém . Estava estava querendo pegá-los. A gangue Slater... claro! Isto . significava que alguém queria

James, seu irmão mais novo, morto também.

seu .

Os garotos da União tentavam carregar seus rifles. Estavam ambos tão nervosos, que pareciam não conseguir abrir seus sacos de pólvora, nem mesmo com os dentes.

O sabre da cavalaria estava ao lado de Malachi e ele tinha um Colt enfiado no coldre por debaixo do casaco. Teria tido tempo suficiente para encher os dois garotos de buracos.

— Escutem, amigos, eu não vou deixar que me prendam.

— disse Malachi.

Os jovens soldados empalideceram, lançaram uma olhadela na direção de Malachi, mas continuaram tentando abrir os sacos de pólvora. Quando conseguiram, derramaram a maior parte ao colocá-la nas armas. Olharam para Malachi novamente, amedrontados, mas ainda pegaram as cartucheiras à procura de balas, e tentaram colocá-las de acordo com o procedimento militar.

— Descarreguem isto — disse Malachi num tom irritante. — Suas mães sabem que vocês estão aqui?

Os garotos o olharam mais uma vez.

Hank, você ouviu isso?

Droga, não, Billy, eu não estou pronto. Pensei que você estivesse.

Malachi suspirou profundamente.

Meninos, pelo amor de Deus, não quero suas mortes em minha consciência...

Há uma grande recompensa pelo senhor, capitão Slater. Um tal sr. Hayden Fitz, no Kansas, está furioso e diz que, se ninguém matar o senhor e seus irmãos, ele próprio fará com que sejam julgados e pendurados na forca até a morte.

Oh, inferno — Malachi praguejou selvagememente. — Dane-se! — Desmontou tirando o chapéu da cabeça e batendo-o contra a coxa enquanto caminhava de um lado para o outro diante dos dois. — Acabou. A guerra acabou. Eu lutei contra os homens do Kansas antes, e então lutei durante todos esses malditos anos na guerra e estou cansado. Estou tão enojado e cansado de mata: pessoas, que mal posso suportar a idéia. A recompensa não vai valer a pena, meninos. Vocês não compreendem?

Eu não quero matá-los. Eles não compreendiam. Malachi parou, encarou-os notando que ainda estavam lívidos, mas tinham seus mosquetes carregados. Billy começou a engatilhar o seu. Malachi não esperou mais. Soltando uma imprecação furiosa, investiu contra o garoto, desembainhando o sabre.

Mas estava farto. Poderia tê-los matado quando saltara sobre a carroça onde sentavam. Mas não o fizera. Por alguma maldita razão, ele queria que envelhecia suficiente para adquirir a sabedoria de não mais tentar tamanha proeza.

Malachi golpeou com o sabre, fazendo o mosquete do sentinela voar para longe.

— Corra, Bill, corra — sugeriu Hank sabiamente, Mas Hank empunhava seu próprio rifle. Malachi o amaldiçoou, pulou da carroça e correu para a égua baia!

Saltou sobre ela e a cutucou de leve. Como verdadeira guerreira, ela disparou para a frente como vento, em direção à carroça.

Elevou-se mais e mais alto, até que eles pareciam planar. Mas, justamente quando se encontravam sobre o topo da carroça, uma dor lancinante explodiu na coxa de Malachi.

Hank conseguira disparar o rifle. Supreendentemente, havia atingido o alvo.

Malachi não se atreveu a parar. Manteve a égua era disparada, desviando-a para os bosques. Era uma boa e velha égua, grande companheira, que havia estado com ele em tantas batalhas. Quando a dor e a exaustão apossaram-se de Malachi e ele jazia sobre seu dorso na fuga, ela continuou a jornada como se também conhecesse o caminho de casa, o tão longo caminho de casa. Finalmente, a égua parou diante de um riacho. Por um longo momento, Malachi manteve-se agarrado a ela e, então, caiu e rolou até alcançar a água. Bebeu sofregamente antes de tombar para trás. Sua perna queimava; todo seu corpo queimava. Certamente, não era um ferimento assim tão profundo. Precisava manter-se em movimento e encontrar Cole o mais rápido possível.

Mas não seria naquela noite. Apesar de sua força de vontade, seus olhos fecharam-se. Pareceu-lhe que uma névoa espíralada subia do riacho. A dor não mais o atormentava, nem a fome, nem o cansaço. O riacho era convidativo. Levantou-se e despiu o surrado uniforme. Oscilando do alto das rochas, mergulhou. A água estava fresca e agradável, o dia quente, de um sol radiante, e pássaros cantavam. Não havia o cheiro da pólvora queimada a seu redor, nem os gritos dos moribundos; estava longe, muito longe da

agonia da guerra.

Nadou pelas profundezas refrescantes e, quando voltou à tona, ele a viu. Um anjo. Ela estava parada na margem, envolta pela névoa, os Cabelos caindo numa cascata dourada que deslizava por suas costas. Era uma deusa, Afrodite emergindo da beleza cintilante do riacho. Estava nua, graciosa e bonita, com ardentes olhos azuis e pestanas negras, pele cor de marfim e lábios carnudos e rosados. Ela lhe acenou. E ele foi ao seu encontro.

Contemplando-a, ele sabia que deveria possuí-la. Tentou chegar a ela depressa, debatendo-se na água. Tinha *de* locá-la. Para sentir a plenitude dos seus seios nas mãos, acariciá-la com suspiros e beijos. Mas, mesmo na estranha sedução de um sonho, sabia que ela lhe era familiar. Era sua Circe, chamando-o com mágicas promessas de prazeres inimagináveis; mas ele a conhecia.

Arrastando-se pela água, aproximou-se mais e mais.

A única Circe que o esperava era a leal égua baia, resfolegando sobre seu rosto ensopado. Malachi ficou de pé e olhou de suas roupas para o riacho. Percebeu que havia caído na água e quase se afogara.

Fora salvo por um sonho. O sonho com uma mulher viçosa e bonita, de cabelos dourados que cascadeavam pelas costas e olhos que pareciam fazer parte de um dia de verão.

Malachi tocou o próprio rosto. Ao menos, o riacho lhe havia cortado a febre. Podia cavalgar novamente.

Necessitava de tratamento para a perna, pensou. Mas não podia perder tempo. Tinha de chegar ao Missouri e avisar Cole.

— Venha, Helena — disse à égua, segurando as rédeas e saltando sobre seu dorso.
— Precisamos nos dirigir para o norte. Para casa. Na verdade, não temos mais um lar. Você pode acreditar? Todos estes malditos anos, e ainda não temos paz. E eu sou ferido por um moleque cuja mãe ainda precisa dizer-lhe para limpar atrás das orelhas. E sonho com tentadoras mulheres, belas e loiras. — Sacudiu a cabeça e Helena relinchou, como se duvidasse da sanidade do cavaleiro.

Talvez estivesse mesmo insano.

Malachi sorriu enquanto cavalgava pela noite. Havia sido um sonho engraçado. Era curioso o quanto Circe lhe parecia tão familiar. Sua cunhada, Kristin, era uma bela loira, mas não era Kristin no sonho.

Malachi estava tão confuso, que retraiu as rédeas com força, fazendo a égua empinar.

— Desculpe, garota, desculpe — Malachi disse à égua.
Então permaneceu em silêncio, pensativo e, finalmente, riu alto.

Não tinha sonhado com a cunhada, mas com Shannon, a irmãzinha de Kristin. A antipática irmãzinha de Kristin. Obstinada, mimada, determinada, orgulhosa... detestável. Ele havia desejado ardentemente ameaçá-la com o chicote desde o momento em que se conheceram.

Mas fora com Shannon que sonhara. Os olhos dela o haviam chamado, ardentes e

doces. Os cabelos de Shannon brilharam numa explosão de sol e fogo em torno da beleza de suas formas esbeltas. Os lábios de Shannon se moveram em sussurros de paixão.

Ele pensara que havia perdido sua tentadora musa quando o sonho terminara...

Mas não era verdade. Cavalgava agora em direção à mulher tempestuosa, e podia quase garantir que seu encontro não seria doce, nem ela lhe acenaria ou daria as boas-vindas.

Se bem conhecia Shannon, ela não estaria esperando

De braços abertos. Estaria lhe apontando um Colt carregado

-Não importa, Helena — disse, e então praguejou

em voz alta para os céus: — Quando esta guerra vai terminar para mim? (orno não houvesse resposta, continuou cavalgando pela noite.

CAPÍTULO I

3 de Junho de 1865

O Rancho McCahy

O Território da Fronteira, Missouri

Havia alguém lá fora. Alguém que não deveria estar _ ali. Shannon McCahy sabia disso; podia senti-lo na pele, apesar do pôr-do-sol ter sido tão enganosamente pacífico.

Fora pacífico, bonito, silencioso. Cores radiantes pairaram no céu e beijaram a terra docemente. Havia silêncio e quietude por toda parte. Uma brisa suave, úmida e doce lhe afagava levemente a pele. A guerra havia terminando ou, pelo menos, assim diziam.

A noite murmurava suavemente sobre paz.

Paz...

Shannon ansiava por paz. Há apenas dez minutos, tinha saído para contemplar a natureza. Parada na larga varanda, apoiando-se preguiçosamente contra um pilar, havia observado a paisagem e refletido sobre a beleza da noite.

O celeiro e os estábulos delineavam-se contra o céu raia- _ do de rosa. Uma égua e seu potro pastavam tranqüilamente no cercado. As montanhas oscilavam a distância 1 e parecia que toda a terra estava viva no viço e na riqueza* da primavera.

Até mesmo Shannon parecia fazer parte da beleza etérea da noite: elegante e encantadora com seus volumosos cabelos torcidos em um coque na nuca, e pequenas mechas escapando em caracóis ao redor do rosto. Alta e esguia, mas de proporções femininas em suas curvas, usava um luxuoso vestido de veludo com uma delicada gola de renda cor de marfim, que caía por sobre o corpete decotado.

Estava pronta para o jantar, embora parecesse tão peculiar o fato de continuarem vestindo-se daquela forma toda noite. Como se seu pai ainda estivesse com eles, como se o mundo permanecesse o mesmo. Vestiam-se para o jantar, saboreavam o vinho com a carne — quando tinham vinho e quando tinham carne — e ao terminar a refeição, retiravam-se para o salão de música, onde Kristin tocava e Shannon cantava. Agarravam-se com ferocidade aos pequenos prazeres da vida.

Não havia muito prazer havia anos. Shannon McCahy crescera à sombra da guerra. Muito antes dos tiros disparados no Forte Sumter, os quais sinalizaram o início da guerra civil em 1861, os estados de Missouri e Kansas deflagaram sua batalha. Os soldados do Kansas haviam chegado de surpresa, para molestar e assassinar donos de escravos e simpatizantes da causa sulista. Em retaliação, o Sul mandou os seus: tropas indisciplinadas que haviam saqueado e matado no Kansas. Shannon McCahy ei a apenas uma criança quando John Brown veio pela primeira vez ao Missouri, mas lembrava-se dele claramente. Era um homem religioso, mas também um fanático, pronto a matar por sua religião. Ela era ainda uma criança quando ele foi enforcado pelo perverso ataque ao arsenal de Harper's Ferry.

Portanto, ela não podia lembrar-se de um tempo de verdadeira paz. Mas, ao menos agora, o trovão não mais rasgava a terra. Rifles e pistolas não mais flamejavam, nem espadas tangiam em fúria. A paixão da guerra terminara. Havia se extinguido em gloriosa agonia e, então, toda mãe, irmã, amante e esposa esperava... Mas Shannon McCahy não saíra para esperar um amante, pois tinha a duvidosa vantagem da certeza: seu noivo jazia morto. Até sabia onde estava enterrado. Tinha visto a terra cair, torrão por torrão sobre o caixão, e cada baque macio havia levado um pedaço de seu coração.

A guerra lhe havia roubado a ingenuidade. Seu pai fora brutalmente assassinado à sua frente, por sulistas que faziam parte do grupo dos infames assaltantes de Quantrill. E no verão de 1862, Zeke Moreau, com seus homens, retornaram ao rancho McCahy para levar sua irmã Kristin. Mas aquele havia sido também o dia em que Cole Slater entrara em suas vidas, de armas em punho. Ele as salvou da morte e acabou casando-se com Kristin. Depois daquilo, seu nome manteve-as a salvo dos sulistas, mas a guerra continuou. E, ironicamente, Shannon e Kristin haviam sido presas pelos ianques por terem dado assistência e apoio à Cole, apenas porque uma vez Cole, por pouco tempo, cavalgara com os homens de Quantrill.

Mas Shannon apaixonou-se pelo oficial ianque que a tirou dos escombros da prisão, quando o defeituoso e velho edifício literalmente caiu em pedaços. Por um curto período, ela acreditara na felicidade.

Até que Robert Ellsworth fora assassinado pelos sulistas.

Afinal, Zeke Moreau e seus soldados voltaram ao rancho uma última vez. Então Cole

havia trazido seus irmãos e a cavalaria dos confederados, e Mathew, irmão de Shannon, seus compatriotas da União. Por um momento, não havia Norte ou Sul, apenas a feroz e valiosa luta contra a injustiça.

Mas a guerra havia acabado.

Não... nunca. Nunca em seu coração, ela pensou. Então retesou-se, repentinamente alerta e cautelosa.

Havia movimento lá fora, perto dos estábulos-. Shannon piscou novamente, sentindo um aperto no estômago e um arrepio de frio na espinha.

Agora tinha certeza: havia alguém que não deveria estar lá. Uma pessoa furtiva, movendo-se sorrateiramente pelos estábulos.

— Cole, Kristin? — murmurou. Limpou a garganta e chamou novamente, um pouco mais alto.

Onde estariam seu cunhado e sua irmã? Deveriam estar na casa, mas ninguém respondia. Shannon mordeu o lábio, imaginando o que deveria fazer. Havia um par de Colts de seis tiros sobre o armário do hall de entrada; Cole os havia colocado lá na mesma noite em que ouviram a notícia do fim da guerra.

Depois daquela última luta, Malachi e Jamie Slater cavalgaram de volta para os campos, sem saber que não haveria mais batalhas. Mathew McCahy fora informado do desfecho antes de partir, pois esperara recuperar-se de um ferimento, mas então partira também, para apresentar-se ao regimento do Exército da União. A guerra havia terminado, mas a paz ainda não estava assegurada. As conseqüências desse sangrento período os per seguiriam por muito tempo.

E a Cole Slater não restava outro destino: abandonar o Missouri. Não podia negar que se juntara ao grupo de Quantrill, embora por pouco tempo, e certos ianques poderosos pediriam a sua cabeça. Mas Cole pretendia esperar pelo retorno de Mathew antes de deixar o rancho. Não seria seguro deixar Shannon e Kristin sozinhas. Ele tinha amigos que o avisariam, caso as ameaças se concretizassem.

Nesse meio tempo, havia pendurado os Colts e feito uma severa advertência a Shannon.

— A maioria dos homens que estão voltando para casa são homens bons — disse ele, apertando as mãos, — Sim, muitos homens bons, dos azuis e dos cinza. Aqueles que lutaram com o coração e a alma por seus ideais. E tudo o que querem agora é voltar para casa. Querem pegar seus arados novamente, abrir suas lojas, colocar seus negócios em marcha mais uma vez. Desejam abraçar suas esposas, curar seus ferimentos e tentar encontrar um futuro. Eles passarão por aqui. Pedirão água e comida. E nós os ajudaremos, sejam da União ou confederados.

Então, para que as armas? — perguntou Shannon, pouco disposta a ajudar confederados, homens como os sulistas que haviam matado Robert.

Porque há homens a quem a guerra mutilou, Shannon. Não seus corpos, mas suas mentes. Homens perigosos: desertores e abutres. E posso assegurar-lhe que muitos desses tipos lutaram, tanto para os confederados, como para a União. Tenha cuidado. Você sabe como usar as armas. Use-as bem. Se qualquer um ameaçar você, esteja

pronta para defender-se.

Sim, eu o farei. Sei atirar.

Mas só atire em quem deve morrer, Shannon. Não num pobre fazendeiro vestindo um uniforme cinzento.

Cole, eu alimentei e cuidei dos rebeldes que passaram por aqui.

É verdade, mas não com muito prazer.

— Você me faz parecer cruel e irracional. — Ela notou um lampejo de piedade nos olhos de Cole.

— Não penso isso, Shannon. A guerra causou sofrimentos a todos nós.

Cole sacudiu a cabeça enquanto se afastava sob o olhar pensativo de Shannon. Realmente pensava que seu coração havia endurecido; que nunca perdoaria a morte do noivo, mesmo agora, com a derrota dos sulistas. Shannon nunca, nunca esqueceria Robert Ellsworth, seu amor doce, sua honra, sua simplicidade. Nem poderia jamais esquecer sua morte. Havia assistido ao enterro. Robert não tivera um velório apropriado, pois não havia sobrado dele o suficiente para que o agente funerário o preparasse. Shannon reagiu a essa brutalidade, tornando-se < dura e fria.

Cole estava errado, porém, se pensava que ela era incapaz de sentir. Ainda podia sentir, e muito. Mas era tão mais fácil ser fria, e muito mais fácil odiar! Cole estava j errado, se pensava que ela mataria qualquer soldado rebelde, mas ela poderia facilmente matar os desumanos que haviam, brutalmente, massacrado Robert e seus homens. Ela poderia ter aceitado melhor o fato se Robert tivesse morrido em batalha, mas o que os sulistas haviam leito era muito pior que assassinato.

Cole já desaparecia no final do corredor e Shannon desejou chamá-lo. Amava-o, mesmo sendo ele um rebelde. Havia salvado Kristin e Shannon do estupro certo e da morte provável, e era tão querido para ela quanto seu irmão de sangue, Mathew. Mas não o chamou.

A primeira esposa de Cole havia sido assassinada pelos soldados do Kansas, mas parecia que ele agora havia entrado em acordo com a vida. Talvez Kristin houvesse lhe ensinado a perdoar. Shannon não sabia perdoar, isso ela jamais aprenderia. Ainda vivia com a mágoa de um passado que não desejava esquecer.

Em consideração a Cole refrearia seus impulsos e daria água aos rebeldes. Afinal, no Estado do Missouri, a maior parte era de confederados. Ela mesma poderia ter sido uma rebelde, uma vez que o rancho situava-se na fronteira com o Kansas, e os McCahy haviam-se inclinado inicialmente para a causa dos sulistas. Mas então, BAU pai fora assassinado. Mathew havia-se alistado no exército da União, e tudo o que se seguira conspirara para tornar Shannon uma ianque jurada para sempre.

Mas aquilo não importava agora.

Durante os últimos dias, haviam servido água e comida indistintamente, para garotos em uniformes cinzentos e azuis. Lembrou-se de que Mathew ainda estava lá fora, em algum lugar. Talvez uma moça rebelde agora lhe desse uma caneca de água ou um pedaço de pão.

Shannon havia servido água e sopa quente sem pronunciar uma palavra. Havia enfaixado rebeldes da mesma forma que o fizera no dia em que os dois regimentos da cavalaria — os federais de Mathew e os confederados de Slater — uniram forças e venceram os saqueadores do Zeke Moreau. Por amor a Mathew cuidava dos soldados cansados que passavam por ali. Em algum lugar, ele vagava pelos campos. E os irmãos de Cole também. Talvez uma jovem mulher fosse bondosa para com eles.

Shannon desejou que alguém estivesse cuidando gentilmente de Jamie. Mas, se Malachi passasse por alguma fazenda estranha, que lhe dessem água salgada. Os dois irmãos de Cole eram rebeldes. Jamie, ela podia tolerar. Malachi, não.

Desde que se conheceram, ele a tratara como uma criança entediante. Ela não sabia exatamente o que se passava entre eles, porém era algo forte, acalorado e inflamável. Toda vez que se encontravam, faíscas voavam e a fúria explodia.

Ela tentara. Tentara com toda força não deixar que ele a irritasse. Era uma dama. Possuía grande orgulho e tremenda dignidade. Mas Malachi tinha a habilidade de despi-la de ambos rapidamente. Bastava percebê-la satisfeita e calma, para ele disparar uma única palavra, certa, que a fazia perder o controle e a estabilidade, e despejar-lhe um balde d'água. E, quando Shannon perdia a calma com as alfinetadas de Malachi, recebia no-| vos insultos que o deixavam feliz por conseguir provar sua imaturidade.

Ele não conseguirá tanto, no momento, assegurou ai si mesma. E era verdade. Shannon havia-se tornado mais forte desde que Robert Ellsworth morrera. Ninguém a desestruturava tão facilmente.

Ela pensou que Jamie voltaria em breve. Mas não Malachi, que provavelmente havia pensado em juntar-se ao general Edmund Kirby-Smith e lutar até o amargo fim. Mas mesmo Kirby Smith já se havia rendido. Talvez Malachi rumasse para o México, ou para a América Central ou do Sul. "Bons ventos o levem!", pensou. Era difícil esquecer da última vez em que se encontraram. Fora no dia do pandemônio, quando venceram o bando de Moreau. Em meio àquele caos, Malachi arranjava um jeito de perturbá-la. No auge da luta, ele tentara dominá-la com suas ordens e quase trocaram socos. Bem, ela o havia esbofetado, mas a presença de Kristin e Cole obrigaram Malachi a acalmar seus ímpetos. Por que os federais não o haviam apanhado e confinado num campo de prisioneiros? Seria bom para refrescar-lhe os ânimos por uns tempos. Ele teria de, finalmente, aceitar a verdade: a Confederação fora derrotada, e a Gloriosa Causa, perdida.

Shannon interrompeu seus pensamentos. Era hora de agir e não de se atormentar com tais coisas. Foi até o local de entrada e apanhou um dos Colts. Enfiou a mão na primeira gaveta da escrivaninha, pegou os cartuchos, e rapidamente carregou a arma.

— Kristin! Cole! Samsom, Delilah! Alguém, por favor! — chamou.

Mas a casa encontrava-se em silêncio. Onde estariam todos eles? Não sabia. Estava só. Shannon deslizou para a varanda.

As cores da noite tornavam-se mais escuras, profundas e ricas. O céu tingira-se de púrpura; a própria terra refletia tons de azul. Os contornos dos estábulos erguiam-se

negros contra o horizonte, e as duas janelas do celeiro pareciam olhos sombrios e malignos, fitando-a ameaçadoramente.

Seu coração batia descompassado. Não deveria sentir maio. Já havia sido atacada, de uma forma ou de outra, várias vezes. Deveria ter aprendido a ser corajosa.

Mas ainda estava assustada.

Não o suficiente para sentar-se como um cordeiro ferido, esperando ser atacada, pensou. Não, ela inverteria o jogo. Nenhum homem honesto estaria escondido num estabulo para matar o tempo. Nenhum camarada sincero, rebelde ou ianque, ocultar-se-ia na espera pela escuridão.

Correu da varanda para o cercado e parou, ofegante, prestou atenção novamente: não ouviu nada. Ainda assim, tinha certeza de haver alguém ali. Podia senti-lo no ar. Pressentia o perigo.

Apoiou-se contra a cerca. Era boa com um Colt. Muito boa. Cole dizia que ela podia acertar o olho de uma mosca, a uma distância de trinta metros, o que não fugia muito da verdade. Enquanto segurasse uma arma, estaria confiante.

— Nunca vacile — advertira-lhe Cole. — Tome decisões rápidas. E, se decidir atirar, atire para matar.

Não deveria ser difícil, pensou Shannon. Tinha vivido por tantos anos no inferno, crescera sob o fogo cerrado. No mundo que conhecia, a regra era matar ou ser morto, ferir ou ser torturado. Podia dominar qualquer situação. Sempre o fizera.

Shannon tomou fôlego e afastou-se da cerca. Onde estavam Cole e seu apurado sexto sentido? Deveria pressentir os problemas por ali; ainda assim, não estava na fazenda. Nesse momento, porém, não podia depender de Cole, tinha de depender de si mesma. Shannon correu para a porta dos estábulos. Erguiam-se tão escuros na noite que se aproximava quanto as janelas abertas, que pareciam um túmulo escuro.

E ela podia sentir o mal que se escondia e esperava lá dentro.

Cerrou os dentes e, cuidadosamente, esgueirou-se contra o batente da porta, entrando furtiva e rapidamente.

A escuridão era total. Ficou imóvel por um longo momento, com o coração disparado, os dedos como aço sobre o Colt, a respiração muito rápida, ruidosa. Ele a ouviria, pensou Shannon. Ele a ouviria e a encontraria.

Shannon forçou-se a ficar calma; não fazia tanto ruído quanto imaginara. Mas tinha de adaptar-se à escuridão ou não teria êxito algum.

Um cavalo relinchou e outro resfolegou. Shannon tentou imaginar o lugar iluminado. As cocheiras eram grandes e bem construídas; quinze delas à sua frente, mas apenas nove cavalos, pois os homens permaneciam nos pastos, cuidando do gado. O depósito de arreios e selas ficava imediatamente à sua direita, e à esquerda, uma pilha de feno fresco e os sacos de cereais. Havia mais feno no celeiro, localizado acima de sua cabeça.

Shannon tomou fôlego, mal se atrevendo a respirar. Era lá que o intruso estava: no celeiro. E escondia-se bem acima de sua cabeça, colocando-a em situação de des-

vantagem.

Ergueu o Colt e abaixou-se no chão, começando a mover-se devagar em direção aos montes de feno, que lhe poderiam dar cobertura naquela escuridão infernal.

Mas, conforme se moveu, ela ouviu o suave e cuidadoso arrastar de pés lá em cima. Uma tábua rangeu, e então tudo ficou silencioso novamente. Shannon esperou.

Não houve qualquer outro movimento. O tempo se alongava de maneira torturante. De repente, ela soube o que deveria fazer: tirar a escada. Correu até ela num ímpeto de velocidade e determinação.

— Alto! — uma voz comandou.

Shannon ignorou a ordem e continuou correndo para a escada, e então afastou-a da abertura. A escada caiu no chão com estrondo, inviabilizando, assim, qualquer fuga.

Um tiro espocou, zunindo muito acima da cabeça de

Shannon, e cravou-se na parede atrás dela. Seria um tiro de aviso? Ou teria o homem uma pontaria extremamente ruim?

Shannon atirou de volta, em direção à voz. Ouviu-o murmurar uma praga, o que lhe indicou a direção. "Se atirar", fora avisada, "atire para matar." Vira sangue, mortes em número abundante. Ainda assim, hesitou.

O homem estava encurralado no celeiro. O que poderia ele fazer.

Ainda enquanto se formulava a pergunta, a resposta chegou, da forma mais inesperada.

Ele saltou do alto como um fantasma na noite e caiu suavemente no feno.

Shannon gritou, girando e erguendo o Colt, mirando os montes de feno. Não podia vê-lo. Ele caíra pesadamente, mas rolara com astúcia, e agora já conseguira esconder-se outra vez. Shannon mirou e atirou no primeiro monte. O tiro explodiu alto na noite, claro como um cristal. .

Por que não vinha ninguém da casa? Eles certamente teriam ouvido os tiros. Mas, talvez, o barulho tivesse sido abafado pelas paredes do celeiro.

Também não vinha qualquer ruído da casa ou de além dos estábulos. Mergulhara num mundo de desespero, onde só contava consigo mesma.

O intruso não havia feito nenhum barulho. Nenhum baque, nenhum grito, nenhum arfar de medo, raiva ou aflição. Tudo era silêncio.

Teria ela matado o homem?

Shannon avançou, movendo-se o mais silenciosamente possível sobre o chão de terra batida. Movia-se devagar, parando a cada passo. Decerto matara o homem. Não ouvia absolutamente nada.

Deu mais um passo à frente, perscrutando o fardo amarrado. Não havia nada lá. Ela pensou ter ouvido algo vindo das cocheiras. Virou-se rapidamente para notar apenas os cavalos que se mexiam, inquietos.

Então, pressentiu um movimento no canto. Mas era! impossível. Ninguém poderia ter passado por ela, nem mesmo no escuro...

Era um camundongo. Shannon provavelmente matara o intruso que jazia ali, em algum lugar no meio do feno. j

Ela umedeceu os lábios e tentou aquietar o medo que a gelava. O perigo a rondava, sentia isso. O homem não estava morto, mas escondido na escuridão. Ela queria gritar, virar a fugir do terror que a dominava. Tinha de encontrá-lo antes que ele a encontrasse. Virou-se mais uma vez e correu para o próximo monte de feno, empilhado mais alto que o primeiro. Olhou atrás, a cada lado pilha... e então sentiu um farfalhar bem acima de sua cabeça.

Shannon soluçou e saltou bruscamente para trás, olhando para cima, tentando fazer mira com o Colt, mas JÁ era tarde.

Ele saltou sobre ela e caíram juntos no chão. O revólver voou pela escuridão. Caiu sobre ela, que foi tomada pelo aroma de couro e fumo. Os braços musculosos a seguraram e o corpo retesado a cobriu. Ela tentou grilar, mas uma mão forte sufocou seu grito.

— Pare — sussurrou o estranho antes de ser interrompido por um chute violento. Shannon o empurrou com toda força e encontrou uma saída. Num pulo, pôs-se de pé e lançou-se para a porta, tomando fôlego para um grito alto e desesperado.

— Não! — trovejou a voz por trás dela. O homem agarrou-a pelo braço, girando-a. O grito de Shannon morreu na garganta, enquanto eles caíam no chão novamente. Desta vez ele a segurou com força. Afastando o casaco para trás, manteve-a presa entre seus joelhos.

Shannon batia furiosamente com os punhos contra o peito dele.

Pare, Shannon!

O pânico irracional que tomara conta de Shannon não permitiu que ela registrasse o uso de seu nome. Não tinha chegado até ali para ser estuprada e assassinada em seu próprio estábulo. Tomou fôlego para gritar novamente e buscou com as unhas os olhos dele.

- Pare com isso! — Ele agarrou-lhe os punhos e levantou-os bem acima da cabeça de Shannon que gritava e reagia, obrigando-o a tapar-lhe a boca com toda a força. Ela o mordeu e, furioso, Malachi agarrou-lhe a mandíbula tão fortemente entre o polegar e o indicador, que a dor a paralisou por completo.

- Pelo amor de Deus, pare com isso, pirralha!

Shannon sentiu-se gelar. Como pudera não reconhecê-lo até ouvir aquilo?

Malachi! Malachi Slater tinha voltado.

Shannon parou de lutar e olhou para ele. A lua devia ter surgido, pois alguma luminosidade já se infiltrava no estábulo. Malachi inclinou-se muito próximo e ela pode então divisar suas feições.

Tinha de admitir que ele possuía belos traços. Sua testa era alta e larga, os olhos grandes, de um azul profundo, às vezes tão negros quanto a escuridão da noite. Linhas fortes delineavam a boca, as maçãs do rosto e um queixo que se insinuava por baixo da barba avermelhada. Estava emagrecido pela guerra e, certamente, também endurecido por ela.

A barba sempre bem aparada mostrava-se agora um pouco irregular, e havia sombras sob os olhos. A lã áspera do uniforme dos confederados estava puída e rasgada em vários lugares, e o galão dourado, a insígnia de seu posto na cavalaria, quase totalmente apagado.

Shannon deveria tê-lo reconhecido muito antes. Já haviam engalfinhado muitas vezes e conhecia a força do; braços dele, o tom profundo de sua voz, bem como a determinação obstinada que nascia de sua cólera. Deve ter o reconhecido.

Mas ele estava diferente essa noite. Se isso era possível, estava mais violento. Quase brutal. Exalava tensão por todos os poros.

— Vai ficar quieta agora, pirralha? — perguntou ele

Shannon rangeu os dentes, indignada. Como responder com aquela mão machucando-lhe a boca? O maldito a reconheceu desde o momento em que ela entrou nos estábulos, e mesmo assim, derrubou-a e arrastou-a duas vezes.

Ela se contorceu, lutando para livrar-se. Porém, a pressão sobre sua boca aumentou e sentiu o hálito quente; aquecer-lhe a face.

E então? — perguntou ele, mas o sorriso de divertimento não escondia certa amargura. — Vai ficar quieta agora? — Quando Malachi finalmente a libertou, Shannon sentiu os lábios inchados doerem.

Quieta — ela repetiu num tom forçadamente suave. Precisava ser prudente. Sabia que a paciência de Malachi com ela, em qualquer circunstância, ia por um fio. Já o mesmo acontecia com ela. Seu ânimo inflamou-se como estopim. — Quieta?! — explodiu. — Quieta, seu miserável! Afinal, o que pensa que está fazendo? Ligue-me!

Os lábios de Malachi apertaram-se num sorriso e suas coxas crispavam-se ao redor dos quadris de Shannon.

Srta. McCahy, terei o maior prazer em soltá-la assim que calar essa sua adorável boquinha.

Me largue! — ela protestou, furiosa.

Quieta!

Estavam muito próximos. Os olhos de Malachi eram como chamas azuis penetrando nos dela, perigosamente. Ele chegou tão perto, que sua barba roçou o rosto de Shannon.

Malachi...

Estou esperando, Shannon.

Ela fechou os olhos e passou a língua pelos lábios secos. Esperou, sentindo o coração bater, os segundos passarem. Então sorriu com sarcasmo, mas permaneceu em silêncio.

Devagar, Malachi suavizou o "abraço". Soltou os punhos de Shannon e sentou-se. Ainda lhe prendia os quadris entre as pernas, mas sem imobilizar. Shannon esforçou-se para continuar sorrindo. Desejava extravasar a raiva, empurrando-o para longe.

Ele cruzou os braços sobre o peito e ficou a observá-la. Viu-a suportar a situação por alguns instantes, e então explodir outra vez:

— Eu fiquei quieta! Agora, por favor, me largue!

De pronto, a mão de Malachi pousou novamente sobre sua boca, e ele estava tão perto que, desta vez, Shannon se arrepiou.

Ele estava tenso, tão perigosamente descontrolado que sentiu medo.

Venho lutando contra ianques por muito tempo e você é a pior deles. Agora, não vou ser jogado numa prisão ou pendurado numa forca por sua causa; eu juro. Cale a boca, Shannon.

Não me ameace!

Ameaçar! Eu vou agir, e você sabe disso!

E foi o que fez, puxando-lhe os cabelos com toda a força. Shannon cerrou os dentes, engoliu seco e tentou acenar com a cabeça, num gesto de anuência. Mesmo em se tratando de Malachi, estranhava esse comportamento. Será que sob a tortura da guerra ele havia enlouquecido?

— Ficarei quieta.

— Faça isso Shannon, é melhor para você.

Ela balançou a cabeça.

Dando-se conta de que a estava machucando, soltou-a abruptamente. Então ele olhou a mão que a havia prendido, como que chocado com o próprio gesto. Logo, porém, reassumiu a determinação implacável.

— Nenhum movimento brusco, nenhum grito.

— Nenhum movimento brusco — ela prometeu. —

Nenhum grito.

Parecendo finalmente satisfeito, Malachi levantou-se, pegou seu chapéu e bateu na coxa para tirar a poeira.;

Apesar de suas prevenções contra Malachi, Shannon era obrigada a reconhecer o carisma que o envolvia, o charme arrebatador. Lembrava-se da elegância com que ele cavalgava, e do cavalheirismo que exibira em certas ocasiões, nunca com ela, claro. Sua coragem também era inegável. Malachi nunca pensaria em sua própria segurança se algo ameaçasse alguém a quem ele amava. Era leal e devotado ao irmão e à cunhada.

De fato, ele parecia ter enlouquecido, e Shannon precisava desesperadamente escapar na primeira oportunidade. Não sabia se a situação devia inspirar fúria... ou pavor!

Srta. McCahy — murmurou, tomando-lhe a mão. *Por favor, aceite meu cumprimento. Admito que minhas maneiras deixaram muito a desejar...*

Aquilo já era demais! Ele a havia arrastado para o chão duas vezes, ameaçado, maltratado e agido como se tivesse saído de um asilo. No momento agia como o mais fino dos cavalheiros. Não queria nenhum acordo; tinha de escapar.

Olhou a mão dele, insinuando-se entre seu braço e o quadril.

Você deve estar completamente fora de si — disse Shannon, levantando-se e virando-se para correr. — Vá para o inferno!

Aquela imprecação deixou-o furioso. Dessa vez, quando a agarrou, puxando-a de volta,

tampou-lhe a boca com uma das mãos e, coma outra, apertou-a contra o peito, urrou em seu ouvido:

- Shannon, eu estou cansado, morto de cansaço. Desde que te conheci, sempre acreditei que umas palmadas teria feito muito bem a você. Agora, vou te pedir mais uma vez que se comporte, ou tomarei a atitude que julgar conveniente.

Ódio e humilhação ferviam dentro dela.

Malachi Slater, nunca mais fale comigo dessa maneira, nunca!

-Basta não provocar.

Ela bateu-lhe violentamente com o salto na perna. Isto não causaria grandes danos à bota que ele usava, penou Shannon, arrependida, mas a agressão acirrou-lhe os ânimos.

Ela arfou quando ele a virou, forçando-a a encará-lo prendendo-a junto dele, com os braços em volta dela os dedos fortemente trançados aos dela, presos no alto de suas costas, como se estivessem ambos envolvidos *m* ma valsa desesperada. Shannon abriu a boca para pra testar, mas alguma coisa no olhar de Malachi a silenciou.

Tanto por dignidade, quanto por orgulho, Shannon manteve a cabeça erguida.

— Shannon, comporte-se. — disse Malachi, e então fez uma pausa, observando-a. Depois de algum tempo falou com certo divertimento: — Você realmente pretendia me matar!

Ela respirou fundo e tentou explicar-se, para domina o tremor do corpo e as batidas disparadas de seu coração. Falaria suave e racionalmente. Não suportava a proximidade daquele homem. Desprezava a próprio vulnerabilidade e odiava os arrepios que tomavam conta de seu corpo e a maneira como o sangue lhe fervia na veias. Odiava a firmeza do corpo dele, que se assemelhava a uma rocha na qual poderia apoiar-se, quando erd na realidade, seu inimigo.

Você o teria feito! — repetiu ele. — Você teria me matado. Fico me perguntando se sabia ou não que era eu que estava aqui.

Malachi, eu adoraria matá-lo! Mas você é irmã de Cole e, somente por este fato, eu jamais tentaria da! fim à sua vida miserável. Além do mais, você perdeu' Malachi. Eu venci. — Fez uma pausa, saboreando as palavras. — A guerra, Malachi. Eu tive a vitória e você derrota.

Ele sorriu e sacudiu a cabeça num gesto lento. Aproximou o rosto, até seus lábios quase tocarem os dela Shannon podia sentir-lhe o bigode roçando-lhe a pele e as palavras dele faziam vibrar cada nervo em seu corpo

Nunca, Shannon. Você nunca vai me vencer.Você já perdeu.Ainda não terminamos o nosso jogo.

Malachi, você está me machucando! Você estava tentando me matar. Não! Eu não sabia que era você! Foi sua culpa. Em de ir diretamente para casa, ficou rastejando pelos estabulos. Eu não teria vindo até aqui se... Seu rebelde estúpido! — disse entre dentes — Você me reconheceu e ainda assim saltou sobre mim.

Ora, mulher, você estava armada e eu sei muito bem que é capaz de fazer com um

Colt! Por que não me chamou?

Que certeza eu tinha de que não ficaria satisfeita EM poder usar sua arma contra mim?

Ela sorriu, apertando os lábios, tentando em vão escapar do abraço.

É uma pena que não tenha a arma agora, pois me sentiria muito tentada a usá-la.

Mas não a tem, e esta é a minha vantagem. Malachi Slater...

- Já chega! Eu lhe disse: estou exausto. Estou sangrando, faminto, exausto e...

-Sangrando? Por que não foi direto para casa? Malachi observou-a com ar de suspeita.

Pensei que poderia haver uma patrulha ianque lá. Você viu que era eu...

-Vi, mas não quis me arriscar a ser levado de boa vontade a uma patrulha.

Por quê, capitão Slater, fala como se acreditasse QUE eu o odeio?

Srta. McCahy, estou cansado de saber que o amor fraternal que sente por seu irmão não se estende a mim. Como vê, primeiro, eu tinha de me certificar de que não atiraria em mim com prazer, então, me assegurar de que não cairia nas mãos de um bando de ianques.

Meu irmão é um ianque — disse Shannon, num tom nulo.

- Eu me referia a uma patrulha.

-Uma patrulha ianque? — Sobressaltada, Shannon deixou de lutar e perguntou intrigada: — Por quê? Mathew nem voltou ainda. O que haveria de fazer uma patrulha ianque em casa? Malachi empertigou-se.

Então você não sabe?

Não sei o quê? Malachi olhou-a nos olhos por um longo momento então puxou-a para mais perto ainda.

Prometa, Shannon, que você não vai gritar ou correr ou tentar me matar novamente.

Se eu tivesse tentado matá-lo, Malachi Slater, eu certamente estaria morta neste momento.

Shannon, eu vou soltá-la. Se gritar, tentar fugir e me causar qualquer problema, juro que se arrependei! pelo resto de sua vida. Entendeu?

Não há nenhuma patrulha na casa! — ela disse, baixando os olhos e suspirando. — Eu juro, Malachi. Você está a salvo aqui.

Então, Shannon prendeu a respiração, lembrando-se de repente, que o comportamento de Cole fora muito estranho naquela tarde. Um de seus amigos passara pelo rancho e mais tarde, Cole mencionara casualmente que teria de se ausentar por um ou dois dias para procura um esconderijo, caso isso se tornasse necessário. Teria Cole omitido algum fato? Era, por natureza, quieto pouco alarmista. Seria capaz de disfarçar qualquer preocupação por medo de que Kristin insistisse e acompanhá-lo. Sairia sorrateiramente e voltaria assim que soubesse que podia mantê-la a salvo...

O que foi? — perguntou Malachi, desconfiado.

Não há qualquer patrulha. Eu estava apenas pensando... Um amigo de Cole esteve aqui hoje e, então Cole passou a agir de modo estranho. Talvez ele saiba de alguma coisa

que não nos contou. — Shannon sem o coração apêtar-se. Talvez Cole já tivesse partido, Podia ter saído à procura de um lugar para onde pudesse levar Kristin e Shannon. Ela sabia que ele cogitava em ir para o Texas antes, mas não poderia deixá-las sozinhas por tanto tempo. Se Cole partira, seria por uns poucos dias, o suficiente para encontrar um esconderijo no próprio Missouri.

Malachi a observava com curiosidade, mas parecia nela. Soltou-a e, com agilidade admirável, pelou o lampião pendurado do lado de fora da porta e, baixando a chama ao mínimo, trouxe-o para dentro.

Foi então que Shannon percebeu que Malachi estava em condições bem piores do que ela havia imaginado inicialmente. Uma grande mancha de sangue ensopava suas I alças na parte interna da coxa esquerda.

— Você está ferido! — Shannon gritou, alarmada. —

Oh, meu Deus, eu o atingi quando atirei no feno...

Malachi sacudiu a cabeça, impaciente, afundando-se num monte de feno.

— Você não me acertou. Um sentinela da União atirou em mim quando eu passava por Kentuchy. — Fez

uma pausa, e as recordações vieram à tona enquanto observava fixamente as sombras produzidas pelo lampião.

Eu podia tê-los matado — balbuciou, deixando Shannon aturdida. — Mas parecia não fazer sentido. Achei que podia enganá-los. Eram apenas garotos. Não tinham mais que dezessete anos. Mais matança não fazia o menor sentido para mim.

Nada daquilo fazia sentido. O ferimento com certeza lhe causava muita dor. Ainda assim, dera um salto espetacular havia pouco. Devia estar realmente desesperado.

Curiosa, Sharnon moveu-se cuidadosamente em sua direção.

Malachi, a guerra terminou. Por que estariam eles...

Você não sabe mesmo?

Saber o quê? — perguntou, exasperada.

Não terminou. — Malachi hesitou. — Cole esteve no Kansas e matou o homem que assassinou sua esposa.

Eu sei — disse Shannon, ciente de que Malachi não desviava os olhos dos seus. — E então? Cole sabe que terá de deixar o Missouri por algum tempo. Quando Mathew voltar, Cole e Kristin vão para o Texas.

Malachi recostou-se no feno, estremecendo, e Shannon pensou que sua perna devia estar-lhe provocando terríveis sofrimentos para que ele se permitisse aquela mínima demonstração de dor.

— Cole não pode esperar pelo retorno de Mathew — informou-a Malachi. — Não há tempo. Há uma porção de cartazes espalhados, indicando-o como procurado pela lei. O homem que ele matou tinha um irmão que parece ser proprietário de metade do Kansas. Ele controlava virtualmente aquela parte do Estado. Seja como for, ele diz que Cole é um assassino e o quer, vivo ou morto. Não lhe faltam influência e dinheiro para garantir que as coisas sejam feitas à sua maneira.

Shannon sentiu-se tonta. Não queria acreditar. Cole lutara muito e por tanto tempo por uma chance... Lutara contra mil demônios e agora, finalmente, encontrara paz . Havia Kristin e o bebê, e com eles a promessa de uma nova vida.

E, depois de tanto sofrimento, Cole era procurado como assassino!

— Ele terá de fugir e esconder-se, Shannon, agora.

Eles virão aqui para pegá-lo.

Shannon concordou, imaginando que deveriam ter sido essas as informações que Cole recebera de seu amigo. Provavelmente já partira. Resolveu ir até a casa para certificarse. Teria de contar a Kristin que a recém-conquistada tranquilidade estava prestes a acabar. Uma ameaça de vingança destroçava todos os seus planos.

— Mas por que atiraram em você? Você não foi ao Kansas com Cole — disse Shannon.

Malachi sorriu com sarcasmo.

— Porque, minha querida, eu sou irmão do criminoso, um Slater. De acordo com os cartazes, eu cavaleguei com Quantrill, e massacrei metade da população da Kansas.

_ Mas você nunca esteve com Quantrill... Sempre foi um soldado regular da cavalaria.

— Grato pelo voto de confiança. Nunca imaginei que pudesse vir em minha defesa.

— E não o faria — disse Shannon, friamente. — Fatos são fatos.

Malachi suspirou, recostando-se novamente.

— Bem, não vem ao caso. Vá até a casa e traga Cole.

Partiremos esta noite. Você viu Jamie?

Shannon sacudiu a cabeça tristemente. Gostava de Jamie. Era calmo e quieto, o mais pacífico dos três irmãos .

Os Slater eram muito apegados, e ela compreendia isso. Ela e Kristin eram apegadas também, inúmeras vezes, Kristin era a única pessoa que lhe restara.

Nos dias seguintes à morte de Robert, Shannon queria morrer também. Deixara-se ficar, deitada, sem comer, sem falar, entregue à depressão. Kristin não saía

de seu lado, estimulando-a a reagir. Shannon abaixou a cabeça, quase sorrindo.

Malachi também a ajudara. De maneira inconsciente, claro. Ele nunca lhe permitira a paz do silêncio, ou a chance de afogar-se em autopiedade. No momento em que se encontravam, ele começava a provocá-la; uma verdadeira pedra em seu sapato. Mas a arrogância e a interminável determinação de Malachi haviam trazido à tona a fúria de Shannon e, com ela, sua paixão pela vida.

— Eu sinto muito. Não vi Jamie.

— Bem — disse Malachi, com o olhar fixo no lampião —, Jamie não é tolo, saberá cuidar de si, e nos encontrara .

Shannon sabia que Malachi mentia; devia estar doente de preocupação, mas calou-se. Não havia nada que a dessem fazer.

— Vocês estavam na mesma companhia. Por que não eram juntos?

— Jamie partiu um ou dois dias antes; queria visitar uns amigos que perderam o filho na guerra. — Apertan do os lábios, acrescentou: — Temos de nos apressar. ele saberá se cuidar.

Você não vai a lugar algum, não no estado em que está — Shannon determinou. Não suportava vê-lo naquele estado. Não sabia explicar sua preocupação. Por muito tempo, pensara que nem mesmo os comanches seriam capazes de imaginar uma morte mais cruel para Malachi. Mas, essa noite, a visão do sangue dele perturbava. .

O que você quer dizer com isso? — perguntou Malachi.

-Sua perna.

Posso encontrar um médico a caminho do Sul, que possa retirar a bala...

A bala ainda está aí? — perguntou Shannon, i crédula.

Malachi retesou-se enquanto prendia a respiração por vários instantes.

— Sim, ainda tenho a bala na perna.

Shannon virou-se e encaminhou-se para o depósito c

arreios e selas. Guardavam alguns instrumentos cirúrgicos rudimentares ali; era uma precaução necessária, nua rancho de gado.

Shannon! — chamou Malachi. — O que você pretende fazer?

Volto num instante.

Ela encontrou o estojo cirúrgico na última gaveta do armário. Então, parou. Não tinham morfina ou qualquer medicamento contra dor. Ninguém no Missouri tinha. Abriu outra gaveta e achou uma garrafa de uísque. teria de servir.

Então, enquanto saía do depósito, perguntou-se por que essa súbita vontade de ajudar Malachi Slater.

Talvez não o odiasse tanto.

Não... ela o odiava. Ele era irmão de Cole e, se sua perna não recebesse cuidados, sua fuga seria retardada Era esse o motivo, o único.

Foi para o lado de Malachi e ajoelhou-se. Abriu o estojo e pegou a tesoura. Precisava cortar o tecido da calça para ver a extensão do ferimento.

- O que vai fazer? — perguntou Malachi.

-Vou cortar suas calças.

- Se pensa que vou deixá-la chegar perto...

-Você foi ferido na coxa, seu tolo. Aqui. — Deu-a garrafa de uísque. — Beba um pouco disto, Malachi não hesitou em tomar um grande gole. Fechou os olhos, estremecendo, ao sentir o líquido descer quente pela garganta.

— Estava muito bom. Foi uma inestimável gentileza de uma ianque para um rebelde. Agora, esqueça isso; encontrei um...

— Fique quieto, Malachi, e pare de choramingar.

— Que eu seja amaldiçoado se estiver choramingando. Shannon! Pare!

Ele rangeu os dentes, mas quando tentou agarrar o punho de Shannon já era tarde. Hesitou. Ela já cortava suas

de calças e, qualquer movimento seria muito arriscado. Malachi suspirou.

Shannon interrompeu-se por um instante e sorriu com doçura.

— Deite-se, capitão Slater, relaxe.

— Tenha cuidado aí, srta. McCahy, ou juro que a farei arrepender-se por esta noite!

— E por que eu levaria a sério suas ameaças justamente num momento como este? -

Ele agarrou-lhe o braço e olhou-a nos olhos.

— Eu não faço ameaças vãs, Shannon, apenas promessas. — Não está em posição de fazer... promessas; não neste momento, capitão. — Shannon...

— Confie em mim, Malachi

— Como confiaria numa viúva-negra, Shannon.

Ela sorriu e olhou para a mão que prendia seu braço.

Olhou para ele, enfrentando a expressão desafiante. Da vagar, ele começou a relaxar a pressão dos dedos libertando-a.

Shannon sentiu que Malachi respirava fundo enquanto ela cortava cuidadosamente o tecido manchado de sangue. Em seguida, afastou-o do ferimento. Podia ver bala. Havia penetrado apenas o suficiente para que o homem não pudesse retirá-la sozinho. Um pequeno corte com o bisturi, uma precisa incursão com a pinça, estaria tudo resolvido. Então, poderia desinfetá-lo com uísque e enfaixá-lo. Suas chances de uma recuperação satisfatória seriam realmente muito boas.

—Beba mais um gole — disse Shannon, com a atenção fixa no ferimento. Não se atrevia a encarar Malachi.

— Vou pegar o bisturi.

Um novo puxão em seu braço, obrigou-a a encará-lo.

—Não confio em você com um bisturi, Shannon.

—Infelizmente, tem de confiar. Não há outra escolha — disse Shannon, com um doce sorriso.

—Se escorregar com isso e me ferir em alguma parte que considero preciosa e íntima, você se arrependerá ter nascido.

. — Ah, as senhoritas ficariam inconsoláveis! — Shannon entrou na brincadeira. — Tomarei o máximo cuidado.

Ele ainda apertava seu punho com força, mas não era a dor que sustentava seu gesto, e sim, a agonia que ele tentava desesperadamente esconder.

Dê-me a garrafa — disse Shannon, com um gesto de compreensão.

Para quê?

Para limpar o bisturi. — Banhou a pequena e afiada lâmina no álcool e devolveu a garrafa a Malachi, que bebeu avidamente. — Você está pronto?

—Está ansiosa para usar uma faca contra mim, não?

-Exatamente.

-Mal posso esperar para fazer o mesmo com— falou Malachi, com a voz engrolada.

Olhando-o de soslaio, Shannon viu aquele sorriso encantador que lhe fazia o coração disparar. Cerrou as pálpebras, fugindo do azul tentador daqueles olhos, e da expressão

cativante. Ele perturbava seus sentidos quando precisava deles todos bem alertas.

Moveu o bisturi próximo ao ferimento, segurando a coxa de Malachi. Ele não se moveu quando a lâmina penetrou sua carne, mas Shannon pôde sentir a forte contração dos músculos.

Malachi não emitiu qualquer som. Apenas fechou os olhos e apoiou o queixo na mão. Por um momento, Shannon imaginou se ele estaria consciente ou não, e desejou que não estivesse. Rapidamente terminou o corte e pegou a pequena pinça, extraindo a bala com facilidade. Então, derramou uísque sobre o ferimento e começou a enfaixá-lo com bandagens de linho. Como o tecido não era suficiente, Shannon olhou para Malachi, certificando-se de que ele estava inconsciente e, levantando a saia, rasgou a anágua.

Obrigado, querida — disse Malachi, contemplando-a de olhos semicerrados.

Não quero que ponha em risco a vida de Cole — ela explicou com frieza. Ajoelhou-se e foi enfaixando a perna, até a virilha. Ele tinha os olhos bem abertos agora e Shannon desejou que o corpete que usava não fosse tão decotado. Ele olhava fixa e diretamente para seus seios, negando-se a qualquer gesto cavalheiresco de discrição.

Pare com isso! — ordenou Shannon.

Por quê?

— Você é supostamente um cavalheiro sulista.

Ele sorriu, mas um sorriso de dor.

— O Sul morreu, não lhe contaram? E os cavalheiros sulistas também. Deveria ter cuidado, srta. McCahy, pois está chegando muito, muito perto!

E estava. Shannon afastou os dedos como se tivessem sido queimados.

Você fez um bom trabalho — disse Malachi, terminando de enfaixar a perna.

Só porque não maculei sua virilidade? — perguntou Shannon, mordaz.

Eu realmente apreciei isso. Mas estou certo de que não se atreveria a me fazer mal.

Não esteja tão certo.

Prometo que um dia farei tudo isso valer a pena para você.

Do que você está falando?

Espere e verá!

Não conte com isso, capitão Slater. Além do mais — ela arregalou os olhos com fingida inocência —, sou apenas uma criança, lembra-se? A pirralha McCahy.

Shannon começou a afastar-se, mas Malachi puxou-a para perto de si. Ela quase protestou, mas ele agia com surpreendente gentileza, ajeitando com suavidade uma mecha de cabelo em sua testa. Então, deslizou os olhos por todo o seu corpo, contemplando o rosto, agora vermelho, o decote do corpete, não deixando escapar qualquer detalhe.

Bem, pirralha, a guerra foi muito longe. Talvez você tenha começado a crescer.

Não tive escolha — disse Shannon, com medo de que fosse chorar. Mordeu o lábio e engoliu seco. Sentiu os olhos de Malachi sobre ela, lendo seus pensamentos, vendo sua alma.

Eu sinto muito o que aconteceu ao capitão Ellsworth — disse ele, e sei o quanto sofreu. Mas tenha cuidado, Shannon, ou ficará com cicatrizes profundas em sua alma, como aconteceu com Cole quando teve a esposa assassinada.

Malachi, não...

Está bem, srta. McCahy, não vou entrar em território sagrado. — Sorriu um sorriso

endemoinhado, provocando-a, afastando-a das lembranças dolorosas.

-Você está amadurecendo, e muito bem. Obrigado, Shannon. — Fez uma pausa, seus olhos procurando os dela. Shannon pensou que ele ia dizer mais alguma coisa, mas ele apenas se repetiu: — Obrigado, você fez um bom trabalho. Suas mãos foram gentis, quase ternas.

Eu lhe disse...

Definitivamente, você está crescendo — murmurou ele, afagando-lhe o rosto com delicadeza.

Ela não sabia o que dizer. Aquilo deveria ter soado sarcástico, mas ela não o sentia assim, não naquele momento. Surpresa, sentiu que desejava ser abraçada. Queria explodir em lágrimas e ser assegurada de que a guerra realmente terminara, e a paz finalmente chegara. Queria sentir os braços dele apertando-a gentilmente, o calor de sua voz, enquanto ele a acariciava, tranquilizando-a de que estava tudo bem.

Mas Shannon não teve a chance de responder.

Naquele exato momento, o silêncio da noite foi quebrado. Ouviu-se o barulho ritmado de cascos batendo no chão seco, prometendo a chegada de um novo perigo.

Levantou-se rapidamente, o sangue lhe fugindo das faces.

— Cavaleiros, Malachi! Estão indo para a casa!

Como em resposta à sua exclamação preocupada, ouviu um grito de terror vindo da casa. Correu para a porta e, ao abri-la, outro grito apavorado soou.

Kristin! — gritou Shannon. — É Kristin!

Espere! — gritou Malachi.

Shannon mal o ouviu. Mais de vinte cavalos invadiam o rancho a galope. A paz que havia pairado sobre eles por breves momentos seria novamente destruída.

Começou a correr.

— Shannon! — gritou Malachi.

Ela o ignorou, sem perceber que ele vinha atrás dela, esbravejando, implorando que ela parasse.

— Pirralha tola! Espere!

Shannon não esperou. Corria como louca em direção à casa, cuja fraca iluminação lhe permitia ver os cavalos parados em frente à varanda. Muitos ainda carregavam seus cavaleiros. Apenas uns poucos haviam desmontado.

— Não! — suspirou Shannon. Mas, enquanto corria, viu a irmã. Um homem alto e robusto, com grandes costeletas escuras, estava saindo da casa com Kristin jogada em seu ombro.

Kristin, pronta para o jantar, vestia um delicado vestido de brocado azul, que combinava com seus olhos. Tinha prendido os cabelos num belo arranjo, mas agora estavam esparramados pelas costas do brutamontes.

Aturdida, Shannon parou e assistiu à cena horrorizada.

Eu a peguei! — disse o homem — Vamos embora.

E o Slater? — alguém perguntou.

Shannon não pôde ouvir a resposta, mas sentiu o coração gelar. Se Cole não tivesse partido, então estaria morto, pois, se lhe restasse um sopro de vida, ninguém poria as mãos em Kristin.

Kristin gritava e lutava furiosamente enquanto o homem andava depressa até seu cavalo. Ela o mordeu com força e ele a esbofeteou. Então, jogou-a sobre o cavalo e montou atrás.

Shannon estremeceu e voltou a correr na direção da casa, em pânico. Pulou umá das cercas, tentando encurtar o caminho. Tinha de detê-los. Tinha de salvar Kristin.

Seus pés voavam sobre o chão poeirento, sua mente só conseguindo concatenar um único pensamento: alcançar o homem antes que ele partisse com sua irmã.

De repente, estava realmente voando, arremessada no ar por uma força fantástica atrás dela, caindo na terra vermelha a seus pés. Atordoada, tentou respirar e seus pulmões encheram-se de pó. Tonta e sufocada, lutou contra a pessoa que se jogava sobre ela, agarrando-a com firmeza. Foi tomada de pânico: era um deles, um deles...

— Pára com isso, Shannon!

Malachi. Maldito Malachi! Ela a segurava, mantendo-a prisioneira, enquanto os homens se preparavam para par tir, levando Kristin com eles...

— Deixe-me ir, idiota!

Ele estava deitado sobre ela, usando todo o peso de seu corpo para imobilizá-la. Com o peito dele sobre suas costas e as mãos presas pelas dele, Shannon mal podia tirar o rosto do chão. Podia apenas sentir a tensão e o calor do sussurro dele, advertindo-a:

Você não vai...

Vá para o inferno! Saia de cima de mim! Ele pegou minha irmã!

Shannon, ele tem mais de vinte homens armados, e você quer alcançá-los de mãos vazias!

Mas ele...

Cale-se. — Malachi soltou uma das mãos de Shannon, para tapar-lhe a boca. Ficaram assim, deitados, escondidos por um cocho, de forma que podiam ver os homens e a casa, sem serem vistos. — Ele pegou Kristin. E, se você chegar mais perto, pegarão você também. E, se não se calar, ele virá atrás de nós dois. Poderíamos arriscar a tentativa de matar vinte homens, sem ferir sua irmã no tiroteio, mas, ainda assim, precisaríamos de nossas armas.

Shannon estremeceu, caindo em si.

— Vamos segui-los, Shannon. Com cuidado — disse Malachi.

Ele estava certo. Ela não tinha uma arma. Havia entrado em pânico e não podia fazer nada por Kristin. Conseguiria apenas ser raptada também.

— Não!... — Suspirou desesperada, ao ver o grupo desaparecer na escuridão da noite.

CAPÍTULO III

Assim que os cavalos partiram, Malachi levantou-se e estendeu a mão para Shannon. Ela teria ignorado a ajuda e se levantado por sua própria conta, mas ele não lhe deu chance. Logo que a pôs de pé, começou a coxear em direção à varanda.

— Aonde você vai? — perguntou Shannon, seguindo-o.

Ele pareceu não ouvi-la e continuou andando.

Malachi! — Shannon gritou. Ele parou e olhou para trás como se não a conhecesse. —

Malachi, nós temos de pegar as armas e os cavalos para segui-los. Estamos perdendo tempo. Aonde você vai, afinal?

Vou até a casa — ele afirmou com determinação. — Sinto muito. — E recomeçou a andar, com dificuldade.

Shannon alcançou-o e segurou-o pelo braço.

O quê? Você vai até a casa! Tão simples! É claro, nós temos todo o tempo do mundo! Vamos descansar um pouco! Talvez eu possa lhe servir o jantar ou, quem sabe, um drinque? Afinal, o que está acontecendo com você? Aqueles homens estão indo embora com minha irmã!

Sei disso, Shannon. Eu...

Maldito! Rebelde covarde! Meu Deus, eu daria a minha vida para que Cole estivesse em seu lugar. Ele entrou aqui sozinho e destruiu um pequeno exército. Você não deu um único tiro, seu inútil...

É isso mesmo. — Malachi deu um passo para trás, desvencilhando-se. Olhou-a por um instante e então falou, com ódio contido: — Sinto muitíssimo por Cole não estar aqui, srta. McCahy. E sinto também por não ter tido tempo de procurar no meio do feno pelo meu revólver, ou o seu, ou mesmo pelo meu sabre. Se eu tivesse minha arma, provavelmente teria conseguido matar alguns deles antes que me acertassem. Portanto, eu realmente sinto muito por não querer morrer como um tolo, apenas para atender à sua definição de coragem. E, por falar em Cole, honestamente, não tenho palavras para explicar o quanto eu gostaria de vê-lo agora. Para falar a verdade, é exatamente isso que estou tentando fazer. Aqueles homens estão partindo com sua irmã. Bem, meu irmão estava dentro daquela casa e eu...

Malachi parou de falar, esgotado. Shannon estava muito pálida e quieta. Em sua aflição por Kristin, esquecera Cole.

— Quero descobrir se Cole está vivo ou morto — disse Malachi, afastando-se.

Shannon demorou alguns segundos para reagir e, então, seguiu Malachi em silêncio. Tinha o coração apertado. Desejou que Cole tivesse partido. Mas, assim que tivesse uma única notícia dele, partiria imediatamente. Talvez Malachi permitisse que aqueles homens levassem Kristin, mas ela não.

Malachi percebeu que ela estava perto e falou sem se virar:

Vou atrás de Kristin e, se não se importar, pegarei as armas primeiro.

Logo que... encontramos Cole, providenciarei tudo o que precisarmos. Poderemos partir...

Nós não vamos partir. Eu vou partir eu — Vou com você.

Não vai.

Vou.

Não, não vai.

Shannon abriu a boca para continuar a discussão, mas nesse exato momento, a porta se abriu de repente e Delilah saiu correndo. Alta, negra e bonita, com os traços aristocráticos de uma princesa africana, Delilah era mais que uma serviçal, fazia parte da família. Gabriel McCahy havia libertado Delilah e seu marido, Samson, muito antes do início da guerra, mas nada poderia afastá-los do rancho e dos patrões a quem amavam e respeitavam.

Nesse momento, Delilah tinha o rosto transtornado pela angústia.

Shannon! — ela gritou. Abriu os braços e as duas se abraçaram aflitas. — Shannon, minha criança, tive medo que tivessem achado você. Foi tudo tão rápido... eles arrastaram Kristin daqui.

Delilah — tenso, Malachi interrompeu-a —, onde está meu irmão? O que aconteceu? Ele nunca... ele não permitiria que levassem Kristin.

Delilah sacudiu a cabeça, tentando dominar a emoção.

Não, capitão Slater, Cole Slater jamais permitiria isso. Ele...

Está morto — disse Malachi, com desespero e agonia na voz.

Não! Ele não está morto — disse Delilah prontamente.

O alívio foi tão grande que Shannon deixou-se cair no último degrau da varanda.

Onde está Cole, Delilah?

Ele partiu antes...

Quando? — Shannon perguntou, elevando a voz. — Eu não o vi partir.

Vamos entrar. Vocês estão precisando de um drinque — sugeriu Delilah.

Shannon sacudiu a cabeça e levantou-se com esforço:

Vou atrás de Kristin...

Você não vai atrás de ninguém. — Malachi foi taxativo. — Eu vou, assim que estiver pronto.

Não venha me dizer o que posso ou não fazer, Malachi Slater.

Ele aproximou-se dela, sem disfarçar a irritação.

— Shannon McCahy, você não passa de uma pequena tola, e tudo o que vai conseguir é que sejamos mortos: eu, você e sua irmã. Vou lhe dizer o que fazer, sim, e se não me ouvir vou trancá-la em seu quarto. Pensando melhor, isto não resolveria. Sendo como é, você sairia pela janela. Vou amarrá-la na cama. Estamos entendidos?

Ela não mediria forças com Malachi novamente; pelo menos não naquele momento. Mas também não estava disposta a lhe dar ouvidos. Respirou fundo e ergueu o queixo, tentando aparentar dignidade e frieza. Subiu os degraus e parou diante da porta.

— Está bem, vamos entrar. Darei a Malachi algumas das calças de Cole e tomaremos um gole de uísque. Delilah, você tem de nos contar tudo o que aconteceu. Precisamos nos apressar. Malachi precisa partir. — Sorriu ternamente para ele e viu seus olhos se estreitarem e seus lábios formarem uma curva cínica por baixo do bigode.

Não o havia convencido, mas isso não importava.

Shannon entrou na casa com fingida serenidade, indo direto para o escritório que fora de seu pai. Recentemente, começara a pensar naquele cômodo como o escritório de Cole. Esperava que um dia Mathew o assumisse.

Delilah e Malachi a seguiram. Shannon abriu o armário e tirou três copos da prateleira; encheu-os com a bebida e deu-os a Delilah e Malachi. Em seguida, tomou o lugar de seu pai, atrás da escrivaninha.

— Muito bem, Delilah, o que aconteceu?

Malachi a observava, apoiado num canto da escrivaninha.

Delilah não sentou. Esvaziou o copo de um só gole e começou a andar de um lado para o outro enquanto falava.

— Cole partiu há mais ou menos uma hora. Falou com Samson e comigo, explicando que as coisas ficariam quentes muito antes do que ele previra. Um tal de Fitz

queriavengança. Cole achava que este Fitz não queria fazer nenhum mal aos McCahy, mas sabia que o homem estava à procura dos Slater: os três. Então, apenas por segurança, Cole queria tirar Kristin e o bebê daqui, imediatamente. Ele não queria dizer nada a Kristin, até que tivesse para onde levá-la e ao pequeno Gabe, e, bem, você conhece sua irmã, Shannon: ela não o deixaria partir só. Arriscaria qualquer coisa, a própria vida e, até mesmo o filho, eu acho. Cole pretendia voltar em um ou dois dias para buscá-la. Apenas não queria colocar em risco a vida de Kristin ou do bebê.

Continue, Delilah — incitou Malachi, debruçado sobre a escrivaninha e abrindo a gaveta à procura de um charuto. Continuava observando Shannon. Não confiava na calma que demonstrava.

Providencieei alguma comida para Cole — contou Delilah. — Ele me beijou e disse que voltaria e que tudo ficaria bem. Disse também que eu não deveria me surpreender se o visse aqui em breve, capitão Malachi, e que seu irmão Jamie deveria estar a caminho também. Deixou uma carta para Kristin, que entreguei imediatamente. Ela adivinhou que ele havia partido. Rasgou o envelope e leu a carta rapidamente. Então, deixou-a cair e ficou sentada, olhando para mim, pálida como um lençol. Depois de alguns instantes, começou a chorar. Falou que queria ter ido junto; que lamentava o desespero de Cole. E continuou chorando. Eu disse que Cole voltaria para buscá-la, assim que encontrasse um lugar...

Shannon balançou a cabeça. Então estivera certa. Cole havia partido muito antes. Do contrário, teria ouvido Malachi nos estábulos; teria ouvido os tiros e corrido em seu socorro. Mas isso não importava mais.

Delilah fez uma pausa, suspirando, o olhar perdido.

E então, ouvimos o bando chegar.

E os vermelhos levaram Kristin...

Eles entraram como um furacão, mas Kristin estava muito satisfeita em poder dizer-lhes que chegaram tarde, que Cole havia partido há muito. Então, aquele brutamonte encostou a faca no pescoço de Kristin e ameaçou-a com tanta força, que chegou a feri-la. Graças a Deus, parece que ele não sabia sobre o bebê.

— O bebê! — Shannon e Malachi gritaram em uníssono, pulando de seus lugares.

Delilah sorriu. Se havia algum ponto em comum entre Shannon e Malachi era o afeto pelo sobrinho, Gabriel. Ambos o adoravam. A preocupação estampava-se em seus rostos.

— Gabe está bem. Está lá em cima, dormindo com meu filho, no meu quarto. Adormeceram juntos na cama, e eu os deixei lá. Não acredito que esses homens sequer saibam de sua existência. — Olhou diretamente para Shannon. — Mas sabem de você, mocinha. Iam procurá-la, mas o barbudo disse que tinham pressa e que Kristin lhes bastava.

Shannon suspirou profundamente, olhando as próprias mãos. Tivera sorte. Se não estivesse nos estábulos com Malachi, teria sido levada também. Ou então, estaria morta, porque teria tentado resistir e lutar contra eles. Poderia ter acertado alguns, mas eram muitos. Vermelhos...

Shannon ficou em pé num pulo, olhando para Malachi, mais horrorizada ainda.

Vermelhos! Você disse que eram vermelhos!

Malachi deu de ombros.

As unidades vermelhas fazem parte do Exército, Agora, Shannon. Lane e Jannison foram desligados do comando há muito tempo.

Estas palavras não a acalmaram. Aprendera a odiar os sulistas, mas sempre tivera suficiente bom senso para desprezar alguns grupos de nortistas que matavam, roubavam e violentavam com tanta crueldade quanto os sulistas.

Os vermelhos, como se chamavam os que compunham uma dessas perigosas facções nortistas, eram famosos por sua brutalidade. Shannon vira os uniformes dos homens em frente à casa, mas na escuridão não os reconheceu. Malachi, porém, logo identificara os inimigos. Tinha boas razões para isso: uma unidade vermelha havia assassinado sua cunhada, a primeira esposa de Cole.

— Nós temos de trazer Kristin de volta — disse Shannon.

-Eu. a trarei de volta — prometeu Malachi, levantando-se.

Malachi...

Shannon, eu já disse que você não pode ir.

Eu atiro bem, você sabe.

E entra em pânico com muita facilidade também. Saiu correndo em direção a um bando de homens armados, de boca aberta e mãos vazias. Shannon, a única maneira de tirar Kristin das mãos daqueles infelizes é agindo sorrateiramente no acampamento deles. Não posso entrar lá de armas em punho. Eles a matarão, se eu tentar.

Malachi, por favor, deixe-me...

Não.

Você nem sabe o que vou dizer!

— Shannon, escute: fique aqui. Cuide de Gabe. Espere, pois talvez Cole volte, ou tente fazer contato por seu intermediário; ou talvez Mathew volte. Quem sabe, Mathew possa ter alguma influência sobre essa gente. Ele lutou bravamente e por muito tempo no exército ianque. Se tiver acesso às pessoas certas, poderá tirar Kristin de lá sem violência.

Shannon mordeu o lábio, nervosa.

— Enquanto isso, eles podem matar, torturar, estuprar ou mutilar minha irmã.

Malachi suspirou, de mãos na cintura, e bufou.

— Shannon, você não pode ir comigo.

Ela baixou a cabeça, desanimada. Estava fazendo tudo errado. Conhecia Malachi: era de uma teimosia que não conhecia limites. Ele não mudaria de ideia e era tolice levar adiante a discussão. Deveria deixá-lo partir e, então, segui-lo sem ser notada. E, se ele não conseguisse tirar Kristin do acampamento dos vermelhos, ela mesma o faria.

Bem — disse Shannon —, deixe-me separar algumas calças de Cole para você.

Não se incomode, eu sei onde fica o quarto. — Malachi já ia deixando o escritório, quando Delilah o chamou.

Capitão, o senhor deveria comer alguma coisa, antes de partir. Lave-se e troque de roupa; enquanto isso providenciarei o jantar e provisões para a viagem.

Obrigado, Delilah.

Ele tem de se apressar, Delilah — disse Shannon, com delicadeza.

Os olhos de Malachi procuravam os dela, e então sorriu.

Acho que tenho tempo para fazer um lanche, não?

É claro. Nós não deixaríamos você partir de estômago vazio.

Certamente que não.

Como ele continuasse a observá-la, Shannon manteve o sorriso nos lábios.

Vá, então, Malachi. Ajudarei Delilah com o jantar.

Está bem. Obrigado. — Malachi acenou com um loque na aba do chapéu, que lhe caiu sobre os olhos, fazendo Shannon imaginar, mais uma vez, o que ele estaria pensando.

Assim que ele se retirou, Delilah levantou-se. Olhou Shannon com atenção e perguntou, deconfiada: — O que tem em mente, mocinha? Nada com que você precise se preocupar, Delilah. — Oh, mas eu estou preocupada, muito preocupada. Vamos providenciar algo para comer — Shannon apressou-se a desconversar.

-Há bastante comida na cozinha: rosbife frio, batatas frias enabos fritos. São sobras do almoço, mas acho que será suficiente. Vou arrumar a mesa. Embrulhe alguma coisa para o capitão Malachi levar.

Ao passarem pela escada, Shannon parou olhando para cima. Malachi estava se trocando. Depois se apressaria para partir. Ela teria de sair em seguida. Levaria uma calça, uma camisa e um chapéu para se trocar no caminho.

Shannon? — Delilah a observava da porta da cozinha. — Você não vem?

Estou indo, Delilah. — E rapidamente entrou na cozinha. — A carne defumada está na despensa?

Sim, está — disse Delilah, enquanto fatiava o rosbife no balcão e observava Shannon de soslaio.

Shannon ignorou-a. Pegou duas toalhas limpas no armário, encontrou a carne e tratou de acondicioná-la. Delilah havia assado pão naquela manhã e, assim, Shannon reservou também alguns filões frescos. Logo que terminou sua tarefa, virou-se e deu com Delilah encostada no batente da porta.

-O que você está fazendo?

-Separando comida.

-Estou vendo. Você está fazendo dois pacotes.

-Malachi tem um apetite enorme.

-Hum... E você vai dar os dois a ele, certo?

-Delilah... — Shannon suspirou.

-Não tente me enganar, Shannon. Você vem fazendo isso desde que pôde alcançar os meus joelhos. Você cresceu, Shannon, mas eu sei perfeitamente o que pretende fazer.

-Delilah, tenho de ir atrás de Kristin...

-Malachi vai.

-E se ele falhar?

-Acha que poderá ajudar Kristin, se eles capturarem você também?

—Delilah...

Delilah abriu os braços num gesto de impotência.

-Shannon McCahy, eu não posso detê-la. Você agora é uma mulher.

-Obrigada, Delilah.

De qualquer forma — Delilah deu de ombros, eu não preciso detê-la.

Como assim?

Não preciso fazer nada a esse respeito, porque Malachi vai detê-la.

Não se atreva a dizer a ele...

Prometo não dizer nada, mas garanto que não fará a menor diferença.

Sem esperar pela resposta, Delilah virou-se e foi ocupar-se com o prato de Malachi.

Shannon fez uma careta e Delilah falou, como se a tivesse visto:

—Você tem feno nos cabelos, Shannon McCahy. E

no decote também, minha cara. Creio que gostaria de

dar um jeito nisso antes do jantar.

Instintivamente, Shannon levou a mão aos cabelos e tirou, com efeito, um punhado de feno dali.

—Pensei que você não gostasse muito do capitão Malachi — Delilah comentou casualmente.

Shannon tirou outro punhado de feno do corpete e caminhou para a porta.

-E não gosto, Delilah. Não mesmo.

-Hum...

Shannon não precisava se justificar com Delilah nem com ninguém. Mas, então, por que fazia isso?

—Nós tivemos um encontro acidental nos estábulos, e isso é tudo, Delilah. Você está certa: eu não gosto do capitão Slater.

Erguendo o queixo, voou para fora da cozinha, mas parou, mordendo o lábio ao ouvir a gargalhada de Delilah. Sacudiu a cabeça e afastou-se da porta. Tinha de se apressar.

Subiu correndo para seu quarto. Tirando os alforjes de couro que guardava debaixo da cama, encheu parte deles com roupas de baixo limpas, uma camisa e calças de algodão grosso. Poupou espaço para a comida e a munição, que pegaria antes de partir, e escondeu novamente as sacolas debaixo da cama.

Às pressas, lavou o rosto e as mãos, percebendo que tremia. Ao tentar refazer o penteado, descobriu que ainda tinha feno nos cabelos e escovou-os vigorosamente, prendendo-os na nuca.

Uma vez pronta, parou diante do espelho, avaliando a própria expressão. Queria parecer serena e submissa, mas as maçãs do rosto afogueadas e o brilho dos olhos traíam suas intenções e o conseqüente sentimento de culpa.

— Não tenho culpa de nada — disse em voz alta. — Eles levaram minha irmã...

A este pensamento, recuperou a sobriedade. Onde estaria Kristin agora? Teriam parado para um descanso? Com certeza, dirigiam-se para o Kansas. E com certeza manteriam Kristin viva, até pegarem Cole. Mas ele não . era tolo; quando soubesse que haviam levado sua esposa, tomaria cuidado.

Shannon viu seus olhos no espelho, grandes e embaçados pelas lágrimas. Piscou e retesou-se. Precisava reunir forças; não poderia ficar sentada, esperando as coisas acontecerem; tinha de fazer alguma coisa por Kristin. Finalmente, conseguiu o que queria: uma jovem, porém amadurecida, de rosto sereno, e com delicadas médias de cabelo loiro emoldurando as faces, refletia-se no espelho. Uma jovem tranqüila; suave e feminina, sem punhados de feno no corpete do elegante vestido de noite. Estava pronta.

Começou a correr escada abaixo, quando se deu conta de que Malachi a esperava no

patamar. Diminuiu o passo, deixando as pálpebras descenderem sobre os olhos, enquanto tentava observá-lo veladamente. Ele exibia o sorriso pretensioso de quem acha que detém a sabedoria.

— Srta. McCahy, estava esperando para saber se me faria companhia no jantar. Estamos prontos e sozinhos, ao que parece. Delilah saiu para esperar por Samson.

Shannon passou por ele, demonstrando calma.

— E claro, Malachi.

Ele a seguiu à sala de jantar e puxou a cadeira para ela. Delilah já havia posto os pratos na mesa. Depois de empurrar a cadeira quando Shannon sentou, Malachi continuou de pé atrás dela. Ela desejou que ele sentasse, mas ele permaneceu ali, enquanto servia o vinho.

— O que é um jantar sem um bom vinho tinto? —
ele comentou, inclinando-se. Então Shannon viu suas belas feições tornarem-se tensas. — Há muito que não tomo um bom vinho.

Shannon desviou os olhos, sentindo que invadia alguma emoção íntima. De repente, ele pareceu distante, mergulhado em lembranças. Mas logo se recompôs. Serviu o próprio copo e sentou-se em frente a Shannon; saboreou o vinho e elogiou o fino buquê, cortando uma fatia de rosbife, que comeu com apetite. Ao repetir a porção, comentou:

— Você não está comendo.

— E você está comendo muito devagar.

Ele levantou os olhos, espantado, e sorriu.

— Shannon, eu vou alcançá-los. Provavelmente terei de segui-los por vários dias para descobrir seus hábitos e a melhor maneira de me infiltrar entre eles. Não me negue o prazer de uma refeição quente. Há muito tempo que nem sei o que é isto.

Shannon sentiu uma pontada de culpa. Sabia que os soldados rebeldes haviam sido forçados a se alimentar muito mal no final da guerra: biscoitos mofados e qualquer coisa que conseguissem tirar da terra serviam para aplacar a fome. Ela ergueu o copo para ele.

— Saúde!

Malachi parou de mastigar e ergueu também o seu copo, sentindo-se repentinamente hipnotizado pela mulher à sua frente.

A guerra fora longa e Shannon havia amadurecido ao longo desse período doloroso. E, sob a luz suave do candeeiro, ela encarnava de repente a gloriosa imagem do seu sonho. Os lábios macios, as faces rosadas, os olhos azuis como cristal, meigos e convidativos. Mechas douradas escapavam-lhe do arranjo, descendo em caracóis pela nuca clara e delicada, e ao longo do pescoço esguio, para pousarem levemente nos ombros. Parte dos seios insinuava-se no decote do vestido elegante. Uma mulher intrigante, mistura de sabedoria e inocência, com seu sorriso jovial e olhos carregados de experiência.

Malachi bebeu um gole de vinho. Shannon ainda sorria. A espertinha estava planejando alguma coisa... Planejava segui-lo.

Malachi ergueu o copo num brinde.

A você, Shannon.

Oh! Muito obrigada, senhor.

Atento ao charme e à graça deliberados de Shannon, Malachi soube o que ela lhe prometia: problemas.

Não há de quê — disse ele, dirigindo-lhe um olhar intenso. Reprimindo o riso, pousou a

mão sobre a dela, que arregalou os olhos, assustada.

Já lhe agradei por ter cuidado de minha perna?

Foi um prazer.

Tenho certeza de que sim.

O que ele pretendia com aquela súbita amabilidade? De qualquer maneira, Shannon decidiu evitar discussões, que só atrapalhariam seus planos.

Ela sorveu o vinho, imaginando como Malachi conseguia manter-se tão atraente, mesmo depois de um longo período de experiências terríveis. Os cabelos, ainda úmidos, emolduravam o rosto limpo, de barba e bigode impecavelmente aparados. Vestia uma calça cinzenta de Cole e uma camisa de algodão, que se abria num "V" abaixo do pescoço, deixando à mostra o peito bronzeado e a profusão de pêlos avermelhados. Era um homem másculo e perturbava os seus sentidos de uma forma como havia muito tempo não acontecia. Aliás, desde que Robert morrera, sua sensualidade parecia ter morrido também. Quando noiva, havia acalentado muitos sonhos, sonhos que se desfizeram no ar. Agora, mal podia se lembrar dos beijos de Robert, ou da excitação que provocavam nela, ou mesmo da bela camisola de cetim e renda que Kristin lhe dera. Kristin rira com malícia, assegurando-lhe de que seria a camisola perfeita para a noite de núpcias.

Shannon a rasgou num acesso de raiva quando Robert morreu. Então, deixou de ficar acordada à noite imaginando o que acontecia entre um homem e uma mulher. O calor excitante que se agitava em seu íntimo havia morrido.

Pelo menos, ela pensava que sim.

Mas, com a mão de Malachi pousada tão levemente sobre a sua, os olhos brilhando tão perto dos seus, o joelho tocando-a de leve, sentia-se subitamente consciente de sua sexualidade.

Cheia de culpa, retirou a mão, num gesto repentino, quase derrubando o copo de vinho.

Ele levantou uma sobrancelha e, irônico, perguntou:

Algo errado, querida?

Não sou sua querida.

Desculpe. Há algo de errado, srta. McCahy? Errado? Era absurdo estar sentindo aquelas emoções

na noite em que Kristin havia sido raptada!

Kristin, penso em Kristin, Shannon censurou-se. Era por isso que estava ali, tentando ser agradável.

Não — Shannon respondeu depressa. — Não há nada errado. Estou apenas cansada, quero dizer, foi um dia longo. Não, não, nada está errado... O que estou dizendo? Está tudo errado!

Hei! — Malachi debruçou-se sobre a mesa, segurando o queixo de Shannon. Ele também estava abalado com aquela inesperada intimidade, constatou. E não se afastou quando ele a abraçou nem quando procurou seus olhos.

Eu a encontrarei, Shannon. Eu a encontrei. Eles... Eles não vão machucá-la... São vermelhos...

Não vão machucá-la: Fitz a quer viva. Por que você acha que eles a levaram?

Porque querem Cole.

Certo. Portanto, não farão mal a ela, do contrário, não a terão para usar contra meu

irmão. Vai dar tudo certo.

Shannon concordou. Ele a soltou, mas continuou olhando-a nos olhos, como se procurasse alguma coisa. Com esforço, voltou a atenção ao jantar.

A comida está boa? — perguntou Shannon, para disfarçar as emoções contraditórias.

-Deliciosa!

Espero que sim. Mais vinho?

Obrigado, srta. McCahy.

É um prazer.

Malachi recostou-se saboreando o vinho. Ao levantar o copo, mantinha a expressão pensativa.

Não, o prazer é meu, srta. McCahy. — Então, suspirando, terminou o vinho, colocou o copo na mesa e levantou-se. Shannon pulou da cadeira.

Vai partir agora?

Já.

Espere. Vou pegar sua comida, o casaco e a jaqueta da cavalaria. — Fez uma pausa. — Não deveria ir para o Kansas usando aquela jaqueta. Quer outra?

Por quê? Você não soube, srta. McCahy? A guerra acabou. Ou assim dizem.

Ou assim dizem...

Malachi tocou-lhe o rosto de leve, e ela virou-se depressa, dizendo:

Vou pegar a comida.

Obrigado — ele respondeu devagar, mas, quando ela começou a se dirigir para a cozinha, puxou-a pela mão.

Havia colocado o chapéu, e o casaco estava jogado no ombro. Os olhos brilhavam.

— Foi um excelente jantar, srta. McCahy. E a companhia, maravilhosa. Apreciei isto. Aconteça o que acontecer, quero que saiba que foi bom.

Era uma declaração surpreendente, em se tratando de Malachi. Shannon acenou com a cabeça, nervosa, e afastou-se.

Eu... eu vou pegar a comida.

Encontro você lá fora. Quero dar um último beijo em Gabe e despedir-me de Delilah.

Está bem.

Shannon voou para a cozinha, pegando apressadamente o pacote de comida e acrescentando a ele uma garrafa do velho uísque irlandês que fora de seu pai. Então saiu e esperou aflita.

Logo, Malachi passou por ela, avisando:

— Vou buscar minha égua.

Ela observou-o caminhar para os estábulos: uma figura alta, com o sobretudo pendendo-lhe dos ombros e o chapéu de abas largas. Então, desapareceu na escuridão.

Momentos depois, tornava: um cavaleiro imponente, galopando diretamente para ela. Parou diante da varanda, esperando-a aproximar-se com o pacote de comida e a garrafa.

— Sua perna está bem? — perguntou, tomada de remorsos. Não permitira que ele descansasse, ignorando seu ferimento. Por sorte, ele parecia recuperar-se bem.

Mas deveria ter descansado pelo menos um pouco.

— A perna vai bem, obrigado. — Colocou a comida

no alforje. A égua resfolegou, impaciente para partir.

Shannon deu um passo para trás. Malachi acenou para ela, apertando as rédeas.

Cuide de Gabe. Estarei de volta com Kristin, o mais rápido possível. Espero que Cole saiba o que aconteceu e volte, mas não podemos contar com isso. Fique preparada. Teremos de levar Kristin para algum lugar e escondê-la.

-Estarei preparada.

— Aposto que sim. Adeus.

Shannon acenou e Malachi respondeu ao gesto, girando a égua e partindo na escuridão.

Shannon mal pôde se conter. No momento em que Malachi sumiu de vista, entrou em casa correndo e subiu as escadas. Não parou para mudar de roupa, apenas para puxar os alforjes de sob a cama, e, então, voou de volta pela escada e foi para a cozinha.

Delilah estava lá. Shannon a ignorou enquanto pegava seu pacote de comida, depois correu para ela e abraçou-a.

Cuide de Gabe, Delilah.

Shannon, Shannon, você não deveria ir! Pensei que ele fosse descobrir e a impediria...

Ninguém pode me impedir, Delilah. Por favor, prometa que vai cuidar bem de Gabe.

Nem precisa me pedir isso.

Sim, eu sei. Oh, Delilah, você e Samsóí foram mandados por Deus. Não sei o que seria de nós, sem vocês.

Você não está em condições de partir...

— Delilah, ela é minha irmã. Tenho de salvá-la!

Shannon deu um beijo apressado em Delilah, e saiu.

Parou no hall de entrada para pegar o segundo Colt da parede e encher a sacola de munição.

— Shannon, tenha cuidado. Não vá meter-se em encrencas.

Shannon concordou com um gesto, escancarou a porta e caiu diretamente nos braços de Malachi. — Malachi!

— Shannon!

Ele a pôs de pé, tirou os alforjes de suas mãos e sorriu o seu melhor sorriso,

Vai a algum lugar esta noite, srta. McCahy?

Vou!

Shannon tentou reaver as sacolas. O sorriso desapareceu do rosto de Malachi, que jogou o fardo no chão. — Malachi Slater...

Você não vai a lugar algum, Shannon.

Vá para o inferno!

Sinto muito, srta. McCahy, mas não posso permitir que se mate.

Malachi! — gritou Shannon, em tom ameaçador. Ignorando-a, ele deu um passo à frente, pegou-a pela cintura e a jogou no ombro.

Ponha-me no chão, rebelde maldito! — ordenou Shannon, mas Malachi apenas continuou andando enquanto ela batia em suas costas. — Malachi Slater, você...

Cale-se, Shannon.

Maldito!

A mão dele pousava firme em suas nádegas.

— Esta é uma posição deleitável. — Ele riu, enquanto subia as escadas.

Shannon explodiu numa torrente de palavrões, batendo selvagememente nos ombros dele.

A despeito da luta desesperada de Shannon, chegaram rapidamente ao segundo andar e ao quarto dela. Malachi abriu a porta e atirou-a na cama. As roupas de Shannon espalharam-se ao seu redor, e seu primeiro impulso foi cobrir as pernas expostas.

Calma, Shannon — murmurou Malachi.

Calma! — Ela ficou de joelhos, encarando-o. Ele arqueou uma sobrancelha, mas não se mexeu, como se estivesse apenas esperando seu próximo movimento.

Shannon sorriu e afundou nos travesseiros, instalando-se confortavelmente, de braços cruzados sobre o peito.

Vá em frente. Tranque-me aqui.

É o que pretendo fazer.

Não está se esquecendo de nada? — provocou-o. — Você é muito tolo. No momento em que virar as costas, sairei pela janela. Seria mais sensato se me deix... O que está fazendo?

Shannon sentou-se, tensa, quando ele começou a revirar as gavetas.

— Malachi? — Escorregou para fora da cama, indo — Você não pode simplesmente me deixar aqui amarrada! — gritou Shannon, atônita ao ver que a porta se fechava atrás de Malachi. Mordeu, o lábio e disse em voz alta: — Eu vou acabar morrendo!

Ouviu a gargalhada de Malachi e o ruído da chave girando na fechadura.

Delilah subirá em algumas horas. Não vai morrer, Shannon. Isso aconteceria se fosse comigo. Delilah não vai soltá-la enquanto eu estiver por perto, portanto, comporte-se.

Malachi! — Tarde demais; Shannon podia ouvi-lo descendo as escadas. Com um grito de pura exasperação, puxou os punhos com força, tentando soltá-los, bateu várias vezes com a cabeça no travesseiro e começou a chorar.

Como podia ter sido tão estúpida?

Respirou fundo, tentando recuperar o controle. Olhou para o punho esquerdo e tentou libertá-lo, porém Malachi fizera o nó com muita habilidade. As tiras não machucavam, mas pareciam impossíveis de serem desfeitas.

Deixou-se cair irritada.

Tinha de haver um meio de sair dali.

Olhou fixamente para o teto por longos minutos. O melhor que pôde pensar foi um golpe muito sujo, mas precisava tentar.

Decidiu esperar. Desta vez, queria certificar-se de que Malachi estava longe. Esperou o tempo que achou necessário e então soltou um grito longo, agudo, acrescentando uma nota de puro terror.

Em poucos segundos, Delilah irrompeu pelo quarto, assustada. — Shannon, o que foi?

— Há alguém aí! Na janela! Oh, Delilah, há alguém lá fora.

Shannon evitou os olhos de Delilah e se perguntou se Deus algum dia a perdoaria pela aflição que estava causando à pobre mulher. Então lembrou-se de que a maioria dos homens e mulheres que sobreviveram à guerra carregavam alguns pecados em suas consciências; Deus teria apenas de classificá-los. Mas Ele compreenderia que precisava

procurar a irmã. Custasse o que custasse.

Alguém lá fora? — Delilah sussurrou.

Solte-me antes que ele entre na casa! — Shannon instigou-a, quase aos cochichos. Isso depois de gritar desesperada. Pobre Delilah. Estava tão apavorada que não percebia o absurdo da situação.

A mulher correu para a cama e começou a trabalhar na tira que prendia o punho esquerdo de Shannon.

— Meu Deus, criança, o capitão sabe mesmo como dar um nó!

— Pegue uma faca. Há um pequeno abridor de cartas na primeira gaveta. É bem afiado.

Delilah obedeceu e imediatamente pôs-se a cortar a meia. — Sim, ele sabe atar um nó!

— murmurou Delilah. — Eu sei — Shannon concordou com frieza. Então, olhou para cima e seus olhos encontraram os de Delilah, que saltou para trás, deixando cair o abridor de cartas e apontando o dedo para Shannon.

- Ora, seu demoniozinho! Tudo isso não passou de um ardil!

Delilah havia quase desatado o nó. Shannon deu um puxão, arrebatando as fibras restantes. O abridor de cartas estava ao seu alcance, caído sobre a cama. Ela o agarrou antes que Delilah pudesse fazê-lo e, depressa, libertou o outro punho.

Estava livre.

-Shannon McCahy...

-Eu te amo, Delilah. — Shannon abraçou-a carinhosamente. — Cuide de Gabe.

-Shannon, não se deixe matar! Sua morte pesará na minha consciência! Oh, Deus, seu pobre pai deve estar se revirando no túmulo!

-Papai compreenderia. — Apressada Shannon, saiu do quarto. Perdera muito tempo. Malachi cavalgaria a toda velocidade, durante a noite. Não seria fácil alcançá-lo. Não que quisesse encontrar-se com ele; só queria poder segui-lo de perto.

Correu pelas escadas. Delilah havia trazido seus alforjes para o hall de entrada. Shannon verificou se estava tudo ali, pegou fósforos na gaveta e jogou-os na sacola.

-Volte logo — disse Delilah.

-Se Mathew chegar, conte a ele o que aconteceu. Talvez ele possa fazer alguma coisa, se falharmos.

-Shannon...

— Não vamos falhar — tranquilizou-a, ao sair.

Ao entrar nos estábulos, foi tomada de uma sensação

estranha. Reviu as cenas de horas antes, quando havia encontrado Malachi. Depois do susto e da discussão, ela o vira como homem... um homem forte e bonito, corajoso e atraente, que fazia o sangue correr mais rápido em suas veias, que tocava sua sensibilidade, sua sensualidade. E desejava voltar a ficar em seus braços.

Deus, não! Cobriu o rosto com as mãos, envergonhada. Não estava apaixonada por Malachi Slater. Nem sequer simpatizava com ele. Odiava-o fazia anos.

Mas não foi esse pensamento que mais a perturbou: foi a sensação de deslealdade. Já estivera profundamente apaixonada, tão apaixonada que, quando ouvira sobre a morte de Robert, quisera morrer também. Não mais se importara com a guerra, com ninguém.

E agora, seu rosto ardia com a simples lembrança de que ele a havia tocado.

— Com raiva — murmurou Shannon.

Mas também com ternura. E desejo. Enquanto jantavam, a tensão entre eles pairava no ar, quase palpável.

Soltou um leve gemido de desagrado. Ele era rebelde, e o homem que a havia humilhado inúmeras vezes. Jamais perdoaria uma coisa ou outra. De qualquer forma, precisava dele essa noite e iria encontrá-lo.

Num rápido exame, avaliou os cavalos. Decidiu não , levar Arabeque, sua própria égua, pois o animal, de um cinzento mosqueado, resplandecia ao luar. Acariciou o focinho da égua:

— Não desta vez, querida. Preciso de alguém escuro como a noite e rápido como uma bala. Hum...

Tinha de decidir logo.

Sem perder mais tempo, escolheu Chapperel, um animal veloz e bonito, mestiço de árabe e corredor, de mais de um metro e setenta de altura, capaz de correr como um relâmpago. E negro como azeviche.

— Vamos, garoto. Vamos dar um passeio — disse Shannon ao animal, enquanto o selava e punha-lhe as rédeas, para depois levá-lo para fora do estábulo.

Olhou para o céu. A lua era apenas um traço curvo, mas as estrelas brilhavam claras. Ainda assim, a trilha estaria escura e seria quase impossível seguir a pista de Malachi.

Mas talvez não fosse tão difícil seguir o rastro dos vinte cavalos que ele perseguia. Eles haviam rumado para oeste; isso, ao menos, ela sabia com certeza. Calculou que evitariam as estradas principais.

A facção vermelha que raptara Kristin podia ou não fazer parte do Exército da União. Não, com certeza eram bandidos. Nenhum comandante em seu juízo perfeito aprovaria o rapto de jovens mulheres.

E bandidos não tomariam as estradas principais. Rumariam para o oeste por estradas secundárias, e ela faria o mesmo.

Quanto tempo de vantagem teria Malachi sobre ela?

No máximo uma hora.

Shannon esporeou o cavalo, que saiu num trote suave e rápido. Segundos depois, galopava. O vento da noite era refrescante e Shannon inspirou fundo o ar com cheiro de terra. A escuridão era quase total quando alcançou a colina.

Chegou o momento de decidir o rumo. Shannon ignorou a estrada principal, onde carroças dirigiam-se para oeste e, nos últimos anos, exércitos marchavam com seus canhões e carros de munições. Havia uma trilha menor, acidentada e sinuosa, quase impossível de ver, que saía por entre as árvores. Dirigiu-se para lá, desmontou e agachou-se, pegando um punhado de terra. Distinguiu marcas de cascos por toda parte. Ao levantar-se, esbarrou num galho quebrado recentemente. Era essa a trilha que seguiria.

Malachi conhecia o Missouri como a palma da mão. Conhecia as cidades, o território indígena, as fazendas e os ranchos. Podia atravessar o Kentucky e o Arkansas, e até mesmo parte do Texas, de olhos fechados. Mas aqueles homens se dirigiam para o oeste do Kansas. Em uma hora estariam na fronteira. E ele era um ex-capitão da cavalaria dos

confederados, ainda usando a jaqueta do uniforme. Não devia tê-la trazido. Devia ter aceitado a oferta de Shannon e vestido uma jaqueta civil, mas de qualquer forma abominava a idéia e separar-se do uniforme. Usava-o fazia anos! Cavalgara com muitos homens bons, e vira muitos deles morrerem no auge da vida. Não podia esquecer a guerra. Terminara, era o que diziam. Abraham Lincoln dissera que deveriam curar as feridas. "Sem malevolência para ninguém, com justiça para todos."

Mas, então, o velho Abe fora morto também e, num piscar de olhos, o Sul começara a perceber o que viria: fora derrotado, devastado. Oportunistas do Norte e vigaristas ordinários infestavam mansões e ranchos, e vendedores de bebidas trapaceiros incitavam os ex-escravos a empreender um novo tipo de guerra contra seus antigos donos. Lares e fazendas eram confiscados; homens, mulheres e crianças sofriam com a fome na maior parte do Sul desolado.

Não...

Ele não entraria no Kansas usando um uniforme confederado. Mas era muito difícil tirá-lo, pois não lhe restava muita coisa: apenas o orgulho.

Malachi lutara na cavalaria regular. Fora devotado e brilhante. Havia, com frequência, enfrentado condições quase insuportáveis. Tinha o direito de sentir orgulho, mesmo na derrota.

E talvez, mesmo no Kansas, ele pudesse cavalgar livremente em seu uniforme, se não fosse Malachi Slater. Se não existissem cartazes apontando-o como criminoso. Mas, se deixasse agarrar por causa de seu orgulho, não faria qualquer bem a Kristin; provavelmente, seria enforcado, e seu orgulho seria definitivamente inútil.

No dia seguinte, arranjaria roupas em algum lugar. Seria bem melhor viajar como um simples rancheiro. Talvez, como um ex-rebelde.

De qualquer forma, não pretendia permanecer por muito tempo no Kansas. Encontraria Kristin e partiria. Haveria muitos lugares no Missouri onde poderiam esconder-se até encontrarem Cole e Jamie, e decidirem o que fazer.

De repente, teriam de deixar o país e emigrar para o México ou para a Europa. Esse pensamento o enfureceu. Era uma tremenda injustiça, mas ninguém daria a qualquer dos irmãos Slater uma chance de explicar-se. Aquele maldito Fitz os havia difamado e, porque eram rebeldes do Sul, não fora difícil manipular a opinião pública.

Malachi parou de repente. Num ponto bem distante à frente, pôde distinguir o leve brilho de uma fogueira: os vermelhos haviam parado para descansar durante a noite.

Pôs-se em marcha novamente. Vinha cavalgando sem descanso fazia horas, e já era quase meia-noite, mas eles ainda tinham boa vantagem sobre ele. Cuidadosamente, Malachi diminuiu a vantagem.

Quando ainda se encontrava a alguma distância da fogueira, desmontou e continuou o percurso a pé.

Os vermelhos haviam parado num grande bosque, ao lado de um riacho. Acercando-se por trás, por entre árvores, Malachi achou um local bastante próximo, protegido por uma grande rocha, onde se instalou para observar.

Havia, como calculara desde o início, no mínimo vinte homens. Estavam ocupados, cozinhando feijão e assando duas lebres em espetos separados. Alguns encontravam-se deitados, recostados em seus alforjes, mas um bom número deles mantinha guarda.

Três homens tomavam conta dos cavalos, amarrados à esquerda do acampamento. Olhando através da clareira, Malachi pôde ver dois junto às árvores. Estavam armados com os novos rifles de repetição Spencer. Não seriam presas fáceis.

Continuando sua observação, constatou o pior: Kris-tin estava amarrada a uma árvore próxima ao córrego. Os cabelos caíam-lhe sobre os ombros, a pele estava pálida, e os olhos, fechados. Estava exausta e desolada... E vigiada por dois homens.

De repente, a situação se alterou. O homem alto e corpulento que havia levado Kristin no rancho caminhou em direção a ela e curvou-se. Kristin abriu os olhos e o encarou com ódio. O homem riu alto.

Doçura, eu só achei que você poderia estar com fome.

Faminta pelos seus agrados, hein, Urso? — gritou um loiro magro, alto e sujo, levantando-se e andando lentamente até Kristin. — Ah, doçura, por que não vem jantar comigo? Roger Holstein, a seu dispor, madame...

Kristin cuspiu em seu rosto e um furor de gargalhadas tomou conta do acampamento; o rosto do jovem crispou-se. Avançou para ela, mas o homem o quem chamara de Urso o puxou de volta.

Fique longe dela.

Por quê? Nós nem deveríamos trazê-la. Deveríamos encontrar Cole Slater. Portanto, diga-me por que não posso ficar com ela?

Um outro homem levantou-se.

E por que ficaria com ela, Holstein? Qual o problema com os outros homens?

Ninguém vai tocá-la, e é assim que eu digo que vai ser! — berrou Urso, e Malachi apoiou-se na rocha, aliviado. Urso deu um passo em direção a Holstein, com o punho erguido.

Agora ouça, e ouça direitinho: a mulher é minha; eu a peguei e ainda sou a lei nesta unidade...

Para o inferno com isso! — Roger Holstein praguejou. — Isto não é mais uma unidade. A guerra acabou.

Somos uma unidade porque pertencemos a Fitz, desde o início. E eu estava lá no dia em que Cole Slater matou Henry e metade de uma tropa. Ele não é um tolo qualquer. Se souber que você abusou dela, seu monte de lixo, ele não terá pressa: virá atrás de nós com muito cuidado. E não virá sozinho: trará os dois irmãos, que são capazes de acertar o olho de um beija-flor além da fronteira, com seu Colt. — Urso hesitou, olhando para Kristin. — Ninguém vai machucá-la.

Ora, Urso, eu não ia machucá-la — reclamou Roger. — Ia apenas proporcionar-lhe alguns momentos de diversão!

Não a toque. Fitz vai decidir o que fazer com ela. Na minha opinião, mantê-la casta e ilesa será muito útil numa barganha.

Por um momento, Malachi pensou que iam iniciar uma luta. Rezou para que não o fizessem, pois não conseguiu tirar Kristin dali, se isso ocorresse.

Achou que suas preces não seriam atendidas, pois havia uma forte tensão entre eles. Que continuou crescendo até que todos os homens silenciaram e o único som audível era o crepitar do fogo.

Então, Roger Hoístein recuou.

Faça como quiser, Urso. Veremos. Quando a entregarmos a Fitz, nós veremos.

Exatamente — concordou Urso.

Malachi olhou para Kristin, que voltava a fechar os olhos. Estava quieta, e provavelmente grata ao ver que a situação tinha se acalmado.

Por sorte, era Kristin e não Shannon quem estava lá. Shannon jamais ficaria calada. A essa altura estaria esbravejando, lutando, mordendo, chutando e criando um completo desastre.

Malachi recostou-se na rocha, suspirando longamente. Imaginou o que o fizera pensar em Shannon.

Toda a maldita noite fora preenchida por lembranças de Shannon. Mas a garota indomável estava a salvo. Delilah deveria soltá-la mais ou menos a essa hora e Shannon reconheceria a impossibilidade de seguir sua trilha.

Graças a Deus por não ser Shannon? Malachi questionou-se. Se fosse Shannon, não estaria ali agora. Não estaria cavalgando furtivamente pelo Kansas em seu uniforme confederado. Estaria a caminho do Sul. Se Shannon fosse raptada, ele sentiria pena dos vermelhos.

Não, definitivamente ela não fora uma Girce, essa noite. Fora briguenta, teimosa, obstinada e...

Linda.

Como a mulher de seu sonho, a doce visão que o tirara da beira da morte. Era linda, talvez ainda mais bonita que Kristin; uma chama ardente, cheia de vida, tão vibrante que seus cabelos pareciam feitos de fogo, assim como os olhos, expressivos, brilhantes. A voz soava doce e pura... mesmo quando gritava.

Shannon, apesar de teimosa e temperamental, possuía uma delicadeza cativante. Como haviam sido leves suas mãos, quando cuidavam de seu ferimento!

Não...

Nem estava pensando nisso.

Pensava nos seios dela, provocantes, quando se debruçara sobre ele, quando o tocara. Pensava no calor de seu corpo, na cintura esbelta, na pele macia, nos lábios tão sensuais.

Shannon crescera.

Malachi deitou-se sob a rocha, puxando o chapéu sobre os olhos. Ela continuava sendo Shannon McCahy. A pirralha que não o deixava em paz desde a primeira vez em que pisara no Rancho McCahy. Atirara nele naquela primeira noite, e continuava atirando, ainda agora.

Malachi sorriu à lembrança de tê-la beijado uma vez. Fizera isso para mantê-la calada. Estavam todos bancando os inocentes quando um oficial ianque viera ao rancho, e Shannon o teria delatado de boa vontade.

E, então, Malachi a beijara. Na ocasião, lhe parecera o único modo de fazê-la calar-se.

Mas fora um beijo doce, Shannon o recebera com a paixão da raiva, mas, de qualquer forma, com paixão. Os sentidos de Malachi haviam se inflamado até que se lembrara de quem ela era e do que estava fazendo.

Mas, essa noite, lembrou-se daquele beijo.

Abriu os olhos e cerrou os punhos, contrariado. Ele a queria, desejava-a com ardor e avidez.

Ao longo dos anos, havia desejado muitas mulheres e, durante a guerra, quando amantes eram facilmente conquistadas e facilmente perdidas, muitas moças, assim como muitos rapazes, procuravam apenas o consolo momentâneo. As mulheres que desejara, com frequência as tivera. A viúva em Arkansas, a fazendeira solitária e desolada em Kentucky, a dançarina no Mississipi.

Uma vez, que agora parecia distante, muito distante, houvera uma garota que ele amara. Ariel Denison.

Ariel... Malachi amara até o som de seu nome. Eram ambos muito jovens. Ela corava ao vê-lo, e ele sentia toda a alegria da vida, no coração e na alma, diante daqueles olhos escuros e profundos. O pai dela aprovara o noivado e eles se casariam em junho. Aquele mês de maio, passaram juntos todos os dias que puderam, de mãos dadas, correndo até o riacho, atrevendo-se a nadar juntos e deitar-se à margem, nus, e a fazer amor. Malachi jamais conhecera sentimento tão profundo e maravilhoso...

Mas quando junho chegara, ela se fora. Uma epidemia de cólera assolara os campos, e Ariel, em seu último sorriso, morrera nos braços dele, murmurando suas últimas palavras de amor. Malachi nem se importara com a possibilidade de ter contraído a doença. Não se importara com nada, mas sobrevivera. Depois dessa vez, então, nunca mais se apaixonara. Dedicara sua paixão à terra; devotara sua lealdade à família e, quando viera a guerra, à Confederação.

Não pensava muito no amor.

Mas nenhum homem vivia muito tempo sem sentir desejo. Estava acostumado com isso. Mas, exatamente por essa razão, era tão estranho descobrir com que fervor desejava Shannon!

A pirralha. Sua grande inimiga. A ardentemente fanática ianque. A maldição de cada viagem que fazia ao rancho. Shannon...

— Ei! — alguém gritou de repente. — Vocês ouviram aquilo?

Malachi virou-se, olhando por sobre a rocha, na direção do acampamento. Os guardas próximos aos cavalos estavam se movimentando. Metade dos homens havia adormecido.

Agora, estavam todos acordando.

Urso apressou-se em direção aos guardas.

O que foi? Não ouço nada.

Há alguma coisa ali, nos arbustos.

Malachi pensou que o tinham visto, ou ouvido, mas o guarda apontava na direção oposta.

— Você está com medo de um lince ou de uma doninha?

— escarneceu Urso.

. — Não é um lince! — protestou o guarda. Urso parou de falar, dando de ombros. Olhou para dois dos homens.

— Você, Wills, e você, Hartman, vão dar uma olhada. Os outros fiquem de olhos abertos.

Malachi praguejou ao pensar que, se eles bisbilhotassem mais longe, encontrariam sua égua. Amaldiçoou a criatura, fosse quem fosse, que rondava o acampamento. Se fosse uma doninha, esperava que algum infeliz a comesse.

Afundou-se novamente atrás da rocha. Não iriam procurar ali, bem debaixo de suas barbas. Teria de sentar e esperar. Se os vermelhos decidissem dormir, de uma vez por todas, mesmo cornos guardas ali, ele poderia alcançar Kristin. Com o acampamento quieto, ele poderia dar a volta e chegar a ela pelo riacho. Teria de matar os guardas, não tinha escolha.

De repente, Malachi franziu o cenho, sentindo a terra debaixo das mãos. Deitou-se e colou o ouvido no chão, reconhecendo aqueles tremores. Alguém cavalgava, não muito longe dali... Um grupo de cavaleiros!

Uma patrulha da União?

Lembrou-se de que ainda estavam no Missouri, mas poderiam já ter cruzado a fronteira. Na verdade, haviam cavalgado para o sul, tanto quanto para oeste. Não que isso fizesse muita diferença: as patrulhas da União estavam em toda parte.

Ou talvez se tratasse de uma legião sulista, a caminho de casa.

Talvez não fizesse diferença. Talvez fizesse.

Malachi ficou tenso enquanto esperava. Então, um grito estridente e furioso chamou sua atenção. Virou se, olhando para o centro do acampamento dos vermelhos,

— Quanta estupidez! — rosnou Malachi entre dentes, enquanto assistia à cena, incrédulo. — Se escapar viva, eu vou matá-la!

Shannon fora jogada bem no meio do acampamento.

Hartman e Wills trouxeram-na e, em meio á gargalhadas de satisfação, lançaram-na com força no meio do bando.

Wills mancava e praguejava.

Ela atirou no meu dedão!

Ainda bem que ela não fez mira — zombou Roger.

Eu mirei muito bem, seu asno estúpido — Shannon falou com raiva. — Se quisesse, acertaria seu coração.

Wills ficou em silêncio; até mesmo Roger calou-se. Um calafrio percorreu todo o bando, como se soubessem que as palavras de Shannon eram verdadeiras.

— Ajoelhe-se, sua bruxa! — ordenou Wills rispidamente, empurrando-a com força para o chão.

Shannon caiu de joelhos. Trocara suas roupas e usava, então, um par de calças pretas, justas, uma camisa riscada e um par de resistentes botas marrons. Antes, usava também um chapéu de aba larga, que agora jazia no chão, a muitos metros de onde estava. Prendera os cabelos, que caíam por suas costas.

Malachi mordeu o lábio quando ela empinou o queixo para encarar Urso, com todo ardor, fúria e paixão no olhar. Ela não deveria ter trocado de roupa. A perfeição de suas formas tornava-se mais evidente nas roupas masculinas, e Malachi não foi o único a notá-la. Os vermelhos estavam se levantando, um a um, formando um círculo em volta de Shannon.

— Ah, meu Deus! — Roger Holstein gemeu, umedecendo os lábios lentamente. — O que temos aqui? — Saiu da linha formada pelos homens, indo em direção a Shannon, que logo se pôs de pé.

Malachi ficou tenso ao ver a expressão dos olhos dela.

— Não seja estúpida, Shannon! — murmurou. — Fique quieta e boazinha, deixe que a

amarrem e então po derei tirá-la daí... não seja estúpida.

Mas quando Roger a alcançou, Shannon moveu-se como um relâmpago, fincando os dentes na mão dele.

Roger gritou de dor e deu-lhe uma bofetada com as costas da mão, que a fez rodopiar e cair.

— Cadela! — ele rugiu.

Os homens gargalharam.

— Pelo menos, ela não atirou em você, Roger! — disse Wills.

Roger adiantou-se, levando a mão ferida à boca.

Afastou-se dela — ordenou Urso, aproximando-se.

Oh, não! — disse Roger com hostilidade. — Aquela lá é para Fritz. Tudo bem. Esta aqui é minha.

Morrerei antes disso, eu juro! — sibilou Shannon do chão. Pareceu perceber que sua única esperança era Urso. Levantou-se e correu para trás dele. — Eu o matarei...

Ei, veja isso, cara, a mocinha vai mordê-lo até a morte! — alguém zombou.

Saia do meu caminho, Urso! — Roger gritou. — Ela é minha.

Não!

— Você tem a esposa de Slater...

— E esta é a cunhada dele, seu idiota.

Roger olhou de uma mulher para a outra: era impossível não perceber a semelhança.

— Então, são irmãs. E daí?

Neste momento, Kristin gritou:

- Ponha suas mãos nela, e eu me mato! Então não terá nada, absolutamente nada...

— Kristin!

Shannon irrompeu por entre o ajuntamento de homens, correndo para a irmã. Urso a segurou antes que ela pudesse chegar até Kristin, e levantou-a pela cintura, rindo.

— Queridinha! — exclamou ele. — Se quer correr para alguém, corra para o velho papai Urso!

Ergueu uma de suas grandes mãos e agarrou a camisa de Shannon, rasgando-a. Ela gritou e dirigiu-lhe um chute certeiro.

Tinha boa mira

Com um grito lancinante, Urso soltou-a e dobrou-se sobre si mesmo. Shannon pegou o revólver do coldre de Urso e virou-se, encarando os outros, que estavam todos em pé.

— Não se atrevam a mover-se — avisou Shannon, andando de costas, com muito cuidado, em direção a Kristin. — Eu sei muito bem como lidar com esta coisa.

— Você não pode matar-nos a todos — disse Roger, mas não deu nenhum passo à frente.

Posso castrar pelo menos seis de vocês — prometeu ela, e pelo menos seis homens recuaram. — Só quero minha irmã — Shannon começou a dizer, mas Malachi não a ouviu, pois algo se moveu atrás dela. Um dos guardas que cuidavam dos cavalos vinha sorratamente por trás de Shannon, empunhando uma faca.

Droga! — rosnou Malachi. Não podia atirar no homem; Shannon estava no caminho. Se ela movesse... ao menos um fio de cabelo.

Mas ela permaneceu onde estava. O guarda veio por trás dela e rapidamente enlaçou-a, colocando a faca em seu pescoço.

— Castrar-nos! — escarneceu Roger, quando Shannon largou a arma. — Agora, doçura, nós todos vamos fazê-la dar graças a Deus por não ter conseguido!

O homem com a faca moveu-se apenas o suficiente.

— Maldita Shannon! — pensou Malachi. Provavelmente, seriam todos mortos, mas ele não podia esperar mais.

Levantou-se e atirou, acertando o guarda bem entre os olhos.

Shannon alcançou a arma que havia largado. Formou-se uma grande confusão, enquanto alguns homens tentavam alcançá-la e outros olhavam em volta, ansiosos por saber quem disparara o tiro.

Malachi continuou atirando; não tinha escolha. Tentava fazer mira certa, ao mesmo tempo que não perdia Shannon de vista. Homens gritavam e caíam em meio à poeira levantada pela correria e pelos tiros disparados. Mas eram muitos.

Shannon fazia sua parte, mas em meio à confusão, Urso levantou-se atrás dela. Outro homem caminhava de frente para ela. Shannon mirou, mas Urso golpeou seu braço, fazendo o revólver voar para longe. Ela virou-se para lutar, e ele deu-lhe um violento soco na boca, fazendo-a cair desmaiada.

Peguem-no! Peguem aquele canalha no bosque! — ordenou Urso.

Canalha! — Malachi ergueu-se, encarando Urso. — Desculpem-me, seus chacais nortistas. Capitão Malachi Slater, da magnífica cavalaria de Hunt e, ainda assim, um cavaleiro sulista.

É um maldito rebelde! — gritou um dos guardas.

Mais do que isso: é um maldito Slater! — rugiu Urso. — Matem-no!

"Bem, aqui estamos", pensou Malachi. Shannon queria que ele morresse pela honra, e assim seria. Levantou-se, atirando repetidamente, enquanto os vermelhos corriam em sua direção, tentando acertá-lo. Duas balas bateram na pedra e ele desviou-se, lembrando-se de que tinha o sabre. Conseguiu desembainhá-lo e matar o primeiro dos homens, que já o alcançara, mas os outros estavam chegando, muitos outros...

De repente, Malachi viu uma espingarda apontada para ele. Nem teria tempo de pedir perdão por seus pecados. Nem para lamentar...

Um tiro espocou, mas foi o iaque com a espingarda quem caiu, e não Malachi, que olhava surpreso à sua volta.

Os cavaleiros! Ouvira os cavaleiros! E agora eles estavam ali.

— É um bando de vermelhos! — gritou um homem, entrando em cena, montado num garanhão cinzento malhado. — Vermelhos! Sanguinários, assassinos, malditos vermelhos!

— Vermelhos! — um outro gritou.

E todos eles entraram na luta com ímpeto redobrado.

Malachi observou os seis homens entrarem em cena. Usavam chapéus emplumados e

casacos de ferroviários, sem uniforme. Mesmo assim, sabia quem eram. Estava certo de que reconheceria o jovem do garanhão cinzento.

Eram rapazes do grupo de Quantrill. Malachi conhecia dois deles: Frank e Jesse James. Jesse era apenas um garoto, quando Malachi o conheceu, mas desde essa época muitos garotos tornaram-se homens em meio à guerra. Esse pequeno grupo devia estar indo para casa, no sul do Missouri.

Quantrill estava morto, assim como Bill Anderson e Archie Clement. Archie, famoso por escalar os inimigos, comandara o grupo que dizimara o contingente de oficiais ianques encarregados de agarrá-los, do qual fizera parte o noivo de Shannon...

Bem, Malachi não tinha muita simpatia por esses bandidos, mas eles chegaram na hora certa. Talvez Shannon aceitasse ajuda. Talvez ficasse de boca fechada... Mas ele tinha de chegar até ela agora.

Malachi não enxergava quase nada, através da confusão de homens e cavalos, ianques e rebeldes. Levantou-se, olhando por cima da luz da fogueira.

Ouviu um grito agudo, e seu coração sofreu um baque doloroso.

Olhou por entre dois cavalos que dançavam: uma dança mortal para seus cavaleiros. Pôde divisar Urso soltando Kristin da árvore e carregando-a sobre o ombro.

Roger Holstein escapuliu da batalha e juntou-se a ele. Wills, com o dedão ferido, correu atrás deles também. — Oh, não! — rosnou Malachi. Onde estaria Shannon? Não podia vê-la. Teriam os vermelhos carregado Shannon também?

Não, não os vermelhos. Urso, Holstein e Wills montaram e fugiram, dirigindo-se em disparada para oeste.

— Oh, não! — Malachi rosnou novamente, abrindo caminho por entre os guerreiros ianques e rebeldes, correndo em direção aos cavalos da União. Urso já estava longe, com Kristin, antes que Malachi pudesse alcançá-los.

— Malachi!

Era a voz de Shannon. Malachi virou-se a tempo de ver um dos irmãos James capturá-la, jogando-a sobre sua montaria. — Ei, você arranhou uma garota, Frank!

— disse um outro rebelde, em meio à gargalhada.

Não apenas uma garota, Jessie! Sabe quem é ela?

Quem?

Aquela amante de ianques: a fedelha McCahy! Esteve noiva de um deles por um tempo, antes que o pegássemos... Ai! — gritou ele, olhando para a garota jogada sobre sua sela e depois para o irmão. — Ela morde!

— Amarelos! — gritou Shannon, e Malachi percebeu algo diferente em seus gritos, no tom de sua voz: ele ou viu dor e sofrimento. Agora, ela sabia que esses homens estavam lá quando Robert Ellsworth fora assassinado, e nunca lhes pediria clemência.

— Shannon! — Malachi gritou mais alto que o barulho do aço e dos tiros.

— Vamos — gritou Frank, atirando para o alto.

Malachi corria na direção de Frank, quando um dos vermelhos saltou à sua frente, empunhando uma espada.

Não tinha tempo para lutar agora!

Os rebeldes estavam se reunindo. Chegaram, fizeram seu estrago e, agora, partiriam.

O vermelho com a espada investiu contra Malachi.

— Oh, meu Deus! — murmurou Malachi, enfrentando o homem. O camarada não era nada mau com a espada. Na verdade, era bom demais.

Ele sorriu para Malachi quando as espadas travaram-se nos punhos.

West Point, turma de 58.

Sorte sua, maldito ianque — respondeu Malachi, recuando, defendendo-se de um golpe repentino, aparando outro.

Os cavaleiros afastavam-se mais e mais.

Você é bom, rebelde! — gritou seu oponente.

Obrigado, e você está no meu caminho, ianque.

No seu caminho? Por quê? Estamos quase mortos, homem!

— Não, senhor, você está quase morto.

Mantenha sempre a cabeça fria numa luta...

Esta fora uma das primeiras regras aprendidas por Malachi. Seu comentário provocara o oponente: era a vantagem que precisava.

O vermelho levou a espada ao alto para um golpe violento. Malachi deu um golpe seco, atingindo o homem bem no coração. Ele caiu sem sequer gemer.

Malachi puxou o sabre e saltou, preparado para um novo ataque, mas estava só, em meio a um mar de cadáveres.

Pelo menos doze vermelhos jaziam mortos, estendidos aqui e ali sobre seus sacos de dormir, alforjes e armas. Havia apenas um sulista no chão: um rapaz muito jovem, de pele muito clara.

Ele gemeu. Malachi aproximou-se e, cuidadosamente, virou-o, reparando na enorme mancha de sangue em sua camisa. Abriu-a depressa, constatando que não havia chance de que o rapaz sobrevivesse. Fora ferido com um tiro no peito. Malachi amarrou a camisa, pressionando o ferimento, na tentativa de estancar a hemorragia. O garoto abriu os olhos.

— Vou morrer, não é, capitão?

Malachi concordou com um leve aceno de cabeça.

A dor irá embora, rapaz.

Não posso morrer. Tenho tabaco em meu bolso e minha mãe jamais me perdoaria. Parece piada, não é? Mas ela ficaria terrivelmente desapontada comigo.

—Tirarei o tabaco de seu bolso, rapaz.

O jovem fechara os olhos novamente, mas pareceu a Malachi que ele o ouvira. Seus lábios curvaram-se num esboço de sorriso no momento em que a vida o deixava.

Malachi ajeitou o rapaz no chão. Alguém viria e o encontraria. Estavam próximos à fronteira e ele seria levado para casa.

Tirou o tabaco do bolso do garoto e o jogou sobre um dos vermelhos, um homem mais velho.

—Sua mãe não encontrará tabaco algum, garoto —disse Malachi. Então, levantou-se e, mais uma vez, passou os olhos pelo mar de mortos.

A clareira estava completamente silenciosa e pacífica. Seus habitantes estavam todos deitados e quietos, como se descansassem num sono misterioso. Caminhou rapidamente entre eles, censurando-se por ter-se demorado, mas simplesmente não podia abandonar um ferido, fosse ele rebelde ou ianque.

Não precisava mais se preocupar; todos os homens estendidos ali estavam mortos.

Malachi saiu da clareira e perscrutou a estrada, olhou para o céu escuro, sentindo o silêncio pesado a envolvê-lo. O som dos cavalos a galope morrera na distância.

—Droga!

Os vermelhos partiram com Kristin em uma direção e os ianques levaram Shannon na direção oposta.

Para que lado iria?

Não se demorou na decisão. Encontraria Shannon primeiro, pois estava certo de que conseguiria barganhar com os irmãos James. Se ela ficasse quieta, ao menos por dois segundos, ele a resgataria.

Iria, primeiro, atrás de Shannon, embora fosse totalmente incapaz de saber por quê.

Shannon não podia se lembrar de uma noite mais terrível. O grupo de cavaleiros viajou durante toda a madrugada. Logo que deixaram o acampamento dos vermelhos, Shannon disse algo que eles não gostaram, e teve os pés e as mãos amarrados, a boca amordaçada, antes de ser colocada sobre um cavalo. Então, finalmente, iniciaram a cavalgada. Eles conheciam seu território e não seguiam uma rota específica: viajavam sobre colinas e através de bosques de samambañas e matagais.

Conversavam sobre a volta para casa e sobre o amigo que haviam deixado para trás.

É, alguém vai encontrá-lo.

Deus o ajude.

Deus nos ajude a todos.

Wills estava morto, ferido no peito; não havia nada que pudéssemos fazer. Ele morreu lutando.

É, ele morreu lutando. Bem, a guerra terminou. Certamente, alguém vai encontrar o corpo e entregá-lo à sua mãe.

Por alguns momentos, Shannon ouviu as palavras deles, mas não podia acreditar que eram capazes de invocar a ajuda divina. À medida que a conversa se arrastava, muito calma, ela começou a oscilar para dentro e para fora da realidade. Não mais os ouvia. Sabia quem eles eram: os remanescentes do grupo de Quantrill. Haviam cavalgado com Quantrill, com o sanguinário Bill Anderson e com Archie Clement, também. Provavelmente, estiveram entre os cavaleiros, naquele tendo contra a pele suada do animal? Cada músculo de seu corpo doía. O pesadelo não terminaria nunca?

Então, finalmente, decidiram parar.

Sentiu dores terríveis quando mãos a pegaram pela cintura, tirando-a do cavalo. Se tivesse forças, teria gritado de agonia, causada pelo movimento brusco; sentiu como se seus braços estivessem se quebrando.

Aqui está, ianque. — O homem estendeu-a no chão, à sombra de uma árvore. Os outros desmontaram e formaram um semicírculo à sua volta; todos a observavam.

O que vamos fazer com ela, Frank?

O homem que perguntou deu um passo à frente. Tratava-se de Jèsse, irmão de Frank, como Shannon descobrira ouvindo parte de sua conversa durante a viagem.

Nenhum dos dois era muito mais velho do que ela, mas possuíam o mesmo olhar gélido. Talvez tivessem se tornado insensíveis; talvez tivessem perdido o senso de humanidade em meio à violência da guerra. Shannon não sabia e, naquele momento,

sentia-se tão exausta e esgotada, que nem mesmo se importou.

O que será que os vermelhos queriam com ela? — disse Jesse, pensativo.

A mesma coisa que qualquer homem iria querer, eu suponho — alguém falou por trás de Jesse.

Shannon piscou, tentando enxergá-lo. Era um homem alto, de cabelos escuros e um bigodinho muito fino, que lhe sorria de maneira a fazê-la sentir-se inteiramente despida.

Fechou os olhos. Naquele exato momento, só queria morrer. Bandidos nortistas. Os mesmos homens que haviam brutalizado Robert estavam prestes a tocá-la. Morrer seria infinitamente melhor.

— Acho que deveríamos afrouxar a mordaca — disse Jesse. — Parece que ela vai desmaiar, ou acabar morrendo.

Frank aproximou-se e tirou a mordaca. Shannon sentiu-se nauseada. Ele se debruçou sobre ela, soltando as cordas que prendiam seus punhos e tornozelos. O sangue voltou a fluir novamente, porém ela mal podia mover-se. Esfregou os punhos, apoiando-se na árvore, observando os cinco homens. Jesse, de rosto redondo e juvenil, olhos escuros e atraentes; Frank, mais alto, magro e mais velho; o homem de cabelos escuros, e outros dois, mais baixos e loiros. Pareciam irmãos, também.

— Qual o seu nome? — perguntou Jesse.

Shannon o encarou em silêncio.

— Shannon. Shannon McCahy — disse o homem alto, de cabelos escuros. — Ela e a irmã foram presas quando os federais decidiram confinar todas as famílias, listava lá quando o prédio veio abaixo, quando a irmã de Bill e aquelas outras garotas foram feridas e mortas.

— Então, é uma sulista... — começou Jesse.

Frank bufou e cuspiu no chão.

— Sulista coisa nenhuma, Jesse. Você ouviu o que ela disse. É uma ianque, da cabeça aos pés; exatamente como o pai, em seu uniforme azul com a faixa amarela nas costas...

De repente, Shannon recuperou os movimentos; já não sentia dor alguma. Rápida, lançou-se na direção do homem. Fez isso com tanta força, que ele caiu estendido no chão.

— Seus assassinos! — sibilou Shannon. — Ratos abomináveis ... assassinos!

Esmurrando Frank, que, estarrecido, parecia incapaz de lutar contra a fúria dela, Shannon viu, então, o revólver em seu coldre. Sacou a arma, apontando-a dire-lamente para o nariz dele, quando os outros estavam prestes a segurá-la. Ela girou, apontando o Colt de Frank para Jesse, que ergueu as mãos, recuando.

— Nós não matamos seu pai, garota — disse Jesse com suavidade. — Não estávamos lá. Zeke Moreau tinha seu próprio grupo.

Shannon mordeu o lábio, pensando em Robert, sentindo um tremor tão forte quanto o ódio que a invadia.

Naquele momento, seria capaz de puxar o gatilho. Sentiria imenso prazer em ferir, mutilar ou matar qualquer um deles. Quando se lembrava de Centrália... Jesse ajoelhou-se à sua frente, falando com sinceridade:

Você está levando em conta apenas um lado de tudo isso, moça. Só um lado. Eles vieram, os nortistas, os vermelhos... vieram e nos massacraram, também. Todos nós tivemos as fazendas incendiadas ou familiares assassinados. Existem sempre dois lados...

Dois lados! — exclamou Shannon. — Dois lados! Nunca ouvi falar de coisa mais horrível do que aconteceu em Centrália. Nunca. Na cidade, civis desarmados foram fuzilados; nos campos, vocês fizeram com soldados da União o que não se faz nem a animais, muito menos a seres humanos...

Está claro que você não viu muito do trabalho dos seus amigos, os vermelhos — disse o homem alto, de cabelos escuros.

Você não vai fazê-la mudar de opinião — disse Frank do chão.

O homem alto aproximou-se, mantendo a atenção no. Colt.

Meu nome é Justin Waller, srta. McCahy. Eu estava em Centrália.,
Maldito!

Justin... — advertiu Jesse, mas Shannon já apontava o revólver para Justin. Puxou o gatilho.

E ouviu o clique de uma arma descarregada.

Cadela! — disse Justin, partindo para Shannon, que não conseguiu escapar a tempo. Ele a derrubou, torcendo seu braço atrás das costas com tanta força, que ela, gritou de dor.

Justin... — começou Jesse.

Esta cadela ia mesmo me matar!

Não machuque a moça. Ainda não sabemos o que vamos fazer com ela.

Eu sei o que vou fazer com ela — disse Justin com ar selvagem. Com a mão livre, começou a acariciar o pescoço e o colo de Shannon, que haviam ficado descobrir-los quando Urso rasgara sua camisa. O espartilho de linho li ranço, salpicado de florzinhas cor-de-rosa, parecia exa-p.cradamente delicado em contraste com a roupa masculina que usava.

Shannon recuou, lutando desesperadamente contra aquelas carícias desagradáveis. Justin torceu seu braço com mais força, fazendo-a soluçar de dor, obrigando-a ficar de joelhos.

— Arranje uma corda, Jesse. Estou cansado demais para realmente sentir prazer com esta belezinha. E não podemos confiar nela.

Jesse pegou um pedaço de corda e encaminhou-se para Justin, mas hesitou.

Nós ainda não decidimos o que fazer com ela Justin.

Não decidimos o quê?

Justin mantinha o joelho firme contra as costas de Shannon, enquanto amarrava seus punhos. Ela mordida o lábio, tentando afastar a dor.

Ela é parente de Cole Slater — disse Jesse devagar. — E, nunca, sequer cogitei a idéia de estuprar e assassinar mulheres, Justin.

Você lutou ao lado de Quantrill.

Quantrill não matava mulheres.

Está bem, Jesse. Está bem. Não vou matá-la.

É, não vai mesmo. Eu estou no comando aqui.

A guerra acabou, Jesse.

Ainda estou no comando.

Justin apertou o nó e empurrou Shannon para o chão, de bruços. Ela sentiu o gosto da terra quando ele começou a amarrar seus tornozelos.

Talvez devêssemos simplesmente deixá-la ir — disse um dos jovens de cabelos claros. — Ora, Justin, não podemos violentar mulheres sulistas.

Ela não é sulista. Se a deixarmos ir, ela fará valer a lei contra nós, e nossas cabeças vão rolar. Isso, se ela não conseguir pegar outra arma. Ela atirou em mim, sei tolos. Pretendia mesmo me matar. Vocês podem dizer o que quiserem, mas ela vai pagar por isso.

Quando acabou de amarrá-la, Justin puxou-a pelo ombros, fazendo-a encará-lo de perto.

— Ouça, sua infeliz: depois que eu descansar vamos; nos divertir de verdade. Shannon cuspiu em seu rosto. Praguejando, Justin limpou a face e forçou-a, com violência, a deitar-se sob a árvore. Olhou para os outros quatro que o observavam.

— E vocês podem assistir, juntar-se a nós, ou virar para o outro lado. Não me importo a mínima.

Shannon percebeu o olhar contrariado de Jesse.

— Eu comando este grupo, Justin. Não se esqueça de que todos concordamos nisto.

Justin o ignorou e foi até seu cavalo. Desamarrou e tirou a sela, jogando-a sob a árvore, bem próximo a Shannon. Pegou um cantil de dentro do alforje e, lançando um olhar furioso para os quatro companheiros, dirigiu-se para o riacho.

— Água — murmurou Frank James, seguindo-o.

Jesse ficou olhando para Shannon, que não sabia no que ele pensava.

— Temos muitos perdedores nesta guerra — disse ele em voz baixa. — Olhe, moça, eu abomino metade das coisas que aprendi, mas duvido que possa esquecê-las. Todos nós só queremos lembrar os casamentos, batizados e as flores crescendo nos campos. Nunca desejei ser tão hábil na arte de matar. Apenas, aconteceu. — Fez uma pausa. — Você não devia ter tentado matar Justin.

Foi um grande erro.

Esse homem é um animal. Esteve em Centrália, você o ouviu dizer.

Ainda assim, não deveria tentar matá-lo. Você despertou sua ira.

Jesse afastou-se ao ver Justin aproximar-se. Vinha bebendo e derramando água sobre o rosto. Só então Shannon percebeu que estava sedenta. Justin olhou para ela, adivinhando sua sede. Sorriu, e sorveu um grande gole.

Shannon não pediria, não a um homem como aquele.

Frank James voltou, bebendo de um cantil de madeira, com suas iniciais gravadas. Olhou para, Shannon, ajoelhou-se a seu lado e levantou sua cabeça.

— Não lhe dê nenhuma gota! — disse Justin. — Eu me encarrego disso. — Sorriu, cutucando Shannon com o pé, e lançando-lhe um olhar malicioso. — Se ela for boazinha, muito boazinha, eu lhe darei água. Vocês verão, meus amigos. O velho Justin sabe como domar uma megera ianque.

Ignorando-o, Frank derramou água sobre o rosto de Shannon e, depois, em sua boca.

Ela bebeu avidamente.

—Frank! — Justin gritou, irado.

Frank dirigiu-lhe um palavrão e Justin jogou-se sobre ele. Shannon observava os dois homens com o coração disparado.

Jesse, que agora se apoiava a uma árvore, mastigando um pedaço de carne, falou com sarcasmo:

—Muito bem, vocês dois! Muito bem! Matem-se! Ela está se divertindo a valer!

Imediatamente, os dois pararam e olharam para Shannon.

—Vamos dormir um pouco — disse Jesse. — Se a quer tanto, Justin, ela é sua. Mas... não a mate. Não sou um assassino de mulheres e crianças, e nunca serei.

Estendeu-se no chão, apoiando a cabeça no alforje. Frank não demorou a seguir-lhe o exemplo, deitando-se sob outra árvore.

Os dois rapazes loiros também encontraram sombra para deitar-se, e Justin veio colocar-se ao lado de Shannon, que, deitada de bruços, com o rosto contra a terra, olhou-o com ódio e desprezo. Ele riu alto e, passando o braço em torno do corpo dela, obrigou-a a virar-se, puxando-a contra si. Ela se contorceu e lutou, sufocando as lágrimas que ameaçavam rolar pelas faces.

— Maldito! Juro que prefiro morrer!

Justin riu de seus esforços inúteis. Amarrada, não tinha como reagir.

Ele a enlaçou com firmeza, mantendo-a colada a seu corpo; acariciou-lhe os seios e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Preciso de algumas horas de sono, boneca. Peço desculpas por estar tão exausto, mas... não quero desapontá-la. Quero ouvi-la gritar de prazer... — Rindo novamente, apoiou a cabeça no alforje, tentando dormir.

Shannon apertou os olhos e os lábios, dando-lhe tempo para adormecer. Então, tentou escorregar para longe

dele. As mãos dele crispavam-se nela como garras.

— Nem pense nisso, minha preciosa ianque. Nem pense nisso — disse Justin, passando os dedos pelo cabelo de Shannon, que prendeu a respiração, rezando para que ele parasse.

Ele parou. Retirou do alforje um outro pedaço de corda e, com um sorriso cínico, amarrou os punhos de Shannon ao seu. Ela o observava em amargo silêncio.

— Você é uma ianque muito bonita, sabia?

Shannon o ignorou e permaneceu acordada, enquanto o miserável se deitava e adormecia. Depois de um longo tempo, apesar de seus esforços, apesar da fome, da sede e do desconforto, seus olhos se fecharam e ela dormiu.

Até onde Malachi sabia, ninguém procurava pelos irmãos James; mas eles cavalgavam como se suas vidas dependessem de sua chegada ao interior do Missouri o mais depressa possível. Era difícil segui-los. Quando Malachi avançou sua égua e encontrou o grande cavalo preto de Shannon, os homens já estavam muito longe.

E sabiam para onde iam. Felizmente, dirigiam-se para o sul, um território familiar

para Malachi. Se não conhecesse tão bem a região, jamais conseguiria segui-los.

Viajavam pelas florestas, sabendo com exatidão onde sair por atalhos e estradas, e como desaparecer novamente no coração da mata.

Pela manhã, Malachi concluiu que seguiam o curso de um pequeno riacho e pôs-se a fazer o mesmo.

Estava exausto. Sua perna doía e ele teve medo de que a febre o atacasse outra vez. Se pudesse dormir, ao menos por uma hora, iria sentir-se melhor...

Mas não podia se permitir o luxo de um descanso. Conhecia Frank e Jesse James superficialmente. Encontrara-os uma vez, no curto período em que Cole cavalgava com Quantrill, e parecera-lhe que eram garotos inconseqüentes, às vezes até cruéis. Achava que seus companheiros eram os irmãos Younger, outra dupla de garotos irresponsáveis.

Malachi não achava que os irmãos James fossem especialmente cruéis ou brutais. Como os irmãos Younger, eram, ao menos, sensatos.

Mas, o outro homem...

Chamava-se Justin. Malichi o conhecia. Cole o vira em ação no início da guerra, e a maldade com que aquele homem matava e o prazer que obtinha de suas atitudes brutais afastaram Cole do grupo de Quantrill de uma vez por todas.

Mas, mesmo para o mais decente dos rebeldes, seria difícil resistir à tentação de molestar Shannon. E ela não ficaria quieta; não tinha a capacidade de reprimir seus impulsos. Malachi já a ouvira vociferar seus discursos ianques.

Portanto, não podia descansar, nem mesmo por dez minutos. Parou apenas para dar água aos cavalos e refrescar-se no riacho. Comeu um pouco da carne defumada que trouxera e bebeu o uísque que Shannon lhe dera; era do melhor, e ajudava a manter a dor sob controle.

Já era quase noite quando, finalmente, os alcançou. De longe avistou os cavalos agrupados sob as árvores. Não havia nenhuma fogueira no acampamento; na verdade, não havia acampamento algum: os rebeldes, simplesmente, pararam perto da estrada.

Malachi estava certo de que poderia entrar em acordo com aqueles homens; afinal, haviam lutado, ostensivamente, do mesmo lado. Mas a guerra o ensinara a não contar com resultados por antecipação. Por isso, desmontou e amarrou sua égua e o cavalo de Shannon perto do riacho, a uma boa distância de onde estavam os rebeldes. Então, aproximou-se, cautelosamente.

Concluiu que o grupo sentia-se em segurança; nenhum deles estava de guarda. Todos dormiam.

Homens desse tipo, porém, aprendiam a dormir de um modo diferente: sempre com um olho aberto. Se um mosquito zunisse nas redondezas, eles certamente ouviriam. Seria tolice tentar aproximar-se sorrateiramente, por mais silencioso que fosse. E, como imaginara, Shannon estava em apuros. Os irmãos Younger, assim como os James, dormiam sob as árvores. Shannon tinha os pés e as mãos amarrados, e estava presa a Justin.

Malachi praguejou. Na certa, Shannon lutara contra eles, com unhas e dentes, pois perdera a proteção de Jesse. Como muitos bandidos rebeldes, a despeito de sua

selvageria, Jesse ainda colocava as mulheres sulistas num pedestal. Se ela, simplesmente, mantivesse a boca fechada e encenasse o papel da donzela sulista... Mas não o fizera.

Observando Shannon, Malachi sentiu o suor cobrir-lhe a testa, e suas mãos ficarem úmidas e frias. Ela estava muito pálida e suja, mas ainda assim seu semblante conservava a beleza angelical.

Estava amarrada a Justin, mas pelo menos estava decentemente vestida. Parecia dormir um sono profundo, mas, mesmo profundamente adormecida, parecia esforçar-se ao máximo para manter-se afastada do homem que a prendia. Tudo indicava que ele ainda não a tocara. Mas sabia que pretendia fazê-lo.

À margem da clareira, Malachi respirou fundo, várias vezes, decidindo um plano de ação. Poderia tentar matar todos eles, mas eram bons atiradores e, se não acertasse Justin no primeiro tiro, ele certamente mataria Shannon por puro prazer.

Não. Não era o momento de sacar a arma; devia agir com diplomacia.

Levantou-se e gritou, sem sair de onde estava:

— Jesse! Jesse James!

Os cinco homens moveram-se como um só. No mesmo instante em que Malachi gritou, levantaram-se, olhando para ele, com as mãos sobre as armas.

Malachi ergueu as mãos e viu cinco pares de olhos examinarem seu uniforme cinzento.

— Malachi! — gritou Shannon. — Malachi! — repetiu, lutando para erguer-se. Justin puxou-a pela cordae tapou-lhe a boca com a mão.

Malachi balançou a cabeça na direção de Justin, tentando, com o olhar, enviar uma mensagem a Shannon.

Ei! É aquele rebelde tolo que estava tentando acabar com todos aqueles vermelhos sozinho! — disse um dos irmãos Younger.

Malachi. Malachi Slater — disse Jesse, caminhando em sua direção, ainda tenso, mas com um sorriso no rosto. — Você é o irmão de Cole Slater, certo? Você sabia que há uma porção de cartazes espalhados por aí, dizendo que você é procurado?

Sim, eu sei. De qualquer forma, obrigado pelo aviso.

O que está fazendo por aqui? Está indo para o sul? Seria melhor se fosse para o México.

É verdade, mas não posso fazer isso agora. "Devo me juntar a meus irmãos. E os vermelhos raptaram a esposa de Cole. Foi por isso que vocês me encontraram lá, lutando. Aqueles homens respondem a um tal de Haydlen Fitz, que deseja ver meu irmão morto. Nós, os Slater, somos unidos. Portanto, não posso partir agora. Um dos irmãos Younger adiantou-se.

Capitão Slater, estive com Jamie há umas duas semanas. Ele já sabe sobre os cartazes e está se dirigindo para o sul. Achei que o senhor devia saber.

Obrigado. Muito obrigado. É realmente uma boa notícia.

Malachi sorriu para os irmãos Younger e, então, virou-se para Justin. Atravessou a clareira e agachou-se para olhá-lo nos olhos.

Vim buscá-la.

Sinto muito, capitão Slater, mas ela é minha. Shannon mordeu a mão dele. Justin

deixou escapar um grito, tirando a mão da boca de Shannon e levando-a à própria boca.

Malachi...

Cale-se, Shannon.

Malachi...

Cale-se, Shannon — Malachi repetiu entre dentes e, fingindo um sorriso, deu-lhe uma leve bofetada no rosto. Os olhos azuis encheram-se de lágrimas. — Justin, eu não atravessaria os campos por uma mulher qualquer. Está é minha. Estamos noivos e vamos nos casar.

Shannon arquejou, e Malachi lançou-lhe um olhar penetrante.

Justin riu alto.

— Essa não cola, capitão. Eu sei tudo a respeito desta mocinha: ela odeia rebeldes. Não acho que ela sequer saiba a diferença entre os grupos independentes e o exército regular, capitão. Apenas odeia os rebeldes. Achei que poderia mostrar-lhe que também sabemos fazer o que é bom. O que acha, capitão?

Não havia qualquer sinal de respeito em sua voz, mas de violência.

— Ela terá uma mostra do que um rebelde sabe fazer: é minha noiva e eu a quero agora.

Malachi inclinou-se sobre Justin e, com sua faca, cortou rapidamente as cordas que prendiam Shannon. Mais do que depressa, ela se levantou e, esfregando os punhos, correu para trás dele. Malachi e Justin puseram-se de pé ao mesmo tempo. Malachi estendeu a mão para trás.

Venha cá, Shannon, Shannon querida, venha para perto de mim. — Agarrou a mão dela e puxou-a para o seu lado. — Diga a eles, querida.

O quê? — murmurou ela, desesperada.

Diga-lhes que você não odeia todos os rebeldes.

Silêncio. Ele percebeu o conflito que se travava no íntimo daquela mulher sofrida, e teve pena. Mas precisava ser firme.

Diga a eles!

Eu... — Shannon mal conseguia mover os lábios. — Eu não odeio todos os rebeldes.

Ela não é sua noiva! — disse Frank James.

É! — insistiu Malachi, sentindo a frustração crescer mais e mais. Fez Shannon virar-se para ele, sem muita delicadeza, e tomou-a nos braços. — Querida, diga a eles!

De repente, Shannon arregalou os olhos, como se houvesse, finalmente, compreendido o perigo que corriam: percebeu que sua própria liberdade dependia de sua capacidade de encenação.

— Sim, sim! — disse, enlaçando-o pela cintura. —

Malachi, eu estava tão aflita!

Havia uma curiosa platéia diante deles, e suas vidas dependiam da qualidade do espetáculo.

Malachi a estreitou, trazendo Shannon para junto de si. Abriu os lábios para um beijo, esquecido dos homens que assistiam à cena, atendendo apenas aos apelos da paixão. Apertou-a mais e mais, sentindo o ardor e a febre que tomavam o corpo de Shannon,

incendiando o seu próprio corpo. Então, ela o empurrou gentilmente, e ele viu aqueles grandes olhos azuis, brilhantes e surpresos. Malachi concluiu que brilhavam de raiva, e rezou para que ela tivesse o bom senso de se manter em silêncio,

até que conseguissem sair dali. Se conseguissem sair. Um dos irmão Younger riu alto.

— Ora, eu acredito nele! Este foi um dos beijos mais

apaixonados que já presenciei! Me faz sentir inveja, isso sim!

Shannon baixou os olhos e Malachí sentiu-a rígida de tensão, quando a abraçou novamente.

— Jesse, ela é minha e vou levá-la.

— De minha parte, está tudo bem. Frank?

Frank deu de ombros.

— O homem ainda usa um uniforme cinzento e diz que a garota é dele. Imagino que seja sincero.

Justin, porém, não estava disposto a facilitar as coisas. Visivelmente furioso, falou:

Bem, capitão, acho que não vai ser tão simples. Ela tentou me matar. Tenho contas a acertar com ela.

Ela tentou matar você? — Malachi repetiu, tentando ganhar tempo. Na verdade, não tinha a menor dúvida de que Shannon pudesse matar qualquer um deles.

Isso mesmo — disse Jesse, suspirando. — Justin estaria morto, se a arma de Frank não estivesse descarregada.

Malachi sorriu, arqueando uma sobrancelha.

— E o que ela estava fazendo com a arma de Frank?

— perguntou polidamente.

Todos eles coraram, exceto Justin, que continuou encarando Malachi com os olhos repletos de ódio.

Eu a desamarrei — murmurou Frank James. — Tive pena dela, amarrada e amordaçada... e ela me atacou.

Ela atacou você?

Capitão, se conhece tão bem esta mulher, deve saber que é endiabrada... É mais perigosa do que todos nós juntos.

Malachi abaixou a cabeça, ajeitando o chapéu, para reprimir um sorriso.

Quando levantou a cabeça, encarou Jesse com seriedade.

— Parece que não houve danos mais sérios, quero dizer, a arma estava descarregada; Justin me parece vivo e muito bem.

Não vai levá-la, Slater. Malachi suspirou.

Vou levá-la, Justin.

Talvez ela deva pedir desculpas a Justin — sugeriu Jesse. — Talvez isto facilite um pouco as coisas.

Oh, sim — disse Justin, com um sorriso malévolo. — É claro. Vamos ver. Faça-a desculpar-se, capitão.

— Shannon, peça desculpas ao homem.

Shannon estava calada há alguns minutos, um longo

tempo, em se tratando dela. Ficara atrás de Malachi ou a seu lado, quieta e dócil. Ele a

pegou pela mão, colocando-a à sua frente, sussurrando em seu ouvido:

— Shannon, peça desculpas.

— Não! — ela explodiu. — Ele é um sádico, um assassino...

Malachi tapou-lhe a boca. Justin permaneceu imóvel, furioso. Frank James riu alto e Jesse não se moveu, nem pronunciou uma única palavra.

— Sua mulher não lhe obedece como deveria, capitão Salter — observou Frank.

Malachi passou o braço em volta de Shannon, apertando os dedos com força entre suas costelas.

Ela vai obedecer! — Então, baixou a voz, de forma que só ela pudesse ouvi-lo. — Porque, se não me obedecer bem depressa, irei embora. Direi a Justin que aproveite e se divirta o quanto puder...

É um assassino frio! — Shannon sussurrou em resposta, e Malachi percebeu a voz chorosa, mas não podia deixar-se impressionar com isso.

— Peça desculpas!

Shannon inspirou profundamente. Malachi podia sentir

o ódio e a fúria que a consumiam e imaginou se estaria incluído nesse oceano de ressentimentos.

— Peço desculpas por ter tentado matá-lo. — Shannon cuspiu as palavras para Justin e abaixou a cabeça.

— E sinto muito por ter errado! — sussurrou, sentindo-se miserável.

Malachi apertou-lhe o braço com tal força que Shannon engasgou, mas, olhando em volta, percebeu aliviado que fora o único a ouvir as últimas palavras.

Ele sorriu.

Não queria dar-lhes tempo para pensar.

— Obrigado, rapazes. Eu não teria saído vivo do acampamento dos vermelhos sem a sua ajuda. Espero vê-los de novo.

Ajeitou o chapéu e virou-se, empurrando Shannon à sua frente, dando as costas aos cavaleiros. Não atirariam num oficial confederado pelas costas.

Até mesmo bandidos respeitavam um certo código de ética. Caminhou vários metros, apressando Shannon.

— Slater...

Ele parou e virou-se. Justin vinha em sua direção.

— Capitão Slater, eles vão deixá-lo levar a mulher, mas eu não.

Malachi empertigou-se e encarou Justin. Era um desafio direto; não havia saída.

— Não, Malachi! — gritou Shannon, correndo ao seu encontro. Ele a empurrou novamente, sem tirar os olhos de Justin.

Então, a questão deve ser resolvida entre nós dois.

Exatamente, capitão.

Espadas ou pistolas?

Saque quando estiver pronto, capitão... — Justin começou a falar, mas nunca terminou. De repente, seus olhos giraram na órbitas, e ele caiu silenciosamente.

Jesse estava ali, de pé: golpeara Justin com o cabo de um rifle; sorriu para Malachi.

— Não sei o que teria acontecido, capitão, mas o senhor tem a reputação de exímio atirador. Justin, é claro, também é muito bom. Um de vocês estaria morto agora, e estou

cansado de sangue e mortes. Acho que os ianques mataram muitos dos nossos e, portanto, não precisamos matar-nos uns aos outros, agora, quando tentamos chegar em casa e respirar um pouco de paz. Pegue a sua endiabrada e vá em frente, capitão. Vá para o México o mais rápido possível. Boa sorte, capitão.

Malachi agradeceu e, virando-se, pegou Shannon pelo braço e começou a andar.

Jesse ainda os observava, e Malachi passou o braço em volta de Shannon. Assim, abraçados, afastaram-se rapidamente pelo gramado em declive, até a margem do riacho, e, então, seguiram ainda mais depressa.

A noite se aproximava. Malachi queria... precisava dormir, mas também precisava colocar-se a uma boa distância, antes que Justin acordasse.

Não precisou apressar Shannon. Assim que ficaram fora do campo de visão dos cavaleiros, ela se separou dele e começou a correr. Gemendo, Malachi correu atrás dela.

Ela corria tão desesperadamente, que passou do ponto onde os cavalos estavam amarrados, no bosque.

— Shannon!

Amaldiçoando a dor na perna, Malachi finalmente conseguiu alcançá-la. Shannon tropeçou e caiu, rolando pelo declive gramado, até a beira da água. Malachi a acompanhou e deixou-se cair a seu lado. Os olhos dela estavam vermelhos, molhados de lágrimas.

Shannon! Eu sinto muito. Ora, sua tola! Você não compreendeu? Eu tinha de tirá-la de lá. Justin é um sádico, assassino, e não se criam encrencas com esse tipo de homem... Está bem, endiabrada, pode ficar zangada. Acabe comigo, assim que tiver uma chance, mas agora precisamos pegar a estrada, precisamos...

Malachi! — gemeu Shannon, atirando-se em seus braços. Apoiou a cabeça no peito dele, com o coração disparado e o corpo trêmulo. — Oh, Malachi! Então, explodiu num pranto incontrolável. Malachi enlaçou-a e beijou-a na testa, acolhendo seu desabafo.

Endiabrada. Era um adjetivo bastante apropriado, mas agora ela desmoronava. A guerra a obrigara a construir uma couraça impenetrável em torno de si mesma. Era forte, corajosa, mas a vida exigia-lhe demais!

Está tudo bem. Já passou...

Obrigada, Malachi. Oh, meu Deus, você veio me buscar! Você... você me salvou daquele homem. Obrigada!

Malachi secou suas lágrimas.

— Precisamos partir — disse ele, contendo o impulso de beijá-la.

Ela concordou, deixando a cabeça pousar no ombro de Malachi. Ele atravessou o riacho e levou-a até os cavalos. Uma vez montada em seu cavalo negro, Shannon parecia bem disposta e ansiosa para partir. Malachi não sabia quanto tempo ainda poderia ficar sem dormir, mas cavalgaria enquanto conseguisse.

Atravessaram o riacho e, então, seguiram seu curso. Não trocaram uma só palavra. Ao olhar para trás, no escuro, Malachi divisou Shannon curvada sobre a sela, mas ela não reclamou, nem sugeriu que parassem.

Malachi lhe dera o casaco da cavalaria, uma vez que a camisa de Shannon ficara reduzida a trapos, e não podia perder tempo procurando por outra no alforje. Precisavam partir imediatamente.

Era tarde demais para resgatar Kristin, antes que os vermelhos deixassem o Missouri. Teriam de entrar no Kansas. A única vantagem trazida pela situação era que Justin não os seguiria por esse Estado. Lá havia, sim, uma recompensa oferecida pela cabeça de Malachi, mas, ao menos, lutara como soldado regular, não era um bandido sulista. Um homem que fosse reconhecido como tal, no Kansas, não teria a menor chance de sobreviver.

Shannon?

Sim — respondeu ela suavemente.

Está tudo bem com você?

Sim.

Então, vamos continuar por mais uma hora.

Está bem.

Cavalgaram, penosamente, sempre adiante. Onde o riacho se bifurcava, Malachi tomou a trilha a oeste, orientando Shannon a guiar seu cavalo pela água. Assim, não

haveria rastros para os bandidos seguirem. - Com as primeiras luzes da manhã, interromperam a viagem. Encontraram um pequeno bosque, perfeito, bem perto da água. De um lado do riacho a água formava um pequeno dique natural, muito parecido com o que havia na casa de Malachi, onde ele, Cole e Jamie divertiam-se depois do trabalho; onde as garotas da vizinhança vinham para espiá-los de trás das árvores; onde, algumas vezes, jovens senhoritas audaciosas juntavam-se a eles. Malachi sorriu à lembrança daqueles tempos. Percebeu Shannon logo atrás.

— Muito bem, vamos descansar aqui.

Ao desmontar, Shannon perdeu o equilíbrio e caiu de costas, no riacho. Ficou imóvel, aparentemente cansada demais para fazer qualquer movimento.

Malachi caminhou até a margem, sorrindo.

— Ei! Saia da água.

Shannon acenou afirmativamente, mas tinha os olhos enevoados, como se estivesse tonta.

Malachi espirrou água em seu rosto, e viu a raiva substituir a surpresa em sua expressão.

— É bem verdade que você precisa de um banho — disse ele, observando a sujeira no rosto de Shannon — mas este não é o momento apropriado. Venha, eu ajudo.

O casaco da cavalaria abriu-se na queda, deixando à mostra e espartilho rendado. Quando Malachi estendeu a mão para Shannon, seus dedos tocaram de leve a renda e a pele macia que se insinuava na borda. Um calor febril tomou conta de seu corpo, e ele parou, surpreso pela intensidade do desejo. Balançou a cabeça, irritado consigo mesmo, e agarrou as mãos dela.

— Levante-se, Shannon... Droga, levante-se.

Percebendo aquela irritação repentina, Shannon pôs-se de pé.

— Você está ensopada. Vamos subir o barranco.

Malachi agradeceu a Deus por estar exausto. Tão exausto que não poderia sequer pensar no tumulto de emoções que aquela visão provocara...

Shannon suspirou profundamente quando se afastaram da água, tirando o casaco e abaixando-se para tirar as botas. Seu cabelo, ao sol do amanhecer, exibia um brilho

radiante. Malachi não a tocou, mas o calor irradiou-se pelo seu corpo mais uma vez, fazendo o coração disparar e o corpo cansado encher-se de vida.

Cerrou os dentes, praguejando.

— Malachi, há algo errado?

Como aprendera ela a tornar aqueles olhos azuis tão inocentes e tão ardentes ao mesmo tempo? E o cabelo, caindo sobre um dos olhos naquele momento...

— O que há de errado? — Malachi repetiu, cheio de raiva. — Eu só queria tirar Kristin das mãos dos vermes e, em vez disso, corri metade do Missouri para tirar você das mãos de bandidos sulistas. E, por acaso, você tentou usar um mínimo de bom senso quando estava bem nos braços da morte? Não, Shannon, você os provocou ainda mais, e quase fomos mortos.

Shannon empertigou-se, e Malachi viu que ela tremia.

Você não compreende. Não compreende e não pode compreender. Não estava lá quando mataram meu pai, e não teve de ouvir, dia após dia, o que fizeram aos homens em Centrália. Você não...

Shannon, eu lutei na guerra. Estive o tempo todo ao lado da morte.

Não estou falando só da morte... — Seus olhos encheram-se de lágrimas, mas não se permitia chorar. — listou falando do modo como as pessoas foram mortas, ele admitiu, aquele animal admitiu que esteve em Centrália. Deve ter sido ele quem... quem... Malachi, tiveram de juntar os pedaços de Robert! E eu o amava.

Shannon tinha o rosto sujo, mas mantinha a cabeça erguida, e seus olhos ficavam ainda mais bonitos, inflamados pela emoção. Malachi pôde sentir a dor que a envolvia, e desejou não ter tocado no assunto. Ela não compreendia que Justin faria o mesmo, se tivesse a chance de pôr as mãos nela. Mas Shannon lutaria contra Justin novamente. Ou, talvez, houvesse compreendido, e não se importava.

Shannon olhou para Malachi, ainda de cabeça erguida, mãos na cintura, a paixão brilhando como uma aura ao seu redor.

Eu amava Robert, e aquele sádico participou de seu assassinato e esquartejamento.

Isso não importa agora. Não vá se descontrolar, justamente agora.

Você não compreende...

Talvez eu não compreenda, mas não vai me explicar nada. Nenhum ianque jamais explicará os horrores desta guerra a um confederado. Nós perdemos, lembra-se? Ora, é claro que não se esquece disso por um minuto sequer.

— Talvez compreenda o que é morrer e matar, mas não o que é amar.

— Shannon, você é uma tola, e minha vida não é da sua conta.

Malachi, vá para o inferno...

Não quero ouvir mais nada agora, Shannon. Estou cansado e preciso dormir. — Malachi não queria discutir com Shannon. Não queria mais olhar para ela: não queria enxergar todo o ardor, a excitação, a beleza... e a dor que a perseguia.

Não queria desejá-la.

Mas a desejava.

Afastou-se dela e foi até os cavalos, imaginando que ela o seguiria para continuar a

discussão. Mas Shannon permaneceu onde estava por um longo momento, observando-o. Só então aproximou-se dele. Malachi tentou ignorá-la enquanto estendia o saco de dormir e o alforje debaixo de um carvalho: hesitou ao ver o saco de dormir de Shannon, enrolado e preso à sela. Desenrolou-o também, ao lado do seu próprio. Queria que ela ficasse por perto, pois sabia que seria despertado por qualquer ruído suspeito. Justin parecia o tipo de homem vingativo, que ainda podia ameaçá-los.

Shannon foi até a margem do rio em silêncio. Bebeu avidamente e lavou vigorosamente o rosto e as mãos. Malachi deitou-se sobre o saco de dormir, usando o alforje como travesseiro. Virou-se de forma que pudesse vigiá-la. Já era dia, o sol brincava por entre as folhas e galhos, acariciando os cabelos e a pele de Shannon.

O que está fazendo? — perguntou Malachi.

Esfregando. Esfregando para me livrar da sensação daquele bandido horrível me tocando.

Mais tarde você poderá mergulhar e lavar-se o quanto quiser. Agora, saia daí; vamos dormir um pouco.

Vendo-o deitado, Shannon abriu a boca como se pretendesse iniciar uma nova discussão. Talvez estivesse muito cansada: talvez ainda se sentisse grata. De qualquer forma, desistiu de falar e encaminhou-se para ele. Hesitou ao ver os sacos de dormir tão próximos um do outro. Mechas de cabelo molhado encaracolavam-se em torno do rosto suave e bonito; gotas de água brilhavam em seu colo.

Boa noite, Shannon.

Talvez fosse melhor afastar isto. — Ela indicou o saco de dormir.

Deite-se.

Nunca tive de dormir tão perto de um rebelde antes.

Ontem, você dormiu com Justin quase em cima de você.

Shannon sorriu com ligeiro sarcasmo.

— Nunca, por minha livre e espontânea vontade, dormi perto de um rebelde antes.

— Com vontade ou não, vai se deitar agora, pirralha.

Shannon apertou os lábios em desagravo. Se Malachi não estivesse cansado demais para continuar a conversa, se a tocasse naquele momento, não responderia por seu atos.

— Por favor! Pelo amor de Deus, deite-se Shannon!

Ela não disse uma palavra até estar instalada em seu lugar, mas, então, tentou num sussurro:

-Malachi?

-O que foi?

-O que vamos fazer agora?

Malachi hesitou.

-Eu deveria dar-lhe uma surra e mandá-la para casa.

-Você não pode me mandar para casa — disse Shannon, com a voz embargada pelas lágrimas.

-Eu sei. — Malachi foi seco. - Justin está em algum lugar por aí, esperando por você.

Talvez eu devesse entregá-la a ele. Vocês dois poderiam continuar a guerra até o dia do Juízo Final.

-Malachi...

-Não vou mandá-la de volta, Shannon. Você tem razão: não posso fazer isso.

-Então...

-Vamos encontrar Kristin.

-Mas, como vamos encontrá-la? Nunca conseguiremos achar o rastro deles novamente. São poucos, agora, mas já devem estar longe...

-Não precisamos segui-los.

-Mas...

-Shannon, eu sei para onde estão levando Kristin: para Fitz. Sei como chegar à cidade. Cole, Jamie e eu sabemos muito a respeito deles; você se esquece de que 1 já tivemos "negócios" com os vermelhos. — Então, Malachi ficou em silêncio, lembrando-se de quando a propriedade de Cole fora incendiada, e sua bela e jovem esposa, assassinada. — Não estou certo de que possamos interceptá-los de imediato, ou teremos de arquitetar um outro plano. Mas vou encontrá-la e resgatá-la.

-Você acha que... ela estará bem?

Malachi levantou o chapéu e rolou para o lado de Shannon, que o encarava com os olhos francos; olhos que pareciam experientes, sábios e cansados do mundo, e esta expressão aumentava a beleza de seu semblante.

Malachi ergueu-se sobre o cotovelo, fitando-a através da distância de não mais de meio metro, que os separava.

-Shannon, eles vão cuidar bem de Kristin. Ela é o único trunfo que têm para usar contra Cole. Agora, por favor, durma. — Voltou a deitar-se, puxando o chapéu sobre o rosto.

-Malachi?

-O que é? — respondeu ele, irritado.

-Obrigada... de verdade.

A voz suave de Shannon chegou aos ouvidos de Malachi, fazendo-o retesar os músculos. Sentia o corpo em brasa e não sabia até quando conseguiria reprimir a excitação.

-Shannon, durma.

-Malachi...

-Shannon, durma!

Então, ela ficou em silêncio e ele achou que a situação estava sob controle. Shannon dormiria e ele dormiria, também. Quando acordasse, não estaria tão exausto, e teria maior controle sobre suas emoções e desejos. De repente, um ruído quebrou o silêncio da manhã. Malachi atirou longe o chapéu e ergueu-se de um pulo. Shannon o olhava assustada. Estava sentada sobre o saco de dormir, as pernas cruzadas à moda dos índios, mastigando um pedaço de carne defumada. Havia pão e queijo desembrulhados à sua frente.

-O que você está fazendo? — perguntou Malachi, incrédulo.

-Comendo!

-Agora?

-Malachi, eu não como há tempo! Quase dois dias inteiros!

Ele se acalmou. Não pensara em parar para comer durante a noite, e ela não reclamara.

-Está bem, mas faça o favor de apressar-se.

-Sim, senhor — disse Shannon, indignada, olhando-o com reprovação.

Malachi jogou as mãos para o alto, proferindo um palavrão, e deixou-se cair de volta no saco de dormir. Precisava dormir, mas não o fez. Ouviu quando Shannon terminou a refeição e, cuidadosamente, embrulhou os restos e guardou no alforje; ouviu quando ela se deitou, apertando o cobertor em volta dos ombros.

Então, só ouvia a respiração de Shannon. Podia jurar que ouvia as batidas ritmadas de seu coração

Quando fechou os olhos, continuou a vê-la. Via até mesmo as flores de cetim cor-de-rosa bordadas em seu espartilho; sua pele, macia e suave como seda, e seus belos olhos azuis...

Lembrou-se de que nem mesmo gostava dela.

Mas, talvez, também não desgostasse tanto.

Em algum momento, Malachi adormeceu. Dormiu profundamente, sentindo o calor envolver seu corpo. Sentia algo mais que o chão duro, que o frescor da terra. Sentiu um corpo de mulher. De repente, acordou sobresaltado.

Malachi rolara, ou Shannon rolara, durante o sono, e, agora, ela dormia encostada ao peito dele. Ele sentia o cabelo dela sob seu queixo, e seu braço a enlaçava. Estivera dormindo junto de Shannon, emaranhando-se em seu cabelo.

Malachi afastou-se, suspirando. Devia acordá-la. Devia empurrá-la para longe.

Mordeu o lábio e, então, foi-se afastando com todo cuidado. Shannon não se moveu. Se ele não pudesse ouvi-la respirar, poderia pensar que estava morta, tão profundo era seu sono.

Malachi sentou-se, tirou as botas e as meias, e foi até o riacho. A água estava fresca e agradável, como ele precisava. Tirou a camisa e jogou água nos ombros e nas costas, e então voltou para o saco de dormir, usando só as calças.

Deitou-se e ficou a admirar o céu da tarde. Deveriam partir à noite.

Maldita! Era ele quem precisava, desesperadamente, dormir. Fechou os olhos e os reabriu, quase instantaneamente, ao senti-la rolar e colar-se a ele novamente. Olhou-a por alguns instantes e, então, rendeu-se. Deslizou o braço pelo corpo dela, abraçando-a, aninhando-a contra seu corpo quente. Não mais ouvia o coração de Shannon bater: agora, sentia as batidas.

Era bom demais abraçá-la. Abraçou-a com força, sabendo que logo poderia arrepender-se de seu gesto.

Conhecendo Shannon, Malachi imaginou que ela acordaria furiosa e o acusaria de ter-se aproveitado de seu sono. Jamais acreditaria que ela própria, inconsciente, buscara aconchego. Ela precisava de calor e afeto, mas acordada nem sequer se permitia pensar nisso.

Todos nós precisamos de carinho, pensou Malachi.

Suspirou, estremecendo diante do perfume dos cabelos macios. Precisava dormir...

dormiria, e ela nunca saberia o quanto ele fora cavalheiro...

Não, não conseguiria dormir... Mas, finalmente adormeceu. Talvez, a respiração ritmada de Shannon o tivesse embalado; talvez a exaustão houvesse, finalmente, tomado conta de todo o seu ser.

Adormecido, sonhou novamente.

Relembrava o dia em que fora ferido, e quando caíra no riacho.

Via coisas: ilusões. A luz suave do sol brilhava sobre a terra e sobre a água... e sobre aquela mulher.

Ela surgiu do centro do pequeno dique, como uma fênix renascida das profundezas cristalinas. Seus movimentos eram mágicos, e sua beleza, estonteante.

Primeiro, foram seus braços que emergiram das águas, seguidos pela cabeça, com os cabelos longos e dourados, os ombros, os seios. E ela continuou a erguer-se, até ficar totalmente fora da água.

Era Vênus... saindo de seu banho.

Era a perfeição, de seios rijos e firmes, de uma beleza inigualável. A cintura esbelta, os quadris curvilíneos...

Era uma ilusão, movendo-se em câmera lenta. O produto de um sonho, de muitas noites insones. Talvez fosse um espírito do crepúsculo, uma criação do Sol poente, misturando-se às cores do céu, rosa, dourado e carmim.

Abaixou-se novamente, colocando as mãos em concha, enchendo-as de água. Então, ergueu-se, jogando a água no rosto, e gotas rolaram pelo seu corpo como uma cascata de diamantes.

Malachi não estava sonhando; estava completamente desperto. Desperto e olhando fixamente para o riacho. Ela, provavelmente, pensara que ele continuaria dormindo.

Levantou-se e caminhou, vagarosamente, até a água. Shannon imobilizou-se ao vê-lo; parecia petrificada. Não mergulhou, nem se cobriu com as mãos; simplesmente o observava, de lábios entreabertos, como se as palavras estivessem presas ali.

Malachi não parou, nem hesitou.

Caminhou diretamente para ela e, quando a alcançou, estreitou-a nos braços, devorando com os olhos aquele rosto, aqueles lábios, aquele olhar, acariciando-a ternamente.

Abaixou a cabeça muito lentamente, até capturar os lábios dela com os seus.

Shannon continuou parada.

Malachi apertou-a contra si, correndo os dedos, gentilmente, de seu rosto para o pescoço. Beijou-a com ardor, sentindo o desejo explodir em seu corpo. Não havia caminho de volta. Não agora...

Acariciou os seios de Shannon, tomando os mamilos entre os dedos, e sentiu que ela abria os lábios para ele, ao mesmo tempo em que o enlaçava com os braços leves e delicados.

E Shannon beijou-o no rosto, no peito e nos ombros, enquanto, com os dedos, acariciava-lhe as costas. Ele continuou a brincar com seus seios, e a beijá-la mais e mais, descendo pelo pescoço e tomando um mamilo entre os lábios.

Shannon gemeu baixinho, agarrando-se aos ombros dele. Malachi voltou a beijá-la na boca, com todo o fogo da paixão.

Ela tentou afastar-se, descolando os lábios dos dele.

Não devemos...

Por Deus, não me diga isso agora — disse Malachi, com a voz rouca, voltando a abrir os lábios de Shannon com paixão. Dessa vez, ela não protestou. Apertou mais os braços em torno dele e recebeu seus beijos até sentir-se trêmula, partilhando o desejo que o incendiava.

Então, Malachi afastou-se e, mais uma vez, encheu os olhos com aquela beleza encantadora. Estendeu as duas mãos, tomando os seios perfeitos entre elas, acariciando-os, ora com toque muito suave, ora com voracidade.

Tomou Shannon nos braços e carregou-a até a margem coberta de relva. Ela tinha os olhos fechados. Malachi sabia que deveria se perguntar se ela sonhava com outro homem, se ela já tivera alguma experiência do que estava fazendo, mas não conseguia pensar em coisa alguma. Abraçá-la, carregá-la para a margem, parecia um gesto natural, necessário.

Estendeu-a sobre a relva macia. Seus olhos permaneciam fechados, sob os últimos raios de sol. Malachi deitou-se a seu lado e beijou-a nos lábios, descendo gentilmente pelo pescoço e pelo colo, sentindo o sabor da água e o calor do sol.

Levantou-se, sem tirar os olhos de Shannon, sentindo o impulso da vida vibrar em seu ser, e despiu-se, assistindo à dança das sombras de folhas sobre o corpo dela. O mundo distanciou-se, e os ecos dos tiroteios não mais podiam alcançá-los. Nada mais existia, senão o glorioso e colorido crepúsculo, e ela... dourada e bela como os raios do Sol poente, nua e primitiva como a terra sobre a qual repousava. Deitou-se novamente ao lado dela. Shannon ainda tinha os olhos fechados e permanecia quase totalmente submissa. Malachi beijou-lhe as têmporas, sussurrou em seu ouvido, seguindo com os lábios a doce trilha até os ombros. Mais uma vez, acariciou-lhe os seios, e ela arquejou, reprimindo um profundo grito em seu peito. Malachi a contemplava fascinado, tentando compreender as reações dela.

Imaginou se Shannori, ao menos, se lembrava de quem ele era. Queria que ela abrisse os olhos, que visse seu rosto, e dissesse seu nome.

E foi se aconchegando, se moldando ao corpo delicado. Encontrou certa resistência, mas, então, beijou-a: um beijo provocante, invasor, sedutor. Com suavidade, mas com determinação, fez seu caminho, lentamente, até tocá-la na intimidade.

Shannon abriu os olhos e encontrou os dele.

— Não... — murmurou ela, suavemente.

Malachi aproximou-se tanto, que seus lábios quase tocaram os dela, quando falou.

-Diga meu nome Shannon.

-Não...

E já que não evitava o que estava acontecendo, Malachi que encarasse a realidade.

Então, forçou-a a olhá-lo e a dizer seu nome.

Encontrou os pontos mais sensíveis de seu corpo, acariciando-os, e começou a penetrá-la devagar, com cuidado. Shannon se movia docemente sob o peso de seu corpo, mesmo quando tentava resistir.

-Abraça-me, Shannon — pediu ele, e ela o atendeu, com a naturalidade dos amantes, e o acariciou com as pontas dos dedos. Queria mantê-lo assim, colado a ela, e queria dar-

lhe prazer.

-Diga meu nome, Shannon — insistiu Malachi. — Diga meu nome. Abra os olhos e diga o meu nome.

Shannon abriu os olhos. Havia um lampejo de raiva bem no fundo daquele azul.

— Malachi! — ela murmurou, tensa.

— Agora, diga o que quer que eu faça.

Shannon encarou-o atônita, e suas faces coraram. Malachi não podia resistir mais. Precisava possuí-la. Mas haviam sempre travado guerras, e esta ele não perderia.

-Diga-me o que quer.

-Não...

-É fácil.

Shannon tentou empurrá-lo, mas ele pegou suas mãos e, entrelaçando os dedos, manteve-as firmes acima de sua cabeça.

— Diga: "Eu quero você, Malachi".

Beijou-a e começou as carícias. Shannon gemeu, cravou as unhas nos ombros de Malachi. Explodia de paixão. Com a cabeça jogada para trás, Shannon murmurava palavras desonexas.

-Não posso ouvi-la, Shannon.

-Eu... quero você.

— Eu quero você, Malachi.

— Eu quero você, Malachi.

A voz de Shannon era fraca e rouca. Era tudo o que ele queria; tudo de que precisava. Ela se moveu sob ele, com desejo, com suavidade, e um triunfo febril tomou conta de Malachi.

Shannon retesou-se e gritou, e Malachi percebeu que a imaginara experiente, simplesmente porque quisera pensar assim. Sentiu algo romper-se dentro dela, e uma construção de dor. Começou a afastar-se, mas ela o segurou firmemente.

Shannon, agora, tinha os olhos abertos, molhados de lágrimas.

-Não, não... Eu disse que queria você. Eu disse...

-Mas você não me disse que era...

-Você não perguntou. Por favor...

Sua voz estava trêmula, e Malachi deu-se conta de que era tarde demais para reparar qualquer mal, mas talvez não fosse tarde demais para recuperar a magia daquele momento.

Voltou a mover-se lentamente, deixando-se afogar naquele corpo que respondia ao seu desejo com mais paixão.

Momentos depois, Shannon gritou, agarrando-se a ele.

Ela parecia ter o conhecimento inato da arte de ser mulher. Movia-se sob ele com paixão e sensualidade. Malachi acompanhou seu ritmo. A brisa embalava e acariciava as folhas silenciosamente. Os pássaros cantavam e a água borbulhava. E ambos foram aumentando o ritmo da paixão, deixando-se levar pela febre furiosa que os consumia. E entre beijos e palavras desconexas, murmuradas por vozes roucas e trêmulas, explodiram num clímax violento.

Instantes depois, Malachi ergueu-se, apenas o suficiente para fitar o rosto de Shannon.

Os olhos estavam fechados, os lábios entreabertos, a respiração entrecortada... e o corpo, ligeiramente tomado por pequenas ondas de tremor.

-Shannon? — Malachi brincou com seus cabelos, afastando as mechas pousadas em seu rosto. Ela fez um pequeno movimento, tentando escapar ao peso do corpo dele. Ele se apoiou sobre o cotovelo.

-Shannon...

-Não, por favor, agora não.

Enquanto a noite chegava, Malachi permaneceu abraçado a Shannon, olhando as árvores, o contorno das folhas, até que o céu ficou escuro demais.

De repente, em silêncio, Shannon levantou-se, deixando o cabelo cair sobre os olhos. Caminhou rapidamente até a água, sem parar na margem, indo diretamente para a região mais funda.

Pensativo, Malachi imaginou que o que ela fazia, então, não diferia muito do que fizera pela manhã, quando esfregara as mãos e o rosto, para lavar o cheiro e a memória de Justin. Tenso, juntou-se a ela.

— Shannon!

Ela o ignorou, e ele a pegou pelo braço, obrigando-a a virar-se. Ela soltou o braço com violência.

-Shannon, o que está fazendo?

-Nada. — Então, por que não fala comigo?

-Não quero conversar.

-Shannon, o que acabou de acontecer...

— Não deveria ter acontecido. Isso não deveria ter acontecido! — repetiu, furiosa. Sentou-se dentro da água, franzindo os lábios, esfregando as coxas, comportando-se como uma virgem envergonhada. Afundou-se mais, de maneira que a água cobriu seus seios, e isso irritou

Malachi muito mais do que a perversa negação do que houvera.

— Shannon...

-Droga, Malachi! Você poderia, ao menos, ter a decência de me deixar sozinha, agora?

-Se eu poderia ter a decência?

Agarrou-a pelos braços, fazendo-a ficar de pé. Estava furioso, e ela permanecia distante. Ainda assim, algo havia mudado entre eles, de maneira irrevogável, para sempre. Agora, parecia natural segurá-la dessa forma, molhada, nua. Ela não podia fazer amor como fizera e fingir que esses momentos não existiram.

-Decência? — perguntou Malachi, com sarcasmo. — Oh, entendo. Foi tudo minha culpa...

-Eu não disse isso.

-Foi o que quis dizer.

-Bem, você é o grande cavalheiro sulista. Sabe de uma coisa? É assim que Kristin sempre se refere a você. Você foi o perfeito cavalheiro, o herói, magnífico! Cavalgando por uma dama em desgraça! Bem, ela está errada: você não é um cavalheiro. Quando me viu tomando banho, devia ter-se virado para o outro lado.

Oh?! E você, eu suponho, agiu como uma perfeita dama? Nua na minha frente,

exibindo-se como uma dançarina. ..

— Malachi, foi sua culpa.

— Minha culpa. Claro! Eu a arrastei da água aos berros...

Shannon baixou a cabeça.

Malachi tocou seu queixo, erguendo-o.

— Você queria apenas satisfazer uma pequena fantasia. Nunca foi para a cama com o Ianque quando ele era vivo, e agora, você desejou fazê-lo comum capitão rebelde só para ver como poderia ter sido...

Shannon deu-lhe uma forte bofetada no rosto e agachou-se, temendo que ele retribuísse. Todas as vezes que o agredira, antes, ele pagara na mesma moeda. Mas, dessa vez, ele não reagiu. Apenas passou a mão pelo rosto e deu-lhe as costas.

— Tem razão, Shannon. Nunca deveria ter acontecido.

Foi até a margem e, ignorando-a completamente,

vestiu-se devagar. Quando percebeu que ela fazia o mesmo, arriscou um olhar de soslaio. Ela pôs a calça e sentou-se no saco de dormir para calçar as botas.

De seu alforje, Malachi tirou uma camisa limpa de algodão xadrez, que jogou para ela.

— Obrigada, eu não...

— Vista. Se continuar com esse espartilho, todo cavaleiro que passar por nós, sem exceção, vai pensar que está se oferecendo.

Shannon arregaçou as mangas e, de cabeça erguida, começou a abotoar a camisa.

— Eu não ia recusar a camisa, capitão Slater. Ia apenas sugerir que também usasse uma. Aquele seu casaco de confederado chama atenção.

Malachi não respondeu. Enrolou o saco de dormir, colocando dentro dele o cobertor, o casaco e a jaqueta. Usava calça cinzenta, mas a camisa era de algodão azul.

Ajeitou o chapéu na cabeça e olhou para Shannon, que tentava desembaraçar as longas mechas de cabelo.

Depois de selar os cavalos, viu-a continuar lutando com o pente. Impaciente, tirou-o da mão dela.

-Fique de joelhos — falou, ríspido.

-Eu não...

— É o único jeito de eu ajudá-la com essa cabeleira!

Ela lhe obedeceu em silêncio. Rapidamente, ele encontrou os nós e os defez. Ao terminar, jogou-lhe o pente de volta.

— Podemos ir agora, srta. McCahy?

Shannon concordou com um aceno de cabeça. Ambos montaram e iniciaram a jornada.

Malachi cavalgava na frente, sombrio, envolvido com seus próprios demônios.

Pareceu-lhe estar havia horas na estrada, quando Shannon tentou, finalmente alcançá-lo.

-Malachi?

-O que é?

-Eu... eu quero explicar.

-Explicar o quê?

-O que eu disse. Eu não pretendia negar...

Ainda bem, porque não vou permitir que negue a verdade.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Quero explicar.

Shannon continuava atrás dele, de modo que ele não via a aflição espelhada em seu rosto, contrastando com a calma que imprimia às palavras.

-Shannon, sabe de uma coisa? Não precisa explicar nada.

-Você não compreende...

-Sim, eu sei. Nunca compreenderei. ,

-Malachi, antes da guerra, sempre fui uma dama...

-Shannon, antes, durante e depois da guerra, você sempre foi um diabrete.

-Ora, Malachi! Só quis dizer que... eu nunca teria feito... o que fiz. Eu não deveria...

Malachi hesitou, ouvindo-a balbuciar as palavras com dificuldade. O tom choroso o comovia, porém, também sentia-se amargo. A idéia de a lembrança de Robert ter ocupado a mente de Shannon durante todo o momento de entrega o enfurecia. Sentia-se usado, traído.

De qualquer forma, Shannon não tinha culpa.

- A guerra modificou muita gente — disse ele suavemente. — E você ainda é uma dama, pirralha. Eu sinto muito.

-Não quero que se arrependa, Malàchi. Apenas... não deveria ter acontecido. Não agora. Não entre nós.

-A ianque e o rebelde; jamais daria certo — disse Malachi com amargura.

Shannon apressou seu cavalo, pondo-se ao lado de Malachi.

-Malachi, por favor, não foi isso o que eu quis dizer.

-Espero que saiba o que fez, Shannon — disse Malachi com franqueza. Você se transformou, esta noite. Para sempre. Jogou fora algo que alguns homens julgam muito precioso. Não pode, simplesmente, fingir que nada aconteceu.

Corando muito, Shannon abaixou a cabeça.

-Sei disso. Mas eu não pretendi fingir nada. Eu que ria dizer que...

-Shannon, eu não a arrastei para o chão, não a forcei aos meus abraços. Seduzi, talvez, mas não sem a sua cooperação.

Shannon ergueu os olhos para ele, com um sorriso triste. Lágrimas embaçavam seus olhos.

— Eu desejei você, Malachi. Não deveria. Porque, realmente amei Robert, com todo o meu coração. E nem um ano se passou ainda. Eu... — Sacudiu a cabeça. —Eu sinto muito.

Pôs o cavalo em marcha, passando à frente de Malachi, que sentiu-se, de repente, esgotado. Nunca imaginara que Shannon McCahy poderia lhe provocar tamanho tumulto de emoções. Raiva, sim: sempre lhej provocara raiva...

Talvez ela sempre houvesse provocado essa febre de desejo e só agora ele se dava conta disso.

Agora, ele também ganhara um lugar no coração dela.

Talvez pudessem ser amigos. Toda guerra merecia uma trégua, vez por outra.

— Shannon...

Ela parou e olhou para ele.

— Vamos acampar aqui e dormir um pouco. Seguiremos mais para oeste amanhã à noite. Portanto, vamos aproveitar a água agora.

Shannon concordou e desmontou, pegando seu alforje. Malachi quis ajudá-la, mas relutou. Ela havia sido criada em um riacho, saberia o que fazer. Assim, deixou-a sozinha. Ambos precisavam de um pouco de privacidade.

Malachi desencílhrou sua égua e levou-a para pastar. Chegando à beira do rio, juntou gravetos para acender uma fogueira.

Shannon o observava, enquanto as chamas nasciam.

— Preciso de algumas pedras, não muito grandes — Malachi pediu. — Tenho uma panela; tomaremos café. — Precisava manter-se longe dela, tarefa nada fácil. Não podia nem sequer olhar para ela, sem desejar apertá-la nos braços.

Shannon voltou com as pedras, e Malachi arranjou-as em volta do fogo, antes de pôr a água para ferver.

Ficou com o olhar fixo no fogo, enquanto Shannon estendia os sacos de dormir.

Logo, o café estava pronto; Shannon dispôs pão, queijo e carne defumada sobre uma toalha. Mal se falaram, durante a refeição. Quando se sentiram satisfeitos, o silêncio tornou-se pesado.

-Por que não vai dormir? — sugeriu Malachi.

-Sim, acho que vou mesmo. — Levantou-se e começou a andar. Então, parou, e, sem jeito, sorriu. — Malachi? É importante para você?

-O que, Shannon?

-É... bem... uma mulher...

-Ser virgem? — adivinhou ele.

-Esqueça. — Virou a cabeça, corando.

Shannon...

— Deixe para lá. As vezes, eu esqueço as conseqüências e...

Malachi sorveu um grande gole de café, observando-a por sobre a borda da xícara.

Esqueceu as conseqüências desta vez?

Como assim?

Malachi levantou-se e aproximou-se, irritado com o toque de travessura nas palavras dela. Iria fazê-la pensar e preocupar-se durante dias.

Mas passara as últimas horas num verdadeiro inferno, e certamente passaria todos os momentos com ela, desse dia em diante, em profundo tormento.

— Conseqüências. Procriação. Bebês. Doces criaturinhas que crescem dentro do corpo de uma mulher...

Shannon arregalou os olhos. Malachi atingira seu alvo: agora, ela se preocuparia por dias. Beijou-a na testa.

— Boa noite.

Ela continuava parada no mesmo lugar, quando ele voltou para a fogueira.

— Onde estamos? — Shannon quis saber. A tarde já terminava, e haviam cavalgado o dia todo, sempre para oeste, evitando as estradas principais.

— Chegamos ao Kansas — respondeu Malachi.

Montados em seus cavalos, sobre um grande rochedo, observaram a pequena cidade de fronteira. Nas planícies adiante havia inúmeros ranchos e fazendas. De onde estavam, conseguiam ver uma estrebaria, uma barbearia e um bar. No topo de uma das

construções, uma placa anunciava: "Armazém do Sr. Haywood"; e outra placa, um pouco menor: "Estalagem da Sra. Haywood. Alugam-se Quartos por Dia, Mês ou Ano".

— Haywood, Kansas — murmurou Shannon. Sabia que Malachi olhava para ela, mas não conseguia retribuir o olhar.

Não se conformava com o que fizera. Não bebera uma gota de álcool; não fora coagida. Havia se entregado a Malachi por sua livre e espontânea vontade. E, se fosse possível viver cem anos, jamais esqueceria o que acontecera. Jamais esqueceria Malachi...

Agora, não conseguia olhar para ele sem recordar os momentos de paixão que haviam partilhado. A firmeza com que segurava as rédeas lembrava-a do prazer que aquelas mãos lhe haviam proporcionado, das carícias gentis, deliciosas. A voz grave e envolvente causava-lhe ondas de calor e tremor. Ainda podia ouvi-lo murmurando palavras doces, estimulando-a a perder-se na loucura do gozo. Sentia desejo e vergonha. Estava confusa.

Sempre o achara atraente, mesmo nos momentos em que mais o detestara; mesmo enquanto a guerra se arrastava, ou quando ele a desprezava, tratando-a como a uma criança pirracenta. Agora, Shannon o conhecia intimamente.

Mas nunca deveria ter cedido aos impulsos. Estremecia só ao pensar em seu total desprendimento. E, pobre Malachi! Tinha o orgulho ferido por achar que ela procurava apenas consolo, buscara um substituto para Robert... Não havia sido isso, embora pudesse encontrar uma boa desculpa na própria fragilidade, depois de sofrer uma grande perda.

Não; cederà à necessidade de amor e não havia qualquer desculpa. Não eram sequer amigos. Inimigos apaixonados, na melhor das hipóteses. Como Malachi a estaria julgando, Shannon não fazia a menor idéia.

De repente, percebeu que seu grande medo era que, para Malachi, tudo não passasse de uma experiência casual e momentânea, enquanto para ela representava um pesadelo que mudaria sua vida para sempre, levando-a a duvidar se lhe restava ainda algum senso de moralidade. E, de todos os homens na terra, havia de ser Malachi a humilhá-la de tal maneira...

Tinha de encarar o fato com naturalidade, esquecer e parar de se preocupar. Malachi aventara uma possível consequência que nem sequer passara por sua cabeça. Não era uma menininha ingênua. Sempre soubera o que os homens e as mulheres faziam para gerar filhos. Simplesmente, não pensara na questão e, no momento, deveria deixá-la para trás. Kristin estava nas mãos dos vermelhos, e Shannon precisava da ajuda de Malachi: nada sabia sobre o Kansas ou sobre o tal Fitz.

Vamos descer — disse Malachi, relutante. — Precisamos comprar comida; e eu daria tudo por um jornal, para saber o que tem acontecido pelo mundo.

Eu vou.

Não seja tola; não posso deixá-la descer até lá sozinha.

Eu estaria completamente segura, e você, não.

Ninguém está seguro por aqui. Não era seguro antes da guerra e, certamente, não o é agora.

Mas eu sou uma ianque, lembra-se?

É, mas nem todos pensam assim. Para alguns, qualquer habitante do Missouri é um

terrível bandido sulista. Qualquer um.

Então, o que sugere?

Malachi olhou para Shannon, arqueando uma sobrancelha.

— Ora, ora! Nós representamos como ninguém, srta. McCahy. Vamos juntos: marido e mulher. Nosso rancho foi queimado e nos dirigimos para oeste. E não cometa asneiras, certo?

Shannon apontou para o chapéu de Malachi.

— Você vai entrar na cidade com a luz da verdade bem na sua testa, capitão?

Malachi desmontou, tirou o chapéu e observou-o por um longo momento; então, escondeu-o com todo cuidado entre os ramos de um arbusto.

— Isto é um funeral? — Shannon perguntou, sarcástica. — Talvez devêssemos chamar o vigário para dizer as últimas palavras.

Malachi olhou-a, ressentido, e Shannon engoliu seco, arrependida pelo comentário infeliz. Ele não respondeu. Deu a volta e montou.

— Siga-me, Shannon. Não me importo de morrer por Kristin, ou mesmo por você, se não puder evitar, mas não pretendo morrer só porque você não é capaz de manter a boca fechada.

As palavras caíram no silêncio. Shannon fitou-o sem pronunciar uma palavra, pelo que pareceu uma eternidade. Pretendera apenas provocá-lo, jamais magoá-lo. Sem jeito, não sabia como explicar-se, ou desculpar-se.

— E seu alforje? — Shannon perguntou com frieza.

- Está marcado com algum símbolo da Confederação?

Ou os arreios?

— Meu alforje vem de um falecido cavalo de arado

de Ohio, e os arreios são do seu rancho. Nenhum símbolo, emblema ou marca.

— Vamos, então?

Começaram a descida.

Vamos comprar alguns suprimentos e obter informações — disse Malachi. — Tenha cuidado.

Eu? Deveria sentir-se grato por ter-me a seu lado, Malachi Slater. Não aceitariam o seu dinheiro confederado aqui. Eu trouxe dólares ianques.

Malachi encarou-a, sem se alterar.

— Guarde seus dólares, Shannon. Trago ouro. Pelo que sei, é aceito por todos, em todos os lugares. Venha, fique perto de mim.

Prosseguiram na descida. Os cavalos trotaram suavemente pela planície e entraram na única rua que acompanhava a linha de edifícios. Malachi parou sua égua, sinalizando para que Shannon fizesse o mesmo. Desmontaram na frente do armazém, amarraram os cavalos e subiram os degraus empoeirados que levavam à porta de entrada.

Um homem calvo e corpulento estava atrás do balcão que se estendia diante de uma parede repleta de prateleiras, com pilhas e pilhas de variadas mercadorias: rolos de tecido, na maioria, algodão e linho, mas também brocados, sedas e cetins, e até pequenos rolos de rendas muito finas. Havia sacos de farinha, café, chá e açúcar, avia-mentos, ferramentas, artigos de couro, cobertores, lençóis, cantis. Havia fartura até de

alimentos. Shannon viu vidros de compotas, pickles e carnes defumadas. A cidade, pequena, pelo jeito, era muito próspera.

—Olá! — o homem saudou-os.

Malachi dirigiu-lhe um sorriso largo, enquanto caminhava em sua direção.

-Olá, senhor.

-Em que posso servi-lo, meu jovem?

-Eu e minha esposa estamos a caminho do oeste e precisamos de alguns suprimentos.

Podemos cuidar disso, senhor.

Sloan — disse Malachi.

— Gabriel — disse Shannon, ao mesmo tempo.

Malachi lançou-lhe um olhar faiscante. O homem olhava de um para o outro.

— Sloan Gabriel, senhor — disse Malachi, puxando Shannon. — E esta é minha esposa Sara.

O homem olhou para Shannon, que, sorrindo, escapou do aperto de Malachi e começou a passear pela loja, admirando as mercadorias expostas.'

— Muito prazer, sra. Gabriel.

— Igualmente — murmurou Shannon recatadamente.

O homem inclinou-se para Malachi.

Minha esposa tem um salão de chá aqui ao lado. Talvez sua mulher queira fazer um lanche. — Piscou. — Enquanto isso, o senhor poderia tomar uma cerveja no bar.

Excelente idéia — respondeu Malachi. Um bar era sempre o melhor lugar para se inteirar dos fatos. Olhou para Shannon. — Querida...

Ela examinava uma peça de chita, e não lhe deu a menor atenção. Malachi foi até ela, enlaçando-a.

Querida, este simpático senhor, senhor...

Haywood — completou o homem.

O sr. Haywood estava me dizendo que a esposa dele tem um pequeno salão de chá aqui ao lado. Você não gostaria de tomar um chá completo, com leite e açúcar? A viagem tem sido longa e difícil.

Shannon sorriu docemente.

— Você vai tomar chá, querido?

Ficou na ponta dos pés e deslizou os braços em torno do pescoço dele.

— Eu pensei em tomar uma cerveja do outro lado da rua — disse Malachi, entre dentes.

Shannon exibia um olhar exageradamente inocente. Mantinha o corpo colado ao dele, numa atitude não tão inocente assim. Com medo do que ela pudesse aprontar quando ficasse a sós com a sra. Haywood, cochichou-lhe que tivesse cuidado.

— Ora, querido, eu não me importo. Vou até o bar com você. Não porque goste de cerveja, mas...

Malachi soltou-a do abraço.

Querida, vá tomar o seu chá. Esses bares não são lugares apropriados para mulheres. Os homens podem dizer coisas... que eu não quero que você ouça.

Enquanto estiver ao seu lado, querido, tenho certeza de que nada pode me atingir.

Estará mais segura, querida, tomando chá.

Mas eu não me importo de ouvir conversas de homens, querido.

Malachi estava prestes a perder a paciência. Sua voz] traía a crescente irritação.

Minha querida, os homens não ficam à vontade quando uma dama está presente. Você vai tomar chá.

Mas eu...

Ele não deixou que terminasse. O sr. Haywood bisbilhotava atrás dele, e já ouvira demais. Puxou-a com mais força e beijou-a tão rudemente, que ela mal pôde respirar. Quando a soltou, sussurrou em seu ouvido:

Vá tomar chá. Agora. Ou vai arruinar tudo.

Mas eu também quero ouvir...

Vá. Agora. Sorria, beije-me com carinho e, droga, vá tomar uma xícara de chá.

Shannon apertou os lábios, contrariada, mas ficou quieta. Malachi virou-se.

Sr. Haywood, o senhor disse que o salão fica aqui ao lado?

Isso mesmo. Sua esposa pode atravessar direto por esta porta.

Shannon não via nenhuma porta, até perceber que essa também estava coberta de prateleiras.

— Até mais tarde, querida. — Malachi abraçou-a e deu-lhe um beijo na testa. Ela desejou esmurrá-lo, mal colocou-se na ponta dos pés e beijou-o, com ardor e paixão... Estarrecido, Malachi desistiu de lutar, e deixou-se arrastar naquele beijo.

Ao separar os lábios dos dele, Shannon desceu os pés, sem se afastar, deixando seu corpo escorregar pelo de Malachi. Viu o brilho nos olhos dele, mas ignorou-o, a despeito do tremor que ela mesma sentia. Voltou-se para o sr. Haywood e sorriu.

— Somos recém-casados — explicou, corando e pestanejando. — Não suporto ficar longe dele nem por um segundo. Foi tão triste... a separação, a guerra. O gado se perdeu, os campos foram destruídos e, um dia, todo o rancho foi queimado. Mas agora estamos juntos, finalmente, e é tão difícil separar-me dele...

Os dois homens estavam silenciosos. Malachi parecia petrificado, mas quando Shannon olhou para ele, seus olhos estreitaram-se, provocando-lhe um calafrio. Decidiu retirar-se imediatamente. Presenteou o sr. Haywood com um sorriso e, depressa, atravessou a porta que ele mantinha aberta para ela.

Shannon viu-se num grande salão, que a fez lembrar-se de sua própria casa. Era um lugar adorável. Havia pequenas mesinhas com tampo de mármore e um piano sobre um tapete debruado, em frente da escada de madeira polida. Elegantes cadeiras vitorianas estavam dispostas ao redor do piano, e em frente da lareira.

Uma mulher baixa e rechonchuda, de olhos castanhos pequenos, cabelos grisalhos e bochechas rosadas, apareceu na porta, secando as mãos numa toalha. Sorriu e avaliou os trajes de Shannon, que logo se deu conta da impropriedade de sua roupa para aquele salão elegante. Mas a mulher não hesitou. A região era repleta de ranchos e fazendas, e a maneira como Shannon se vestia não lhe causava estranheza.

Olá, senhora...

Gabriel. Sara Gabriel, sra. Haywood. Seu marido me sugeriu que viesse.

- Ótimo! Bem, sente-se. Vou lhe servir o que temos de melhor. — Estendeu os braços para o salão. — Como pode ver, não estamos muito ocupados no momento. Shannon

concordou, imaginando se em alguma ocasião o salão se encontraria lotado. Parecia uma cidade pequena demais para manter a loja e o salão.

— Sente-se, sente-se!

A mulher instalou Shannon em uma das cadeiras diante da lareira e desapareceu. Shannon mal teve tempo para tomar fôlego e olhar à sua volta, antes que a sra. Haywood estivesse de volta, carregando uma grande bandeja de prata, que colocou sobre uma das delicadas mesinhas. Encheu uma xícara de chá e perguntou:

Açúcar, leite?

Sim, obrigada.

Enquanto a sra. Haywood preparava o chá, Shannon espiou a rua. Malachi estava entrando no bar.

Aquele é seu marido? — perguntou a sra. Haywood, que seguira o olhar de Shannon.

Sim — disse Shannon, com um leve sorriso.

Ora, não se preocupe, querida. — A velha senho-j ra suspirou, e deu uns tapinhas no joelho de Shannon.j — Você é linda, não precisa se preocupar nem um pouco. Recém-casados, não é?

Sim, senhora. Como adivinhou?

A guerra, minha pequena, a guerra. As moças estão agarrando seus companheiros no momento em que pisam em casa. Muitos jovens morreram. Muitas moças! foram deixadas sem marido ou pretendentes. Aquelas que podem estão se casando depressa. Seu marido lutou na guerra, sra. Gabriel?

Sim... sim, lutou — Shannon apressou-se a responder, rezando para que a mulher não esticasse esse assunto.!

E não o fez. Apontou para os quitutes na bandeja,

— Torta de carne, biscoitos de canela e bolinhos dei passas. Sou a melhor cozinheira deste lado do Mississipi, isso eu garanto. Sirva-se, pequena.

Shannon não se dera conta do quanto estava faminta, até morder o primeiro pedaço de torta. Ainda estava quente, e a massa era leve e fofa, deliciosa, e a carne, tão macia que parecia derreter-se na boca. Já fazia algum tempo que não comia algo tão gostoso. Tudo ali era bom: da elegância das cadeiras à excelência da comida. Sem dúvida, aquele intervalo durante a exaustiva viagem era mais do que bem-vindo.

A sra. Haywood continuou falando enquanto Shannon comia. Explicou que a Haywood era mantida pelos viajantes que passavam por ali em grande número. A cidade era cercada de estradas, que seguiam para o sul, norte e oeste.

— Pessoas de todos os lados estão se dirigindo para a Califórnia, como em 1849. A guerra... deixou muitas famílias sem lar ou sem qualquer lugar que pudessem chamar de seu.

Shannon acenou vagamente. Por sobre o encosto da cadeira olhava para o bar, do outro lado da rua, através da cortina rendada. Foi invadida por uma onda de calor ao se lembrar da maneira como beijara Malachi no armazém e perguntou-se por que o fizera. Sem querer, começara um jogo perigoso. Se esperava provocá-lo ou magoá-lo, arriscava-se a cair na própria armadilha. Não entendia as próprias atitudes, que agora escapavam do seu controle.

Nem mesmo compreendia por que estava tão ansiosa em relação ao tempo que ele

passava no bar. O que ele estaria fazendo?

Bebendo com as prostitutas, imaginou. Ficou furiosa com a idéia, mas censurou-se. Por acaso, o que Malachi fazia ou deixava de fazer era de sua conta?

Não era, mas se importava!

Quase mordeu a borda da xícara diante desse pensamento. Tentou convencer-se de que detestava Malachi, com todas as forças, que nunca desejara agradá-lo nem desejara estar com ele. E não o desejava agora; tratava-se apenas de uma questão de necessidade.

Talvez nem estivesse se divertindo com mulher alguma: talvez estivesse em perigo.

Vocês vão passar a noite aqui? — perguntou a sra. Haywood.

Não, creio que não. Mas... meu marido, Sloan, quer continuar a viagem. Ele diz que, quanto antes chegarmos ao nosso destino, tanto antes poderemos nos estabelecer.

Um pequeno descanso nunca fez mal a ninguém.; É uma pena; tenho um quartinho muito aconchegante lá em cima: belas cortinas de renda, um grande acolchoa-] do de lã, uma lareira... — Piscou, inclinando-se para Shannon, — Tenho a banheira mais incrível que você já viu, toda de madeira e cobre, com lugares para dois. Ideal para um casazinho em lua-de-mel.

Shannon acenou, corando.

— Tenho certeza de que é realmente ótimo, sra. Haywood...

A mulher saltou da cadeira, puxando-a pela mão.

— Ora, venha ver. Seu marido parece estar se divertindo. Vamos subir, e vou lhe mostrar o meu retiro dos amantes!

Shannon não tinha escolha. Olhou mais uma vez para o bar, mordendo-se de raiva. Droga! Por que Malachi demorava tanto?

Era um típico bar do Kansas, no estilo dos que se construíram quando o homem branco pôs pela primeira vez! os pés naquelas terras. Dois homens serviam o balcão, e uma bela loira, de chapéu de plumas e ombros nus, tocava piano. Dois homens solitários bebiam em mesas redondas, e um grupo jogava pôquer numa mesa dos fundos. Três jogadores eram rancheiros: usavam chapéus, lenços e esporas, muito empoeirados, e emborcavam garrafas de uísque. Um quarto homem parecia ser comerciante ou banqueiro. Vestia um impecável terno risca-de-giz, camisa branca e gravata.

Os outros dois tinham ares de jogadores profissionais, com seus ternos de coletes e cartolas. Um era magro e usava um fino bigode; o outro, mais corpulento, tinha olhos escuros, pequenos e perspicazes.

Malachi andou pelo bar, e um dos homens atrás do balcão apressou-se em servi-lo.

Cerveja — disse Malachi, jogando uma moeda sobre o balcão.

Está de passagem? — perguntou o homem, servindo-o. Malachi apenas balançou a cabeça. Pelo canto dos olhos, viu uma ruíva alta e alegre servindo os jogadores. Sobressaltado com a visão da mulher, quase esqueceu-se de responder ao homem.

Minha esposa e eu estamos a caminho da Califórnia. Parece a única coisa a fazer agora. • — Lembrou-se das palavras de Shannon, e acrescentou: — Nosso sítio foi incendiado. Fim da guerra, você sabe. A única saída é mudar e começar tudo de novo.

É, parece que sim. Muita gente está se mudando para o oeste. Vai ficar na cidade

algum tempo?

— Não. Só vim molhar a garganta.

O homem sorriu.

E sua esposa está tomando chá, no salão da sra. Haywood.

Está, como sabe?

Porque este é o bar do sr. Haywood. Na verdade, esta é a sua cidade. Ele diverte as senhoras daquele lado da rua, e os homens, deste lado. Muito esperto, não, senhor...

Gabriel. Sloan Gabriel.

Matey. Matey McGregor. As coisas parecem dar certo por aqui. Os Haywood são boas pessoas, o que facilita tudo.

Malachi sorriu.

— É, deve ser assim. — Virou-se, apoiando-se no balcão para observar a ruiva alta. Praguejou baixinho. Era Íris André, de Springfield, e ele a conhecia.

Pensou em sair imediatamente, mas nesse exato momento a mulher o viu. Surpresa e prazer apareceram em seu belo rosto, e, ignorando os jogadores de pôquer, ela correu para ele. Malachi sabia que Íris estava prestes a gritar seu nome. I

Íris, eu não acredito! — Correu para ela e abraçou-a, deixando-a sem fôlego; antes que pudesse dizer qualquer coisa, girou-a no ar, sussurrando em seu ouvido. I

Sloan, Sloan Gabriel. Por favor.

Íris assentiu. Sempre fora uma mulher brilhante. Pretendia ter seu próprio estabelecimento, um dia, e Malachi estava certo de que seria um sucesso financeiro.

Sloan! — disse ela, com entusiasmo.

Vocês se conhecem, Íris? — perguntou Matey.

É claro, Matey. Somos amigos de longa data. I Sloan, pegue sua cerveja e venha sentar-se comigo.

Malachi sempre admirara Íris. Era uma prostituta, mas j tinha classe. Quase tão alta quanto ele, não primava pela beleza, mas pela sensualidade. De traços marcantes, cabelos vermelhos como fogo e olhos verdes, jamais passaria despercebida.

— Venha! — insistiu ela, puxando-o para longe do balcão, instalando-o numa pequena mesa dos fundos, distanciada das outras. — Malachi! Que tolice está fazendo no Kansas? Espere um minuto, não responda. Pague-me um drinque, e vai parecer que estamos tratando de "negócios".

Íris acenou para Matey, pedindo uma garrafa de uísque, e brincou com os dedos, nas costas da mão de Malachi, enquanto esperava pela bebida. Quando Matey se afastou, Íris inclinou a cabeça, aproximando-se de Malachi.

— Malachi! O país está coberto de cartazes! Dizem que você e seus irmãos entraram no Kansas e mataram um cara chamado Henry Fitz, e que você é procurado por todo tipo de banditismo sulista, também. Eu soube o que Fitz fez a seu irmão, por isso, não fiquei muito surpresa...

Íris, eu não estava com Cole, embora tivesse feito o mesmo, se pudesse. Mas a guerra estava no fim, e eu tinha todo um contingente de soldados sob meu comando. Não podia, simplesmente, correr para o Kansas. Cole era independente. Eu lutava na

cavalaria regular e ia para onde me ordenassem.

Malachi — Íris chegou ainda mais perto —, eu sei que nenhum de vocês fez nada para merecer a força, mas você não conhece Hayden Fitz.

— Você conhece?

Íris assentiu.

Jamais conheci sujeito mais terrível em toda a minha vida. Esse homem é um poço de maldade. Gosta de derramamento de sangue, sente prazer em ver homens morrerem. E tem dinheiro, Malachi, muito dinheiro. Investiu na fabricação de armas durante a guerra, e tornou-se ainda mais rico. É dono de Sparks...

Sparks?

A cidade onde vive. Quero dizer, ele dita as regras lá. — Sorriu, traçando círculos com a mão. — Como os Haywood fazem aqui. Só que a Haywood é apenas um ponto de parada para viajantes. Sparks é uma cidade grande: a diligência passa por lá, e as ruas estão sempre repletas de carroças de pioneiros. Há uma prisão e um tribunal e, se ele conseguir meter você na cadeia, também conseguirá enforcá-lo. Seu tolo! Tem de sair de Kansas.

Malachi abanou a cabeça.

— Não posso. Hayden Fitz mandou seus homens ao rancho de minha cunhada. Cole não estava lá, então levaram Kristin. Tenho de encontrá-la. Íris recostou-se. De repente, seus olhos brilharam.

O que foi, Íris?

Malachi! Ouvi algo sobre uma prisioneira. Outro dia, alguns dos rapazes comentavam que Fitz mantinha uma mulher loira na prisão. Disseram que ela fazia parte de uma conspiração para matar soldados da União. Malachi sentiu o coração disparar, mas era exatamente o que esperava ouvir. Os vermelhos levariam Kristin diretamente a Fitz, pois era a chave para descobrir o paradeiro de Cole.

— Você acha que ele pode... machucá-la? — perguntou Malachi.

Íris negou enfaticamente.

Não. Ele pode matá-la, se decidir fazer alguma coisa. Mas machucá-la, não. Não, se pretende usá-la como isca.

Você tem alguma notícia de meus irmãos?

Nem uma palavra, sinto muito. Mas eu posso ajudá-lo.

Como?

Como lhe disse, conheço Hayden Fitz, e conheço seu xerife, Tom Parkins, muito bem. A cidade fica a menos de trinta quilômetros daqui. Posso ir até lá e trazer notícias.

Íris, você é muito gentil, mas não posso ficar aqui... j

Pode ficar aqui, como em qualquer outro lugar. Eu te garanto, Malachi, para uma cidade ianque, as pessoas aqui são ótimas. Fique. Dê-me uns dois dias. Posso partir amanhã, ficar um pouco por lá e voltar.

Não posso deixar que se arrisque...

— Eu costumo fazer isso, de vez em quando.

Malachi hesitou. Se algo acontecesse a Íris, jamais se perdoaria. No entanto, se ela pudesse ajudá-lo a libertar Kristin e ele a impedisse, não se perdoaria da mesma j

forma.

— Íris, não posso acreditar no que estou dizendo, mas está bem. Acha realmente que estou seguro aqui?

— Tão seguro quanto poderia estar.

Malachi suspirou fundo.

— Tomarei cuidado, Malachi, eu juro — insistiu Íris.

— Vai dar certo.

— Está bem. É muito bom vê-la de novo, Íris. Você pretende se estabelecer aqui?

— Não me olhe desse jeito! Não. Vou para a Califórnia. A guerra não terminou por aqui, Malachi, e quero deixar tudo isto para trás. Meu pai lutou ao lado de Grant, e está morto. Meu irmão foi para o sul com o general E. Kirby-Smith, e está morto, também. Quero fugir de todo esse ódio e ressentimento.

Malachi entrelaçou os dedos nos dela. Eram dois grandes amigos que haviam passado pelos mesmos sofrimentos.

E assim estavam, quando as portas do bar se abriram e Shannon entrou.

Tinha um Colt metido no cinto e examinava o lugar, cuidadosamente, procurando por algum sinal de perigo. Pela posição de sua mão, Malachi deduziu que estava pronta para sacar a arma e atirar ao menor ruído.

Então, ela o viu.

— Ma... Sloan! — disse ela, estarrecida. Viu os dois copos, a garrafa de uísque e as mãos dele e de Íris juntas sobre a mesa. Avaliou Íris, desde a ponta do chapéu de plumas até a anágua preta que se insinuava sob o vestido carmesim. Desviou os olhos para os jogadores de pôquer, depois, para o balcão, de onde Matey a observava em expectativa.

Estava furiosa e Malachi perguntou-se por quê. Só porque a deixara sozinha por tanto tempo e não lhe permitira participar da aventura? Ou estaria ela com ciúme?

Ao pensar nisso, sentiu uma ponta de satisfação. Como gostaria de estar a sós com ela, naquele exato momento!

Engoliu o desejo e lutou contra a tensão. Ela vinha em sua direção. Haveria mais uma guerra. Ela parecia uma fera, e Malachi quase sorriu, pois imaginou que mulher alguma ficava tão furiosa, a menos que estivesse com ciúme.

— Querido, sinto muito interrompê-lo — disse ela, numa voz doce como mel. Sorriu para Íris e ajoelhou-se junto a Malachi. — Seu maldito! Você me deixou apavorada... Infeliz! Bem, querido, toda a cidade está esperando por uma disputa conjugai. Vou me hospedar no hotel da sra. Haywood. Imagino que tenha outros compromissos. — Levantou-se. — Prazer em conhecê-la, senhorita...

Íris, querida. Íris André. E você é... Shannon lançou, novamente, o seu mais doce sorriso.

Sou a sra. Sloan Gabriel.

Dizendo isto, Shannon pegou o copo e atirou o uísque no rosto de Íris.

Matey engasgou: até os jogadores caíram num silêncio mortal.

Malachi pôs-se de pé e segurou Shannon. Íris já estava de pé também. Malachi a conhecia, e sabia que ela não aceitaria um desaforo desses de ninguém. Colocou-se na

frente de Shannon.

— Íris, peço desculpas pelo comportamento de minha esposa. .

— Não se atreva a pedir desculpas por mim a qualquer... Malachi virou-se e tapou-lhe a boca com a mão.

— Íris, peço desculpas, de todo o coração.

Agarrou o punho de Shannon e torceu-lhe o braço de forma que ela não podia sequer tentar lutar sem sentir uma dor terrível.

— Querida, por favor, Íris é uma velha amiga, e temos algumas coisas para conversar.

— Baixou a voz, murmurando apenas para Shannon: — Querida, está agindo como uma criança, e eu prometo que, se não agir como uma mocinha a partir de agora, vou abaixar suas calças e dar-lhe umas boas palmadas. Vou fazê-lo, Shannon, porque serei obrigado a isso. — Ele hesitou. — Ela tem notícias de Kristin, e pode nos ajudar, Shannon.

Soltou-a bem devagar, e esperou, pronto a agarrá-la novamente, caso fosse necessário.

Pela primeira vez, ela pareceu levar uma ameaça a sério.

— Foi um prazer, srta. André.

Sua voz foi a mais doce, suas maneiras, as de uma verdadeira dama. Saiu do bar como uma rainha.

Um ruidoso brinde explodiu na mesa dos jogadores, e um dos rancheiros levantou-se.

Senhor, receba os meus cumprimentos! Lá está uma mulher bonita, geniosa, e o senhor a levou no laço!

Pague-lhe um drinque! — gritou o profissional grandalhão. — Se eu conseguisse mandar em minha mulher desse jeito, eu seria um homem rico!

Malachi riu e sentou-se.

— Ela voltará à carga mais tarde, cavalheiros. Veremos, então, como vou domar a fera.

Olhou para Íris, que estava sentada a seu lado, e deu-lhe o lenço para enxugar o rosto. Ela parecia mais confusa que zangada.

— Malachi, ela é mesmo sua esposa?

Ele sacudiu a cabeça.

— É a irmã de minha cunhada. Quer encontrar Kristin. Não pude impedi-la de vir comigo, e esta é outra longa história.

Íris sorriu, e Malachi serviu-lhe mais uísque.

Obrigado por não ter-lhe arrancado os cabelos.

Você está brincando! Eu vi aquele Colt e poderia apostar que ela sabe usá-lo.

Como ninguém, exceto pelo fato de ter certa dificuldade em escolher o alvo.

Íris ainda lhe sorria, mas de forma enigmática.

Ela seria uma boa esposa para você, Malachi.

Íris...

Ela tem espírito e coragem. Um pouco rude, como se tivesse algumas cicatrizes mal curadas. Mas todos nós temos cicatrizes. Não poderia imaginá-lo ao lado de uma mulherzinha insípida. Ela tem personalidade.

Ela é um espinho, isso sim.

— Malachi! — Íris riu alto. — Sim, senhor, é o que ela é. Mas estou vendo algo em

seus olhos, Malachi. Ela não vai se hospedar no hotel da sra. Haywood sozinha, vai?

Malachi sorriu, balançando o uísque no copo.

— Acho que deveria dar-lhe tempo para se hospedar e se instalar muito, muito confortavelmente. O que você acha?

Íris riu do brilho em seus olhos, e desejou que fosse por ela... Mas não era. Ele parecia mais casado do que podia imaginar. A bela loira de feições delicadas e gênio intratável era dona daqueles olhos, agora.

Ainda assim, a sra. Sloan Gabriel precisava melhorar seus modos...

— Deixe-a instalar-se confortavelmente. Os rapazes vão começar um jogo de pôquer daqui a pouco. Venha, vou apresentá-lo a eles.

O jogador grandalhão era Nat Green. O homem mais magro que o acompanhava era Idaho Joe, e os rancheiros, Billy e Jay Fulton, Carl Hicks e Jeremiah Handerson. Foi um bom jogo. Íris o abraçava, rindo, e lhe servi drinques. À hora do jantar, ela desapareceu e voltou com grandes bandejas de carne com batatas.

Malachi perdeu, no jogo, e o jantar custou-lhe quase o mesmo que a bebida, mas não se importou. Foi uma noite divertida.

E, em meio a tudo aquilo, imaginou sua chegada à estalagem da sra. Haywood.

Estava louco para ver sua querida esposa. Simplesmente, louco para vê-la.

Malachi esperava encontrar a porta trancada. Também suspeitava que Shannon tivesse contado à sra. Haywood a triste história de ter sido ignorada pelo marido, que se divertia com outra mulher. A diabinha era uma excelente atriz!

E de uma coisa tinha absoluta certeza: ele estava numa enrascada.

As coisas entre eles haviam mudado irrevogavelmente. Permaneciam em constante estado de guerra, mas os campos de batalha haviam mudado. Poderia continuar gastando noventa por cento de seu tempo lamentando que o sr. McCahy não tivesse dado à filha os castigos que merecera quando ainda era pequena, que isso não mudaria os fatos, não mudaria seus sentimentos. Desanimado, resolveu não pensar na questão.

Precisava encarar sua "tempestuosa esposa". Que, aliás, fora quem começara o último desentendimento. Desafiara-o no armazém e, mais tarde, irrompera no bar para ensopar íris com uísque. Desta vez, ela começara.

Mas ele iria até o fim. Saberria usar os seus talentos para a representação.

— Sr. Gabriel! — disse a sra. Haywood, em tom de censura, quando Malachi lhe pediu a chave do quarto. — Eu sei que um homem sente necessidade de alguns pequenos simples prazeres, e que um bar é o melhor lugar para ele tomar seu uísque e fumar seu charuto, pois assim, não terá na própria casa o odor remanescente. Mas, quando ele se volta para outro tipo de coisa... quando deixa a linda esposa, recém-casada... — Sacudiu a cabeça em sinal de reprovação.

— Íris é apenas uma velha amiga, senhora. — O sr. Haywood encontrava-se na cozinha, jantando. Malachi elevou a voz, determinado a ganhar a simpatia do casal:

— Não sei o que minha esposa lhe disse, sra. Haywood, mas não aconteceu nada de mais. Tomei alguns drinques e perdi algumas rodadas de pôquer. A senhora precisa compreender: se um homem permite que a esposa o faça de tolo daquela forma, bem, então, ele simplesmente deixa de ser homem.

— É isso mesmo, Martha. — O sr. Haywood largou o guardanapo sobre a mesa da cozinha e foi até a porta.

— Martha, se o homem quer a chave de seu quarto, acho que devemos entregar-lhe. Ela é esposa dele.

A sra. Haywood ainda vacilava.

Sr. Gabriel, talvez eu não tenha o direito de manter marido e mulher separados, mas...

Tentarei conversar com ela e fazê-la entender, sra. Haywood. Com toda a honestidade.

Dê-lhe a chave, Martha — disse o sr. Haywood.

Suponho que você esteja certo. Ah, sr. Gabriel, eu ia servir um pedaço de torta de maçã ao meu marido. O senhor aceitaria um pedaço?

— Ora, é muito gentileza sua, senhora. Obrigado.

Pegou a chave, tomou uma xícara de café e comeu um

pedaço da melhor torta de maçã que já provara na vida. E estavam em pleno verão.

Eu mesma preparo minhas frutas em conserva — disse a sra. Haywood, com orgulho.

Bem, esta é a melhor refeição que faço, desde antes da guerra.

A sra. Haywood corou, e a porta que dava para o salão se abriu. Uma jovem de avental branco entrou, cumprimentou Malachi rapidamente e dirigiu-se à sra. Haywood:

— A sra. Gabriel já tem tudo o que precisa para passar a noite, senhora. Ela me pediu um sabonete de la vanda e disse para fazermos o favor de colocar na conta. E

agradeceu pela banheira.

Malachi sentiu o coração disparar. Se seguisse seus instintos, viraria a mesa, derrubaria a empregada e subiria correndo. Não faria isso. Tinha em mente uma lenta tortura.

Bebericou seu café como perfeito cavalheiro.

Minha esposa está no banho? — perguntou inocentemente.

Sim, sr. Gabriel — respondeu a sra. Haywood. — Não se preocupe, meu jovem, pode ficar conosco na cozinha, se não quiser incomodá-la.

Ora, eu estava justamente pensando em aproveitar a água e poupar alguém do trabalho de carregar mais pelas escadas — disse Malachi, levantando-se.

Muito bem pensado, sr. Gabriel — aprovou a sra. Haywood.

O sr. Haywood olhou para Malachi, com uma sobrancelha arqueada e um sorriso cético nos lábios.

— Muito bem pensado, filho — disse ele.

Malachi sorriu.

— Sr. e sra. Haywood, mais uma vez, obrigado, e boa noite.

Forçou-se a atravessar o salão e subir as escadas a passos lentos. Olhou a chave em sua mão: quarto número cinco.

Não foi difícil de achar.

Parou diante da porta, inspirou profundamente e, sorrindo para si mesmo, colocou a chave na fechadura. Ouviu a chave de Shannon cair, do outro lado, quando pressionou a sua. Abriu a porta.

A banheira mais sensacional que já vira encontrava-se em frente à lareira. Era grande, toda de madeira, com descansos para a cabeça nas duas extremidades, decorada em cobre e azulejos e, naquele momento, repleta de espuma e... com Shannon dentro.

O cabelo dela estava preso no alto da cabeça, deixando à vista o pescoço de pele clara. Os ombros, assim como uma leve insinuação da curva dos seios, emergiam da espuma.

Ela virou-se, com olhos arregalados e assustados. Quase pulou da banheira, mas isso seria muito pior.

Saia!

Querida! — disse Malachi suavemente, em tom de reprovação, apenas para provocá-la. Entrou no quarto, fechando a porta atrás de si. Manteve os olhos fixos em ; Shannon, enquanto girava a chave na fechadura.

Imaginou a encenação que ela, provavelmente, fizera para os Haywood. Não esperava que ele voltasse essa noite. Era uma pena não ter assistido ao espetáculo.

Shannon afundou na banheira, observando Malachi atravessar o quarto, displicentemente.

— Não se atreva a ficar à vontade — avisou Shannon.

Sentia o corpo em brasa, e não era pelo calor da água.

Que audácia, pensou indignada. Como se atrevia a entrar ali? Como se atrevia a olhar para ela daquele jeito, quando acabara de deixar uma prostituta?!

Malachi atirou a chave sobre a mesa-de-cabeceira e I deixou-se cair na bela colcha da sra. Haywood, cruzan- 1 do as mãos sob a cabeça, encarando Shannon de frente. Sorriu.

Não quero incomodá-la.

Está incomodando. Você não tem o direito de estar neste quarto. Os Haywood...

Os Haywood sabem que um homem tem o direito de estar com sua esposa.....
querida.

Os Haywood sabem que o homem é um salafrário, cafajeste, um sedutor de mulheres, do Mississippi ao Pacífico. Entenderam muito bem que você merecia uma noite nas cocheiras.

Psiu.

Estavam a menos de dois metros de distância, um do outro. Shannon podia ver a tensão no rosto dele, e acompanhar as batidas furiosas de seu coração, pelo pulsar das veias no pescoço e nas têmporas. Havia um brilho assustador em seus olhos. Ele estava zangado, furioso, provavelmente, pelo seu comportamento no bar.

Afundou mais na água. Ele não a forçaria a nada. Ela o conhecia, e sabia que ele jamais forçaria qualquer mulher.

Mas, o que ele faria?

Se ele a tocasse, ela reagiria, não por horror. Seu corpo não ouvia as súplicas da razão e ansiava por um novo contato apaixonado. Sentia-se febril e trêmula. O perfume de lavanda impregnava o ar, a cama macia esperava...

E ele, simplesmente, passara horas e horas com uma prostituta.

— Malachi... Sloan, este é o meu quarto. Saia.

Ele sorriu.

— Sinto muito, querida. Posso ser um cafajeste, mas nem sonharia em deixar minha doce esposa sozinha a noite toda.

Sentou-se na beirada da cama, e tirou as botas e as meias. Shannon assistia, atônita, enquanto ele puxava a camisa para fora das calças, soltava os botões e a atirava para o lado.

O que está fazendo? — ela perguntou depressa.

Vou tomar um banho.

Não, não vai. Este é o meu banho.

Querida, precisamos conversar, e este me parece o melhor lugar.

Malachi, se você me tocar, eu grito.

Você é minha esposa. Ninguém vai interferir.

Não sou sua esposa. — Shannon começava a entrar em pânico. O olhar de Malachi provocava-lhe arrepios, e a visão daquele peito nu fazia seu corpo vibrar de desejo. Baixou a cabeça, determinada a não olhar para ele.

Mas ouviu as calças caírem no chão, e passos aproximando-se. Ele se ajoelhou e pousou os lábios no ombro de Shannon, que se afastou num pulo. Ela logo se arrependeu. Havia se erguido e o olhar sequioso de Malachi agora pousava em seus seios.

Voltou a mergulhar na banheira. Queria estar zangada, indignada, porém o desejo suplantava qualquer outra emoção.

— Malachi, eu não sou sua esposa!

A voz soou fraca. Malachi se pôs de pé e, contra a vontade, ela o observou em sua nudez, sentindo a excitação dominá-la por completo.

Ele entrou na banheira, sentando-se na frente de Shannon. Recostou-se e suspirou profundamente.

— Isto é maravilhoso. — Fechou os olhos, totalmente descontraído.

Odiando-o, e odiando a si mesma, Shannon bufou, já furiosa.

— Malachi, eu não sou sua esposa!

Ele abriu os olhos devagar.

Não foi o que você disse à srta. André quando,, grosseiramente, despejou-lhe um copo de uísque.

Eu... eu tinha de parecer nervosa.

Malachi inclinou-se para a frente, com as mãos apoiadas nos joelhos, quase tocando os seios de Shannon.

Você teve sorte por ela ter-se controlado.

Você tem ainda mais sorte por eu estar me controlando agora.

— É mesmo? Ora, querida, isso é uma ameaça?

Shannon não respondeu. Tremia tanto que temeu não ter coragem de escapar à situação.

— Se você fica, Malachi, então eu saio.

Começou a levantar-se. No mesmo instante, Malachi

ficou de pé, colocou as mãos nos ombros de Shannon, pressionando-os para baixo. Água e espuma espirravam ao redor, quando Shannon caiu de volta, seguida por Malachi.

Sente-se. Você não vai a lugar algum.

Não se atreva a usar de brutalidade comigo! Chega! Já cansei desta brincadeira absurda! Não vou ficar sentada... — Tentou levantar-se novamente, mas Malachi segurou-a pelo pé. E ela sentiu a mão dele, tateando por baixo da água, à procura do sabonete.

Na busca, ele encostou-lhe os dedos nas coxas, no quadril e nas nádegas. Shannon mordeu o lábio, reprimindo um grito.

Malachi...

Fique sentada — disse ele com suavidade.

Ora, seu, seu...! — Shannon tentou puxar o pé, mas ele segurava com firmeza e, então, começou a lhe ensaboar o pé.

— Diga, querida. Diga o que pensa de mim.

Shannon recostou-se e falou entre dentes:

Malachi, você é um abusado e quero que saia daqui! Agora! Me deixou aqui plantada enquanto se divertia no bar. Passou toda a tarde e a noite com uma prostituída. Eu tinha de agir como agi...

Está com ciúmes querida?

Shannon abriu os olhos. Malachi soltara seu pé e aproximava-se. Ficou perto demais, seu corpo tocando o dela... Não poderia suportar.

Não! — ela gritou, em pânico. — Eu não suporto a ideia de ser tocada por você.

Não? Lá no armazém, esta tarde, minha impressão foi outra.

Aquilo foi... necessário.

Oh, não, eu não acho. Realmente, não acho que fosse necessário. Shannon, em toda a

minha vida, nunca fui beijado de maneira tão provocante, mesmo pela mulher mais experiente.

Shannon pôs-se de pé. Estavam indo longe demais. A água e a espuma escorreram pelo seu corpo.

Malachi recostou-se para examiná-la dos pés à cabeça, deliberadamente devagar. Shannon apanhou a toalha, mas nem chegou a enxugar o rosto, porque Malachi logo a tomava nos braços. Rápido, jogou-a na cama e foi em vão que ela tentou erguer-se. Numa fração de segundo, Malachi estava deitado a seu lado, com uma perna sobre seus quadris e coxas, e os braços, firmes, prendendo os dela.

Aquele beijo não era, de maneira alguma, necessário — disse ele.

Eu vou gritar, Malachi. Vou gritar tanto, que você vai se arrepender.

— Se você gritar, não será por socorro — prometeu ele.

— Sem-vergonha! Pensa que pode sair de um bordel e depois dividir a cama comigo?
— Shannon começou a lutar desesperadamente, mas de nada adiantou. Pelo contrário, fez aumentar o contato entre seus corpos, que se transformaram numa confusão de braços e pernas.

Tentou chutá-lo e não conseguiu atingi-lo. Ele percebeu a intenção e, de um pulo, deitou-se sobre ela, imobilizando-a completamente. Exausta, Shannon girou a cabeça para o lado, tentando respirar. Ouviu-o rir baixinho, e o encarou, furiosa.

Eu vou gritar, Malachi! — Seus olhos encheram-se de lágrimas. — Cavaleiro! Muito nobre! A última flor da fidalguia...

Shannon, eu não toquei em íris.

O quê?

É apenas uma amiga; uma boa amiga. Vai espionar Fitz para mim.

Fitz?

Não estamos longe, agora. Fitz está com Kristin,

Ela está na prisão.

— Oh, não, Malachi!

— Calma, Kristin está bem. Íris vai vê-la, vai nos ajudar.

— Ou entregar você?

Malachi sacudiu a cabeça, com irritante confiança,;

Ela é minha amiga.

Aposto que sim.

— Você está com ciúme, srta. McCahy. Eu já lhe disse que não a toquei.

— Isso não quer dizer nada. Eu não...

Malachi colou os lábios nos de Shannon, impedindo-a de continuar a falar. Então ela esqueceu-se de tudo, a não ser o calor daquele beijo. Parou de lutar. Enlaçou os dedos de Malachi nos seus, abandonou-se à sensação provocada pelo contato do corpo dele com o seu. E ele a cobriu de carícias apaixonadas e ardentes, lentamente, explorando cada detalhe de suas curvas, deliciando-se com a maciez da pele alva.

Shannon sentia o coração bater com violência, o sangue correr rápido nas veias, em resposta ao intenso prazer que Malachi lhe despertava. O bom senso tentava alertá-la para o erro dessa entrega, resultado de uma paixão tempestuosa entre inimigos.

Mas Shannon não o odiava.

Ansiava por esse contato, sentindo uma necessidade premente, desesperada. Já não ia lutar contra os impulsos, precisava com urgência apagar aquela febre de desejo.

De repente, Malachi ergueu-se sobre ela. Tinha o semblante tenso, mas sorriu e sussurrou suavemente:

— Boa noite, Shannon.

Shannon o encarou, primeiro incrédula, depois com o rosto vermelho de raiva. Totalmente descontrolada, tentou esmurrá-lo, mas teve as mãos presas. Malachi deitou-

a seu lado e puxou-a contra si.

— Precisamos dormir um pouco.

Dormir! Eu nunca dormirei com você, sua serpente confederada! Seu rato, velhaco, imprestável! Seu, seu...

— Já chega, Shannon.

Idiota! Canalha!

Chega! — Malachi deu-lhe um tapa nas nádegas. Shannon voltou a xingar e, dessa vez a mão dele pousou em sua boca. — Querida, vamos dormir, ou me esquecerei de que sou um cavalheiro.

Cavalheiro!

Um cavalheiro — repetiu ele. — É você quem deseja ficar só.

Shannon virou-se para encará-lo. Malachi tinha o semblante sério, mas seus olhos... Ele a olhava como se a I odiasse. Sentiu-se miserável.

Era verdade: ela quisera ficar só.

— Oh, Malachi! — disse Shannon, com um soluço.

Já não entendia as próprias emoções. Ela o beijara no armazém, numa estúpida provocação, depois sentia o sangue subir-lhe à cabeça só de imaginá-lo nos braços daquela ruiva. E, enfim, havia achado que não o queria para, em minutos, mudar de opinião...

— Malachi, eu realmente amava Robert. E, se o amava, então isto não pode estar certo, não pode estar. Não me refiro à moral das pregações dos domingos, quero dizer na alma, no coração...

Estava prestes a chorar, de dor, humilhação, sofrimento. Com delicadeza, Malachi a tomou nos braços.

— Shannon, eu sei que você o amava. Você não ofendeu sua memória só por querer ser amada novamente.

Malachi suspirou. Seu abraço era suave, reconfortante.

— Fale-me a respeito dele. Quando vocês se conheceram? Como ele era?

Shannon sacudiu a cabeça. Não podia imaginar que Malachi estivesse interessado em seu noivo. Mas ele murmurou suavemente, entre seus cabelos:

— Converse comigo. Você vai se sentir melhor. Vocês se conheceram quando o prédio em Kansas City desabou.

Shannon assentiu, absurdamente contente por estar ali, abraçada por Malachi.

Fui presa, juntamente com Kristin, por causa do meu relacionamento com Cole. Fui presa por dar abrigo a bandidos sulistas!

Os Slater não fizeram muito por você, não é?

- - Eu não me importei com aquilo. Cole salvou nossas vidas. Sempre gostei de Cole, desde o primeiro momento em que o vi.

Da mesma maneira como sempre me odiou, pensou Malachi. Afagou os cabelos dela. Afinal, o que estava fazendo ali? Nunca fora tão cavalheiro. Suspirou, sem resposta.

— Foi horrível — disse Shannon, trêmula. — Éramos tantas, metidas naquele prédio decrepito. Quando o teto desabou, pensei que fosse morrer. Estava pendurada nos escombros, quando a estrutura ruiu de vez. Pude ouvir os gritos. E, então, Robert estava lá. Ele e Kristin me ajudaram a pular. E ele me segurou. Era tão corajoso... um herói. Nunca vou me esquecer de como nos olhamos naquele momento. E, então... ouvimos os gritos novamente. Cinco mulheres morreram. Muitas ficaram feridas... Foi horrível. Éramos amigas, todas nós. As outras garotas sabiam de que lado estava a minha simpatia, mas compreendiam. Josephine Anderson era minha amiga. Quando morreu, seu irmão ficou louco. Foi quando se tornou Bill, o Sanguinário. Oh, Malachi! Tantas pessoas morreram.

— Está tudo bem — disse Malachi, com carinho. Shannon chorava. — Está tudo bem.

Continuou afagando-lhe os cabelos. Ela não voltou a falar; nem ele. Fechou os olhos, abraçando-a. Era doloroso demais, para qualquer um deles, pensar na guerra. Sulistas, nortistas, era simplesmente doloroso demais olhar para trás. Homens grandiosos, amáveis e bons, todos mortos. Homens galantes, solitários, mofando em seus túmulos. Não podia deixar que isso continuasse. Tinha de encontrar um modo de libertar Kristin.

E, então, encontraria seus irmãos.

E fugiria.

Abriu os olhos. As velas estavam quase se apagando. Havia dormido. O quarto estava repleto de sombras suaves, e a luz era pálida e etérea.

Perguntou-se por que acordara e então percebeu.

Os dedos de Shannon passeavam pelo seu peito, e suas unhas arranhavam de leve sua pele. Ela traçava desenhos suaves em seu corpo, explorando-o, experimentando-o.

Malachi ficou imóvel, mantendo os olhos semicerra-dos. Ela se ergueu um pouco, para ver os próprios movimentos sobre o corpo dele.

Que eu seja amaldiçoado se eu for um cavalheiro, pensou Malachi. Mesmo cavalheiros tinham seus desejos.

Segurou a mão de Shannon quando pousava sobre seu coração. Ela olhou para ele, alarmada.

Continue — murmurou ele.

Eu não pretendia acordá-lo.

Estou acordado.

Perturbei você.

Perturbe mais, querida, por favor.

Malachi guiou a mão de Shannon por seu corpo, viu a respiração dela tornar-se difícil e os olhos acompanharem aquela exploração, cheios de fascinação. Quando notou uma ponta de medo, abraçou-a com firmeza.

Shannon, sentindo a segurança daquele abraço, abandonou-se ao prazer de acariciá-lo. Malachi reagia, a cada toque, estremecendo de prazer.

Então, não suportando mais a pressão do desejo, tomou-a nos braços e a possuiu, deixando a paixão fluir com força.

Momentos depois, Shannon sentiu novamente o toque suave e gentil de Malachi. Estavam abraçados, a respiração ainda descompassada.

Malachi...

Está tudo bem. Não precisa dizer nada. Apenas, não me deixe. Não me mande embora.

Shannon ficou em silêncio. A escuridão inundou o quarto quando a última vela se apagou.

Algum tempo depois, ambos escorregaram para debaixo dos lençóis. Shannon sentiu, por um curto momento, um certo pânico diante dessa nova intimidade, mas relaxou novamente. Naquela noite, não havia nada a temer. Não premeditara o que acabara de acontecer. Ao menos, achava que não. Pensara que ele dormia profundamente, e não pudera resistir à tentação.

Com os braços de Malachi apertados em torno do corpo, pensou que fosse chorar novamente, de felicidade. Sentia calor, segurança, a força da sensualidade, e Shannon descobriu que adorava tudo isso. Assim como adorava o sorriso encantador e o caráter de Malachi: era um homem honrado.

E, a seu jeito impetuoso, era um cavalheiro.

— Malachi... Você já se apaixonou?

Malachi ficou imóvel por alguns segundos; então, afastando-se dela, apoiou a cabeça no braço.

Sim. Uma vez. Por quê?

Eu... Só curiosidade.

Malachi suspirou e, de repente, parecia perdido em lembranças.

Quem era ela?

Isso foi há muito tempo.

O que aconteceu?

Ela morreu.

A guerra...

Uma febre.

Sinto muito.

Já lhe disse: foi há muito tempo.

Mas você sofreu muito.

Shannon, durma.

Malachi...

Shannon, durma. Já é madrugada e estou cansado. — Ele começou a se levantar. — A menos que esteja planejando começar tudo de novo, sugiro que durma.

Shannon fechou os olhos depressa. Não seria capaz de fazer tudo novamente. Não essa noite. Precisava compreender o que se passava com ela, aprender a conviver com sua nova realidade.

Quando já adormecia, sentiu o braço de Malachi enlaçá-la novamente, puxando seu corpo para perto do dele. Sentiu-se em paz.

E tudo lhe pareceu certo. Cansada da guerra e de lutas inúteis, não queria mais preocupar-se. Queria viver momentos felizes como esse, e agarrar-se a eles.

Imaginou que seu pai, se fosse vivo e soubesse de seu comportamento essa noite, com certeza a expulsaria de casa. Gabriel McCahy fora um homem intransigente: em sua fé, em seus ideais, em sua moralidade. Amava a esposa e, quando ela morreu, decidiu que suas filhas seriam verdadeiras damas. É claro que ele não contara com a guerra. Talvez não ficasse tão aborrecido, pensou afinal. Tinha habilidade para julgar os homens, e certamente compreenderia que ela encontrara um muito bom, embora envergando um uniforme cinzento.

Fechou os olhos e adormeceu, com a mão levemente pousada sobre a de Malachi.

— É ele! Eu lhe disse que era ele, Martha! Malachi despertou abruptamente. O cano cerrado de uma espingarda de caça estava bem debaixo de seu nariz. Deu um pequeno salto, recostando-se na cabeceira da cama. Shannon, dormindo em seu ombro, murmurou um protesto e caiu no sono novamente. Instintivamente, Malachi puxou o lençol sobre o corpo nu de Shannon, enquanto olhava para o rosto do homem que empunhava a arma.

Você é Malachi Slater — disse o sr. Haywood, mal se atrevendo a olhar para a esposa, de camisola e touca, atrás dele. — Martha, olhe bem. É ele.

O senhor tem o hábito de invadir o quarto dos hóspedes no meio da noite? — perguntou Malachi.

A seu lado, Shannon espreguiçou-se, abriu os olhos, e viu a espingarda. Ela gritou, agarrando as cobertas. Passou os olhos de Malachi para Haywood e, depois, para a esposa dele. Retesou-se erguendo o queixo, e sua voz soou imperiosa como a de uma rainha:

O que significa isto?

Há cartazes apontando-o como criminoso por todo o país — disse Haywood. — Você é um homem perigoso, capitão Slater. Capitão! Ora, bandidos sulistas não deveriam ter títulos!

Shannon pulou da cama, arrastando as cobertas com ela, deixando Malachi nu.

— Ele não é um bandido! — gritou. — É tudo mentira! Se quer atirar em alguém, vá atirar em Fitz.

Malachi sorriu diante da repentina e apaixonada lealdade de Shannon e cobriu as partes íntimas com o travesseiro.

Sr. Haywood, o que ela diz é verdade. Nunca fui um bandido. Fui capitão da cavalaria, sob o comando de John Hood Morgan, até ele morrer. Assinei os documentos de rendição, juntamente com meus homens, e tivemos, todos, a permissão para conservar nossos cavalos; eu pude conservar até mesmo minhas armas. Eu não sabia nada a respeito desses cartazes, até que dois sentinelas atiraram em mim. — Mostrou o ferimento na perna. O curativo se perdera em suas aventuras no riacho, mas a evidência da cirurgia improvisada por Shannon estava lá: uma horrível cicatriz avermelhada.

Bem, eu não sei, jovem. Você vale um montão de dinheiro, sabe? Se está dizendo a verdade, pode repeti-la a Fitz — disse Haywood.

Fitz irá enforcá-lo primeiro, para depois fazer perguntas — disse Shannon.

O casal Haywood olhou para Malachi novamente. Malachi nem percebeu o movimento de Shannon, mas, de repente, ela estava atrás da cadeira, apontando o Colt para

Haywood.

— Largue a espingarda — disse ela.

O sr. Haywood fez uma carranca.

— Vamos, menininha, largue isso. Esses Colts podem ser muito perigosos.

E o senhor já viu de perto o que uma espingarda de caça faz a um homem?

Malachi temia o desfecho.

Ela sabe usar aquilo? — Haywood perguntou a Malachi.

Melhor que o próprio general Grant, posso apostar — respondeu Malachi, ainda julgando perigoso esperar. Saltou da cama.

Incrédula, Shannon assistiu à cena que se seguiu. Nu, Malachi se atirou sobre o sr. Haywood e agarrou a espingarda. A sra. Haywood, por sua vez, não desviou o olhar atônito do corpo masculino completamente despido. Malachi curvou-se em resposta a seu olhar.

— Senhora, peço desculpas.

Jogou a espingarda para Shannon, alcançou as calças, que vestiu rapidamente.

Oh, meu Deus! — gemeu a sra. Haywood antes de -desmaiar.

Oh, não! — lamentou Shannon. Enrolando o lençol no corpo, correu para a mulher caída. Malachi tomou o Colt de suas mãos. — Malachi, sr. Haywood, preciso de água.

O sr. Haywood moveu-se de repente, como se saísse do choque.

— Água. Água. — Correu até o lavatório e trouxe o jarro. Nervoso e desorientado, derramou a água no rosto da esposa. Ela voltou a si, engasgando e tossindo.

Olhou para o marido.

Sr. Haywood! — disse ela, em tom desaprovador.

A senhora está bem? — perguntou Shannon.

Temos de sair daqui, Shannon — Malachi avisou, impaciente.

Shannon o ignorou.

T- Sra. Haywood, eu juro que disse a verdade. Vocês têm de compreender. O sr. Fitz tinha um irmão que liderava uma unidade de bandidos nortistas, sra. Haywood...

— Nunca pude tolerar esses bandidos — disse o sr. Haywood. — Nunca os tolerei! Eram tão cruéis quanto os próprios bandidos sulistas. Shannon concordou.

Eles mataram a esposa de Cole Slater, sra. Haywood. Ela esperava um bebê. Era inocente, e eles vieram e a mataram, e incendiaram o rancho... E, bem, Cole perseguiu Henry Fitz, pouco antes do fim da guerra. Foi uma luta justa; até os ianques que estavam lá podem confirmar. Cole o matou.

E, agora, Hayden Fitz quer toda a família Slater, certo? — perguntou o sr. Haywood a Malachi.

Malachi assentiu.

Mas isso não importa. Eu quero Hayden Fitz. Ele mantém a irmã de Shannon, a nova esposa de Cole, em sua prisão. Pretende usá-la, mais uma mulher inocente, para atrair meu irmão. Sinto muito, sr. Haywood, mas não vou ser caçado e morto apenas para satisfazer um capricho de Fitz. E sinto mais ainda, porque vocês são excelentes pessoas, mas terei de amarrá-los, de forma que Shannon e eu possamos sair daqui.

Shannon? — O sr. Haywood olhou para ela e deixou-se cair sentado na cama. Olhou

pára a esposa. - O que você diz, Martha?

Nunca tolerei aqueles bandidos, matando mulheres e crianças inocentes. E aquela pobre garota, trancada em uma cela de prisão. Não é decente.

Nem um pouco decente.

Malachi, embaraçado, olhou de Shannon para o sr. Haywood, que sentava calmamente na cama.

O que...

Não precisa nos amarrar, capitão Slater.

Eu sinto muito, mas...

Acho que você vai precisar de nossa ajuda. Não vamos entregá-lo. Se o que diz é verdade, tentaremos ajudá-lo.

Por quê?

Por quê? — A sra. Haywood levantou-se com dignidade, a despeito da água que pingava da touca para o colo. — Por quê? Porque, em algum lugar, capitão Slater, a cura deve começar. Em algum lugar, têm de deixar de existir norte e sul, e em algum lugar, devemos nos posicionar contra homens que agem contra os princípios de Deus!

— Malachi! — chamou Shannon. — Precisamos deles, se vão nos ajudar. Precisamos... das informações que devemos receber nos próximos dias.

Malachi pensou depressa. Íris dissera que os Haywood eram pessoas de confiança. Dissera, também, que poderia chegar a Fitz e trazer informações que ele, Malachi, jamais conseguiria sozinho.

— Malachi, precisamos confiar neles.

Vagarosamente, ele abaixou o Colt e, então, jogou-o sobre a cama.

— Shannon, estou rezando para que você não esteja nos arranjando um jeito de morrer.

O sr. Haywood levantou-se, tão imponente quanto sua esposa, e pegou a espingarda de caça. Não apontou para Malachi, apenas balançava-a na mão.

— Então você não é um bandido, e não merece ser enforcado por isto! Mas também não é marido desta moça, e, deveria ser enforcado por seduzir uma inocente. É um fato.

Shannon ficou surpresa ao perceber que Malachi corava.

Isso não é da sua conta, sr. Haywood.

É da nossa conta, capitão — disse Martha, severa] mente. — Vocês estavam vivendo em pecado sob o nosj so teto. O que você diz?

Eu digo que ele vai para a forca.

O quê? — Malachi explodiu. Avançou para o Colt, mas a sra. Haywood foi mais rápida. Pegou a arma e apontou na direção de Malachi.

Ora, capitão, onde estão suas boas maneiras? Devia envergonhar-se.

Vergonha? Para onde foram os valores? — disse o sr. Haywood. — Orgulho, coragem e bons princípio cristãos. A guerra acabou, filho.

Senhor... — Malachi deu um passo à frente. Um tiro espocou no quarto, e ele ficou imóvel. Parecia que a sra. Haywood também sabia muito bem como lidar com um Colt. A bala passou rente à cabeça de Malachi, quase raspando em sua orelha.

Shannon — disse ele entre dentes, sem tirar os olhos da sra. Haywood. — Shannon, vou quebrar o seu pescoço!

Não vai, não, capitão. O senhor vai se casar com esta moça. É isso o que vai fazer.

Bem, filho, você pode casar-se com ela ou ir para a forca — garantiu o sr. Haywood. — Martha, poderia ir buscar o reverendo? Um casamento no sábado de manhã me parece perfeito.

Não! — gritou Shannon.

Malachi olhou para ela, surpreso. Ela estava enrolada no lençol, o cabelo solto, os olhos faiscando de raiva.

Não se preocupe, sra. Haywood. Não vou me casar com ele.

Bem, querida, receio que terá de se casar — insistiu a sra. Haywood.

Exatamente, senhorita. Case-se com ele ou nós o enforcaremos.

Shannon sorriu docemente, olhando Malachi nos olhos.

Não me casarei com ele. Sr. Haywood, o senhor terá de ir adiante. Enforque-o.

Shannon! — gritou Malachi. Encarou-a furioso. Não percebeu o sr. Haywood movendo-se atrás dele. Queria, realmente esganá-la. Seus dedos já tocavam o pescoço dela. Não viu o sr. Haywood e, certamente, não viu o jarro.

Não viu absolutamente nada. Simplesmente sentiu a dor aguda quando o sr. Haywood estilhaçou o jarro em sua cabeça.

Ainda olhava para Shannon quando caiu, e foi tragado pela escuridão.

Duas horas mais tarde, Shannon encontrava-se no armazém, em cima de um banquinho, enquanto Martha costurava a bainha da imensa saia creme.

O magnífico vestido fora usado por Martha em seu próprio casamento. Tinha um corpete de renda, de decote alto, sobre um forro de cetim. Fitas de seda azul trançavam-se na cintura, e a renda descia solta por sobre a saia. Pequenas pérolas reluziam por quase toda a renda.

Sra. Haywood, a senhora não compreende — disse Shannon, aflita. Finalmente, desceu do banco, amparada pela mulher. — Sra. Haywood, a senhora e seu marido não podem continuar ameaçando Malachi. Não quero me casar com ele. E não acredito em vocês. Não podem enforcá-lo, se eu me recusar a casar com ele.

Podemos e o faremos.

— Mas eu não quero me casar com ele. Por favor!

A sra. Haywood olhou-a nos olhos.

Por quê? Por que não quer se casar com ele? Você parece estar com ele por sua livre escolha.

E estou. Não... quero dizer, sim! É mais circunstância do que escolha.

Isso ainda não explica por que não quer se casar.

Porque... porque ele não me ama. Quero dizer, eu não o amo. E isso é tudo...

O amor vem com o tempo... Se é que já não está aí. O modo como vocês entraram aqui, como estavam quando entramos no quarto... Explique-se, minha jovem.

Eu...

Você foi para a cama com ele, daquele jeito, pelas circunstâncias? — A entonação da sra. Haywood deixou Shannon morta de vergonha.

Você deve ter sentido alguma coisa por ele. Ouviu suas próprias palavras? Você disse que ele não a ama, portanto, pode ser que você o ame. E, talvez, esteja, simplesmente, com medo de não ser correspondida.

Shannon sacudiu a cabeça com veemência.

— Eu lhe juro: ele não me ama! E eu não o amo! Eu me apaixonei, uma vez, durante a guerra. Estava noiva; ia me casar com o capitão ianque. Ele foi morto... em Centrália.

A sra. Haywood terminou a bacia e ergueu-se.

E, então, você não pode amar novamente. Por quê? Acha que aquele jovem que a amou iria querer que passasse toda a sua vida infeliz? — Sacudiu a cabeça, devagar. — Há muito que se curar no mundo. E, talvez, você devesse começar pelo seu próprio coração. Esse capitão Slater seduziu você sob o meu teto, minha jovem. E esta manhã estava aninhada a ele, dócil como uma noiva. Portanto, já está a meio caminho.

Sra. Haywood...

Meu marido foi buscar o reverendo. Ele é o magistrado local; portanto, representa a lei aqui. Oh, não se preocupe. Nunca diremos a ninguém que o seu homem é, na realidade, um Slater. E o reverendo guardará segredo, também. Isto é, se vocês dois agirem com decência e se casarem.

Não podem enforcá-lo por não querer se casar comigo!

A sra. Haywood riu com gosto.

Talvez não, mas não há nenhuma lei contra enforçar um criminoso. O capitão Slater compreendeu. Meu marido explicou-lhe direitinho.

Sra. Haywood...

Você está maravilhosa. — A velha senhora afastou-se um pouco para melhor apreciar Shannon e o seu próprio trabalho. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

Sra. Haywood, o vestido é muito bonito. Sua bondade me emociona; ainda assim, não posso...

Imaginei que veria minha própria filha assim, um dia. Era uma belezinha. Loira, de olhos azuis, como você. E, se eu a pegasse na cama com um capitão rebelde, também haveria um casamento sob espingardas, eu lhe garanto.

A senhora teve uma filha?

A varíola levou Lorna de nós — a sra. Haywood contou, em voz muito baixa, enxugando uma lágrima. — Nunca mais pensei que arrumaria uma noiva com este vestido, por isso é um prazer tão grande.

Shannon suspirou profundamente. Deveria ter, simplesmente, fugido. Deveria ter corrido da casa, gritando. Talvez, os Haywood houvessem compreendido.

Mas não podia dizer se eles realmente pretendiam enforçar Malachi ou não. Se não iam enforcá-lo por ser um homem procurado, certamente não o fariam por negar-se a casar.

Não podia fugir. Não, enquanto o mantivessem trancado.

— Sra. Haywood, por favor, tente compreender...

Já lhe ocorreu que Hayden Fitz pode conseguir pôr as mãos em seu homem? — perguntou Martha.

O que quer dizer?

Seu homem vai atrás de sua irmã, a esposa do irmão dele. Não vai desistir, até poder resgatá-la. Ele terá sucesso em sua missão ou, então, morrerá tentando. Conheço esse tipo. Vi-os todos, durante a guerra. Homens capazes de correr sob o fogo cerrado: homens que defendiam a honra muito mais do que a própria vida. Seu homem é um

desses, sra. Shannon. Portanto, diga-me: o que acontecerá se Fitz o pegar?

Isso... isso não vai acontecer.

É possível. Muitos dos rapazes não pensariam como eu e meu marido. Fitz é poderoso, nesta região. Muito poderoso. Possuí a hipoteca de uma dúzia de ranchos e domina alguns rancheiros, também. Sem falar de xerifes e delegados que praticamente respondem a ele. Então, diga-me, o que aconteceria se vocês se livrassem de nós e Fitz o pegasse e o matasse?

Eu... não compreendo onde está querendo chegar.

O que acontecerá se estiver esperando um filho dele, e o enforcarem? O que dirá a seu filho, ou filha?

Shannon empalideceu. Soubera, o tempo todo, que estavam entrando em terreno perigoso. Sabia que as pessoas morriam. Vinha vendo-as morrer há anos.

Sentiu-se tonta, corada e febril. Seria tão tola? Será que todas as outras pessoas pensavam, assim, tão racionalmente?

De qualquer forma, não podia casar-se com Malachi. Mesmo que esperasse dez filhos dele, mesmo que fossem ambos para a forca em poucos minutos. É, de repente, descobriu o motivo.

Nutria um sentimento por ele. Não sabia se era amor, ódio, ou uma combinação de ambos. Imaginá-lo com outra mulher a deixara louca de ciúme, e fora humilhante constatar com que facilidade ele a dominava, apesar da raiva. Talvez, o ódio que cultivavam estivessem mesclado com o amor desde o início. Talvez no momento as circunstâncias permitissem que todas as suas emoções reprimidas viessem à tona.

No entanto, não podia casar-se com ele.

Ouvira-o dizer com todas as letras que não a amava. E, se fosse forçado ao casamento, jamais a perdoaria. Escaparia dela assim que tivesse uma oportunidade. E Shannon queria evitar a infelicidade de ambos. Se pudesse tê-lo, um dia, teria de ser por sua livre e espontânea vontade.

— Sra. Haywood, eu não vou me casar.

Como se nada tivesse ouvido, a sra. Haywood disse:

— Vamos para o salão. Ouço vozes. O reverendo já deve ter chegado e está na hora de iniciarmos a cerimônia.

— Sra. Haywood...

A mulher parou e virou-se para Shannon, com braços cruzados e rosto severo.

— Meu Alan não é um homem paciente, querida. E aposto que mantém a espingarda apontada diretamente para o capitão Slater. Não se demore. Não quero que ele fique nervoso. O pobre rapaz pode dar um passo na direção errada, e Alan lhe dará um tiro no joelho, apenas para se certificar de que ele vai ficar ali.

Com um sorriso, abriu a porta que ligava o armazém ao salão. Shannon correu atrás dela. Não podia ser verdade. Não atirariam em Malachi, e também não o enforcariam.

Fariam isto?

Shannon parou subitamente na entrada do salão.

Malachi estava lá.

Pareceu que o sr. Haywood também decidira vestir Malachi para a ocasião. Ele usava camisa branca, terno risca-de-giz e colete de cetim vermelho. Shannon nunca o vira tão elegante. Contudo, a beleza de seus trajes contrastava com sua expressão. Encarou-a com fúria contida, os olhos carregando uma promessa de vingança.

Shannon parou. Não podia respirar, e achou que seu coração havia parado de bater. Em pânico, apoiou-se à porta.

— Entre, entre! — chamou o sr. Haywood.

Shannon permaneceu onde estava. Então, percebeu o

, reverendo atrás de Malachi. Era um homem alto e magro, usando cartola, calça e paletó pretos. Acenou para ela, sorridente.

Shannon ouviu um ruído e olhou para Malachi novamente. Seus punhos estavam algemados!

Oh... por favor — murmurou ela. — Por favor, vocês todos precisam compreender...

Converse com ela, capitão. Converse depressa — avisou o sr. Haywood. Ele vestia camisa de seda e calça marrom. Tinha um braço em torno dos ombros da esposa e, no outro, carregava a espingarda de caça.

— Venha cá! — Malachi ordenou a Shannon.

O tom de voz, autoritário, tirou-lhe o último resquício de paciência.

— Vá para o inferno, Malachi, estou tentando...

Ela se interrompeu, vendo-o vir em sua direção, cheio de hostilidade. Mesmo algemado, conseguiu agarrar-lhe o punho, puxando-a rudemente para si. Shannon estremeceu.

— Venha cá e case-se comigo.

— Malachi, eu não acredito neles. Não acredito que vão enforcá-lo se não nos casarmos.

Ele a encarou, incrédulo.

Então, você quer esperar... e ver?

Eu não acho...

Você não acha! Quer esperar até que ponham a corda em meu pescoço? Ou, talvez, devêssemos esperar até que eu estivesse balançando ao vento!

Nós poderíamos...

— Shannon, venha cá e case-se comigo agora!

-Não! Malachi, não seria certo...

Certo! Está falando do que é certo! Em um momento com este, você quer discutir o que é certo?

Eu não amo você!

E eu não amo você; portanto, talvez estejamos perfeitamente certos! — Malachi continuou, estreitando os olhos. — Eles vão me enforcar, criatura! Venha e case-se comigo.

Que maneira maravilhosa de fazer um pedido de casamento! — sibilou Shannon.

Não estou lhe pedindo, estou mandando!

Receio não ter ouvido.

Malachi apertou os dedos em torno do punho de Shannon com tal força, que ela gemeu.

Capitão Slater! — protestou Martha Haywood. Malachi não a soltou. Mas tentou

argumentar:

Shannon, você pode livrar-se disto depois. Pode dizer que foi coagida. Mas, pelo amor de Deus, venha agora.

Humilhada e dominada pelo desespero, Shannon sentiu algum demônio despertar em seu íntimo. Com a expressão impassível, disparou:

— Não gosto do modo como está fazendo o pedido, capitão.

Ele queria esganá-la mas não podia. Então arrastou-a para o centro do salão, e caiu de joelhos.

Srta. McCahy! Querida srta. McCahy, adorada. Conceda-me a honra, neste dia, de tornar-se minha esposa pelas leis dos homens e de Deus!

Isto não foi dito exatamente no tom em que sempre esperei ouvir estas palavras — respondeu Shannon.

Malachi levantou-se e engoliu em seco. Esperou alguns instantes para controlar sua ira, respirou fundo e tentou de novo:

Por favor, *querida*. Case-se comigo.

Mais uma vez, capitão. E faça bem-feito.

Por favor — disse ele.

Shannon nunca ouvira nada que soasse mais como uma ameaça. Estremeceu, agora temendo as conseqüências de sua provocação. Malachi não esperou pela resposta, mas virou-se para o reverendo.

Vá em frente, reverendo.

— Não! — protestou Shannon.

O sr. Haywood engatilhou a espingarda.

O reverendo deu início à cerimônia.

Shannon o ouvia como num sonho. Não podia mais sair correndo e gritando, pois Malachi a segurava. Nem poderia arriscar-se. Talvez Haywood enforcasse mesmo Malachi.

O reverendo estava nervoso. Olhar para Malachi deixaria qualquer um nervoso. Apenas os Haywood pareciam tranquilos.

Malachi respondeu às perguntas de praxe com raiva, cuspiendo cada palavra. Falava alto, com violência, pronunciando cada sílaba. Amar, honrar e respeitar. Até que a morte os separasse...

Quando chegou sua vez, Shannon não conseguia falar. Olhou para ele, numa última tentativa.

Malachi, vamos desistir!

Amar, honrar e obedecer! — Malachi atirou-lhe as palavras.

Malachi...

Diga!

Trêmula, Shannon gaguejou suas promessas.

O anel — disse o reverendo, pigarreando.

O anel? — disse Malachi em tom vago.

Eu o tenho, reverendo Fuller. — O sr. Haywood deu um passo à frente e colocou uma pequena aliança de ouro na mão de Malachi, que o olhou por alguns instantes, tateando o ouro. Então, colocou o anel no dedo de Shannon.

Ficamos lhe devendo mais essa, sr. Haywood — murmurou Malachi.

Não se preocupe. O preço do anel será debitado em sua conta — disse o sr. Haywood, complacente.

A aliança coube apertada no dedo de Shannon, que sentia o ouro tão frio quanto Malachi. Ele a encarou com ódio, e ela teve vontade de arrancar o anel.

Segundos depois, o reverendo dizia que, pela autoridade com que o Estado de Kansas e Deus o investiam, declarava-os marido e mulher.

A sra. Haywood deixou escapar um longo suspiro, en-trecortado por soluços, assustando a todos. Assoou o nariz e sorriu.

— Não liguem para mim, queridos, eu sempre choro em casamentos. Alan, tire as algemas do noivo. Ele, provavelmente, quer beijar a noiva. Reverendo Fuller, acei-
ta um copo de madeira? Não temos champanhe.

O reverendo aceitou o vinho, enquanto os recém-casados trocaram olhares malevolantes.

Capitão Slater, um copo de madeira? — perguntou a sra. Haywood.

Malachi não prestou atenção. Arrastou Shannon para seus braços e beijou-a com brutalidade. Quando ela se afastou, ele não a reteve. Shannon passou as costas da mão pela boca, como se quisesse limpar-se daquele beijo.

— Deviam tê-lo enforcado! — sibilou.

Malachi piscou, e uma névoa cobriu seus olhos. Curvou-se para ela num arremedo de profunda cortesia.

— Você tentou o quanto pôde, não foi?

Não lhe deu a chance de responder. Virou-se para a sra. Haywood:

Agradeço a hospitalidade, senhora, mas preciso de algo mais forte, no momento. — Caminhou para a porta e parou, olhando para trás. — Satisfiz as condições para escapar à força, não?

Assine seu nome na licença e, então, estará livre — disse a sra. Haywood.

Malachi foi até a mesa de tampo de mármore. Assinou o nome com um rabisco impaciente e olhou para o sr. Haywood.

Este assentiu sorridente. Malachi olhou para Shannon mais uma vez e, então, atravessou a porta, batendo-a atrás de si. Shannon ficou olhando para a porta, sentindo o coração se apertar.

— Madeira? — perguntou a sra. Haywood, exibindo um sorriso triunfante.

Shannon aceitou o copo de vinho mecanicamente, e engoliu o conteúdo de uma vez.

— Vou lhe devolver o vestido, sra. Haywood. — Acenou para o reverendo e para o sr. Haywood, e correu pelas escadas. Encontrou as duas chaves na mesa-de-cabeceira e pegou-as, mordendo o lábio com tanto força que se feriu.

Malachi já era oficialmente seu marido, mas não voltaria a entrar naquele quarto. Nunca mais!

Shannon não podia admitir, nem para si mesma, que temia que ele nem sequer tentasse.

Ele lhe colocara um anel no dedo, forçara-a a pronunciar votos e, então, a deixara. Para ir afogar as mágoas nos braços de uma prostituta.

Não, ele não voltaria àquele quarto. Nunca...

Ora, Ma... Sloan! — exclamou Íris, assim que ele entrou no bar. Jamais se acostumaria a chamá-lo por outro nome.

Ele acenou para ela e encaminhou-se diretamente para o balcão, jogando uma moeda.

— Uísque, Matey, muito uísque!

Íris, usando um discreto vestido cinzento e xale azul, correu e enlaçou o braço no de Malachi.

— Estou de partida. Vou pegar a carruagem para Sparks e ver o que posso descobrir sobre sua cunhada.

Devo mesmo partir? O que aconteceu?

Malachi sentiu o suave aperto em seu braço, e parte da fúria desvaneceu-se.

Você pode ir. Está tudo bem. — Abráçou-a e, ternamente, beijou-a na testa. — Você é uma mulher incrível, Íris. Engraçado, não é? Você é realmente uma mulher incrível, independente de suas vocações. E ela...

A sua... companheira de viagem?

Sim... Shannon. — Malachi olhou para o teto e sorriu, amargo. — Minha companheira de viagem. A maldição de minha vida! A doce e pequena... endiabrada!

O que ela fez agora?

Bruxa maldita! Eu devia ter deixado você fazê-la em pedaços, ontem, Íris. Droga! — Matey colocou a garrafa de uísque em frente a Malachi, que sorveu um longo gole. — Devia tê-la feita em pedaços eu mesmo!

Malachi... — Íris percebeu seu deslize e, preocupada, olhou em volta. O bar estava quase vazio. Matey poderia tê-la ouvido. — Vamos até meu quarto, sr. Gabriel.

Malachi lançou-lhe um olhar especulativo e pegou a garrafa de uísque.

— Sim, Íris, vamos para o seu quarto.

Ela o guiou por um lance de escadas, nos fundos do bar.

Era um excelente quarto para uma garota de bar, pensou Malachi. Havia uma enorme cama, de colunas entalhadas, com um acolchoado de cetim, um tapete trançado e um elegante guarda-roupa com espelho.

— Bem — murmurou Malachi, deixando-se cair na cama.

Íris, sentada a seu lado, observava-o pensativa. Deixou que ele lhe acariciasse o braço e sentiu uma pontada de desejo. Queria que ele a tocasse. Quase esquecera a sensação de querer ser tocada. No entanto, sabia que Malachi não pensava nisso.

Retirou o braço e ele bebeu mais uísque, antes de explodir num sentido desabafo:

Quero matá-la, Íris. Quero colocar minhas mãos em seu adorável pescoço, e apertar até que ela morra! — Levantou a mão direita, estudando a extensão da palma e dos dedos, flexionando-os. — Quero surrá-la até... até quebrá-la toda!

Malachi, o que houve? — perguntou Íris.

Casei-me com ela. De verdade, Íris abaixou a cabeça.

Por quê?

Eles ameaçaram me enforcar, se eu não casasse. Estão convencidos de que ela é uma doce jovem inocente a quem eu seduzi.

E não foi isso que fez?

Não. Sim. Droga, ela tem quase vinte anos, é tão doce como ácido e, quanto à sua inocência...

Sim?

Ela me seduziu, da mesma forma. Com aquele corpo, ninguém que seja inocente ficaria nua na minha frente!

Íris teria rido, se uma dor forte não lhe machucasse o peito. Não era o fato do casamento com a garota que a entristecia, mas a maneira como falava dela.

Quem descobriu que não eram casados?

Os Haywood. Disseram que me enforcariam.

É claro que iam querer enforcá-lo! Você vale mui-lo dinheiro, vivo ou morto. Há uma recompensa por sua cabeça. Se sabem que não é casado, então sabem...

Não se importam com quem eu sou. Não pretendem me denunciar.

Íris suspirou profundamente.

— Graças a Deus!

Malachi sorriu.

— Não iam me enforcar por ser confederado, ou bandido sulista, ou irmão de Cole. Queriam me enforcar por que seduzi Shannon!

Íris balançou a cabeça. Não podia acreditar que estava prestes a defender a outra mulher, aquela jovem bonita, de olhos cor do céu e cabelos dourados.

Mas tinha de fazê-lo.

— Malachi, se os Haywood forçaram você a casar, não pode culpá-la. — Ela parou, fazendo uma careta. — Ela disse a eles... quem você é? Exigiu que se casasse com ela? Veja, os Haywood são muito religiosos. E foi esse o motivo ou ela coagiu você?

Malachi a encarava com olhar vago.

Malachi, compreenda: não pode odiá-la se eles é que o forçaram. Talvez, nem possa odiá-la se ela os induziu à situação. Ela não é... bem, uma mulher como eu. Se você tirou vantagem dela, Shannon tem o direito de defender sua honra.

Ela não me forçou.

Então?

Maldita! — explodiu Malachi. — Eles juraram que iam me enforcar... e ela ficou recusando! Me apontaram uma espingarda de caça e ela não arredava pé. Tive de implorar, obrigá-la a me aceitar. Ela teria deixado que me enforcassem!

Então...

— Ela é perigosa, Íris — disse em voz baixa, bebendo o último gole de uísque.

Íris rezou para que ele não se embriagasse. Apesar de estar acostumado a beber, nos últimos dez minutos Malachi havia exagerado.

— Ela é uma bruxa e não vejo a hora de fazê-la pagar pelo que me fez. Deus, como estou sofrendo! Aquela infeliz me persegue dia e noite. Sonho com ela, fico louco de vontade de tocá-la, de sentir sua pele, admirar seu sorriso, ver seus olhos brilharem de desejo... Ela me provoca, me ama como uma gata selvagem, então, põe as garras para fora, e fere, Íris, ela me fere muito.

Íris sorriu quando Malachi tomou sua mão, beijando-lhe os dedos.

Ela não é como você, Íris. Não se pode conversar, argumentar com ela. É uma bruxa.

Venho brigando com Shannon desde que nos conhecemos. Sempre brigando, Imaginei deixar que me enforcassem! Pode acreditar nisso?

Eles não o enforcariam — Íris replicou.

Ela não sabia.

Malachi sentou-se, os olhos carregados de tormento,

Bem, agora ela está casada comigo... E vai pagar por isto!

Malachi, você se magoou porque ela não queria casar com você.

Ela queria que atirassem em meus joelhos, a bruxa! Mas, agora, ela é minha...

Malachi caiu para trás, de olhos fechados.

Íris observou-o por um instante. Estava dormindo.

— Ela pode ser uma bruxa — sorriu com tristeza —, mas você está apaixonado por ela.

Íris colocou a garrafa vazia sobre a mesa-de-cabeceira, e decidiu deixá-lo onde estava. Se repousasse talvez voltasse para sua doce noiva num estado de espírito melhor.

Pegou o casaco e o chapéu. Da porta, soprou-lhe um beijo.

— Amanhã estarei de volta, capitão. Mesmo que você a ame, preciso ajudá-lo.

Vírou-se e saiu. Se se apressasse, poderia ir a Sparks, ficar um bom tempo lá, e ainda estar de volta a Hay-wood pela manhã, com todas as informações que pudesse obter. Tinha amigos em Sparks: mulheres inteligentes, bonitas e, o mais importante, que conheciam muito bem os homens de Sparks.

Partiu, deixando Malachi entregue a um sono profundo.

Shannon mudou de roupa e devolveu o vestido da sra. líaywood imediatamente, agradecendo-lhe pela gentileza. Não queria continuar com a camisa de Malachi por muito mais tempo; assim, decidiu ir ao armazém, procurar por outra. Martha a acompanhou, falando de seus primeiros anos de casada.

— Foi um inferno. Estávamos, a todo momento, loucos um com o outro, como gaios de briga. Não me recordo, sinceramente, do motivo daquelas brigas.

Shannon encontrou uma bela blusa azul, com bordados. Colocou-a sobre o balcão, juntamente com uma caixa de munição.

Em primeiro lugar — disse Shannon —, os conflitos que existem entre nós dois são os mesmos que puseram todo o país em guerra.

A guerra acabou — lembrou Martha.

Em segundo lugar, conheci um homem, uma vez, que era sempre gentil. Nunca tinha acessos de mau humor.

Você se sentiria infeliz em um ano. Shannon olhou para ela, horrorizada.

Não é verdade! Eu estava apaixonada por ele! Eu amava!

Ainda assim. Você se sentiria infeliz em um ano. u não acho que você e o capitão Slater vão se entender o cedo. Mas tenho certeza de que ainda perceberão que têm muito mais em comum do que aparentam.

Canon corou.

Ele passou o dia todo no bar, Sra. Haywood.

Ora, então vá até lá buscá-lo. Se você o quer, lute por ele.

Shannon mordeu o lábio, fingindo estudar o bordado da blusa nova.

Não o quero, sra. Haywood. Não o quero perto de mim novamente. Ele passou o dia todo no bar... A senhora poderia mandar servir meu jantar no quarto? Vou me retirar mais cedo.

Foi duro para ele, Shannon, ser manipulado daquela forma. E deve ter sido mais duro ouvir a sua recusa...

Ora, ele não queria casar!

Você se recusou a casar com ele quando ameaça vamos enforcá-lo!

Vocês não o teriam enforcado. Obrigada pela tentativa, sra. Haywood. Preciso me deitar um pouco.

E muito cedo — disse Martha, ansiosa.

Sim, eu sei. A senhora esta colocando tudo na conta, certo? Eu devia estar envergonhada. Saímos da guerra muito melhor que muita gente. Eu tenho dinheiro. Colocaremos na conta, sra. Slater.

Sra. Slater. O nome soava absurdo, e ela não o aceitava.

Malachi estivera no bar por horas e horas a fio. E se tentasse convencê-la de que não estivera com a ruiva desta vez, ela seria capaz de matá-lo.

Impulsivamente, beijou a sra. Haywood no rosto.

— Eu preciso mesmo me deitar. Obrigada por tudo.

Shannon passou para o salão, e percebeu que estava girando, distraidamente, o anel no dedo. Tentou tira-lo, mas não conseguiu. Talvez sabão resolvesse o problema. Num impulso, correu até a porta da rua. Tudo estava quieto, muito quieto! Um velho sabujo levantou a cabeça, olhou para Shannon e deitou-se novamente. Dois homens conversavam preguiçosamente em frente a barbearia. E era só.

Shannon atravessou a rua, dirigindo-se para o bar, assegurando-se de que não faria nada, além de tomar um *brandy*.

O bar estava quase tão quieto quanto a rua. Um rancheiro solitário sentava-se ao fundo, com o chapéu caído, escondendo-lhe o rosto. Uma prostituta loira sentava-se junto ao balcão, enrolando uma mecha de cabelo nos dedos.

O homem do balcão secava alguns copos; olhou para Shannon.

— Um *brandy*, por favor. O senhor pode colocar na conta de meu marido?!

Ele deu de ombros, pegou um copo e serviu a bebida a Shannon. Enquanto bebia, ela olhou ao redor, outra vez. Malachi, definitivamente, não estava lá.

Shannon pensou que Kristin ficaria horrorizada, se soubesse que estava num bar como aquele. Mas Kristin sempre fora mais convencional, e sempre tivera melhor controle sobre si mesma. Talvez não. Kristin também travara suas pequenas batalhas com Cole, que era um santo, se comparado com Malachi. De qualquer forma, uma dama jamais entraria num bar desacompanhada.

Mesmo que estivesse tentando descobrir o paradeiro do marido, com quem se casara fazia poucas horas,

— O senhor viu meu marido? — perguntou Shannon ao homem que a servira.

A loira respondeu, medindo-a de cima a baixo, e sorrindo com simpatia:

— Pelo que sei, ele ainda esta dormindo la em cima,no quarto de Iris.

Shannon sentiu-se tonta. Parecia que todo o bar tornara-se negro e depois fora coberto por uma nevoa vermelha.

I — Muito obrigada — balbuciou com esforço. — Quando o vir novamente, diga-lhe que fique onde esta, pois não será bem-vindo a qualquer outro lugar.

Obrigada. Espere... — começou a loira.

Shannon a interrompeu friamente:

— Por favor, providencie para que ele receba meu recado.

As palavras morreram nos lábios da mulher, enquanto Shannon deixava o bar. No meio da rua, ela parou de repente, soltando um grito profundo, furioso.

Martha Haywood veio correndo a seu encontro.

Oh, querida, o que foi? Shannon endireitou-se.

Nada. Estou bem, sra. Haywood.

Você está bem! Isso não me soou nada bem!

Eu não estava bem até fazer isso. Agora, estou ótima.

Não estava bem. Sentia como se estivesse sendo rasgada ao meio. Queria matar Malachi. Lentamente. Queria amarrá-lo, estendido no chão, e soltar uma manada de búfalos selvagens sobre ele. Queria ver os abutres descerem para comê-lo. Queria... Queria que ele voltasse, para que ela pudesse dizer o quanto estava furiosa. E como doía saber-se traída.

— Estou bem, sra. Haywood — repetiu, sorrindo. — Se me der licença... Pode providenciar para que eu não seja incomodada até amanhã? — Passou por Martha e entrou na casa. Correu pelas escadas, e refugiou-se no quarto, assegurando-se de que tinha as duas chaves consigo.

Estremeceu ao olhar em volta.

Martha Haywood tentara tornar o quarto realmente agradável. A banheira estava cheia de água quente, e havia flores frescas ao lado da cama. Sobre a mesa fora colocada uma bandeja de prata, com carne fria e tortas; sobre a cama estava a mais linda camisola de cetim que jamais vira. Encontrou um bilhete ao lado: "Toda noiva merece algo de novo para comemorar sua felicidade, Use-a com os nossos melhores votos. Martha e Alan"! Largou o bilhete, e afundou-se na cama, soluçando, desolada. Toda mulher acalentava o sonho de ter uma camisola como aquela em sua noite de núpcias. E toda mulher acalentava o sonho de se casar com um homem maravilhoso. Um homem que a abraçaria e a amaria...

Tinha a camisola e tinha o homem. Mas o sonho se dispersava na fria luz da realidade. Malachi não a amava.

Ficou estendida na cama, dando vazão ao pranto até seus olhos secarem. Então ficou imaginando desde quando estaria realmente apaixonada por Malachi. Nunca tiveram a

chance de serem amigos. Desde o início, a guerra se interpusera entre eles.

Nunca o perdoaria por isso. Nunca. Ele nunca voltaria a tocá-la.

Se ele fora coagido ao casamento pela mira de uma espingarda, ela não tinha culpa. Tentara ao máximo evi-lar essa situação constrangedora para ambos. Ele não tinha o direito de correr para a prostituta. Jamais o perdoaria.

Algum tempo depois, as sombras do entardecer pousaram sobre as janelas. A água na banheira já estava gelada, mas Shannon decidiu banhar-se assim mesmo. Primeiro, acomodou cuidadosamente uma cadeira sob o trinco da porta: não queria correr qualquer risco.

Havia uma garrafa de vinho junto à comida sobre a mesa. Shannon bebeu um copo e banhou-se rapidamente.

Fechou os olhos e recordou a noite anterior: Malachi entrando no quarto com raiva, abraçando-a, beijando-a. Clamando por seus direitos, quando nem eram casados. Agora, ela era sua esposa.

Finalmente, fechou os olhos. Tinha o Colt a seu lado, carregado. Se ele tentasse voltar, exigiria que partisse o mais rápido possível, e reforçaria suas palavras com balas.

Mas, essa noite, sua noite de núpcias, ele não voltou.

De madrugada, Shannon chorou novamente. Ele era seu marido, agora. Tinha o direito de ter sua esposa na cama, mas não voltaria. Não aquela noite.

Às duas da madrugada, Malachi espreguiçou-se. Sua cabeça doía terrivelmente; tinha um gosto ruim na **boca**, como se houvesse ingerido veneno, e a língua parecia enrolada na garganta. Um relógio sobre a lareira produzia um som irritante com seu tique-taque.

Malachi pulou da cama e foi até lá. Quando viu as horas, gemeu e estudou o quarto. Íris partira, era uma boa menina. Fora a Sparks, na tentativa de ajudá-lo. Ele dormia no quarto dela enquanto Shannon...

— Oh, droga!

Sua cabeça latejou dolorosamente. Shannon... Devia estar dormindo, àquela hora. Se não estivesse, pior. Estaria furiosa.

Malachi atirou-se na cama. Ela que fosse para o inferno. Estava certo de que teriam uma tremenda briga. Não poderia evitar.

Prometeu a si mesmo que seria um homem racional. Seria um cavalheiro. Tão cavalheiro quanto o ianque que ela pranteava. O herói...

Ora, a essa altura, era bem mais fácil para um ianque ser um herói. Os rebeldes não estavam se saindo muito bem. Como Shannon gostava de lembra-lhe, haviam sido derrotados.

Fez um voto silencioso para que o Sul se reerguesse. Então, lembrou-se de que acabara de prometer a si mesmo que seria razoável. Estavam casados. A cabeça voltara a latejar. Estava casado com Shannon... de verdade. Se fosse seguir seus implusos, atravessaria a rua e a tomaria nos braços. Poderia fazer tudo o que seu desejo lhe exigia que fizesse: enfrentar o brilho azul dos olhos dela, enroscar os dedos

em seus cabelos e afundar o rosto entre seus seios. Poderia acariciar sua pele, mais macia que cetim, mais doce que néctar, poderia...

Violentar a própria esposa, pensou Malachi amargamente, pois ela não o estaria esperando de braços abertos.

Ela o teria deixado ir para a forca! Era ele quem devia estar furioso. Teria vindo em busca de Kristin, com ou sem Shannon. Por causa da irmã dela que entrara em território inimigo.

Poderia estar no México, agora. Poderia estar vivendo em Londres, ou Paris. Não havia ali mais nada a prendê-lo, nada restava no Sul, pelo que pudesse lutar. Terminara.

Deveria ter terminado.

Malachi inspirou profundamente. Não correria para lá naquele momento. Ela, certamente, trancara a porta, e a casa toda estaria em silêncio. Não era uma hora apropriada para discussões.

Haveria uma discussão, se ela não o matasse, e acabasse logo com tudo. Não, não atiraria nele: era sua esposa, agora.

Uma esposa ansiosa pelo divórcio, ou ansiosa por tornar-se viúva.

O conflito crescia novamente dentro de Malachi, e ele não queria começar a beber. Foi até o lavatório, lavou o rosto, enxaguou a boca, fazendo um gargarejo com água de rosas. Sentiu-se um pouco melhor. Não, sentia-se péssimo. Queria...

Atravessar a rua, correndo, derrubar a porta e dizer a Shannon que ela lhe pertencia, que nunca mais tranca-iria uma porta para ele, nunca...

Gemeu, afundando a cabeça nas mãos-. Eram apenas inimigos aproximados pela mais absurda obra do acaso.

Shannon continuava ligada ao noivo que perdera, e ele não amava ninguém. Talvez alguma coisa em Shannon o prendesse. Talvez estivesse apaixonado, simplesmente. Talvez existisse apenas uma linha tênue, separando amor e ódio, e ambos se equilibrassem nesse perigoso limite.

Foi até a janela e apreciou a noite.

A Lua nova derramava um brilho estranho pela rua deserta.

Estavam esquecendo de sua verdadeira missão: Kristin. Havia enfrentado terríveis perigos, inclusive o último encontro com os Haywood. Havia enfrentado, juntos, a explosão da paixão, trocaram votos e estavam legalmente casados. Eram marido e mulher. Apesar disso, continuavam inimigos, apesar disso, não conseguia esquecê-la, ou deixar de desejá-la.

Voltou para a cama e deitou-se, com o braço sob a cabeça, íris voltaria e, então, ele teria uma ideia melhor do que fazer em seguida. Cole já devia saber do rapto de Kristin. Jamie, também. E ambos deviam estar a caminho do Kansas.

Ele e Shannon precisavam suspender sua batalha particular, fazer uma trégua e deixar seus problemas pessoais para mais tarde. Tinham de partir.

Era a única atitude lógica... razoável.

Apertou os lábios e tentou afastar a visão de Shannon. Desejava-a tanto... podia vê-la, como no sonho: emergindo da água, as gotas brilhantes escorrendo pelos seios, quadris e coxas... Podia ver os olhos azuis, belos e profundos, como os vira nos momentos de paixão. Podia mesmo senti-la movendo-se, de encontro a ele, num ritmo doce e apaixonado, e ouvi-la murmurar seu nome, gemendo e clamando por ele...

Como podia falar em lógica, bom senso?

O que sentia era loucura!

Mas, afinal, era um cavalheiro. Fora educado para ser um digno sulista: enfrentara uma guerra e lutara para preservar seus ideais. E aprendera algumas coisas. Acreditava no princípio da honra: mesmo no horror da derrota, um homem ainda podia ser honrado. Quando a manhã chegasse, Malachi desafiaria aquele fogo que lhe queimava as entranhas. Ela não iria desejar cavalheiro mais perfeito. Desde que não o tocasse, tudo sairia bem.

Agiria como um perfeito cavalheiro. Senão, como um grande herói.

Alguém tentava abrir o trinco da porta. Inicialmente, Shannon não compreendeu o que a despertara. Algo penetrara a espessa barreira do sono que, finalmente, se desfizera.

Ergueu a cabeça e prestou atenção. De início, não ouviu nada. De repente, percebeu: a maçaneta girava, lentamente, enquanto um certo peso era colocado contra a porta.

Alguém tentava entrar no quarto, sem fazer barulho.

Shannon levantou-se, mordendo o lábio. Finalmente, Malachi voltara. Pulou da cama e correu para olhar o relógio de porcelana: quase três da madrugada. Virou-se e viu a maçaneta girando mais uma vez.

Malachi. Droga! Depois de se divertir com outra mulher, voltara para ela! No dia de seu casamento?

Claro que fora um casamento nada convencional. Mesmo assim...

Ela o odiava! Com todas as forças. Como ele podia urrastá-la, forçá-la a esse grotesco simulacro de casamento e, então, passar o dia com uma prostituta? Depois da noite anterior...

Como uma tola, havia cedido a ele. Nunca pretendia render-se. Nunca. Simplesmente o desejava. Queria amar e ser amada. Precisava do abraço de Malachi, de seu carinho, de seu apoio.

Amara uma vez. E, agora, amava novamente. Ele nunca compreenderia. Não entenderia seu esforço em preservar a sanidade mental.

Shannon estreitou os olhos: estava pronta para a luta.

Mas o trinco girou uma última vez e, então, ela ouviu passos, afastando-se da porta, descendo as escadas, sumindo no silêncio da noite.

— Malachi! — murmurou Shannon, imersa na mais completa infelicidade.

Não haveria luta, nenhuma palavra seria dita, pois ele a abandonava novamente.

Deitou-se e enterrou a cabeça no travesseiro, sentindo-se miserável. Malachi voltara para a velha amiga, a ruiva exuberante.

Às três da madrugada, os últimos fregueses largaram as cartas, terminaram suas

cervejas e uísques, e deram boa noite a Matey e Leila, a loira que tocava piano no bar de Haywood.

Leila começou a recolher os copos que Matey lavava. Seu ajudante, Joe, tinha esposa e um bebê recém-nascido e ficava grato quando era dispensado mais cedo.

A moça ajeitava uma mecha de cabelo que se soltara do arranjo que prendera no topo da cabeça, quando percebeu alguém oculto na penumbra do bar.

Haviam se esquecido do estranho. Leila achara que elí partira fazia algum tempo, mas ele estava ali, observando-a.

Era um sujeito de boa aparência, atraente. De cabelo escuros e um modo enigmático de olhar. Havia um toque de frieza em sua expressão; assim mesmo, Leila havia muito não se sentia tão atraída por um homem.

Este fazia sua pele se arrepiar. De excitação e também de medo.

— Cavalheiro — chamou-o —, estamos fechando. O senhor deseja mais alguma coisa? Ele sorriu, e o sorriso foi tão frio quanto o olhar.

— Claro, boneca. Um uísque e uma cerveja. — Abaixou o tom de voz: — Mais um quarto e você.

Você ouviu, Matey? — perguntou Leila.

Claro — respondeu Matey, dando de ombros. Os drinques eram de sua responsabilidade: a escolha de aceitar ou não o forasteiro àquela hora da noite cabia apenas a ela.

Leila levou o uísque e a cerveja à mesa do estranho, que a agarrou pelo braço, obrigando-a a sentar-se a seu lado. Ela esfregou o punho, mas não deu muita atenção à dor. Muitos homens gostavam de parecer durões, e ela não se importava, desde que não a machucassem. Se quisesse bancar o durão, pagaria mais caro.

Você tem um quarto? — perguntou ele.

-Depende.

-Do quê?

Leila constatou que se tratava de um homem rude, e presenteou-o com um bonito sorriso e um cruzar de pernas que expôs uma grande extensão das coxas cobertas por meias pretas. Passou um dedo pelo rosto dele, e estremeceu novamente. Os olhos eram estranhos, tão frios... Havia naquele homem algo que não conseguia identificar.

Crueldade, talvez...

Afastou o pensamento. Muitos homens olhavam assim para as mulheres para se sentirem grandes e importantes. Mas...

Começou a afastar-se dele, quase esquecendo que ganhava a vida como prostituta.

Estava cansada e não precisava desesperadamente de dinheiro. Deveria dizer-lhe que já era muito tarde para levar um homem para o quarto.

— Tenho ouro — disse ele. — É disso que depende

-O quarto?

Ouro. Não ia tentar empurrar-lhe inúteis moedas sulistas, nem mesmo ia pagá-la com

dólares ianques. Tinha ouro.

— Está bem — assentiu.

E, sem saber, selou seu destino.

Ele acariciou seu rosto suavemente, e olhou para a escada. Sorriu para Leila, que concluiu estar errada: era apenas um homem rude, não um homem cruel. E bonito. Nem de longe tão bonito quanto o amigo de Íris, Sloan, mas tinha todos os dentes, cabelos, braços e per- j nas... fato não muito comum depois da guerra.

Onde está sua amiga? — perguntou ele.

-Quem?

-A ruiva.

Leila estranhou que perguntasse por Íris. Já ia respon- der, mas parou, acariciando-lhe o braço.

— Íris está ocupada, esta noite.

Ele ergueu o copo, apontando a porta do bar.

-O marido? Aquele que a noivinha estava procurando?

É bom mesmo que o marido esteja ocupado. A empregada dos Haywood disse ao Curly, o barbeiro, que a sra. Gabriel trancou a porta para dormir. Sloan Gabriel precisaria de quatro cavalos para abri-la.

-É verdade?!

-Claro! Íris disse que ele vai mesmo derrubar a porta, quando estiver... pronto. É do tipo determinado. Não engole nenhum desaforo da esposa.

-Ah, não?

-Não Sloan Gabriel. O estranho sorriu.

-Sloan Gabriel?

-É. Este é o seu nome. Por quê?

-Por nada. É apenas uma boa história. Estive observando a mulher quando esteve aqui. Precisa ser domada. — Ele parou, bebericando o uísque. — Acha que o sr. Gabriel vai mesmo arrombar a porta?

-Para dar-lhe uma lição.

-E ele está aqui agora. Bem aqui, neste adorável estabelecimento.

-Não é uma piada?

-É. É uma piada. Mas, bem, agora... — Bebeu o uísque de um gole e, em seguida, terminou a cerveja, depositando o copo na mesa com estrondo. — Isso não importa. O que importa, agora, somos você e eu. Vamos para o seu quarto.

Leila assentiu, levantando-se. Puxou-o pela mão e deu boa-noite a Matey quando subiu as escadas. Ao passar pela porta do quarto de Íris, reprimiu um sorriso.

Sloan Gabriel estava lá, dormindo como um morto, depois de consumir uma garrafa de uísque inteira. Íris pedira-lhe que o espiasse de vez em quando, e ela ficara feliz em atendê-la. Ele dormia pacificamente, enquanto a bela esposa imaginava que ele se

divertia nos braços de outra. Não sabia por que não contara ao estranho. Era uma história e tanto.

Mas íris agira como se não quisesse que muita gente soubesse para onde ia.

Deu de ombros e apressou-se em direção ao próprio quarto. Ao entrarem, o estranho fechou a porta. Leila virou-se, sorrindo para ele.

Quer me ajudar com alguns botões, querido? — perguntou. Sentou-se na beirada da cama, tirando os sapatos, e, em seguida, escorregou lentamente as ligas, tirando as meias, uma a uma. Ele a observava, encostado à porta. Leila sorriu, certa de ter o forasteiro na palma da mão.

-Qual o seu nome, benzinho?

-Justin.

-Justin do quê?

-Justin, é o que importa.

-Está bem, Justin.

Ela passou a língua pelos lábios, enquanto acabava de tirar as meias. De repente, Justin afastou-se da porta, ordenando:

— Vire-se.

-Ora, querido, não venha com gracinhas. Ele não sorriu. Leila acrescentou, nervosa:

-Querido, qualquer perversão, mesmo a mais leve, vai lhe custar uma fortuna.

A despeito do medo, ela continuou sorrindo. Mas seu sorriso desapareceu quando ele atravessou o quarto, pegou-a pelo braço e atirou-a na cama, de bruços, rasgando sua roupa. Engasgando, sentindo-se sufocar, Leila protestou, desesperada.

-Cale-se — ordenou ele.

-Não! Não, por favor...

Tentou virar-se, recebeu uma bofetada, que a fez bater com o rosto na cabeceira da cama. Estarrecida, ainda tentou resistir, embora não tivesse forças contra ele.

Um grito de dor subiu à garganta de Leila, quando Justin penetrou-a sadicamente. Mas o grito foi abafado pelo travesseiro.

Passado algum tempo, desmaiou.

Só acordou ao amanhecer. Sentiu o sol entrando pela janela. Tentou se mexer, mas todo o seu corpo doía. Estava muito machucada. Teria de procurar um médico e rezar para que não tivesse nenhum ferimento interno. Sentia-se em agonia.

Teve medo de abrir os olhos: ele poderia ainda estar lá. Mas não o sentia por perto. Abriu os olhos devagar.

Justin estava fora da cama, vestido, olhando pela janela, na direção do estabelecimento dos Haywood. De repente, aprumou-se e retesou o corpo, pousando a mão no revólver que tinha preso à cintura.

Lá vai ele — murmurou Justin, e virou-se como se pressentisse o olhar de Leila. Ela fechou os olhos, mas não foi rápida o suficiente. Justin veio até a cama e agarrou-a pelos cabelos.

Cale a boca, cadela!

Eu não disse...

Justin esbofeteou-a, e Leila começou a gritar com toda a força que lhe restava. A essa hora, Matey já estaria acordado e por perto; alguém tinha de ouvir.

— Oh, não! — Justin cobriu seu rosto com o travesseiro, pressionando-a fortemente. Leila debateu-se, sentindo a dor invadir-lhe os pulmões, na medida em que não podia respirar. Justin continuou falando, enquanto ela ficava cada vez mais tonta. — Você não vai estragar tudo, agora. O que vale uma prostituta, quando há uma garota de ouro do outro lado da rua? Se estiver certa, Slater está lá, agora, arrombando a porta para mim. Eu tentei chegar até ela ontem à noite, mas não quis fazer barulho. A cidade toda cairia sobre mim. Saí sorrrateiramente e, assim, voltei sem que ninguém se desse conta. Vim para o bar... e para você, boneca. Eu vou matar Slater, e ela vai desejar estar morta, também. Pode imaginar como sou bom nisto, não é, boneca? — Leila ouviu o riso dele, como se viesse de muito longe. — Você pode imaginar... Você sabe. — Pressionou o travesseiro mais e mais.

Leila parou de lutar.

Finalmente, Justin jogou o travesseiro para o lado. Ela estava imóvel e em silêncio.

— Eu não teria de matá-la, se soubesse manter a boca fechada. Agora, está bem fechada. Sinto muito, boneca.

Olhou para a rua. Malachi Slater dirigia-se para as cocheiras. Justin decidiu que era hora de dar um passeio.

— Shannon!

Ela acordou, ouvindo Malachi gritar seu nome e bater na porta. Cobriu os ouvidos com as mãos, ignorando-o.

Shannon, abra esta porta.

Não!.

-Não me crie problemas agora, Shannon McCahy. Eu preciso entrar.

-Não sou mais McCahy, lembra-se? Vá embora daqui!

Ela esperou: houve um momento de silêncio.

-Shannon, abra a porta, já!

-Ora, seu rebelde arrogante! Vá embora! Não vou abrir! Ouviu um suspiro do outro lado.

-Shannon, vou tentar não brigar com você. Vou fazer o possível para me entender com você, Shannon, porque...

-O possível! Malachi, vá!

-Shannon, estou realmente tentando. Agora, abra a porta e...

-Você é um asno, Malachi! Um perfeito asno!

-Shannon, estou tentando... querida. Mas, se você continuar com isso, vou fazê-la pagar caro. Prometo.

-Vá embora!

-Shannon, vou lhe dar dez segundos. Um...

-Você devia ter batido quando veio no meio da noite.

-Não estive durante a noite. Você sonhou.

-Pesadelo, sr. Slater. Se estava sonhando, então, foi um pesadelo. — Ela parou de falar, depois disse com desgosto: — Seu mentiroso!

-Não cheguei nem perto de você, a noite passada, Shannon. Mas vou chegar agora!

Era uma ameaça! Depois de tudo o que ele fizera!

Malachi começou a esmurrar a porta, e o barulho fez com que Shannon entrasse em pânico e procurasse pelo Colt.

A madeira partiu-se em volta do trinco, e a porta se abriu.

Malachi estava com um aspecto horrível. As roupas estavam amarrotadas, os olhos vermelhos, e seu humor, nada melhor.

Shannon também não se apresentava em sua melhor forma. Ela ergueu o Colt, apontando para Malachi.

— O que você pensa que está fazendo aqui? — perguntou friamente, mal encontrando a voz.

Malachi olhou para o Colt com desdém. Entrou no quarto, chutando a porta para fechá-la.

— Shannon, vou tentar conversar de maneira razoável. Eu...

-Malachi, saia daqui, ou atiro em você. Não vou matá-lo, vou mirar bem...

-Não se atreva!

-Ah, não? .

-Shannon!

-Malachi, não quero você aqui. Casei-me com você para livrar o seu maldito pescoço, e você não tem o direito de estar comigo, nem por dois segundos.

-Tive de implorar...

-Você me obrigou a dizer aquelas palavras.

-Sabe, eu estava me lembrando de como me senti, ajoelhado, implorando que você... Implorando! Saia já! Ou meterei uma bala bem no meio de seu nariz.

-Ora, querida. Você é minha esposa adorada, e posso tê-la sempre que eu quiser.

-Não pode, não!

-A lei diz que posso.

-A lei pretende pendurá-lo numa corda, querido. Talvez seja melhor não apressar o destino.

-Bem, sra. Slater, eu digo que posso. — Cruzou os braços sobre o peito, apoiando-se contra a porta quebrada.

Shannon tremia e fazia um grande esforço para que ele não percebesse. Manteve a mão, o mais firme que pôde, em torno do Colt.

-O senhor escolheu sua cama, capitão. Pode voltar para lá.

-Querida, estou cansado de ser espionado por uma pirralha. Não vim aqui para brigar...

-Não deveria ter vindo para nada.

Largue a arma, Shannon.

-Saia!

-Não posso. Não agora...

-Malachi, saia já!

-Largue a arma, Shannon. Largue, já! Estou te avisando.

Shannon sorriu.

-Malachi, uma vez que eu estou com o revólver, sou eu quem está avisando.

-Você vai se arrepender amargamente quando não tiver mais a arma.

-Não me ameace.

-Você jurou me obedecer.

-Você jurou me respeitar. Tudo mentira. Portanto, capitão, volte para a sua prostituta, do outro lado da rua. Você não vai me tocar.

-Você é a única ianque em que eu realmente pretendo tocar.

Shannon engatilhou o Colt, permitindo que Malachi ouvisse o clique sinistro.

-Não vim aqui para fazer nada com você. Vim porque este é o meu quarto, e você, minha esposa. Largue a arma. Tenho todo o direito de estar aqui, e você não vai atirar em mim.

-Direito? Ah, eu vou atirar!

Malachi deu um passo à frente, e Shannon atirou com precisão. A bala zuniu, passando tão perto do rosto de Malachi, que chegou a tocar sua barba antes de cravar-se na porta, atrás dele. Ele parou, surpreso, mas não amedrontado.

-Você atirou em mim! — disse ele, devagar, sibilando. — Você realmente atirou! — E deu mais um passo.

-Não seja tolo! — avisou Shannon, e atirou novamente. Desta vez, a bala raspou na orelha de Malachi, fazendo brotar uma gota de sangue.

Mas não adiantou. Ele já estava sobre ela, tirando o Colt de sua mão. Agarrou-a com força, furioso, e jogou-a na cama. Shannon tentou erguer-se, mas Malachi a empurrou de volta, prendendo-a com o peso de seu corpo.

-Maldita! Pretendia mesmo me matar! Shannon contorcia-se e lutava desesperadamente.

-Se eu quisesse matá-lo, você já estaria morto! Malachi soltou-a por um instante, para passar a mão na orelha, sentindo o fio de sangue. Shannon aproveitou a oportunidade para atacá-lo. Acertou-o com um soco no queixo. Ele praguejou e segurou suas mãos. A bonita camisola de cetim branco subia mais e mais pelos quadris de Shannon, à medida que tentava lutar.

-Malachi, solte-me!

-Oh, não, Shannon. Você queria jogar duro, e nós vamos jogar duro.

Malachi usou a mão livre para levantar a camisola de Shannon até a cintura, e teve de

soltá-la para desabotoar a própria calça. Shannon pulou, e ele pegou seu braço, torcendo-o, fazendo-a deitar-se novamente.

-Você atirou em mim!

-E você dormiu com a prostituta; portanto, deixe-me!

-Não dormi com ela...

-Oh, não! Não tente me fazer de boba, Malachi.

-Eu não dormi com íris. Ela é realmente minha amiga, uma velha amiga. Eu devia dormir com ela, pois é amável e carinhosa, mas não estive com ela esta noite. Dormi na cama dela, mas não com ela.

-Mentiroso!

-Não!

Malachi prendeu Shannon sob o seu corpo, e os olhos dela encheram-se de lágrimas, enquanto lutava para libertar-se.

— Mentiroso!

Ele a beijou, e ela não compreendeu nada do que se passou a seguir.

-Não estou mentindo! — disse ele entre dentes, o ódio distorcendo suas feições.

-Por favor...

Então, ele a tomou nos braços, e ambos se encontraram com fúria incontida. Beijaram-se rudemente, e Shannon gritou seu nome, sem saber se pedindo que ele a deixasse ou que ele ficasse junto dela.

De qualquer modo, ele parou. Shannon surpreendeu-se ao constatar que conseguira libertar seus braços apenas para passá-los em torno de Malachi.

— Não estou mentindo! — ele jurou novamente, com suavidade, antes de se entregarem a carícias apaixonadas, à busca fremente um do outro, enlouquecidos pelo desejo de sentir mais, e mais...

Ele a penetrou, olhando-a nos olhos, invadindo-a, tornando-se parte dela, de seu corpo, de seu coração.

— Malachi... — Shannon murmurou seu nome doce mente, abraçando-o, clamando por ele na febre que os arrebatava, despindo-se de qualquer fingimento.

O prazer se intensificou rapidamente e tomou-os de assalto, com inesperada violência.

Quando finalmente se acalmaram, ficaram um longo tempo deitados em silêncio.

— O que estamos fazendo um com o outro? — disse Malachi, levantando-se, sem olhar para Shannon.

Ela não soube o que dizer. Ouviu-o dobrar as roupas amarrotadas e vestir outras, limpas. Finalmente, ele voltou-se para ela.

— Precisamos partir. Levante-se e vista-se. Explicarei tudo quando descer; tenho boas notícias no que se refere a Kristin. Apresse-se.

Andou até a porta e só parou para lhe dizer:

— Sinto muito, Shannon... Isso não acontecerá novamente

E, então, saiu.

Desanimada, ela se enrodilhou na cama. Tinha de levantar-se e vestir-se. Estavam próximos de salvar Kristin e, afinal, era por isso que estava ali.

Saiu da cama, ansiosa para chamar Malachi de volta. Precisava dizer-lhe que também se arrependia...

— Malachi!

Shannon correu até a porta, ao ouvir novamente passos, agora subindo a escada.

Um homem subia as escadas; usava um chapéu emplumado e mantinha a cabeça baixa, de forma que a aba cobria seu rosto. Mas não era Malachi. De repente, Shannon sentiu-se gelar. Quando alcançou o topo da escada, o homem levantou a cabeça. Era Justin Waller.

-Olá, Shannon. Oh, desculpe, sra. Gabriel. Ora, ora, eu estava ansioso por vê-la. E você me parece particularmente bonita, esta manhã.

-Você! — gritou Shannon, correndo em busca do Colt.

Eu! Justin Waller, sra. Gabriel. Sim, cá estou eu... e muito ansioso!

O Colt estava em algum lugar, no chão. Shannon encheu os pulmões de ar e abriu a boca para gritar, mas ele a agarrou, tirando-lhe o fôlego e tapando-lhe a boca.

— Oh, não, queridinha. Precisa se apressar! O capitão foi buscar os cavalos, mas os Haywood estão lá em baixo, e eu pretendo sair daqui sem que ninguém desconfie de nada. Quero negociar com Malachi Slater. Mas não aqui, não agora. E você vai ficar bem quietinha.

Shannon tentou, desesperadamente, respirar. Mordeu a mão de Justin, que riu, tirando do bolso um lenço encharcado de clorofórmio. Tirou a mão da boca de Shannon, que inspirou profundamente para gritar.

Ele pressionou-lhe o lenço sobre o rosto, e o quarto girou, ondulou, ficou opaco, e então desapareceu da mente de Shannon.

Justin Waller esperou até que ela caísse em seus braços. Então, jogou-a por sobre o ombro.

Ao atingir o topo da escada, hesitou ao ouvir a voz de Malachi na cozinha.

Desceu-a depressa. Silencioso como um gato, atravessou a porta. A rua estava deserta. Foi até seu cavalo, estendeu Shannon no dorso e montou.

Serenamente, cavalgou para fora da cidade.

Quando Malachi voltou com os cavalos, Íris já esperava por ele, sentada na pequena carruagem. Usava um discreto vestido verde e um chapeuzinho de plumas.

-Você é uma mulher bonita, Íris. Íris sorriu sem corar.

-Obrigada, Malachi. Não precisava dizer isso.

-E você não precisa vir.

-Preciso, sim. Não conhece o caminho da casa de Cindy, nem poderá andar pela cidade de Sparks. Como pretende ajudar seu irmão, se for preso?

-Quero ajudá-lo sem colocar você em perigo.

-Fique tranquilo. Cindy é minha amiga. Visito Sparks com frequência. Sou conhecida lá.

-Ainda assim...

— Garanto que não estarei correndo perigo.

Malachi ainda não gostava da ideia, mas não tinha o direito de dizer a íris o que fazer. A ida dela a Sparks fora extremamente importante.

Íris encontrara Cole. Estava sentado num bar, o chapéu cobrindo-lhe o rosto. Inicialmente, ela não o reconhecera, até que se inclinara e viu seus olhos cinzentos. Usava roupas de rancheiro, um poncho mexicano, e uma barba em crescimento cobria-lhe o rosto. Nem parecia Cole!

Mas ele reconhecera íris. Antes que ela pudesse falar qualquer coisa, apressara-se em oferecer-lhe um drinque, revelando que se fazia passar por Jake Egan.

Íris o levara para a casa de Cindy, nos arredores da cidade. Era um bordel que Shannon certamente odiaria, onde porém iriam ficar.

Cole contara a íris que Jamie já cruzara a fronteira; haviam combinado encontrar-se em Sparks para então decidir o que fazer. Graças a íris e suas amigas, teriam um excelente lugar para ficar, enquanto faziam seus planos.

Íris lançou um olhar em direção ao hotel.

-Sua esposa não está nada contente, suponho.

-Eu ainda não lhe disse nada. Tivemos uma discussão. Não fomos muito longe.

Íris baixou a cabeça, escondendo um sorriso.

-Espero que tenha dito a ela que eu não estava com você...

-Isso não importa, íris.

-Importa para mim! Não vou ficar esperando que ela meta uma bala entre meus olhos.

-Ela não vai lhe fazer mal algum.

-Malachi...

-Íris, o problema está resolvido.

-Eu não acho.

-Como você deve ter notado, a sra. Slater ainda não se encontra aqui fora.

Malachi resmungou e encaminhou-se para a porta da casa.

— Malachi, vou até o bar; Leila já deve ter acordado, e quero agradecer-lhe por ontem.

Malachi assentiu e dirigiu-se ao salão. A sra. Haywood saía da cozinha, carregando um grande pacote.

— Aqui está, capitão Slater. Minhas melhores salsichas e biscoitos. Quando estiverem em seu caminho de volta, não se esqueçam de nos visitar.

É claro, senhora. Shannon ainda não desceu? A Sra. Haywood sacudiu a cabeça.

Talvez o senhor devesse apressá-la.

Malachi concordou, e a sra. Haywood continuou a olhar para ele.

— Nós não o teríamos enforcado, capitão.

-É bom ouvir isso.

-E não poderíamos tê-lo forçado a casar-se com sua garota... a menos que quisesse.

Malachi hesitou, olhando para ela.

-Ouça, sra. Haywood...

-Deixe pra lá. Talvez o senhor ainda não esteja pronto para admitir. Suba e faça-a apressar-se. Levarei as guloseimas até a carruagem. Íris vai com vocês? Que viagem emocionante... Gostaria de ir, de ser vinte anos mais moça — disse ela, rindo alto.

Malachi sorriu.

— Seria ótimo tê-la conosco, sra. Haywood.

Ela saiu com o pacote, e Malachi subiu os degraus de dois em dois.

Ao chegar diante da porta, olhou as lascas de madeira em torno da fechadura. Embora já houvesse ressarcido o sr. Haywood pelo prejuízo, sentiu-se mal. Jurara que não perderia a calma, e a perdera. Jurara não tocá-la, e a tocara. Desejava sair daquele lugar, mais do que qualquer outra coisa. Nada seria resolvido entre ele e Shan-non, até que resgatassem Kristin, ou ... morressem na tentativa.

— Shannon! — chamou ele.

Entrou no quarto, e não a viu. Por outro lado, o quarto estava exatamente como o deixara, há menos de meia hora.

— Shannon?

Droga. Ela estava furiosa, e armando algum golpe. Nunca poderia confiar em Shannon, nem por um breve momento. Pensara que ela compreendera o quanto estavam próximos de libertar Kristin.

Foi até a cama e sentou-se com um suspiro de cansaço. Onde ela se metera? A sra. Haywood não a vira lá embaixo e...

Olhou para o cabide ao lado da porta, constatando que a camisa e a calça de Shannon continuavam penduradas lá.

Levantou-se, franzindo o cenho, e foi até onde estavam os alforjes. Abriu o de Shannon: seu vestido continuava lá. Onde quer que tivesse ido, fora usando apenas a camisola de cetim.

Tentou acalmar-se, convencendo-se de que ela fora ao armazém comprar alguma coisa, roupas de baixo, uma nova camisa, talvez...

Correu pelas escadas e, quando chegava ao salão, ouviu um grito na rua. Atravessou a porta correndo.

Íris, no meio da rua, ajoelhava-se junto a Leila. A moça estava embrulhada num cobertor, os olhos fechados. Uma enorme mancha de sangue contrastava com o rosa-claro da manta.

Os Haywood já estavam junto dela.

-O que aconteceu? — perguntou Malachi.

-Ela não devia ter saído. Tentava encontrar você. Quer que você o mate — disse íris, histérica.

-Matar a quem? — Malachi olhou de íris para Leila, estendida inerte no chão. Abaixou-se e tomou-a nos braços. >

-Leve-a para o salão e acomode-a no sofá. Alan vai buscar o médico.

Malachi correu para dentro e acomodou Leila. Ajoelhou-se ao seu lado, seguido por íris. Leila havia sido espancada. Seu rosto estava muito machucado.

Abriu os olhos lentamente, tentando sorrir.

-Ele queria sua esposa, sr. Gabriel.

-O quê?

Malachi sentiu o coração parar e o sangue gelar nas veias. Tomou a mão de Leila entre as suas.

— Por favor, sabemos que você está... sofrendo. — Da maneira como sangrava, estava, provavelmente, morrendo. — Tente falar.

A moça esforçou-se:

— Mate-o. O senhor tem de matá-lo. Eu o vi observando seus passos. Esperava que o senhor arrombasse a porta; não podia fazer barulho para pegá-la. Ele tentou entrar no quarto dela ontem à noite. Depois, veio para o meu quarto. — Fez uma pausa e lágrimas encheram seus olhos. — Ele levou sua esposa, sr. Gabriel. Pensa que estou morta. Pensa que está seguro. Pegue-o. Mate-o. Ele... — fez um esforço final — disse que se chama Justin.

Malachi empalideceu. íris e a sra. Haywood o olhavam assombradas.

— Justin Waller — disse ele. — Ele nos seguiu. Eu o subestimei; pensei que tínhamos nos livrado dele.

Virou-se e correu para a sua égua, certificando-se de que seus Colts estavam no cinto. Montou e ali ficou, parado, sem saber que rumo tomar.

Leste. Tomaria o caminho pelo qual viera. Justin Waller não se atreveria a embrenhar-se mais para oeste. Matara, mutilara e ferira muitos homens no Kansas: alguém poderia reconhecê-lo.

Leste. Tinha de rumar para leste.

Saiu a galope e, momentos depois, percebeu que era seguido. Virou-se e viu íris montando o grande cavalo negro de Shannon, a saia esvoaçando, o belo vestido verde manchado de sangue.

Malachi parou.

-Volte, íris.

-Malachi, Leila está morta.

-Então, volte. Esse homem é um animal. É melhor que eu vá sozinho.

-Sua esposa pode precisar de mim — disse íris, em voz baixa.

O rosto de Malachi tornou-se sombrio, e ele começou a tremer. Pensar que Shannon podia ser tocada por aquele louco, e ferida... tão ferida, que ele não pudesse ajudá-la...

— Está bem, vamos.

Inclinou-se sobre o dorso da água, incitando-a a seguir mais rápido. Galoparam para o leste, em velocidade alucinante. Quanto tempo de vantagem teria Justin Waller sobre ele? De quanto tempo Justin Waller precisava? Não se atreveu a pensar na resposta. Apenas cavalgou.

Shannon foi despertada pelo mal-estar no estômago. Não sabia o que Justin colocara no lenço, mas o cheiro invadira todo o seu corpo, e sua boca tinha um gosto horrível: iria vomitar a qualquer momento. Não se importava com o fato em si; provavelmente, se sentiria melhor. O problema era a mordaca na boca, tão apertada, que Shannon temeu sufocar.

Abriu os olhos lentamente. Os raios do sol penetraram como lâminas afiadas. Shannon tinha a impressão de estar em movimento, mas não estava. Seus punhos doíam porque estava amarrada a uma árvore. Era uma pequena clareira, circundada por rochas, arbustos e árvores. Não podia se mover, uma vez que os braços haviam sido esticados em torno do tronco da árvore.

Fechou os olhos novamente; ainda sentia-se muito tonta. Ouviu um ruído, e abriu os olhos instantaneamente. Justin Waller caminhava por entre os arbustos. Não havia nada que pudesse fazer, a não ser olhar para ele e odiá-lo com todas as forças.

-Olá, queridinha! — Justin sentou-se a seu lado, jogando o rifle no chão. Correu a mão pela perna de Shannon, levando a camisola de cetim até a altura dos quadris. Shannon chutou e se contorceu e, com o movimento, sentiu-se pior. Ele riu, divertindo-se com sua impotência.

-Gostaria de tirar essa mordaca, queridinha, e ouvir tudo o que tem a dizer e o quanto se arrepende por tudo o que me fez. E vai dizer ao velho Justin. Você vai se desculpar, sabia? Vai me dizer que nunca mais me deixará. E o quanto me quer. Vai pedir que eu seja bonzinho com você.

Passou a mão pelo rosto de Shannon, descendo pelo pescoço, até os seios, e riu do ódio que brotou nos olhos dela.

— Está pensando que Slater vai me matar, não é? Bem, ele virá. É por isso que você está aqui. Vou esperá-lo na estrada e vou matá-lo. E, então, voltarei para você. Mas, sabe por que está aqui, nesta adorável clareira? Porque, se eu morrer, srta. McCahy, você morrerá também. Ele nunca a encontrará. Somente as cobras sabem onde está. Talvez uma cascavel a encontre... ou não. Talvez você torra lentamente ao sol... e desejará a morte, pois vai sentir muita sede. E os abutres virão. Sabe por onde eles costumam começar? Pelos olhos...

Justin suspirou, deixando cair a mão.

— Eu gostaria muito de ficar, mas...

Ele parou, apurando os ouvidos. Em algum lugar, Shannon ouviu o ruído de cascos. As feições de Justin tornaram-se sombrias.

— Como ele soube tão depressa? Acho que não cuidei da prostituta como devia... — Olhou para Shannon.

— Não importa, querida; não se desespere nem morra de saudades. Eu voltarei.

Levantou-se pegando o rifle. Os cavalos chegavam mais e mais perto. Shannon fechou os olhos.

Malachi.

Ele jamais a abandonaria. Mesmo que o deixasse louco, mesmo que brigassem sempre...

Mesmo que a odiasse, nunca a abandonaria.

Mas estaria preparado para a emboscada? Justin pretendia sentar a esperar, escondido pela sombra dos arbustos, e matar Malachi a sangue-frio.

Malachi se aproximava: Shannon sentia a terra trepidar. Havia mais de um cavalo: não estava sozinho. Talvez houvesse acontecido algo com que Justin não contara.

Tentou afrouxar as cordas que a prendiam, mas Justin as amarrara com firmeza. Quanto mais se contorcia, mais os nós se apertavam. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Se pudesse, ao menos, gritar: se pudesse avisá-lo de que era uma cilada...

Esforçando-se para não entrar em pânico, para não desistir, virou a cabeça e mordeu a tira que lhe tapava a boca. Inicialmente, não sentiu nada, mas logo a mordaca afrouxou.

O galope diminuiu de velocidade quando os cavaleiros entraram pela pequena trilha na floresta. Shannon mordia freneticamente o material que lhe feria a boca. Conseguiu rasgá-lo e, sacudindo a cabeça, livrou-se da mordaca. Tomou fôlego e gritou a plenos pulmões:

— E uma cilada, Malachi! Não se aproxime! É uma cilada! Tenha cuidado!

Enquanto gritava, Justin Waller reapareceu entre os arbustos, e Shannon pôde ver o ódio mortal em seus olhos.

— Cadela estúpida! — Esbofeteou-a com tanta força, que ela quase perdeu os sentidos. Enfiou-lhe a mordaca na boca, amarrando-a com uma tira de couro. Shannon mal podia respirar, e muito menos, emitir qualquer som.

Justin sorriu, satisfeito com seu trabalho.

— Nossa hora está chegando, doçura — prometeu ele. Ficou de pé, empunhando o rifle. O barulho dos cascos cessara. A floresta estava muito quieta.

— Slater! — gritou Justin.

Shannon experimentou um certo prazer em descobrir que arruinara o plano original de seu raptor. Possivelmente, não poderia surpreender a mais ninguém. Agora, o paradeiro dele era bem conhecido.

— Slater, eu vou matá-la.

Shannon não pôde evitar o calafrio que lhe percorreu o corpo. Justin Waller a mataria. Atiraria em um ser humano com a mesma facilidade e rapidez com que mataria uma mosca. Para ele não fazia muita diferença.

Apontou o rifle para Shannon, que prendeu a respiração e tentou rezar. Queria pedir perdão a Deus por todos os seus pecados, mas, simplesmente, não conseguia raciocinar.

Seus pensamentos foram invadidos pelo rosto de Malachi. O sorriso cínico curvando seus lábios sob o bigode; os olhos, mais azuis que o mar. Naquele momento, Shannon desejou desesperadamente poder vê-lo. Mas rezou para que ele não cometesse a tolice de dar sua vida por ela...

O rifle explodiu, levantando muita poeira, que cegou Shannon. Mas não foi atingida. Justin mirava o chão, próximo a seus pés. Mirou novamente, e Shannon fechou os olhos depressa, quando lascas voaram do tronco da árvore. Shannon chorava, seus gritos abafados pela mordaça. Mais tiros no tronco da árvore. Chegou a desejar que ele a acertasse e pusesse um fim à tortura de esperar pela bala mortal.

— Apareça, Malachi. Uma destas balas vai acertá-la!
Ou, talvez, uma delas já a tenha acertado. Talvez ela esteja gritando de profunda dor, e você não possa ouvi-la, mas pode me ouvir. Apareça, covarde!

Ouviram um farfalhar atrás deles. Justin virou-se, atirando nos arbustos. Folhas e galhos voaram numa chuva de explosões. Mas, quando o barulho cessou, não havia nada lá.

Justin sentou-se na poeira, olhando ansiosamente à sua volta. O silêncio arrastava-se.

Shannon imaginou que havia desmaiado novamente. Pareceu-lhe que fechara os olhos e, quando os reabriu, o sol já se punha. O céu estava manchado de cores bonitas e escuras. A noite se aproximava.

E ela continuava amarrada à árvore. Justin encontrava-se a menos de cinco metros dali, com o rifle sobre os joelhos. Ainda observava, cuidadosamente, os arbustos.

Uma mosca sobrevoou o rosto de Shannon e pousou em seu braço. Ela se recostou na árvore, desolada, desesperada.

— Acho que p matei. Pensei que ele estivesse por aí, mas acho que o matei — Justin murmurou, como se falasse consigo mesmo.

Olhou para Shannon e viu seus olhos abertos. Rastejou pelo chão até a árvore. Ergueu a faca, próximo a sua cabeça, e ela imaginou, horrorizada, o que ele pretendia fazer. Tentou não se esquivar, mas estava apavorada e não pôde evitar. Justin sorriu, saboreando o medo de Shannon.

Mas não a feriu. Passou a faca pela tira de couro que imarrara em sua boca e retirou a mordaça. Shannon respirou livremente e pensou em gritar. Seria estupidez fazê-lo. Provavelmente, ninguém a ouviria.

Talvez Malachi estivesse realmente morto. Justin des-íruíra a maior parte dos arbustos e árvores à sua volta. Poderia ter, facilmente, acertado Malachi, que agora jazia em algum lugar, ferido, morto ou morrendo...

Justin aproximou-se dela, colando o corpo todo ao seu. Shannon não lutou, nem falou. Ficou imóvel, a cabeça apoiada no tronco da árvore, fitando-o. Concluiu que Justin era louco. Alguns homens, ao voltarem da guerra, sofriam com terríveis pesadelos sobre os horrores que haviam presenciado... pelas mortes que eles próprios haviam provocado. Mas Justin Waller fizera uso da guerra. Amara as batalhas: revelara-se nelas. Fora-lhe

permitido matar e estuprar livremente. E, agora, parecia ter adotado assassinato e estupro como modo de vida.

Shannon jurou que não lhe daria essa satisfação.

— Você não tem nada a dizer, doçura? — murmurou Justin, tocando seu rosto e seus seios novamente. — Nossa hora chegou. Seu amante está morto, e temos a noite toda pela frente. Sua boca está livre, agora, e você pode gritar, gritar e gritar...

Shannon o encarou e disse em voz baixa:

— Você é patético.

Ele agarrou sua perna e a apertou cruelmente. Shannon não queria gritar, mas a dor foi insuportável.

— Fale direito comigo, garotinha. Diga que não vai tentar escapar novamente. E, se você for boazinha, talvez eu a deixe viver.

Shannon ergueu o queixo, ignorando a mão que subia por sua coxa.

— Morrer é muito mais simples, Justin.

Ele riu alto.

— É, seria mais simples, mas você não vai morrer. Não enquanto eu não estiver satisfeito.

— Tomou-lhe o rosto nas mãos, apertando-o cruelmente. Aproximou-se mais.

Shannon conseguiu virar a cabeça.

— Vou vomitar em você — ameaçou ela. — Eu juro que vou vomitar em você. Aquela droga está me sacudindo por dentro.

Justin afastou-se num pulo, como se Shannon o tivesse queimado. Observou-a por um momento, e segurou seu queixo novamente.

— Você é única, srta. Shannon McCahy. Esperei muito, muito tempo, por uma mulher como você.

Inclinou-se para ela novamente, e ela rezou para que a terra se abrisse e ambos fossem engolidos pelas profundezas.

A terra não se abriu, mas os arbustos próximos à estrada agitaram-se, fazendo um ruído farfalhante. Justin pôs-se de pé, com o rifle engatilhado. Shannon o observava com medo renovado.

— Maldito! Espere, boneca. Quando eu voltar, não perderemos nem mais um minuto. — E desapareceu entre os arbustos.

Shannon lutou desesperadamente contra as cordas que a prendiam. Se Malachi estivesse vivo, precisaria de ajuda. Justin o caçaria como a um animal. Podia ser um lunático, mas lutara junto aos bandidos sulistas por muito tempo e aprendera bastante sobre operações de guerrilha. Era forte e atlético.

— Cuidado! — gritou Shannon. — Malachi! Se você está aí, tenha cuidado!

Justin não voltou para fazê-la calar-se. Shannon mordeu o lábio, observando os arbustos. A noite caía. De repente, de trás da árvore, alguém estendeu a mão e lapou-lhe a boca. O medo tomou conta dela novamente. Assustada, virou-se.

Era Malachi. Usava chapéu da cavalaria, com a aba Sflída, cobrindo-lhe os olhos. Levou

um dedo aos lábios, indicando-lhe que ficasse quieta. Shannon suspirou, tão surpresa e aliviada que quase desmaiou. Agachado a seu lado, ele sorriu o seu sorriso mais encantador.

— Você está bem? — perguntou ele.
Shannon assentiu.

— Malachi...

-Ele não... não machucou você?

-Não teve tempo. Esteve esperando por você o dia todo. Oh, Malachi! Tenha cuidado! Por favor, tire-me daqui. Ele é perigoso, é doente, é...

-Psiu! — Malachi levou o dedo aos lábios novamente. Pareceu ouvir algo. — Aguarde firme apenas mais alguns minutos.

-Não! — murmurou Shannon, ao ouvir galhos se quebrando e folhas secas sendo pisadas. Justin Waller retornava.

-Não era nada — disse Justin. — Nada mais que um coelho, ou um lince. Deixei você por um coelho, acredita? Meus nervos estão fracos, boneca, mas você dará um jeito nisso, não é?

Rindo, ele largou o rifle. Ajoelhou-se ao lado de Shannon e acariciou, rudemente, os seus cabelos. Ela o chutou e começou a gritar. Com violência, Justin atirou-se sobre ela.

-Chegou a hora da verdade, queridinha... — disse, mas ficou petrificado ao ouvir o som de um revólver sendo engatilhado bem junto ao seu ouvido.

-Hora da verdade — disse Malachi bruscamente. — Levante-se. Afaste-se de minha esposa.

Shannon observou Justin Waller empertigar-se e levantar-se vagarosamente. Malachi mantinha o Colt encostado à sua cabeça.

— Ela é minha esposa, realmente, sr. Waller. E não me agrada que você a toque. Na verdade, muitas das coisas que você faz não me agradam.

Ouviram um novo farfalhar nos arbustos. Malachi não se moveu; Justin espiou e Shannon sobressaltou-se. Íris André apareceu entre as folhagens, empunhando uma pequena faca de cabo de madrepérola. Correu para Shannon e começou a cortar as cordas.

— Afinal, de quantas mulheres você precisa, Slater? — perguntou Justin, em tom de provocação.

Malachi deu a volta, apontando o Colt diretamente para o seu coração. Shannon olhou para Íris, agradecida por ser libertada. Podia ser uma prostituta e ter dormido com Malachi, mas viera com ele para salvá-la.

Íris lançou-lhe um sorriso encorajador enquanto Shannon esfregava os punhos.

-Você pode ficar de pé? — perguntou Íris.

-Acho que sim.

Mas não podia. Quando tentou levantar-se, caiu novamente de encontro à árvore. Sentia-se fraca: não bebera uma gota de água o dia todo. E o sabor da droga usada por Justin permanecia em sua boca.

Íris ofereceu-lhe o braço para apoiar-se.

-Muito bem, capitão! Uma prostituta e uma esposa, de braços dados. Bela cena, sra. McCahy.

-Sra. Slater — disse Shannon.

-Pobre idiota! Não percebe o que ele está fazendo com você?

-Íris, amarre as mãos dele — comandou Malachi.

Íris assentiu, deixando Shannon apoiada à árvore, tremendo à brisa fria da noite que caía. Shannon observou a moça andar até Justin, com passos firmes. Malachi jogou-lhe um pedaço de corda.

Mas, antes que Íris pudesse alcançá-lo, Justin estendeu a mão, agarrando-a e puxando-a contra si. Tirou uma faca da bota e pressionou-a contra o pescoço de Íris.

— Malachi, mate-o — gritou Íris.

-Malachi não se atreveu. Justin cortaria a garganta de com a mesma facilidade com que respirava. Jogue a arma, Slater — avisou Justin.

Malachi deixou cair o Colt e investiu contra Justin, que empurrou Íris com violência.

Justin tinha a faca; Malachi estava desarmado. Rolaram pelo chão. Malachi conseguiu ficar em pé, e Justin o atacou, tentando golpeá-lo com a faca, mas a lâmina cortou o ar, pois Malachi pulou, acertando um soco no queixo de Justin.

Malachi lutava bem, era ágil como o vento, mas, a menos que Justin fosse desarmado...

Shannon mal podia mover-se. Sacudiu a cabeça, tentando clarear a visão; precisava reunir forças. Íris jazia no chão, à sua frente, tentando erguer-se.

— Íris!

Íris olhou para Shannon.

-O Colt. Dê-me o Colt.

-Você pode ferir Malachi.

Shannon sacudiu a cabeça novamente. Arrastou-se pelo chão, mas não alcançou a arma. Íris a pegou e a fez deslizar pelo chão, até as mãos de Shannon. Por um momento, seus dedos se tocaram. Shannon mordeu o lábio, depois sorriu e agarrou o Colt.

Os dois homens continuavam enlaçados numa luta mortal.

Justin estava sobre Malachi, que lutava para manter a lâmina longe de seu corpo. Shannon piscou, tentando afastar a escuridão, o medo e os efeitos da droga.

Mirou cuidadosamente e atirou.

Era uma exímia atiradora e provou sua habilidade, aquela noite. Atingiu Justin na mão: a faca voou, enquanto ele gritava, os dedos mutilados.

Malachi soltou-o e pegou a faca. Estarrecido, olhou para Shannon, enquanto se levantava. Sorriu, afastando uma mecha de cabelo dos olhos.

— Obrigado... querida.

Limpou a poeira das calças, enquanto Justin rolava no chão, gritando de dor.

-Cadela! Vou matá-la, eu juro que vou matá-la...

-Você não vai matar mais ninguém — disse Malachi. — Levaremos você de volta a Haywood, onde será enforcado.

-Não há cartazes oferecendo uma recompensa pela minha cabeça, Slater.

-Vão enforcá-lo por assassinato. Leila morreu esta manhã.

Justin começou a falar, totalmente fora de si:

— Sua mulher me queria, Slater. Queria mais que a prostituta loira lá na cidade. Ela gritou e me pediu mais e mais.

Malachi não se moveu.

-E você pode imaginar aquela prostituta. Queria, desesperadamente, viver. Ela implorou que eu parasse.

-Não vou matá-lo, Justin. A guerra acabou, e eu estou cansado de matar. Vão enforcá-lo, e você não vai dizer nada que me faça mudar de ideia.

-Devia tê-la ouvido gritar.

Malachi o ignorou e começou a andar na direção de Shannon.

— Eu vou matá-lo, Slater — gritou Justin. Saiu correndo, tropeçando, em direção a eles, pressionando a mão ferida sob o outro braço. Jogou-se sobre o rifle, próximo à árvore. Malachi voltou-se de novo para ele, mas, antes de alcançá-lo, um tiro espocou e Justin Waller caiu, morto.

Malachi e Shannon entreolharam-se e, então, olharam para Íris. Ela empunhava uma pequena pistola de cabo de marfim.

— Você não podia matá-lo, Malachi. Eu tinha de fazê-lo.

Malachi concordou. Pegou o chapéu que caíra na poeira e voltou para Shannon.

— Você pode cavalgar comigo?

Shannon assentiu.

E ele? — perguntou Íris, referindo-se a Waller. Nós o poremos em seu cavalo e o levaremos para Haywood. Lá, poderão fazer com ele o que quiserem. Se ficarem sabendo que ele esteve em Centrália, provavelmente vão cortá-lo em pedaços e dá-lo de comer aos abutres. Bem, não temos mais nada a fazer aqui. Vamos embora.

Malachi beijou a testa de Shannon e fez um sinal para Íris, que veio apoiá-la, enquanto ele carregava o morto. Shannon olhou para Íris, horrorizada.

-Ele matou uma mulher?

-Uma amiga minha — disse Íris.

-A loira?

-Sim. Vamos, querida. Vamos sair daqui. Foi um dia longo, e a noite será ainda mais longa.

De braços dados, desceram por entre as árvores e arbustos. Malachi caminhava na frente.

Chegaram à trilha onde a égua de Malachi e o cavalo de Shannon esperavam, tranquilamente. Malachi jogou o corpo de Justin sobre a égua e olhou para as duas mulheres.

-Vou dar uma olhada no bosque e tentar encontrar o cavalo dele. Vocês ficarão bem?

-Claro, querido... quer dizer, Malachi — disse Íris.

-Eu estou bem — acrescentou Shannon. Mas não estava nada bem. Sentia-se enjoada, gelada e trêmula, mas Justin estava morto, e o perigo se fora. Malachi se arriscara para salvá-la...

Shannon lembrou-se de que amara Robert Ellsworth; amara-o profundamente. Mas isto não a impedia de amar Malachi. Não importava que tipo de relacionamento tivera com Íris.

Nem mesmo podia odiá-la.

Quando Malachi desapareceu em meio à vegetação, Íris sugeriu:

— Vamos sentar. Estamos seguras aqui, poderíamos ouvir uma cobra rastejar, se houvesse alguma por perto.

-Íris... — disse Shannon suavemente.

-O que é? Tenho certeza de que não há nada com o que nos preocuparmos...

— Íris, eu realmente sinto muito pelo uísque.

A ruiva suspirou, balançando a cabeça.

-Está tudo bem. Muitas damas passam mal quando veêm prostitutas.

-Oh, Íris, acredite em mim! Eu não agi por preconceito! — Shannon sorriu e, então, começou a rir alto e se descobriu contente. Duvidara de que pudesse rir novamente. — É uma pena que não tenha conhecido meu pai, Íris. Ele teria lhe explicado, com todas as letras, que uma dama jamais se comportaria como uma histérica. Papai teria dito que você é uma verdadeira dama. Obrigada por vir me salvar. Eu... eu fiquei com ciúme...

Íris apertou-lhe a mão.

-Eu não dormi com seu marido. Bem, pelo menos, não agora. Tivemos um caso, há muitos anos, em Spring-field. Foi antes da guerra. Foi... Não importa, acabou.

-Você sabe que não estamos casados de verdade — disse Shannon.

-Estão casados, se é que ainda sou capaz de entender as coisas.

Shannon corou.

— Ele tinha de casar-se comigo, ou seria enforcado, Íris sacudiu a cabeça.

— Não conhece seu marido muito bem, sra. Slater.

Nunca ninguém forçou Malachi a algo que realmente não quisesse fazer. — Levou o dedo aos lábios. — Psiu! Ele vem aí... E os homens são engraçados: odeiam que as mulheres conversem sobre eles.

Shannon sorriu. Malachi surgiu, puxando o cavalo de Justin Waller.

-Shannon, você pode cavalgar comigo?

-Sim.

-Íris? Você estará bem no cavalo de Shannon?

-Sim, Malachi.

Malachi achou-as dóceis demais, para dois diabretes. Caminhou para Shannon e tomou-

a nos braços, rezando para que suas mãos parassem de tremer. Esse fora o dia mais longo de sua vida. Tivera de esperar, observar e obrigar-se a ser paciente; do contrário, Justin os mataria.

Olhou para Shannon. O que fora uma linda camisola de cetim branco transformara-se num amontoado de trapos sujos.

— Você vai tomar um banho quente e vestir roupas limpas, assim que chegarmos a Haywood.

Malachi carregou-a até a égua, ajudando-a a subir, e montou atrás dela. Ela recostou-se em seu peito, e cavalgaram, em silêncio, de volta para Haywood.

Em Haywood, Shannon teve certeza de que nunca havia sido tão respeitada em toda a sua vida. Foram recepcionados por Martha, pelo sr. Haywood e, ao que parecia, pela metade da cidade, em frente ao armazém. Todos aplaudiram, quando chegaram.

Malachi entregou Shannon aos cuidados de Matey. Uma mulher trouxe um cobertor para agasalhá-la, e Martha Haywood trouxe água, que Shannon bebeu avidamente, até Malachi adverti-la a beber devagar. Então separou-se dele, pois os homens o arrastaram para o bar.

Martha assumiu a posição de mãe protetora, e tratou de colocar Shannon, imediatamente, sob seus cuidados. Alimentou-a com rosbife, batatas e cenouras, serviu-lhe chá quente com *brandy*, e encheu a banheira de água quente e sais de banho franceses.

Shannon banhou-se demoradamente. Queria tirar do corpo não só a sujeira, mas a sensação das mãos de Justin em sua pele... e o sangue derramado naquela noite e por tanto tempo, em todo o país. Esfregou-se uma, duas vezes. Martha ficou a seu lado, ajudando-a a enxugar os cabelos, e, quando Shannon finalmente saiu da banheira, estendeu-lhe uma toalha limpa e muito macia.

Shannon recebeu uma nova camisola, de flanela com florzinhas cor-de-rosa, abotoada até o pescoço. Era quente e confortável.

— Você tem sido muito boa para nós — disse Shannon, enquanto escovava os cabelos.

— Ora, não fizemos grande coisa, querida.
Shannon sorriu.

Está hospedando um homem cujo rosto está em dúzias cartazes, e tem me tratado como se eu fosse sua filha. Martha olhou para a cama, enquanto ajeitava os lençóis travesseiros.

- Gosto de pensar que, se minha filha estivesse viva, seria tão linda quanto você.
Shannon aproximou-se e beijou-lhe o rosto..

— Obrigada. Se fosse minha mãe, eu sentiria muito orgulho.

Martha corou.

— Venha para a cama. Há alguém aí fora, esperando para vê-la.

Shannon sentiu o coração disparar. Malachi viria. Havia muitas coisas que desejava dizer-lhe, que precisava dizer-lhe... mas seria tão difícil!

Martha sorriu e deixou o quarto, fechando a porta ao sair. Não podia mais ser trancada.

Shannon enfiou-se sob os cobertores, recostando-se no travesseiro. Esfregou as mãos nervosamente, ao ouvir a porta se abrir.

Íris André entrou no quarto.

Shannon fez um esforço para esconder seu desapontamento. Sorriu para a mulher, que puxou uma cadeira para perto da cama.

— Como está se sentindo? — perguntou Íris, com uma ponta de preocupação.

Um repentino ciúme tomou conta de Shannon, que lutou para reprimi-lo. Íris tinha lindos cabelos, vermelhos como fogo, e olhos verdes muito claros. Usava um vestido de algodão azul, suave, de decote alto, enfeitado com babados de renda branca. Era bonita e sofisticada. E, algum dia, Malachi tivera um caso de amor com ela. Íris negara que houvesse dormido com Malachi desta vez, mas ele havia estado com Íris, muito mais tempo do que com ela.

— Estou bem, Íris, obrigada. O mal-estar passou, finalmente; a comida ajudou.

— Então, não restaram marcas da experiência horrível.

Shannon arregaçou as mangas da camisola, exibindo as feridas nos punhos. Estremeceu e seu sorriso apagou-se.

-Ele matou sua amiga. Sinto muito.

-Também sinto — disse Íris, em voz baixa. — Ninguém merece morrer daquele jeito, nem mesmo uma prostituta.

-Oh, Íris! — Shannon sentou-se e tomou as mãos de Íris nas suas.

Íris sorriu.

— Você é muito meiga, sabia?

Shannon corou.

-Não há um fio de cabelo meigo aqui. — Hesitou. — Pergunte a Malachi; ele dirá.

-Malachi! — Íris riu alto.

-Por que está rindo?

-Acho que estou me divertindo com essa história... Ele realmente disse que você é geniosa, e que é muito boa com um Colt. Estou contente por não tê-la tentado a atirar em mim.

-Quando nos conhecemos, a tentação foi grande.

-Fico contente que não tenha atirado — disse Íris, levantando-se abruptamente.

— Suponho que devo ir andando; Malachi está ansioso por vê-la...

-Íris?

-Sim?

-Não compreendo. — Shannon teve de fazer um esforço para encarar a outra. — Ele não voltou para cá a noite passada...

-Eu não estava lá, querida. Fui a Sparks.

-Oh! Meu Deus...

-E uma longa história. Tenho certeza de que seu marido vai querer explicá-la pessoalmente. Vejo você amanhã. Malachi está ansioso para seguir seu caminho, esta noite...

-Ele vai partir?

-Ai, que língua comprida! Ele vai lhe explicar...

-Ele vai me deixar aqui!

-Não, não exatamente. Por favor, deixe-o explicar, íris não deu a Shannon outra chance de questioná-la.

Sorriu e apressou-se a sair. A mente de Shannon disparou. Algo acontecera; algo de que ela não tomara conhecimento. Estavam se aproximando de Kristin, e Malachi pretendia partir sem ela.

Já ia sair da cama para vestir-se, quando ouviu uma batida na porta. Malachi? Shannon olhou assustada para a porta.

Sem esperar pela resposta, Malachi entrou. Tinha a camisa rasgada na manga, e toda suja pela luta contra Justin Waller. Franziu a testa ao perceber que Shannon pretendia sair da cama.

-O que você pensa que está fazendo?

-Vou me vestir. Se vamos partir...

-Eu vou partir.

-Quero ir junto.

— Shannon, vou na frente, apenas um dia. Tenho de ir esta noite.

Ele sorriu divertido. Atravessou o quarto, pegou Shannon pelos ombros e, gentilmente, empurrou-a de volta para a cama, sentando-se ao seu lado. Ela abriu a boca para protestar e desistiu. Não tinha a menor vontade de brigar com ele naquele momento.

Shannon acariciou-lhe o rosto, sentindo a maciez da barba; Malachi beijou' seus dedos.

-Fiquei tão assustado, hoje... — disse Malachi.

-Eu também.

-Está mesmo se sentindo bem? Shannon assentiu.

-Você chegou a tempo.

Malachi levantou-se e andou pelo quarto, indo encostar-se à janela, olhando para o outro lado da rua.

— íris lhe contou? Ela encontrou Cole.

r — O quê? Oh, Malachi, estou tão contente!... Onde? É isso o que...

Malachi virou-se e voltou para perto dela. Shannon estava ajoelhada nos pés da cama; tinha os cabelos soltos, cobrindo-lhe ombros e seios. Seus olhos brilhavam de entusiasmo. Parecia completamente recuperada, e demonstrava uma vitalidade surpreendente.

-Cole está em Saparks.

-Oh, não!

-Está tudo bem, ele está seguro. Íris tem uma amiga chamada Cindy, que é dona de uma... casa, nos arredores da cidade. Cole está lá. Está a salvo. Fez contato com Jamie. É por isto que devo partir esta noite.

Shannon ameaçou sair da cama novamente.

-Ei! — disse Malachi, segurando-lhe o braço. — Você não vem; não esta noite.

-Mas, Malachi...

Ele ergueu-lhe o queixo, olhando-a nos olhos.

-Não vou deixar você, Shannon. Quero que fique aqui esta noite, e descanse. Íris virá buscá-la pela manhã, está bem?

-Mas, Malachi...

-Temos de pensar num jeito de libertar Kristin. Não haverá nada que você possa fazer enquanto não tivermos um plano estruturado. Por favor, descanse, esta noite. Faça isso por mim.

As últimas palavras, ditas quase num sussurro, cheias de ternura, convenceram Shannon.

Se ele tivesse gritado, ou lhe ordenado, ela resistiria. Dessa vez, ele não estava zangado. A mão dele pousava de leve na sua, seu olhar exprimia carinho.

— Fica? — perguntou ele.

Shannon acenou em afirmativa. Malachi acariciou-lhe o rosto antes de afastar-se, jogando o chapéu sobre a cadeira.

— Você poderia guardá-lo para mim?

-Eu o levarei amanhã.

-Obrigado.

Começou a desabotoar a camisa, quando percebeu que estava rasgada demais para ser aproveitada. Sorrindo para Shannon, acabou de rasgá-la.

— Esta já era, não acha?

Shannon concordou. Só então notou que havia um corte em seu braço.

-Deus do céu! — Levantou-se da cama e correu até a banheira. Voltou com uma toalha úmida.

-Não é nada — disse Malachi, e tinha razão.

O ferimento não era profundo. Intenso foi o desejo de tomá-la nos braços e amá-la naquele instante, ao vê-la ficar na ponta dos pés para beijar-lhe o ombro.

Malachi a abraçou, e Shannon aninhou-se contra ele. Tentou controlar-se.

— Você teve um dia duro — disse, com a voz rouca.

— Deveria estar deitado.

Shannon deu um passo para trás, em direção à cama, puxando-o pela mão.

— Eu estou tentando ir.

Era esse o convite que ele esperava. Caíram juntos no colchão macio e, beijando-a, ele começou a abrir os botões da camisola.

Não haveria outra noite tão mágica para Shannon. Ela se abandonou ao prazer, aproveitando cada momento junto do homem que amava, como se não houvesse problemas, como se nunca mais fossem se separar.

A realidade se impôs, pouco depois. Malachi precisava partir e foi com um aperto no coração que afastou os braços de Shannon que, adormecida, o prendiam junto a ela.

-Fique aqui — ela pediu, despertando.

-Você sabe que ficaria, se pudesse. Mas não há tempo a perder. Amanhã você segue com Íris. Está bem?

Shannon não disse uma única palavra, apenas o observou enquanto se vestia.

Quando estava pronto, Malachi encaminhou-se para ela com o Colt.

— Se alguém abordá-la no caminho, atire. Não hesite, não faça perguntas, apenas atire.

Trocaram um último beijo e Shannon esforçou-se para conter as lágrimas.

-Comporte-se — murmurou.

-Claro, madame, sou um homem casado.

Ela forçou-se a sorrir. Malachi já estava cheio de preocupações, não iria acrescentar-lhe mais uma.

Fechou a porta e, vagarosa e mecanicamente, foi até a cama. Deitou-se, tentando convencer-se de que logo estariam juntos. Mas não conseguia dormir. Pensava em todos os perigos que Malachi enfrentaria, pensava em tudo o que deveria ter dito e não dissera. Por que não dissera que o amava? Que confiava nele?

Tarde para lamentações, agora ele estava a caminho de Sparks, onde encontraria os irmãos e, se tudo corresse bem, libertaria Kristin. Depois, não saberia avaliar o que a aguardava. O breve interlúdio que haviam vivido não era garantia de que as mágoas passadas, o ódio alimentado durante tanto tempo estivessem definitivamente apagados.

Viverem como marido e mulher na plenitude de um grande amor ainda se constituía um sonho com o qual não ousava contar.

Virou de bruços, determinada a dormir. Porém, o medo continuou a assaltá-la, trazendo imagens assustadoras.

Ele dissera que estaria seguro. Poderia repetir mil vezes palavras de alento que não se convenceria. Quando, finalmente, conseguiu adormecer, o sol já despontava no horizonte.

A sra. Haywood ficou perplexa, ao vê-la partir pela manhã, os olhos fundos indicando uma noite insone.

—Que tolice ficar se arriscando por aí, mocinha...

Deixe os homens resolverem os problemas. Você devia ficar aqui em Haywood.

Íris já aguardava na carruagem, pronta para seguir via-bm. Chapperel iria amarrado à traseira da carruagem, que carregava uma grande cesta de comida, cantis cheios |e água e até um galão de vinho.

-Estaremos bem, sra. Haywood — assegurou Shannon. — Íris e eu podemos nos cuidar

muito bem.

-Hum! — Martha enxugou uma lágrima. — Volte assim que as coisas estiverem resolvidas, está bem?

Shannon concordou e deu-lhe um forte abraço.

-Nós voltaremos, Martha, eu prometo. — Despediu-se e instalou-se na carruagem. Seria uma longa viagem.

-Mande chamar-nos, se precisar de nós! — gritou o sr. Haywood, acenando da varanda.

-O que poderiam fazer por ela?, perguntou-se Shannon, comovida. Aquele casal generoso ajudava-a de tantas formas que não saberia como retribuir.

-Pronta? — perguntou íris.

-Pronta — disse Shannon.

Íris sacudiu as rédeas e partiram. Shannon reclinou-se, fechando os olhos. Estava cansada e preocupada, ansiosa para chegar logo a seu destino.

Abriu os olhos, sentindo-se observada.

-Você está realmente bem? — perguntou íris.

-Não se preocupe. É só ansiedade normal de início de viagem.

-De uma longa viagem...

-Desde que levaram Kristin, só tenho feito viajar. Já está virando rotina.

Animada pelo bom humor da resposta, íris puxou conversa sobre a vida de Shannon. Sobre sua família, as consequências da guerra e os motivos que a levaram a morar no Sul, sendo uma simpatizante da União.

Íris estava pensativa, quando Shannon terminou seu relato.

— Você já conhecia Malachi e, se encontrou Cole, suponho que já o conhecia também.

Íris sorriu.

-E Jamie. Todos eles frequentavam o lugar onde eu trabalhava em Springfield, antes da guerra.

-Compreendo.

Íris a olhou intrigada.

-Não, você, provavelmente, não compreende. Foi criada por um homem bom, e você o amava; posso sentir afeto em sua voz, quando fala de seu pai. Minha história já é bem diferente. Fui criada por um padrasto que me vendeu a um jogador, em meu décimo terceiro aniversário. Só quem passou por uma experiência dessas conseguiria avaliar meus sentimentos.

Sinto muito, íris. Não tive a intenção de julgá-la... Você fala tão bem e, quando se veste da forma como...

-Não pareço uma prostituta.

Shannon corou, mas não se desculpou. Olhou para íris com simpatia.

-Acho que é boa, uma mulher muito fina, para acabar como Leila.

-Vai tentar me colocar na linha, hein?

-Não seria difícil, sabe disso.

-E o que eu faria?

-Poderia abrir uma estalagem.

-Hospedaria da Srta. André?

-E por que não? Íris riu alto.

-Está bem. Vou pensar a respeito. E você?

-O que quer dizer?

-Quando voltar para casa, o que vai fazer?

-Eu... não sei.

-Vai sozinha? Shannon baixou os olhos.

— Você sabe que Malachi não pretendia se casar comigo.

Íris ficou em silêncio por alguns momentos.

-Sei que está apaixonada por ele.

-De que adianta, se ele não me ama?

-Como pode estar tão certa disso?

-Ele... nunca me disse. E, você nem pode imaginar... Iramos inimigos. Lembre-se, o Norte e o Sul ainda vão lutar por anos e anos. Pirralha, é como me chama. Não há a menor possibilidade.

-Escute aqui, mocinha. Se ele fosse meu, se eu tivesse a chance, me agarraria a ela com unhas e dentes; lutaria como um leão. Se tiver um pouco de bom senso e, se realmente o amar, fará o mesmo.

-Íris, não posso forçá-lo a ficar comigo!

-Então durma com o seu orgulho. Passe noites e noites acordada, lembrando-se de que tem a fria glória de seu orgulho, no lugar do homem que você ama.

Shannon calou-se sob o impacto dessa reprimenda. Viajaram por um longo tempo, cada uma imersa nos próprios pensamentos, até que Íris sugeriu que parassem para almoçar.

Encontraram um pequeno riacho e descansaram os pés na água fresca, enquanto Shannon distraía Íris com histórias de sua infância com Kristin e Mathew.

— Você gostaria de meu irmão — disse Shannon, num impulso.

Íris pestanejou.

-Um ianque.

-Sou uma ianque, lembra-se? E você vive no Kansas: território ianque.

-Não. Todo o país é território ianque, agora. Eu sou prostituta; moedas da Confederação não põem comida na mesa, nestes dias.

Logo partiram.

Não passaram por ninguém, na estrada. Quase ao pôr-do-sol, chegaram a uma colina, de onde se avistava um grande vale. Shannon desceu da carruagem, para apreciar a cidade de Sparks.

Parecia próspera. Havia fileiras de casas novas e mais fileiras de estabelecimentos comerciais. Muitos ranchos espalhavam-se em torno do centro, e os campos verdes resplandeciam sob a luz do sol. Viam-se, à distância, a ferrovia e uma grande estação, toda pintada de vermelho, íris contou-lhe que Sparks era o principal ponto de parada das diligências. Shannon voltou para a carruagem e olhou para íris.

— É uma cidade grande, muito grande. E Hayden Fitz é o dono de tudo?

Íris assentiu gravemente.

— E o dono de quase toda a terra, por aqui, e de duas linhas de diligências. E do bar e da barbearia... controla as ações do xerife e do delegado. Enfim, tornou-se todo-poderoso. Suba, vamos embora.

Apontou para uma grande casa, rodeada por um estábulo e um celeiro, no vale, bem distante do centro.

-A casa de Cindy.

-A casa de Cindy — ecoou Shannon. Deu de ombros e sorriu. — Vamos.

Meia hora depois, chegavam lá.

A propriedade, bonita e elegante, exibia vitrais coloridos e possuía uma ampla varanda. Tinha o ar de aconchego e requinte de um lar de uma família muito próspera.

Íris parou a carruagem. No mesmo instante, a porta da frente se abriu, e uma mulher veio correndo para recepcioná-las. Qualquer imagem de vida familiar ficou para trás.

A exuberante morena usava sapatos de salto alto, meias com ligas e um curtíssimo robe cor-de-rosa. Tinha cabelos negros, um rosto bonito, e só quando chegou à carruagem Shannon percebeu que não se tratava de uma jovem, mas de uma mulher beirando os cinquenta. Ainda assim, bonita.

-Íris! Você voltou! E esta deve ser a pequena esposa de Malachi.

-Não sou pequena — protestou Shannon, descendo da carruagem e estendendo a mão para Cindy.

-Ora, realmente, não é! Vamos entrar, íris, antes que alguém perceba que a sra. Slater é nova por aqui.

— Tem razão; vamos entrar.

Subiram os degraus da varanda e entraram em um magnífico vestíbulo. Shannon ouviu gargalhadas e o tilintar de copos. Cindy apontou para a direita.

— Aquele é o salão de jogos, sra. Slater. Imagino que não queira passear por lá. E, ali — disse, apontando para a esquerda —; fica o bar. Também não é aconselhável ir para lá. E bem-vinda, sra. Malachi, só que os homens podem fazer uma ideia errada a seu respeito, e não quero ter de me explicar com Malachi. Venha, vou mostrar-lhe o seu quarto, e a cozinha. Estará segura lá.

É território de Jeremiah, e nenhum frequentador se atreve a colocar os pés lá.

Cindy começou a guiá-las por um lance de escadas. Shannon segurou-lhe o braço.

-Desculpe-me, mas, onde está Malachi?

-Ele... ele está fora, no momento. Vamos, vou ajudá-la a instalar-se...

Shannon insistiu:

-Desculpe, mas ele está fora, onde? Onde está Cole? Jamie já chegou?

-Cole está bem, e Jamie parece melhor ainda — disse Cindy.

Chegando ao segundo andar, Cindy abriu uma porta.

— E um dos melhores quartos da casa. Creio que ficará bem acomodada, sra. Slater.

Shannon parou no meio do aposento espaçoso e olhou em volta. Havia uma cama enorme, uma lareira e poltronas confortáveis. Só faltava seu marido.

— Obrigada pelo quarto, por sua ajuda e hospitalidade. E, me desculpe pela insistência, mas preciso saber onde está meu marido. Por favor!

Cindy olhou para íris.

-Ele...

-É melhor dizer a ela — avisou íris. — Ela não vai desistir.

-Não vou mesmo — disse Shannon.

-Está assaltando um trem.

-O quê? — Shannon quase engasgou com a surpresa.

-Espere; não fui muito delicada, não é?

-Existe algum modo delicado de anunciar à esposa de um homem que ele está assaltando um trem? — perguntou íris.

-Bem, ele não está assaltando, realmente...

— O que está dizendo? — perguntou Shannon.

Cindy suspirou e foi até uma pequena mesa-de-cabeceira, onde havia uma garrafa de *brandy* e apenas dois cálices: tudo fora arranjado para um casal.

-Vamos repartir — disse Cindy para íris, enquanto bebia um cálice. Então, serviu mais, estendendo um cálice para Shannon e outro para íris.

-Cindy, explique o que está acontecendo com Ma-lachi — insistiu Shannon.

-Está bem, está bem. Kristin está presa na casa de Fitz. Há grades nas janelas, e pelo menos vinte guardas em torno da casa. Não seria possível tirá-la de lá. Eles poderiam ter alguma ajuda dos homens daqui, mas ainda não sabemos com certeza. Muitos camaradas decentes não estão nada satisfeitos com o fato de Fitz ter uma prisioneira, independente dos motivos que possa alegar. Bem, Jamie ouviu dizer que alguns bandidos sulistas planejavam assaltar o trem no qual viajava um juiz federal. Vão tomar o trem dos bandidos e tentar explicar toda essa história ao juiz.

-Oh, aqueles tolos! — gritou Shannon. — Serão mortos!

Íris passou o braço pelos ombros de Shannon.

-Vamos, querida! Eles não são tolos; sabem o que estão fazendo.

-Se os bandidos não os matarem, o juiz o fará.

-Bem — disse Cindy —, você pode estar certa de uma coisa: se Cole Slater morrer, Hayden Fitz não vai mais precisar de sua irmã. Ele a soltará.

-Eu não sei — murmurou íris, olhando para o cálice. — Conhecendo as perversões de

Fitz, eu imagino...

-Íris! — gritou Cindy.

Íris olhou rapidamente para Shannon e corou.

-Oh, querida, sinto muito. Eu não quis...

Está tudo bem, Íris. Não precisa me esconder a verdade. — Shannon afundou na cama. — Oh, meu Deus! Ele disse que nos encontraríamos esta noite; disse que voltaríamos juntos.

Íris e Cindy trocaram olhares preocupados. De repente, Shannon pulou da cama.

-Íris, não posso ficar aqui sentada. Vamos à cidade.

-O quê?

-Íris, você pode ver Kristin, não pode? Eu me sentiria muito melhor se pudesse vê-la.

-Shannon, eu não sei...

-Íris, não posso ficar aqui sem fazer nada. O que acontecerá se... — Hesitou, sentindo o coração explodir no peito. — O que acontecerá se Cole e Malachi não conseguirem? Íris, temos de descobrir alguma outra maneira!

-Malachi me enforcaria, se...

-Íris, eu vou, com ou sem você.

Cindy deu de ombros, erguendo o cálice de *brandy*.

-Vocês duas parecem jovens senhoras muito respeitáveis. Não vejo como um passeio até a cidade poderia lhes fazer mal. Além disso, se Hayden estiver por lá, provavelmente permitirá que você veja Kristin, Íris.

Íris, por favor. Vou enlouquecer, se ficar aqui pensando em Malachi, Cole e Jamie, e naquele trem estúpido!

Íris suspirou.

— Está bem, está bem, Shannon. Peço a Deus que isto dê certo! Malachi me reduzirá a pedacinhos, se não der.

— Vai dar certo — assegurou Shannon.

Haveria muito tempo para lamentar as palavras confiantes.

Talvez, se Shannon pudesse ter visto Malachi, sentado confortavelmente no vagão-restaurante, com seus dois irmãos, teria se sentido melhor.

Os irmãos Slater encontravam-se sentados nas poltronas revestidas de veludo, em volta de uma elegante mesa de madeira, bebendo uísque em copos de cristal, a convite do juiz. Cole, recostado na poltrona, falava com o juiz, com o rosto sério. Malachi, mais à vontade, ouvia o irmão. Jamie, totalmente desconfiado, saboreava seu uísque. Usava um chapéu mexicano de abas largas, poncho e botas, parecendo, da cabeça aos pés, um rancheiro. Apenas o modo como estreitava os olhos de vez em quando indicava que estava tão atento quanto os irmãos.

Dois amigos de Jamie, do Texas, montavam guarda, enquanto os Slater conversavam com o juiz Sherman Woods. Cole, sentado à esquerda de Malachi, explicava, com honestidade, o que acontecera no início da guerra, como sua esposa fora assassinada, o

rancho incendiado e como se juntara ao bando de Quantrill por vingança.

— Mas nunca matei um homem a sangue-frio, em toda a minha vida, juiz — disse Cole, com simplicidade.

— Nunca. Sempre lutei na guerra. Estive com Quantrill apenas uns poucos meses, e então, alistei-me na cavalaria regular. Recebia ordens diretamente de Lee. Estive no Kansas e realmente matei Henry Fitz; mas foi uma luta justa. Qualquer dos homens que estavam lá pode confirmar.

O juiz Woods acendeu um charuto e recostou-se. Não entrara em pânico, quando os bandidos pararam o trem, e nem piscara quando os Slater tomaram-no, mandando os bandidos embora, sob a mira de suas armas. Era um homem alto e magro, com um bigode impecavelmente aparado e cabelos grisalhos. Usava cartola, um terno muito elegante e sapatos reluzentes, e prestava atenção à história de Cole. Olhou de um irmão para o outro.

— E você? — perguntou a Jamie.

Jamie sorriu com inocência.

— Juiz, esta é a primeira vez que venho ao Kansas, desde 1856. Fiquei muito surpreso ao saber que era procurado. E estarecido ao imaginar que algum tolo poderia considerar meu irmão um assassino.

O juiz ergueu uma sobrancelha e olhou para Malachi.

— E o senhor, capitão?

Malachi deu de ombros.

— Não estive no Kansas. Passei a maior parte dos últimos anos de guerra em Kentucky e, depois, no Missouri. Mas eu teria vindo até o Kansas, se imaginasse que meu irmão precisava de mim. Fitz era um assassino; matou minha cunhada e muitas outras pessoas. E me parece, senhor, que, se vamos realmente dar uma trégua nesta guerra, temos de levar todos os assassinos a julgamento, inclusive assassinos ianques. Agora, Hayden Fitz mantém como prisioneira uma mulher inocente. Só Deus sabe o que ele poderia querer com ela, e não compreendo que ele está usando para levar este absurdo adiante.

O juiz ergueu as mãos.

-Vocês estão conscientes de que o que fazem agora é ilegal?

-Sim, estamos — admitiu Cole.

-Mas impedimos aqueles bandidos de assaltá-lo — lembrou Malachi.

-Claro. Muito bem, ouvi sua história e Deus sabe que estou ansioso pelo fim das hostilidades. Receio que não viveremos para ver isso, mas sou pai de quatro filhos e continuo rezando para que a próxima geração possa produzir algo de bom nesta terra. O melhor que vocês têm a fazer é deixar este trem e sumir na noite, da mesma forma como apareceram. Dou-lhes minha palavra de honra que cuidarei da situação imediatamente. Se for paciente, conseguirei libertar sua esposa, Cole Slater. Mas sugiro que permaneçam fora de vista por enquanto. Entendido? E, oh, fiquem longe de Fitz. Não gostaria que ele os pegasse.

Malachi olhou para Cole, que olhou para Jamie; os três deram de ombros. Estavam muito bem escondidos, simplesmente porque se escondiam bem debaixo do nariz de Fitz...

Apertaram a mão do juiz. Uma vez fora do vagão, Jamie acenou para os amigos, que pularam de onde se encontravam: na plataforma do maquinista e no vagão-correio. Os cinco homens apressaram-se em direção aos cavalos e desapareceram na escuridão da noite.

Algum tempo depois, separaram-se dos amigos de Jamie, agradecendo com sinceridade. Os dois homens haviam lutado na mesma companhia de Jamie durante a guerra.

-Não é favor ajudar um Slater — disse o mais velho. — Jamie tirou-me de uma cratera em dezembro de 1864. Devo-lhe minha vida.

-Agradecemos da mesma forma — disse Jamie. Malachi e Cole ecoaram suas palavras.

Então, os três irmãos cavalgaram sozinhos. Malachi voltou-se para Jamie:

-Bem, admito que parecia um plano absurdo, ao começarmos, mas funcionou bastante bem.

-Na verdade, não garantimos nada — murmurou Jamie.

-Também, não perdemos nada — suspirou Cole. — E estamos próximos o suficiente. Se Fitz ameaçar Kristin...

-Estando por perto, faremos outra loucura — disse Malachi, esporeando a égua, forçando um galope mais rápido.

-Ei! — gritou Jamie. — Que pressa é essa, agora? Não estamos sendo seguidos.

Malachi diminuiu o galope.

— Eu... Shannon deve chegar esta noite.

Jamie começou a rir.

— A endiabrada num bordel? Tem razão, vamos correr!

Cole sorriu.

-Será bom vê-la. Senti saudades da srta. McCahy. Malachi murmurou, hesitante:

-Sra. Slater.

-O quê? — perguntaram os dois irmãos.

-Sra. Slater — repetiu Malachi. Olhou de Jamie para Cole; ambos o encaravam, incrédulos.

-Iam me enforcar — explicou Malachi. — Eu... praticamente, tive de fazê-lo.

-Ela se casou com um rebelde? — perguntou Jamie.

-Casou-se com... você? — disse Cole.

-Já disse que me enforcariam se não o fizéssemos. Droga, parem de olhar para mim desse jeito! É uma longa história, e não estou disposto a contá-la esta noite.

-Cole, vamos, apresse-se! — riu Jamie. — Estou ansioso para ouvir! A endiabrada casou-se com meu irmão. Sra. Doce-Diabinha-Slater, hospedada num bordel! Mal posso esperar.

Malachi ignorou o irmão e incitou a égua. Queria ver Shannon. Seu coração disparava de ansiedade. Teria de esperar. Ela estaria aflita para ver e abraçar Cole; riria ou talvez chorasse; e abraçaria Jamie... Mas, então, ficariam a sós.

Cada vez mais, Malachi se convencida de que nascera para viver os momentos mágicos em que ficava a sós com Shannon.

Ela era sua esposa...

E ele estava muito ansioso para deitar-se ao lado dela, essa noite.

Não fazia a menor ideia, até chegar à casa de Cindy, de que este simples prazer lhe seria negado.

Shannon suspirou de alívio quando chegaram à cidade. Ninguém molestou as duas mulheres, numa pequena carruagem; e, quando íris parou em frente à imponente casa de Hayden Fitz, com suas janelas gradeadas e guardas, ainda assim foram deixadas em paz. O homem parado em frente à porta acenou para íris e abriu um sorriso largo.

-Oh, srta. André, que prazer em vê-la!

-Herb Tanner — disse íris a Shannon, enquanto pegava a cesta de comida.

-Quem você traz aí? — perguntou o homem.

-Ninguém importante. — Abaixando a voz, dirigiu-se a Shannon novamente: — Fique quieta, e deixe que eu cuide da conversa. Uma loira bonita, de olhos azuis... Você poderá se meter em sérias encrencas só por estar aqui. Mantenha a boca fechada, está ouvindo?

-Eles me confundirão com uma estátua — prometeu Shannon.

Desceu da carruagem atrás de íris e seguiu-a em direção à casa. Herb Tanner empunhava um rifle de repetição, mas parecia não levar sua tarefa de guarda muito a sério. Largou o rifle para reverenciar íris com o chapéu.

-Olá, Herb — cumprimentou-o íris.

-Olá, íris! — respondeu Herb, animado. — O patrão está ocupado, esta noite; se veio para vê-lo... — falou para íris, mas observava Shannon por sobre o ombro, lançando-lhe um sorriso lascivo, que deixou à mostra um dente quebrado.

— Bem, Herb, na verdade, eu vim por conta da curiosidade. O sorriso de Herb alargou-se mais.

— Está curiosa a meu respeito, íris?

Íris riu alto, dando tapinhas no peito de Herb, e aproximando-se dele:

-Ora, Herbie, qualquer mulher ficaria curiosa a seu respeito, sabia? Mas não foi a isso que me referi; não neste momento. — Aproximou-se mais. — Quero ver a mulher que o velho Fitz mantém trancada na casa. Fiz uma aposta com minha amiga Sara de que poderíamos entrar para vê-la. Dizem que é esposa daquele horrível assassino, Cole Slater. O que você acha, Herbie? Apenas para dar-lhe um pouco de galinha e torta de maçã, da casa de Cindy.

-Não sei, íris.

-Oh, Herbie, vamos lá! Não é engraçado? Uma dupla de garotas da casa de Cindy trazendo guloseimas para uma bandidazinha sulista! Ora, Fitz morreria de rir.

-Íris, Fitz está em uma reunião com alguns dos cabeças...

-Herbie, eu poderia prometer-lhe uma noite muito divertida.

Shannon percebeu que Íris não poderia ter usado melhor argumento. Só que estremecia ante a ideia de a amiga arriscar-se daquela forma. Não podia esquecer-se de Leila... pobre mulher! Puxou a amiga e cochichou-lhe:

-Íris! Não quero que prometa favores a este sujeito para deixar-nos entrar!

-Provavelmente, é o único jeito, Shannon. Lembre-se de que é isto o que faço para viver!

Você me disse que pensaria numa forma de mudar de vida.

— Querida...

— Íris, por favor, não faça qualquer promessa, Íris sorriu e deu de ombros.

— Está bem. Você pode prometer-lhe o pagamento. Certo?

-Eu?

-Ora, pelo amor de Deus! Vou prometer para um dia desses, e nunca chegaremos lá, entendeu?

Shannon suspirou.

— Está bem.

Voltaram para perto de Herb.

-Pequenas negociações financeiras — disse Íris. — Sara acha que eu não deveria desperdiçar o meu trabalho. Mas, se você nos ajudar a entrar e visitar a esposa do assassino, eu lhe prometo a melhor noite de sua vida, na próxima sexta-feira. O que diz, Herbie?

-Nossa, Íris, eu nunca pensei que pudesse estar com você!

— Bem... curiosidade... sabe como é...

Herb estreitou os olhos, calculando.

— É uma barganha, Íris, mas quero vocês duas. —

Mediu Shannon, dos pés à cabeça.

O quê? — Shannon engasgou, Íris deu-lhe uma cotovelada.

Está bem, Herbie. Deixe-nos entrar.

— Deixe ver a cesta — disse Herb, e Íris mostrou-lhe; ele remexeu a comida por alguns momentos. Satisfeito, assentiu. Deu um passo para o lado e abriu a porta.

Havia outro homem armado na entrada.

— Deixe-as entrar, Joshua. Está tudo certo. Vão apenas levar um pouco de comida para a prisioneira.

Joshua acenou-lhes um cumprimento, e Íris lançou-lhe um sorriso lânguido.

Na varanda, havia outro homem, sentado, lendo um jornal. Joshua gritou para ele:

— Fulton, são apenas duas... damas que vêm visitar a prisioneira.

Fulton olhou para as duas.

-Herb diz que está tudo bem?

-Ora, querido, Herbie nos deixou entrar — disse íris docemente.

Fulton levantou-se e aproximou-se dela.

-Sobrou alguma coisa que você possa me prometer? — perguntou ele, beliscando-lhe o braço.

-Veremos, querido — prometeu íris. — Se você nos mostrar a esposa do bandido...

Fulton deu de ombros e pegou um molho de chaves. Abriu uma das portas do corredor.

— Você está muito bem, íris. Sua amiga também. —
Olhou para Shannon. — É nova na cidade, garota?

Shannon assentiu.

— Aprendendo os macetes do negócio — comentou íris..

Fulton examinou Shannon, esfregando as mãos.

-Vou economizar cada centavo, minha jovem. Pode apostar.

-Fulton, para você faremos um bom desconto — prometeu íris.

Fulton sorriu e escancarou a porta.

— Companhia! — gritou ele.

Íris precipitou-se para dentro. Shannon quis segui-la, mas o homenzarrão segurou-lhe o braço.

— Estarei esperando pelo desconto, pequena.

Ela se desvencilhou, ríspida, e então lembrou-se de sorrir.

— Claro — prometeu ela.

Íris voltou, pegou-a pelo braço e juntas entraram no quarto.

— Cuidado, Shannon.

Mas Shannon não a ouviu. Enquanto íris fechava a porta, ela observava a irmã. Kristin estava parada ao lado da cama, alta, ereta e orgulhosa: uma verdadeira dama. A fachada impassível rompeu-se ao ver a visitante inesperada. As duas gritaram e correram para os braços uma da outra.

— Psiu! Vão ouvi-las! — pediu íris.

Shannon e Kristin ficaram em silêncio, mas continuaram a se abraçar. Finalmente, Kristin afastou-se de Shannon e estudou a irmã com ansiedade.

Kristin parecia bem. Alguém lhe arranjava roupas limpas, e ela usava um vestido de algodão cor de vinho, com gola de renda creme. Havia emagrecido, mas além da palidez não apresentava qualquer marca de maus-tratos.

Sentaram-se na cama de mãos dadas. Kristin, muito surpresa, quis saber:

-O que está fazendo aqui? Shannon, eu estava muito preocupada! Eu vi quando os bandidos levaram você...

-Malachi me salvou — disse Shannon rapidamente, sem querer falar daquela experiência ou de Justin Waller.

-Oh, Shannon, está vendo? Ele tem um bom coração.

-Sim, Kristin...

-Shannon, você não deveria estar aqui — disse Kristin, ansiosa.

-Se eu não o tivesse seguido, Malachi teria resgatado você do acampamento dos vermelhos. Agora, devo ajudar. Íris e eu precisávamos vir!

Kristin levantou-se e estendeu a mão para Íris.

-Como vai? Sou Kristin Slater. Seja você quem for, obrigada.

Íris André.

— Como entraram aqui?

Shannon e Íris entreolharam-se.

-Fizemos alguns acordos — disse Shannon, sem jeito.

-O quê? Oh... — Kristin olhou fixamente para Íris.

-Sinto muito, sra. Slater, mas a senhora deve saber. Sou uma prostituta, e seu marido e Malachi estão escondidos na casa de Cindy. Talvez não seja muito apropriado, sendo vocês duas senhoras respeitáveis, mas só queremos ajudar e...

-Psiu! — Kristin aproximou-se de Íris, com um sorriso compreensivo. — Não me importo com o que faça, srta. André. Sou grata por nos ajudar. Falou com meu marido, Cole? Ele está aqui? Não pode estar! — Virou-se para Shannon. — Nem Malachi. Eles não permitiriam que Shannon fizesse a loucura de vir até aqui. Íris apertou os lábios, reprimindo o riso.

-Sra. Slater, nem Cole nem Malachi conseguem deter sua irmã, quando ela decide entrar em ação. Mas, sim, sra. Slater, seu marido está na cidade, e o marido de Shannon também, bem como seu cunhado, Jamie. Esta noite, foram tentar tomar um trem de assaltantes sulistas.

-Não acredito!

-Kristin, eu tinha de vir; tinha de vê-la. Precisamos encontrar uma saída para esta situação horrível! — disse Shannon.

Kristin continuava a olhar para Íris, com a testa franzida.

-Meu marido — murmurou ela, olhando para Shannon. — E o marido dela... Srta. André, que marido?

-Malachi, ora!

-Malachi!

-Psiu! — Shannon fez um sinal para a irmã falar baixo.

Kristin sentou-se, olhando para Shannon, incrédula.

— Malachi! Shannon, isso é impossível! Vocês não conseguiam ficar num mesmo espaço por dez minutos, sem que os céus viessem abaixo... Você e... Malachi?

Shannon sorriu, envergonhada.

-Era... a única coisa a fazer no momento.

-Ameaçaram enforcá-lo — completou Íris, dando de ombros.

-Mas... — começou Kristin.

-Eu lhe contarei tudo em outra ocasião — prometeu Shannon. — Kristin, estão

tratando bem de você?

-O suficiente.

-Ninguém...

Ninguém tocou em mim. Fitz decidiu que, se não conseguir trazer Cole até aqui mantendo-me presa, espalhará o boato de que está disposto a negociar... e Cole está aqui. Oh, meu Deus! Shannon, não o deixe fazer nenhuma loucura. O que vocês estavam dizendo sobre o trem? Por favor, converse com ele. Faça-o ver que não pode vencer. Diga-lhe para ir para casa, pegar o bebê e sair do país. Diga-lhe...

-Kristin! Você sabe que ele jamais faria isso!

-Tenho um plano perfeito — disse Íris. Kristin e Shannon viraram-se para encará-la.

— É muito fácil descobrir uma outra noite em que Fitz esteja ocupado. Do contrário, sei muito bem como ocupar Fitz. Então, viremos com mais garotas, e traremos alguns xales. E partiremos todas juntas. Simplesmente, sairemos, juntas. Eu lhes garanto que nenhum dos homens estará em condições de se mexer.

Kristin observou-a em silêncio e, depois, explodiu em gargalhadas.

-Oh, Íris, é fantástico! Mas não posso permitir que faça tal coisa! Fitz ficaria furioso com você...

-Com todas nós? O que ele poderia fazer?

-Ele encontraria um jeito.

-Não, nunca poderia prová-lo. Só daria por sua falta no dia seguinte, e vocês já estariam a meio caminho do Texas. Fitz não saberia qual das garotas estaria envolvida, e não seria fácil enforcar o bordel todo. Acho que os homens da cidade, finalmente, se rebelariam.

-Nem Cole, Malachi ou Jamie permitiriam — avisou Kristin.

-Eles não precisam saber! — disse Shannon.

-Mas...

-Psiu! Eu voltarei! — disse Shannon.

-Esteja pronta — avisou Íris, pegando Shannon pelo braço. — É melhor irmos, agora, ou suspeitarão de nós, e não queremos isso, não é?

-Tenha cuidado! — pediu Shannon, abraçando Kristin. — Nós voltaremos.

— Vamos! — Íris puxava a manga de seu vestido.

Correram para a porta. Não havia ninguém no andar superior; desceram as escadas rapidamente. Quando chegaram ao patamar, Fulton bloqueou-lhes o caminho. Íris sorriu.

-Obrigada, Fulton. Veremos você em breve.

-Aposto que sim, Íris.

-Ei, Fulton, o que há de errado com você, querido? Fulton deu um passo para o lado, e Shannon prendeu a respiração, estarrecida.

Urso estava lá. Fora ele quem raptara Kristin, depois da luta entre vermelhos e amarelos, e estava claro no brilho de seus olhos que a reconheceria.

— O que está se passando? — perguntou Íris, apreensiva.

Shannon permaneceu calada. O homem enorme caminhou para ela com um largo sorriso, distorcendo suas feições animais.

-É ela — disse ele, com os braços cruzados sobre o peito. — Eu a vi, quando descia a rua, senhorita, e achei que a havia reconhecido. — De repente, virou-se para Fulton, furioso. — Você não viu o quanto ela se parece com a prisioneira? São parecidas como duas ervilhas da mesma vagem, seu idiota!

-Não venha me culpar, Urso! — protestou Fulton. — Herbie disse que podíamos abrir o caminho.

-Bem, Herbie vai ter de se explicar ao patrão — disse Urso, sorrindo para Shannon e Íris. — Vamos até o patrão, mocinha.

O homem agarrou Shannon pelo braço enquanto Íris encostava-se contra a parede, desanimada. Mas logo teve de agir. Shannon mordeu a mão de Urso, que gritou, enfurecido.

— Deixe-a, Urso — Íris ordenou, apontando-lhe seu pequeno revólver.

Ele levantou os braços. Shannon sacou o Colt que levava no bolso da saia e apontou-o para Fulton.

-Nós vamos sair. Vou voltar e pegar minha i e vamos sair daqui.

-Receio que não, madame — falou uma voz masculina.

Shannon virou-se para o topo da escada e viu Kristin no último degrau. Atrás dela havia um homem alto, magro, de cabelos totalmente brancos, olhos cinzentos e frios. Empunhava uma pequena pistola prateada, apontada para a cabeça de Kristin.

-Largue a arma — disse ele a Shannon.

-Não faça isso! — gritou Kristin. — Saia, Shannon, saia daqui!

O homem bateu com o cabo da pistola na cabeça de Kristin, e ela caiu a seus pés. Apontou a arma para as costas de Kristin, e repetiu:

-Largue a arma!

-Faça o que ele diz, Shannon — avisou Íris. — Fitz matará sua irmã sem pestanejar.

-Ora, obrigado, Íris — escarneceu Fitz. — Obrigado pela excelente recomendação. Garota, largue a arma.

Shannon suspirou. Fitz engatilhou a pistola, e ela abaixou-se vagarosamente, depositando o Colt no chão.

— Muito bem pensado, minha jovem. — Fitz virou-se para Urso. — Leve-a ao meu escritório.

Urso pôs as mãos em Shannon, que tentou livrar-se.

-Posso andar sozinha!

-Fitz, você não pode prender esta garota... — começou Íris.

-Íris, estou tão desapontado com você! — Sacudiu a cabeça, com um meio sorriso. — Fulton, acompanhe nossa amiga Íris até os meus aposentos. Íris, não sei que promessas fez para entrar aqui, mas as discutiremos todas mais tarde. E você vai pagar.

Fulton agarrou íris, tomando-lhe a pistola e empurrando-a.

-Vamos, íris. Você ouviu o chefe.

-Fitz, você não pode prendê-la! Você...

-Posso, e vou fazê-lo, íris — disse Fitz, passando por cima de Kristin e descendo as escadas. — Saia daqui, Fulton. É melhor começar a se preocupar com você mesma, íris. Abrigando criminosos conhecidos como estes... Ora, poderia matá-la, íris simplesmente..

E nenhuma corte no país diria uma palavra contra mim. Fulton, leve-a daqui.

-Você vai pagar por isto, Fitz — íris jurou, enquanto Fulton lhe torcia o braço atrás das costas. íris gemeu de dor. No afã de defendê-la, Shannon lançou-se sobre Fitz, enterrando-lhe as unhas nos braços.

-Deixe-a em paz, seu maldito!

Shannon não esperava a força com que ele lhe segurou os punhos. Quando tentou chutá-lo, foi esbofeteada, caindo de joelhos. Fitz levantou-a com brutalidade, empurrou-a até a porta do escritório e jogou-a no chão. Fechou a porta atrás de si e sentou-se à escrivaninha, observando-a por vários minutos.

Shannon não se moveu.

-Bem, bem, bem. Minha rede está se fechando em torno dos peixinhos!

-Não sei do que está falando.

-Não? Pois eu acho que sabe. Afinal, minha cara, você está aqui, agora, não é? Ouvi coisas, sabe? Nada acontece por estes lados que eu não fique sabendo. O capitão Malachi Slater estava com você em Haywood.

Shannon deu de ombros.

-Estou aqui por minha conta.

-Ora, minha cara... Malachi Slater matou metade dos meus homens naquele bosque, ajudado pelos amigos: bandidos sulistas. Nunca se pode confiar neles. Ouvi dizer, também, que Malachi Slater matou um companheiro rebelde, outro dia.

-Ele não matou ninguém.

-Ah, mas está por perto! E o seu nome é Shannon; e é uma Slater, agora. É verdade?

Malachi me despreza. Se você sabe de tudo, devia saber que somos inimigos. Estávamos em lados diferentes, durante a guerra, sr. Fitz. Talvez o senhor saiba. Iam bem, que meu irmão é um oficial da União, muito respeitado. Quando puser as mãos em você, vai fazê-lo | arrepende-se. Fitz sorriu, deliciado.

-Não se iluda, garota. Seu irmão não chegará a tem-po de socorrê-la. Oh, linda dama, nem posso dizer o quanto estou feliz em tê-la aqui. A rede está se fechando, mais e mais. E eu sei que você é realmente a sra. Ma-lachi Slater. — Levantou-se, dando a volta à escrivaninha, j — Você é ainda mais bonita que sua irmã. Meus homens iriam adorá-la. Eu mesmo passaria uma noite com você... mas, primeiro, quero os Slater, mortos, um a um.

-Você nunca os terá. Eles vão matá-lo, e você sabe disso. Tem tanto medo deles que mal está suportando!

-Esses Slater são assassinos frios!

-Os Slater! Seu irmão saiu por aí matando mulheres inocentes! Como se atreve a chamar alguém de as-1 sassino frio?

-Bandidos sulistas mereciam morrer.

-Não havia nenhum bandido no rancho, quando a j esposa de Cole foi assassinada! Apenas criminosos como seu irmão!

Fitz rangeu os dentes e chutou Shannon com toda a força, fazendo-a gritar de dor. A porta se abriu de repente, e Urso e Fulton entraram, alarmados.

-Problemas, chefe? — perguntou Urso, enquanto Fulton olhava para Shannon, franzindo o cenho.

-Chefe, o senhor sabe que não pode prender outra mulher aqui. Alguém vai protestar...

-Cale-se, Fulton.

-Mas, chefe, se isso se espalhar...

Mary Surrat foi enforcada por cumplicidade no assassinato de Lincoln. Estou certo de poder acusar estas duas senhoras de cumplicidade, também.

-Mas, chefe, e quanto a íris?

-Fulton, você está questionando meus atos?

-Senhor, é que...

-Urso, saia. Verifique os arredores; veja se não temos nenhum outro visitante para esta noite.

-Sim, senhor.

Urso saiu rapidamente. Fulton perguntou:

— Senhor, devo ir com ele?

Mesmo que tivesse visto o brilho maquiavélico nos olhos de Fitz, Shannon não estaria preparada para o que veio a seguir.

Não, Fulton, você fica. Preciso de você. — Dizendo isso, sacou a pequena pistola e apontou para Fulton.

-Não! — gritou Fulton, com os olhos cheios de horror.

Fitz disparou; Fulton caiu, morto. No mesmo instante, Fitz jogou-se sobre Shannon, fingindo que lutava com ela. A porta abriu-se com estrondo; Urso estava de volta.

-Ela o matou! — gritou Fitz. — A cadela voou sobre mim e pegou minha pistola. Atirou em Fulton, a sangue-frio.

-Mentiroso! — gritou Shannon, tentando livrar-se dele, desesperada.

-Assassina! — Ele se levantou, forçando-a a fazer o mesmo. — Maldita assassina! Será enforcada por isso! — prometeu, empurrando-a para Urso. — Tranque-a com a irmã. Ambas serão enforcadas por assassinato e conspiração!

-Você não vai se sair bem desta! — gritou Shannon.

Aguarde, sra. Slater, aguarde. Quando sentir a corda no pescoço, saberá o que posso fazer.

Shannon escapou das mãos de Urso e atirou-se sobre Fitz, com tanta fúria que deixou

seu rosto coberto de arranhões. Urso bateu-lhe com força, na cabeça.

Fitz foi desaparecendo de sua frente, e tudo se tornou negro.

— Tranque as duas lá em cima — ordenou Fitz. — E cuide para que o pobre Fulton seja levado à funerária de Darby. E que tenha o melhor. Cadela estúpida!

— Sim, senhor — disse Urso, carregando Shannon para fora do escritório.

Hayden Fitz passou por cima do corpo de Fulton, foi até as escadas e olhou para cima, sorrindo.

Íris ainda teria de pagar pelo seu envolvimento nos acontecimentos da noite.

— E... É tudo o que sei — disse Cindy, desolada, para os três irmãos. — Um amigo de Urso esteve aqui, por volta de meia-noite, e contou a todos o que aconteceu. Temos de arranjar outro lugar para vocês; virão procurá-los aqui. Eu...

Malachi levantou-se.

-Cindy, você não precisa se preocupar. Irei até lá esta noite.

-Não! Malachi, é exatamente o que Fitz quer que aconteça! Se for até lá...

— Ele prendeu a minha esposa! — gritou Malachi.

Cole levantou-se e bateu no ombro do irmão.

-Minha esposa também está lá, Malachi, não se esqueça. Admito que meu primeiro impulso foi entrar lá de arma em punho, mas Fitz as mataria.

-Precisamos de tempo — ponderou Jamie.

-Haverá algum tipo de julgamento — disse Cindy. — Mas Hayden está dizendo a todos que Shannon McCahy Slater matou um de seus homens e sangue-frio. O julgamento será manipulado. Ela será condenada e, a menos que ele ponha as mãos em vocês, será enforcada. As duas serão enforcadas.

Malachi andou de um lado para outro por alguns momentos e, então, olhou para Cole.

— Um enforcamento, uma multidão, cordas e muita confusão...

Cole sorriu.

— Alguns atiradores de primeira poderiam causar um grande estrago.

Logo, os três riam às gargalhadas. Cindy observava, incrédula.

-Vocês enlouqueceram! — concluiu.

-Não, querida, apenas encontramos a saída para esta confusão. — explicou Malachi.

-O que vocês vão... — Cindy parou; alguém bateu na porta e uma voz chamou:

-Cindy! Sou eu, Gretchen. Preciso vê-la.

Os Slater lavantaram-se rapidamente. Malachi agachou-se atrás do balcão; Cole e Jamie esconderam-se atrás das pilastras. Gretchen abriu a porta e entrou, seguida por um homem alto, usando o uniforme azul do Exército da União.

— Cindy, este homem insiste em falar com você — disse Gretchen, esfregando o punho. — Ele diz que sabe que os Slater estão aqui e quer dizer a Cole que o. Bebê está bem. Disse alguma coisa sobre um lar que não de veria dividir-se, nem uma família, e que os Slater sabem de quem se tratava.

Malachi saiu de trás do balcão, olhou para o estranho e começou a rir.

-Mathew! Mathew McCahy! Como vai?

-Bem, Malachi! — Apertou a mão de Malachi com firmeza. — O que está se passando, afinal? Segui uma trilha de histórias absurdas para chegar até aqui. Vermelhos, bandidos sulistas, corpos por toda parte. Pedi a alguns amigos que investigassem Fitz, mas parece que não posso resgatar minhas irmãs. O que houve, afinal? Ouvi dizer que prenderam Shannon, também, por assassinato.

-Calma, Mathew — disse Malachi. — Temos um plano.

Cole e Jamie saíram das sombras. Cindy suspirou, aliviada.

-Bem, acho que a situação exige um drinque para todos — murmurou ela.

-Sim, e depois temos de dar o fora daqui antes que causemos problemas a Cindy — avisou Cole.

Os quatro homens sentaram-se em torno de uma mesa redonda.

-Muito bem, qual é o plano? — perguntou Mathew.

-É perigoso, Mathew. Podemos ser mortos.

-São minhas irmãs — disse Mathew. — Minha carne e meu sangue. Kristin é esposa de Cole. Mas eu estou muito mais envolvido nisso que Malachi e Jamie.

Malachi sacudiu a cabeça.

-Shannon é minha esposa — disse ele, descobrindo que dar a notícia tornava-se cada vez mais fácil.

-Ficou louco?

-Malachi casou-se com Shannon — informou Jamie, com um sorriso divertido.

-Sim, casei-me com Shannon! E, se vocês não se importam, poderíamos continuar com nosso plano?

— Claro — Mathew assentiu, ainda perplexo.

Malachi inclinou-se sobre a mesa e começou a falar.

Quando terminou, o cunhado recostou-se, pensativo.

-Vocês acham que poderemos conseguir alguma ajuda? — perguntou.

-Jamie tem dois amigos do Texas, aqui — disse Malachi.

-E eu conheci algumas pessoas da região — acrescentou Cole. — Talvez não tomem uma posição contra Fitz sozinhos, mas, se lhes dermos a chance, nos ajudarão.

-Não importa o que temos ou não — disse Malachi. — É a melhor opção. Estamos de acordo?

Todos assentiram. Jamie ergueu o copo.

— Ora, um homem tem de morrer, um dia. — Jamie ergueu o copo num brinde.

Não se demoraram muito. Logo que acabaram de beber, Malachi levantou-se.

— Vamos sair daqui. Cindy, mantenha-nos informados sobre tudo o que acontecer. Tudo.

— Claro, Malachi.

Uma hora depois, os Slater e Mathew McCahy desapareciam na noite.

Quando os homens de Fitz chegaram, não havia qualquer sinal de que houvessem passado por ali.

A única vantagem de estar presa era o fato de estar junto da irmã.

No primeiro dia, Shannon andava, nervosa, de um lado para o outro. Não pretendia falar muito de seu relacionamento complicado com Malachi, mas as horas se arrastavam, e Shannon acabou contando quase tudo à irmã.

Quase tudo...

Não falou da facilidade com que se atirara nos braços de seu velho inimigo, ou do quanto desejava ser tocada por ele, mais e mais. Não disse que, mesmo agora, prisioneiras naquele quarto, pensava no marido, desejando-o, morrendo de saudade.

Mas, pela expressão de Kristin, achou que a irmã lia seus pensamentos. E acabou revelando seus sentimentos.

— Quem diria? Na verdade, vocês foram feitos um para o outro — comentou Kristin, quando o assunto voltou à tona.

Shannon sacudiu a cabeça.

-Kristin, eu não sei. Acho que deveria livrá-lo deste casamento, mas Íris disse que eu seria tola, se não lutasse por ele.

-Concordo com Íris. — Kristin tomou a mão de Shannon entre as suas. — Nunca esquecerei o quanto foi difícil com Cole. Vivia um dilema entre amá-lo e odiá-lo. Mas, deu certo, Shannon. Nunca pensei que ele pudesse esquecer a esposa, mas ele se apaixonou por mim. Shannon, mesmo quando Gabe nasceu, eu ainda tinha medo de que Cole nunca me amasse. É preciso lutar por qualquer coisa que se queira. Olhe para nós, agora. Deu certo, Shannon...

Kristin parou de falar e Shannon mordeu o lábio, observando a irmã. Nada dera certo para nenhuma das duas.

Estavam em meio a um desastre.

-Estou tão assustada! — disse Kristin. Shannon abraçou-a.

-Está tudo bem. Tudo vai dar certo.

No dia seguinte, aconteceu o falso julgamento. Hayden Fitz foi o juiz; o júri era constituído por alguns de seus homens. Shannon foi acusada de assassinato. Ouviu a acusação e virou-se para Fitz.

— Não assassinei ninguém. O senhor matou o seu amigo, sr. Fitz. Matou-o a sangue-frio, porque ele protestava contra a crueldade com que o senhor me tratava. O senhor pode ser o dono desta cidade, sr. Fitz, mas não acredito que seja o dono das cabeças das pessoas que vivem aqui. A guerra acabou, Hayden Fitz. Não permito que o senhor continue assassinando pessoas eternamente! Um murmúrio percorreu a multidão. Fitz levantou-se, apontando para Shannon.

— Você assassinou Fulton. Vi com meus próprios olhos. Você o matou para libertar sua irmã criminosa.

Matou homens no Missouri, também. Você e seu marido cavalgaram com o bando de Cole Slater, mutilando e assassinando mulheres e crianças inocentes.

-Nunca — disse Shannon, sem perder a calma. Fitz bateu com o martelo na mesa.

-Desça, sra. Slater.

Shannon não desceu; foi arrastada. Kristin foi trazida para depor. Negou todas as acusações e atirou no rosto de Fitz as atividades de seu irmão. Descreveu com detalhes como a esposa de Cole havia morrido.

Outra vez, um murmúrio ergueu-se da multidão, mas Fitz o ignorou. Kristin foi algemada e levada para perto de Shannon. Ambas foram conduzidas de volta ao quarto gradeado, enquanto o júri, cuidadosamente selecionado, decidia seu veredicto.

À noite, foram informadas de que haviam sido consideradas culpadas de assassinato e conspiração contra a União.

Seriam enforcadas dentro de uma semana, a contar daquela noite.

— Uma semana — disse Kristin, amargurada. — Querem garantir a Cole, Malachi e Jamie, a chance de aparecerem.

Shannon concordou. Uma semana. Olhou para a irmã. Já fazia três dias que fora capturada.

-Kristin? Onde acha que eles estão? Estou assustada também. Eles estavam na cidade e agora está tudo tão quieto. E se foram capturados e levados...

-Não foram capturados. Fitz desfilaria suas cabeças pela cidade.

Shannon concordou.

Mas os dias passaram, e nada aconteceu. Um silêncio lúgubre cobria a cidade.

Finalmente, chegou a última noite. Kristin estava sentada na única cadeira que havia no quarto enquanto Shannon espiava pela janela.

O cadafalso fora construído em frente ao quarto, pois Fitz queria que assistissem à construção. Shannon observava tudo com horror crescente.

Foi uma longa noite.

A manhã chegou, afinal.

-Não posso acreditar que eles não tenham tentado nos salvar — disse Shannon.

-Eu estava errada. Eles devem estar mortos — disse Kristin.

Shannon sentiu-se gelar. Se Malachi estava morto, então não existiria mais nada no mundo, além de dor e sofrimento. Fora com ele que tivera uma pequena amostra do que era a felicidade.

Agora, tudo terminara...

Urso entrou no quarto, amarrou-lhes as mãos atrás das costas e guiou-as para fora. Kristin olhou para a irmã.

— Coragem — disse, mas as lágrimas enchiam-lhe os olhos. — Oh, Shannon! O que acontecerá a Gabe?

-Delilah o amará e cuidará dele. Mathew voltará para casa e será como um pai para Gabe.

-Shannon, eu te amo.

-Eu também, maninha — sussurrou Shannon, prestes a chorar.

Fitz estava em frente ao cadafalso, montado em seu cavalo.

— Querem dizer suas últimas palavras, senhoras? — perguntou ele.

Shannon olhou para a multidão e percebeu que as pessoas não sorriam nem se divertiam; pareciam contrariadas.

— Sim! — gritou ela. — Somos inocentes! Seu ódio e desejo de vingança criaram um simulacro de justiça, Hayden Fitz. E, se o senhor não pagar nesta vida, estou certa de que pagará na próxima, no fogo do inferno!

Fitz estreitou os olhos.

— Enforque-as! — ordenou.

As cordas foram colocadas em seus pescoços.

Shannon engoliu as lágrimas. Em um segundo, a corda se apertaria. Se Deus tivesse piedade delas, seus pescoços se quebrariam. Senão, morreria lentamente.

Hayden Fitz levantou a mão. O carrasco foi até a alavanca que abriria o alçapão. Fitz leu as sentenças e baixou a mão. O carrasco puxou a alavanca e o chão se abriu.

De repente, o alvoroço tomou conta da multidão.

Shannon estava caindo, mas a corda não apertava seu pescoço; alguém a cortara. Continuou caindo, até atingir o chão duro. Cindy estava embaixo, e cortou a corda que prendia os pulsos de Shannon.

-Levante-se! Saia daqui! — gritou Cindy.

-Kristin...

-Estou soltando-a. Levante-se e vá!

Kristin não fez perguntas; pegou Shannon pela mão e arrastou-a para fora do cadafalso. Havia um forte tiroteio; as pessoas gritavam e corriam, enlouquecidas.

Um grupo de cavaleiros vinha em sua direção. Shannon protegeu os olhos com a mão, contra a luz do sol.

Malachi estava entre os cavaleiros, empunhando um sabre. Abria caminho pela multidão, e qualquer homem, tolo o suficiente para se colocar no seu caminho, era alvejado.

— Shannon, prepare-se! — gritou ele, golpeando o último homem de Fitz que se colocava entre eles.

Quando ela conseguiu juntar-se a ele no cavalo, partiram num galope desenfreado.

Deixaram a cidade imersa numa manhã de loucura. Tiros estouravam de toda parte. Homens e mulheres gritavam. Apoiada em Malachi, sobre a égua, Shannon tinha a vaga noção de que outros cavalos os acompanhavam. Quando conseguiu afastar o cabelo do rosto, viu Cole cavalgando à sua esquerda com Kristin. Seu irmão, Ma-thew, vinha à direita, e muitos homens que não conhecia vinham logo atrás. Alguns usavam uniformes rasgados, azuis e cinzentos, outros se vestiam como rancheiros.

Todos exibiam uma expressão obstinada, cavalgando sem parar, até que uma larga faixa de quilômetros os afastou de Sparks. Já em segurança, Malachi propôs:

— Mataremos os cavalos, se mantivermos esta marcha. Estamos longe o suficiente.

Que acha, Cole, de darmos uma parada?

Cole deu de ombros, os braços em torno de Kristin. Olhou para trás, para a trilha que acabavam de percorrer, no exato momento em que um cavaleiro solitário aproximava-se do grupo.

— Veja, é Jamie!

Jamie cavalgava em disparada. Agitou o chapéu no ar, com um sorriso de triunfo.

— Fitz está morto, e não há qualquer sinal de perseguição. Acho que podemos respirar agora.

— Não podemos contar vitória antes da hora — replicou uma mulher. Shannon surpreendeu-se ao ver íris montando um cavalo escuro, vindo logo atrás de Jamie.

— Fitz podia ser impopular, mas tem aliados que talvez queiram vingá-lo.

-íris! — Shannon gritou, saudando-a com entusiasmo. A amiga estava, como sempre, impecavelmente vestida, de cabelos presos. Nenhuma marca denunciava o período de cativeiro, exceto o grande círculo azulado sob o olho direito.

-Estou bem, querida! Graças a Jamie. Ele me salvou das mãos de Fitz.

-Jamie, Deus o abençoe! — disse Kristin.

— Sempre às ordens — Jamie brincou.

Shannon e Jamie saltaram de seus cavalos, abraçando-se, emocionados.

— Oi, pirralha! — ele riu, dando-lhe um leve puxão de orelha.

Mathew e Kristin desmontaram, e todos se confraternizavam entre risadas de alívio.

— Shannon, volte aqui! — Malachi ordenou secamente.

O tom autoritário e as feições contraídas desanimaram Shannon. Encarou-a com ar de desafio e tristeza. Quando cavalgava, presa nos braços dele, pensara que a guerra entre eles havia terminado. No entanto, a situação não se alterara.

— Devemos continuar — disse ele.

Kristin correu para o cavalo de Cole; Jamie e Mathew também voltaram a suas montarias. Shannon olhou para os estranhos que os rodeavam.

— Não sei quem são vocês, mas agradeço, de todo o coração.

— Todos nós agradecemos — enfatizou Kristin.

Malachi olhou em volta, para a curiosa mistura de homens que ali estava.

— Shannon tem razão: somos muito gratos a todos.

— Apontou para a direita. — Estes são Sam Greenhow, Frank Bujold, Lennie Peterson e Ronnie Cordon, amigos de Jamie, do batalhão do general Ednmmd Kirby Smith, do Texas. E aqueles — indicou os homens da esquerda — são de Haywood.

— Olá! — disse um dos conferados. — Não pretendo dizer o que devem ou não fazer, mas está certo, Malachi. Seria melhor continuarem a viagem. Precisam aumentar a distância de Sparks.

Os irmãos Slaters agradeceram aos homens e, então, Malachi voltou a chamar sua companheira.

— Shannon, venha.

O modo como a chamou fez crescer a irritação de Shannon. No entanto, obrigada a dar-lhe razão quanto à necessidade urgente de partirem, obedeceu. Malachi abaixou-se, passou um braço em torno da cintura dela, puxando-a para a sela. Prontos para seguir caminho, acenaram em despedida ao grupo de corajosos que haviam arriscado suas vidas para lutar contra as regras corruptas em Sparks.

Partiram em silêncio: Cole e Kristin, Mathew, Jamie, íris, Malachi e Shannon. Jamie assumiu a dianteira, guiando-os para o sul.

Shannon queria falar, mas as ideias embaralhavam-se em sua mente. Olhou a mão de Malachi pousada em seu joelho, num gesto mecânico. Gostaria que ele voltasse a tocá-la com carinho, que lhe dedicasse ternura. Durante aquele breve período em que estiveram juntos, enfrentaram perigos, viveram experiências que valiam por toda uma existência. Agora, as razões que antes haviam gerado ódio pareciam simplesmente infantis! Pena que aquele passado de desencontros não pudesse ser apagado. Contudo, agora de nada adiantaria o arrependimento. A vida era preciosa e exigia que se planejasse o futuro com seriedade.

Ela e Malachi tinham vida. Essa manhã, tinham o sol sobre suas cabeças, e um céu límpido. Pessoas queridas os acompanhavam. Recebiam preciosas dádivas...

Mas Malachi continuava sério, inflexível. Devia achar que havia cumprido sua missão, mal esperando a hora de livrar-se dos compromissos que ela acarretara. O casamento, ela... Sua zanga talvez se justificasse por ainda não estar completamente livre.

Shannon passou, delicadamente, os dedos sobre a mão de Malachi.

— Obrigada — disse ela.

Ele resmungou alto em resposta e Shannon pensou que ele não fosse dizer mais nada. Mas cochichou em seu ouvido:

-Eu devia cortá-la em pedacinhos.

-Ora! Por quê!

-Eu lhe disse para ir à casa de Cindy e ficar lá. Mas, oh, não, não era suficiente para você. Tinha de se colocar, e a íris também, numa posição estupidamente perigosa...

Eu fui estúpida! Vocês três estavam assaltando um trem...

— Nós fomos tomar o trem dos assaltantes...

Dá no mesmo. Se morressem, Kristin seria entregue à sua própria sorte. Eu tinha de fazer alguma coisa.

-Grande coisa você fez! — Malachi não poupou o sarcasmo.

Shannon respirou fundo, tentando não irromper no choro. Olhou novamente a mão de Malachi e notou que tremia. Presumiu que fosse de raiva.

-Tudo ia bem! — explodiu Shannon. — Pergunte a íris. Então, aquele monstro me reconheceu.

-Você poderia estar morta.

-Você poderia ter sido morto assaltando um trem!

-Eu sei o que faço; você não!

-Fale baixo. Todos estão ouvindo.

-Estão?

-Você está me humilhando, Malachi Slater.

-Humilhando você? Como se fosse possível!

-Você é que deveria ter sido trancado num quarto escuro, Malachi Slater. Deixe-me descer.

-Pretende andar até o Texas?

-Vou cavalgar com meu irmão.

— Vai cavalgar com seu marido, sra. Slater.

O sentido das palavras foi mais importante para Shan-non que o tom rude em que foram ditas. Temendo agarrar-se a uma esperança inútil, engoliu em seco, mas não protestou.

Jamie parou de repente, estendendo o braço.

-Há um rio logo à frente, e uma clareira. Podemos descansar um pouco e continuar a viagem ao entardecer.

-Oh, sim, por favor! — pediu Kristin. Cavalgamos faz tantas horas!

-Está bem para você, Matt? Malachi? — perguntou Cole.

Malachi assentiu, e Shannon pulou rapidamente para o chão.

-Alguém faça uma fogueira. Verei se consigo caçar alguma coisa no bosque — avisou Jamie.

-Vou com você — disse Mathew, apreciando íris da cabeça aos pés. — Você, acenda o fogo.

-Não sei acender o fogo.

-Aprenda — disse Mathew, já no encalço de Jamie. íris chutou a poeira.

— Aprenda! — murmurou. — Maldito iaque!

Disposta a ajudar a amiga, Shannon começou a ir em sua direção. Malachi interceptou-lhe o caminho, segurando-a pelo braço.

-Vamos dar um passeio. Ela o olhou indignada.

-Mas... eu não quero dar um passeio. Malachi segurou-a pelos dois ombros.

-Eu disse que nós vamos dar um passeio. Estarrecida, Shannon ficou em silêncio, olhando-o nos olhos. A uma curta distância, Kristin riu; certamente ouvira a discussão.

Enraivecida com a reação da irmã, Shannon começou a protestar, mas Malachi já a tomava nos braços e carregava para longe. Com suas largas passadas, seguiu o curso do rio, sob a sombra de grandes e velhos carvalhos. O Sol estava alto, o céu azul, e o murmúrio das águas mais parecia uma doce melodia.

Shannon passara os braços em torno de Malachi, por uma questão de autopreservação. Então, ele começou a andar sem pressa, porém com determinação.

— Malachi... ponha-me no chão! — Shannon pediu.

Haviam acompanhado a curva do rio, encontrando-se totalmente fora do alcance dos companheiros de viagem.

Não existia viva alma por ali, e os únicos sons audíveis eram os da natureza.

— Malachi, ponha-me no chão!

Dessa vez, ele atendeu, deitando-a na relva e deixando-se cair a seu lado. Casualmente, pousou uma perna sobre as dela, apoiou-se no cotovelo e acariciou-lhe o rosto e os cabelos.

— Eu devia dar-lhe umas boas palmadas — disse ele baixinho, acariciando-lhe o pescoço e os ombros; depois, beijou-a na testa, na ponta do nariz, na orelha...

Shannon enlaçou-o, puxando-o para si.

-Malachi...

-Deveria, realmente, dar-lhe umas palmadas.

Shannon segurou o rosto de Malachi e beijou-o, primeiro, de leve, depois, apaixonadamente. Sentiu a paixão crescer dentro dele, mais e mais. Malachi se inclinou, os dedos trêmulos tentando abrir os botões do vestido.

Shannon o deteve, estreitando os olhos.

-Malachi? Por que está sempre gritando comigo?

-Isso não é verdade — replicou ele, libertando a mão que Shannon segurava. Ela não esboçou mais nenhum protesto enquanto ele lhe tirava o vestido, beijando cada parte que ia descobrindo.

-Você está sempre ralhando comigo — insistiu Shannon, segurando o rosto de Malachi entre as mãos, forçando-o a encará-la.

-Você está"sempre tomando atitudes estúpidas .E se grito com você...

-Sim?

Malachi sorriu, balançando a cabeça.

-O que você quer? Uma confissão assinada?

-Exatamente.

-Se grito com você...

Shannon prendeu a respiração, esperando.

— ... é porque te amo.

Refazendo-se da emoção, ela retrucou, com lágrimas nos olhos:

— Ah, sem dúvida. Não existe um jeito mais romântico de cortejar uma dama. Claro... Rindo, abraçados, os dois rolaram na grama.

— Malachi, acho que não ouvi direito. Por favor, diga outra vez.

Em vez de responder, ele deitou-se sobre ela, prendendo-a com o peso do corpo.

— Você preferia deixar que me enforcassem a se casar comigo! — falou com certa mágoa.

-Não queria que fosse forçado a casar-se comigo!

-Você não queria se casar.

Mas casei.

— Estava apaixonada por um fantasma. Ainda está?

Shannon sacudiu a cabeça. As mãos de Malachi deslizavam por seu corpo, provocando-

lhe ondas de prazer.

-Eu o amei. Mas, mesmo naquele dia terrível em que nos casamos... eu queria me casar com você.

-Queria?

Malachi começou a beijá-la, e Shannon esqueceu-se da pergunta cheia de perplexidade.

— Queria? — repetiu Malachi.

-O quê?

-Casar-se comigo. Shannon sorriu.

-Eu te amo, capitão Slater. Acho que me apaixonei na primeira vez em que o vi.

-Na primeira vez em que atirou em mim?

-Talvez. Malachi...

-Diga, minha diabinha.

-Faça amor comigo.

-Faz tanto tempo!

-Faz uma semana.

-Uma semana muito longa.

-Me ame.

Amaram-se sobre a relva macia, ao som da correnteza e dos pássaros. Malachi tirou cuidadosamente as roupas de Shannon, peça por peça, antes de despir-se e deitar-se a seu lado.

Shannon perguntou-se se algum dia voltaria a viver um momento de maior felicidade. O sol brilhava e o ar estava fresco, e o corpo de Malachi unia-se ao seu. Ele a tocava com suavidade... e com paixão arrebatada. Levou-a até o limite do êxtase e retrocedeu, apenas para poder incitá-la novamente.

Então, o mundo se transformou num carrossel de sensações, seus corpos completamente abandonados à paixão, ao doce fluir do amor.

Momentos depois, descansando nos braços do marido, Shannon ficou imaginando como pudera permitir que a guerra se interpusesse entre eles. Percebeu que o amava justamente por ser como era: um rebelde, um cavaleiro, um herói.

Tantas vezes precisara dele e pudera contar com a sua ajuda. Malachi nunca a abandonara.

Shannon tocou-lhe o rosto, brincando com a barba escura.

-Te amo, Malachi Slater.

-Capitão Slater. Ela sorriu.

-Não posso mudar de partido na guerra, Shannon. Nem quero. Lutei por aquilo em que acreditava.

-Eu sei.

Malachi apertou-a mais nos braços.

— A luta não terminou, Shannon. Fitz está morto, mas vão continuar a nos perseguir. Mathew vai para casa amanhã, e você vai com ele.

-Não! — Shannon protestou, sentando-se.

-Shannon, escute! Cole, Jamie e eu temos de deixar o país. Não sei para onde vamos. Kristin irá para casa, ficar com o bebê.

-Por favor...

-Não! — Levantou-se para se vestir. — Shannon, preciso ter certeza de que estará segura. Tente compreender. Vista-se. Devemos voltar para junto dos outros,

-Então esse será meu futuro? Ir para casa e esperar os anos passarem?

-Encontraremos um meio de voltar.

-Quando? Malachi, eu não me importo... Malachi abraçou-a e beijou-a.

-Este é o único jeito de fazê-la calar-se.

-Malachi...

Ele a beijou novamente e, então, pegou sua mão e começou a andar.

— Espere! — gritou Shannon, enquanto abotoava o vestido.

Malachi parou, olhando em volta. Shannon estava prestes a recomendar a discussão, quando de repente ele ficou tenso e levou um dedo aos lábios. Sacou a arma e, puxando Shannon para atrás de si, esgueirou-se por entre as árvores.

Instantes depois, Shannon também ouviu os ruídos. Havia homens e cavalos no bosque. Andando silenciosamente, chegaram perto de um pequeno acampamento.

Ao todo havia quinze homens, vestindo uniformes limpos do Exército da União. Tratava-se de uma unidade da cavalaria. Dois deles limpavam suas carabinas; um outro estava recostado em uma árvore, lendo, e os outros terminavam a refeição, rindo e conversando.

— Droga! — resmungou Malachi. — Precisamos voltar, avisar os outros... e partir.

Shannon assentiu. Virou-se para segui-lo, mas hesitou e olhou para trás, receando que alguém os tivesse visto. Não os viram. Os homens nem sequer levantaram os

olhos. Voltou para seguir Malachi, bastante à frente. De repente, gritou, ao dar de encontro com um soldado, que saíra de trás de uma árvore. O susto foi recíproco.

-Desculpe! — murmurou Shannon.

-Desculpe, senhora — desculpou-se o homem, mas logo mudou de expressão. — Ei, espere um momento... — Deteve-a, segurando-a pelos ombros.

-Solte-a! — gritou Malachi, apontando o revólver para o homem.

A essa altura, todos os soldados estavam de pé, correndo em busca de suas armas. Alguns já vasculhavam a área.

-Solte-a! — insistiu Malachi.

-Slater! — alguém chamou.

Shannon percebeu tratar-se do oficial no comando. E devia conhecer Malachi, pois ergueu as mãos, mostrando que não portava nenhuma arma.

-Capitão Slater, conheço o senhor — disse o oficial, aproximando-se.

-Não conheço o senhor.

-Eu conheço seu irmão Cole. Sou o major Kurt Taylor. Estivemos juntos no Oeste, antes da guerra. Eu o vi no Kansas, antes da luta com Fitz.

-Não é ótimo? — disse Malachi. — Major, não quero machucar ninguém. Diga-lhe para soltar minha esposa.

-Capitão Slater, sei que o senhor poderia matar metade dos meus homens em poucos segundos.

-Exato, portanto, deixe-a.

-Capitão, recebemos ordens de encontrá-lo.

-O quê?

-Ordens do juiz Sherman Woods. Não posso prometer nada...

-Mesmo porque eu não acreditaria na promessa de um ianque.

-O senhor tem uma bela esposa, capitão. Pretende, realmente, passar o resto da vida fugindo? Não seria me lhor perder um minuto e me ouvir?

-Fale, major.

-Não posso partir, capitão. Portanto, para se livrar de mim, terá de matar estes homens. Se me acompanhar, prometo-lhe, e a seus irmãos, um julgamento justo.

-Que razões tenho eu para acreditar que a União vai cumprir a promessa?

-Terá de confiar no juiz Woods, capitão Slater. Vocês foram a ele, pediram ajuda, e ele quer ajudar. Mas precisam dar-lhe uma chance para isso.

-Sinto muito...

-Malachi! — gritou Shannon. — Por favor! Pelo amor de Deus! Dê-nos uma chance.

Malachi ficou em silêncio por um longo momento. Então, suspirou e largou a arma.

— Não poderia atirar nesses garotos. Não suporto mais crianças. Dizem que a guerra terminou. Major, vamos verificar se é verdade.

O major Taylor assentiu.

— Capitão, poderia fazer-me um favor? Fale com seus irmãos. Se eu puder, gostaria de evitar ser alvo para um Slater.

Malachi estendeu a mão para Shannon, que correu para o seu lado. Juntos, seguiram pela margem do rio, acompanhados pelo major Taylor.

Quando se aproximaram dos outros, Jamie sacou a arma de imediato. Cole e Mathew o imitaram.

— Kurt! — Cole abaixou o Colt. — O que está acontecendo? — perguntou a Malachi.

-Conhece este camarada? — perguntou o irmão. Cole acenou em afirmativa.

-O que...

— O juiz Woods ordenou-me que os encontrasse. Terão um julgamento justo no

Missouri. Será justo, juro pela minha honra.

Cole olhou para Malachi, interrogando-o com o olhar.

— Estou cansado de fugir — disse Malachi. — E honra é honra. Azul ou cinzenta. Acredito que este homem seja honrado. Já me rendi.

— Bem, foi o que pedimos ao juiz Woods — comentou Cole, com um suspiro. — Jamie?

Jamie deu de ombros.

— Não confio muito na honra ianque, mas irei com vocês.

Os dois irmãos largaram as armas.

-Espero não acabar pendurado numa forca — resmungou Jamie.

-Vocês não serão enforcados — Shannon falou, em desespero. Não permitiria que ele fosse enforcado. Não podia.

Malachi virou-se para ela, tirou o chapéu, tomou-a nos braços e beijou-a longa e profundamente. Quando se afastou, pôs o chapéu e montou sua égua.

— Quando estiver pronto, major, sou seu prisioneiro, senhor. — Malachi bateu continência.

Cole beijou Kristin e, junto a Jamie, imitou Malachi. Partiram, sem olhar para trás. Kristin rompeu em soluços. Mathew aproximou-se, abraçando as duas irmãs.

-Tudo vai dar certo. Prometo que tudo vai dar certo.

-Vai dar! — concordou Shannon. — Que Deus nos ajude!

Íris pigarreou.

-Conseguí acender o fogo e assar os coelhos que Jamie trouxe. Vamos nos sentar e comer. Então, poderemos voltar e planejar alguma estratégia.

-Ela aprende bastante rápido! — Mathew sorriu. — Vamos comer.

Íris tentou sorrir, mas não conseguiu. Passou o braço pela cintura de Kristin e levou-a até a fogueira.

Comeram e, então, iniciaram sua longa e triste jornada rumo ao Missouri.

O julgamento aconteceu em Springfield. O tribunal estava repleto de espectadores.

Shannon visitara Malachi na prisão, e odiara a experiência. Ele se mantivera distante, imerso em suas preocupações. Dissera-lhe que haviam, os três irmãos, decidido por um julgamento conjunto. Não optariam por representações legais individuais. Nem Jamie nem Malachi solicitariam penas menores.

Malachi olhou-a com determinação por entre as grades de ferro.

-Somos todos inocentes.

-Cole não desejaria que você fosse enforcado porque ele cavalgou com Quantrill.

Diga-me, Shannon, você suportaria ver Cole enforcado por vingar a morte da esposa inocente? De sua esposa, carregando seu filho no ventre? Era minha cunhada. Teria ajudado Cole, se não estivesse na cavalaria.

-Malachi...

-Se você me ama, Shannon, deve aceitar meus pontos de vista. Meus irmãos e eu ficaremos juntos.

Shannon saiu com os olhos cheios de lágrimas. Cole já tentara convencer Malachi e Jamie a tentarem salvar-se. Porém os Slater eram muito obstinados.

E não... não suportaria ver Cole na forca! Todos eles já haviam sofrido demais: a guerra terminara. Não poderia suportar qualquer outro horror: tinha de vencer.

O primeiro dia de julgamento foi lamentável, embora o advogado, o sr. Abernathy, fosse muito experiente e acreditasse na inocência dos irmãos Slater. Shannon estava satisfeita com ele, mesmo que não houvesse pressionado os três a requererem julgamentos individuais. Mas Taylor Green, o promotor público, a assustara. Parecia disposto a mandar os três para a forca, movido por algum motivo pessoal.

No início do julgamento, Green logo apontou para a associação de Cole Slater a Willian Quantrill. Listou dúzias de testemunhas que atestariam tal ligação. Mas não foram necessárias, uma vez que Cole admitiu o fato. Em voz baixa e controlada, ele descreveu a cena em seu próprio rancho, no início da guerra, quando bandidos nortistas vieram para assassinar sua esposa, ouvi-la gritar e vê-la correr, tentando alcançar o marido. Cole conseguiu transmitir com precisão a angústia, o desespero que sentira.

O tribunal estava paralisado, quando ele terminou seu relato. Nem mesmo o sr. Taylor Green conseguiu falar, por vários minutos.

Então, houve um recesso.

No dia seguinte, Kristin foi chamada para testemunhar, e descreveu, detalhadamente, como Zeke Moreau assassinara seu pai, e como Cole Slater salvara a ela e à irmã.

-Contra bandidos sulistas? — inquiriu o promotor público. — Quer nos fazer acreditar, sra. Slater, que seu marido lutou contra os antigos companheiros de armas? Talvez tenha feito algum acordo. E possível?

-Não, senhor. Não é possível. Ele salvou nossas vidas. E voltou com Malachi e Jamie, para salvar as vidas de metade de uma companhia da União, quando Zeke Moreau voltou.

A firmeza de Kristin impressionou o juiz. Taylor Green não fez questão de mantê-la por muito tempo no banco.

Malachi foi chamado.

Vestia seu uniforme completo, e Shannon sentiu o coração partir-se. Era alto, imponente, o cavaleiro que capturara seu coração.

-Capitão Slater... Bem, é claro, o senhor é um civil agora, não é?

-A guerra terminou — respondeu Malachi.

-Mas escolheu usar esse uniforme.

-Lutei com honra.

-Ainda renega a União?

-A guerra terminou.

-Gostaria que continuasse? Acha que o Sul pode reerguer-se e derrotar o Norte, não é

capitão?

-Não, senhor. A guerra terminou e gostaria que nunca mais houvesse outra.

Um murmúrio percorreu a assistência. Shannon sorriu, sentindo o primeiro lampejo de esperança. O povo estava a favor de seu marido.

-Cavalgou com Quantrill?

-Não.

-Nunca?

-Não, nunca. Mas teria cavalgado com meu irmão. Se visse sua esposa, caída numa poça de sangue, o senhor teria cavalgado também.

-Capitão, o senhor parece ser do tipo rancoroso.

-Estou dizendo a verdade, é só. Isto é um tribunal, e juramos dizer a verdade.

-O senhor é audacioso com a sua verdade.

-Tenho de ser. E tenho de acreditar que ainda existe justiça neste país. Se a justiça não se perdeu, então meu irmão Cole é inocente, assim como Jamie e eu.

-O senhor lutou no exército regular.

-Cavalaria, sob o comando de John Hunt Morgan.

-Parece-que se esquivou da guerra na fronteira, capitão. Então, diga-me, por que não diz a verdade sobre Cole Slater?

-A verdade, sr. Green, é que meu irmão é um dos melhores homens que já conheci, no Norte, ou no Sul. E, se Cole é culpado de querer caçar o homem que assassinou sua esposa, então também sou culpado. Eu o teria acompanhado, se pudesse..

-O que temos aqui, cavalheiros do júri, é uma confissão! O senhor está dispensado, capitão Slater.

-Confissão! — Shannon não percebeu que gritara, até que todos se viraram para ela. — Confissão! Ora, seu ianque estúpido!

Houve um instante de tumulto. Algumas pessoas riam, enquanto outras, simpatizantes da causa nortista, sentiam-se ofendidas. O juiz bateu o martelo na mesa.

— Senhora, mais um desacato à minha autoridade e mandarei prendê-la! Estamos entendidos?

Shannon afundou na cadeira. Só então percebeu que Malachi a fitava. E em vez de censura havia uma expressão de divertimento em seu rosto.

Jamie foi chamado, e Taylor não conseguiu nada com ele. Era tão determinado quanto os outros irmãos.

Shannon ouvia tudo, ao lado de Kristin, Mathew e Íris. Durante o intervalo, obteve permissão para ver Malachi.

-Ianque estúpido? — provocou Malachi. — Foi isso mesmo o que ouvi? Você, Shannon McCahy Slater, chamou aquele homem de ianque estúpido?

-Não brinque, Malachi!

-Eu poderia morrer feliz, depois de ouvir estas palavras saírem de sua boca!

-Não se atreva a falar em morte!

-Desculpe.

-Maldito seja o seu orgulho! — disse ela, furiosa, os olhos cheios de lágrimas. — Você é inocente e parece que quer parecer culpado!

— Só posso dizer a verdade, Shannon.

Shannon queria dizer mais; queria discutir e brigar, chamá-lo à razão, mas o oficial da corte levou-o.

Os dias se passaram, e a situação parecia cada vez pior.

Era um julgamento justo. O problema era a facilidade com que Taylor Green transformava uma simples afirmação numa confissão completa. E o fato complicador, sem dúvida, residia na ligação de Cole a Quantrill. Mesmo que se tivesse integrado ao grupo por um curto período, esse envolvimento o denegria em muitos corações. Mas Shannon sabia que o primeiro discurso de Cole conquistara a simpatia da maioria. O assassinato brutal de uma jovem era um ato revoltante para qualquer homem, ianque ou rebelde.

Na quarta noite do julgamento, Shannon visitou o sr. Abernathy. Ele estava jantando, e a empregada quase a impediu de entrar. Ele ia começar a comer quando Shannon irrompeu na sala.

— O que está fazendo? — perguntou ela. Estava tão perturbada que pegou o prato e atirou-o no canto da sala.

O sr. Abernathy arqueou a sobrancelha e limpou os dedos no guardanapo que tinha amarrado ao pescoço.

-Sra. Slater, eu chamaria isso de agressão! No mínimo, é um caso de agressão contra uma excelente costeleta de carneiro!

-Sinto muito — murmurou Shannon, sem jeito. Constrangida, puxou uma cadeira e sentou-se. — E que estou tão preocupada...

O sr. Abernathy pegou sua mão.

-Confie em mim, sra. Slater. Confie em mim.

-Eles podem ser enforcados, senhor!

-Não vou deixá-los ir para a forca. A senhora verá.

-Quando?

-Amanhã. A acusação já terminou. Darei início à defesa amanhã. E aposto duas costeletas de carneiro, como precisarei de apenas um dia!

Shannon achava impossível que ele pudesse desfazer todo o mal que o sr. Green fizera. Abernathy serviu-lhe um copo de vinho e dispensou-a. De volta ao hotel, encontrou Kristin de olhos vermelhos e rosto inchado, de tanto chorar. Shannon abraçou a irmã e mentiu:

-Vai dar certo. O sr. Abernathy tem a situação sob controle. Ele diz que pode libertá-los amanhã!

-Pode mesmo? — Kristin queria muito poder acreditar.

Pela manhã, o sr. Abernathy dirigiu-se ao juiz.

— Minha defesa é simples. Provarei que não temos um caso contra estes homens, nenhum fundamento para a acusação de assassinato. E pedirei o arquivamento do caso!

O juiz convidou o sr. Abernathy a prosseguir. O sr. Taylor levantou os olhos, contrariado, e o sr. Abernathy curvou-se polidamente para ele. Olhou em volta, abrindo os braços para a audiência.

Então, Shannon percebeu que o tribunal estava repleto de homens: oficiais de uniformes azuis e cinzentos.

Um por um, eles se levantaram e se dirigiram ao juiz.

-Senhor, sou o cabo Rad Higgins, da cavalaria dos Estados Unidos. Vim para dizer que lutei, ao lado de Malachi Slater, em abril do ano passado, contra uma horda de bandidos sulistas. Cavalguei com Jamie e Cole Slater, também. Gostaria de atestar, senhor, que nunca lutei junto a homens melhores.

-Senhor, sou Samuel Smith, primeiro-sargento da Brigada de Darton, Exército da União. Fui dado como morto e deixado para trás, quando estes camaradas chegaram. Lutaram e venceram os atiradores de Quantrill, e me dispensaram o melhor tratamento médico. O doutor até salvou meu braço, que havia sido gravemente ferido.

De um homem com galões de sargento da artilharia veio outro elogio:

— Conheci Cole Slater, no Kansas, antes da guerra. Na minha opinião, não existe melhor oficial.

Um a um, os homens levantaram-se. Soldados de azul, soldados de cinzento.

Então, uma mulher levantou-se, roliça, grisalha e muito séria.

— Sou Martha Haywood, e este é meu marido, Alan. Vim para dizer que o capitão Malachi Slater e sua esposa são pessoas maravilhosas. E meu marido atestará o fato, também.

O sr. Haywood levantou-se a seu lado.

Shannon olhou em volta, incrédula. Estavam todos ali. Os confederados do Texas, amigos de Jamie, as pessoas de Haywood, até mesmo os jogadores profissionais do bar. E, um a um, atestaram a honestidade e a honra dos irmãos Slater.

Quando terminaram, o juiz levantou-se e bateu com o martelo na mesa.

— Determino o arquivamento deste caso por falta de evidências e provas.

E saiu do tribunal.

O silêncio reinou por um momento. Então, chapéus começaram a voar, e a multidão correu para congratular os Slater.

Shannon abriu caminho por entre as pessoas, até alcançar Malachi, que a tomou nos braços.

-Acabou — disse ele. — A guerra realmente acabou.

-Todas as nossas guerras terminaram — prometeu Shannon, e virou-se, procurando pelo sr. Abernathy. Correu para ele e deu-lhe um beijo no rosto.

-Deus o abençoe! Prometo-lhe uma dúzia de costeletas de carneiro por ano, enquanto eu viver!

-Isso seria ótimo, sra. Slater. Sem dúvida, ótimo!

-O que significa isso? — perguntou Malachi, apertando a mão do advogado.

-Uma ótima mulher, sua esposa, capitão — disse o advogado. — Um pouco geniosa, apenas.

-Terrivelmente geniosa — corrigiu Malachi.

-Malachi! — protestou Shannon.

-Eu a amo assim mesmo. Não gostaria que ela mudasse em nada. É toda fogo e faíscas.

-Malachi...

-Aliás, vou levá-la direto para casa, para evitar acidentes — brincou, e piscou para Shannon. — Parece que faz muito, muito tempo que estou longe.

— Apressem-se! — disse o sr. Abernathy.

Precisavam, ainda, cumprimentar irmãos e cunhados, agradecer às pessoas que vieram depor em sua defesa. Shannon abraçou Martha Haywood, que, com os olhos cheios de lágrimas, recomendou:

— Vá! Vá para casa! E seja feliz, querida!

Finalmente, conseguiram sair.

Malachi beijou Shannon longamente.

-Vamos para casa.

-E fazer voar faíscas?

-Não.

-Não?

-As faíscas já estão voando.

Shannon sorriu, entrelaçando os dedos de Malachi nos seus.

— Sim, vamos para casa.

A vida e o amor eram seus, e estavam apenas começando.

EPÍLOGO

18 de Junho de 1866 Haywood, Kansas

Martha Haywood acabara de trancar a casa para ir deitar-se. Como não houvesse nenhum hóspede no hotel, decidira fechar mais cedo. Desejou que alguém viesse. O verão estava lindo e agradável, e seria bom ter com que se ocupar e com quem conversar.

Sentiu uma ponta de nostalgia pelo ano anterior. Sorriu ao relembrar toda a confusão, quando o capitão Sla-ter chegara à cidade, com a sua srta. McCahy. Talvez tivesse agido mal.

Ele e o marido não deveriam tê-los forçado ao casamento.

As pessoas tinham o direito de tomar suas próprias decisões.

Esperava que, afinal, o relacionamento dos dois tivesse dado certo. O capitão Slater e a srta. McCahy formavam o par perfeito. Um herói atraente e corajoso, e uma donzela em perigo. Mas não recebia notícias deles, desde a carta que haviam mandado no Natal...

Martha assustou-se com a forte batida na porta. Atravessou o salão o mais rápido que podia, resmungando.

— Que falta de consideração! Ora, eu não devia atender à porta, Bater a esta hora...

Mas abriu.

Por um momento, só pôde olhar, surpresa.

— Martha, podemos entrar? — perguntou Shannon Slater. Parecia um anjo, parada na varanda, em seu vestido azul-claro, com a gola de renda branca. Carregava uma grande trouxa, envolta por um cobertor. A seu lado estava o marido, elegante como nunca. Usava um terno bem cortado e uma cartola. Carregava uma valise e uma trouxa igual à de Shannon.

Shannon não esperou pela resposta. Entrou e colocou o amontoado de cobertores nos braços de Martha.

— Chegamos muito tarde, não é mesmo? Sinto muito. É muito difícil viajar com as crianças.

-Crianças? — Martha, finalmente, conseguiu falar.

— Este é Daniel, e esta... — Shannon sorriu, tirando o cobertor do bebê que Martha carregava — esta é Nadine.

-Oh! Gémeos!

-Gémeos — concordou Malachi, entregando-lhe o bebê.

— Gémeos! — repetiu Martha, atordoada.

Malachi piscou para Shannon, divertindo-se como prazer e o espanto da mulher.

— Hoje é o nosso aniversário de casamento, a senhora sabe — disse Malachi para Martha.

-Sim — Shannon reafirmou, tirando as luvas. — Por isso, voltamos ansiosos pela nossa suite de lua-de-mel.

-Sua suite de lua-de-mel... claro!

Daniel deu uns gritinhos e Martha riu, deliciada.

-Oh, ele é tão lindo!

-Você sabia que o irmão de Shannon, Mathew, casou-se com Íris na semana passada?

-Não!

-Sim! Estamos todos muito felizes. Eles estão montando a casa, agora.

-E nós estamos fazendo o possível para cuidar do Rancho McCahy juntos — disse Malachi.

-E Cole foi para o Texas, com Kristin e Gabe, Jamie, Samsom e Delilah — completou Shannon.

Vamos nos juntar a eles — disse Malachi.

Malachi foi convidado a assumir o posto de xerife numa cidadezinha, a oeste de Houston — explicou Shannon.

Cole está cuidando do rancho, e Jamie, acredite, alistou-se na cavalaria.

Oh, que maravilha! — disse Martha, olhando de um bebê para o outro. — Oh, eles são tão bonitos!

Malachi beliscou-lhe a bochecha.

— Estamos muito satisfeitos de que tenha gostado deles, Martha.

— Gostar? Eu adorei!

Shannon sorriu, maliciosa.

— Ótimo! Porque, agora, nós gostaríamos de ir para o nosso esconderijo!

— Ora, vocês conhecem o caminho!

Malachi tomou Shannon nos braços.

— Ah, queremos batizar as crianças amanhã, se for possível. E se a sra. e o sr. Haywood não se importarem, gostaríamos que fossem os padrinhos.

Martha teria aplaudido, se não estivesse com os braços ocupados. Olhou os bebês mais de perto. Ambos tinham finos cabelos loiros e grandes olhos azuis. Nadine seria linda como a mãe, e Daniel tão atraente quanto o pai.

— Meus afilhados! Claro que aceitamos!

Não tinha certeza de que fora ouvida, pois Malachi carregava Shannon pelas escadas, como um recém-casado em sua noite de núpcias.

— Oh, meu Deus! — Martha alvoroçou-se. — Alan, Alan! Temos responsabilidades, esta noite!

Sentou-se, com os bebês nos braços, e sorriu. Estivera certa, desde o início. Malachi e Shannon formavam o casal perfeito.

E seriam felizes para sempre!

